Estudos bíblicos expositivos em

Philip Graham Ryken

Gálatas

O EVANGELHO DA LIVRE GRAÇA



Estudos bíblicos expositivos em

Philip Graham Ryken

Gálatas

O EVANGELHO DA LIVRE GRAÇA

Estudos bíblicos expositivos em Gálatas, de Philip Graham Ryken © 2018, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título Galatians © 2005 by Philip Graham Ryken. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Filipe Fontes Heber Carlos de Campos Jr Hermisten Maia Pereira da Costa Joel Theodoro da Fonseca Jr Misael Batista do Nascimento Tarcízio José de Freitas Carvalho Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial Tradução Letícia Scotuzzi Revisão Davi Manço Mari Kumagai Marcos Leonardo Paixão da Silva Editoração Felipe Marques Capa Magno Paganelli Produção do e-book Ranna Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

R993e

Ryken, Philip Graham

Estudos bíblicos expositivos em Gálatas / Philip Graham Ryken; tradução Letícia Scotuzzi. – São Paulo : Cultura Cristã, 2018.

272 p.

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-053-8

Título original: Galatians

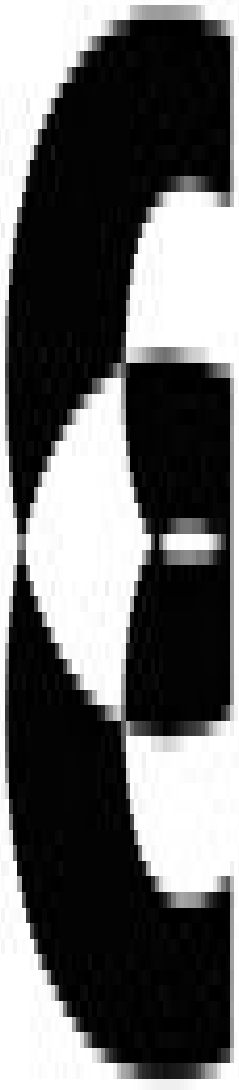
1. Exposição bíblica 2. Vida cristã I. Scotuzzi, Letícia II. Título

CDU-227.4

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela

denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para

William S. Barker, Sinclair B. Ferguson e meus outros mentores do corpo docente do Seminário Teológico de Westminster na Filadélfia, que trouxeram reforma à minha vida e ministério por meio de grande instrução, amizade fraternal e devota liderança.

Sabendo que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.

Gálatas 2.16

Sumário

Querido fariseu em recuperação (1.1-5)

Nenhum outro evangelho (1.6-10)

A origem da religião de Paulo (1.11-24)

Defensor do evangelho da liberdade (2.1-10)

A batalha pelo evangelho (2.11-16)

Morrer para viver (2.17-21)

Somente pela fé (3.1-5)

Pai Abraão tem muitos filhos (3.6-9)

A velha e maldita cruz (3.10-14)

A promessa antes da lei (3.15-18)

A lei que conduz a Cristo (3.19-25)

Todos filhos de Deus (3.26-29)

Da escravidão à filiação (4.1-7)

Um apelo de um pastor perplexo (4.8-20)

Duas mães, dois filhos, duas alianças (4.21-31)

A única coisa que importa (5.1-6)

Por que o cristianismo escandaliza tanto (5.7-12)

Liberdade sem licença (5.13-18)

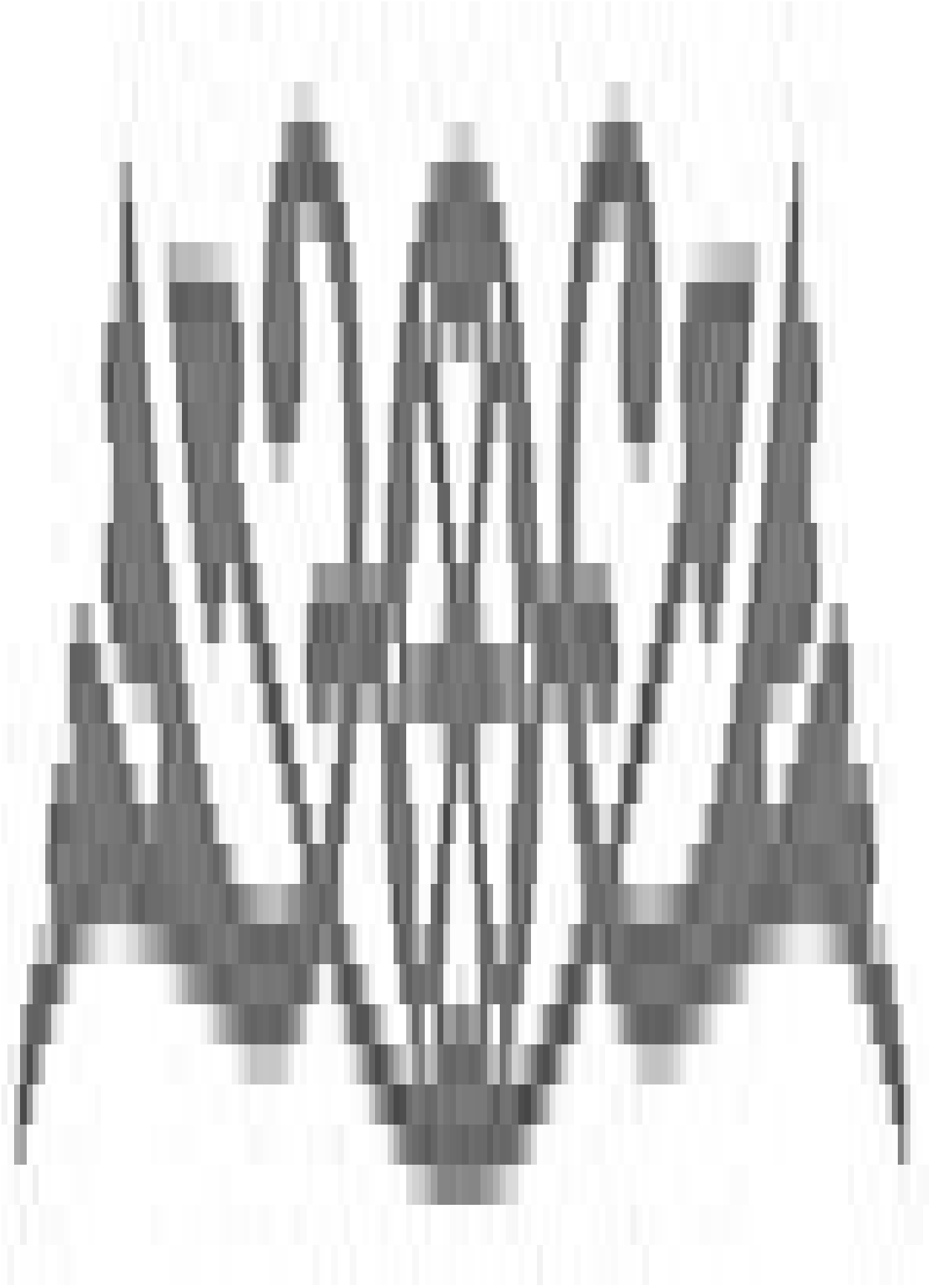
Como produzir bom fruto espiritual (5.19-26)

A vida espiritual (6.1-6)

Você colhe o que planta (6.7-10)

Glória na cruz (6.11-18)

Gálatas

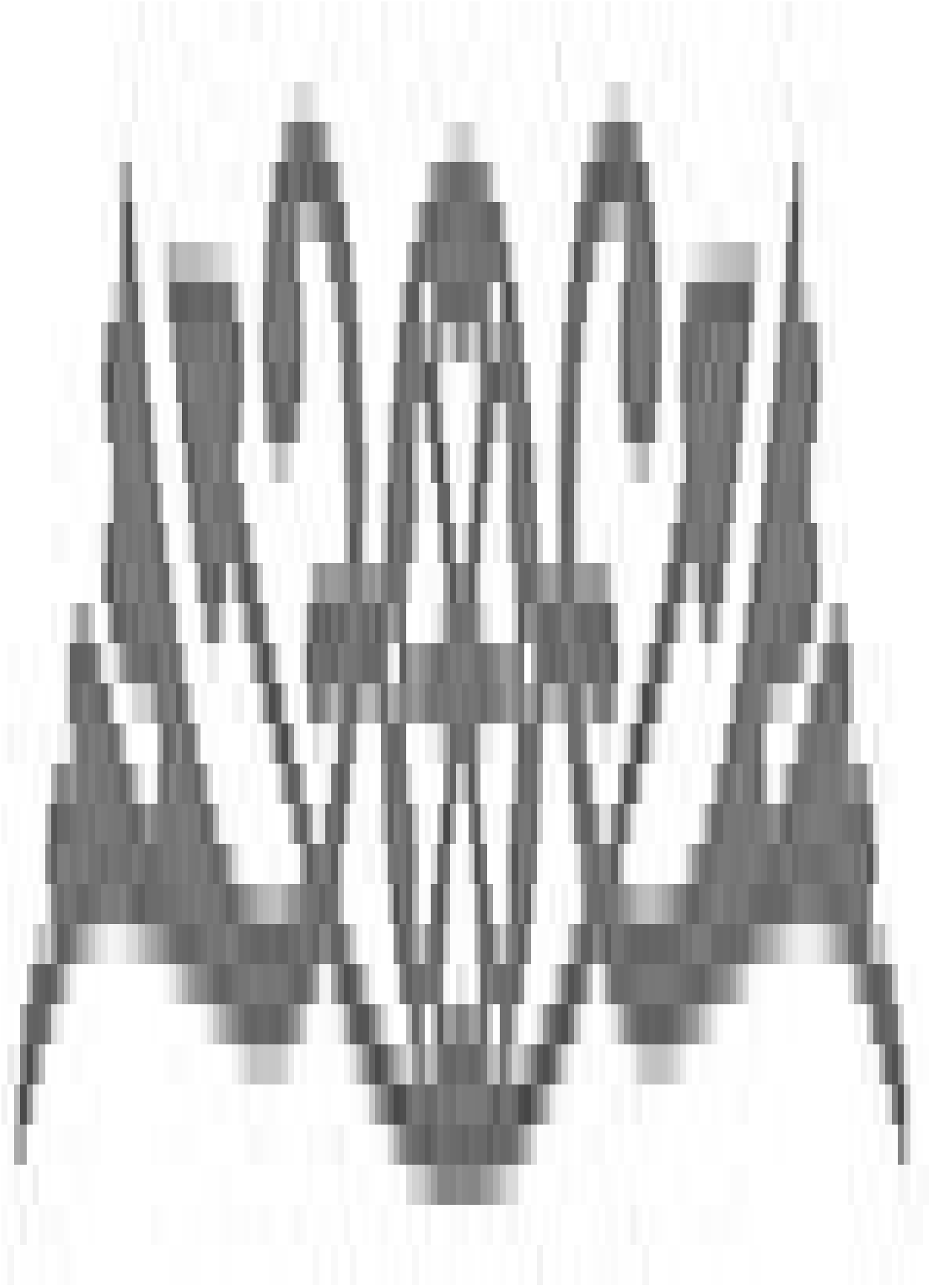


O evangelho da livre graça

1

Querido fariseu em recuperação

Gálatas 1.1-5



Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e todos os irmãos meus companheiros, às igrejas da Galácia (Gl 1.1-2).

Gálatas é uma carta para fariseus em recuperação. Os fariseus que viveram durante e após o tempo de Cristo eram muito religiosos. Eram constantes em sua adoração, ortodoxos em sua teologia, e morais em sua conduta. Mas algo ainda faltava. Embora Deus estivesse em suas mentes e em suas ações, ele não estava em seus corações. Portanto, sua religião não passava de hipocrisia.

Os fariseus eram hipócritas porque pensavam que o que Deus faria por eles dependia do que eles fizessem para Deus. Então liam suas bíblias, oravam, dizimavam e guardavam o sábado como se sua salvação dependesse disso. O que eles não entenderam é que a graça de Deus não pode ser conquistada; ela é concedida somente pela graça.1

Há uma saída para farisaísmo. A saída chama-se evangelho. É a boa-nova de que Jesus Cristo já fez tudo o que era necessário para a nossa salvação. Se confiarmos nele, ele nos tornará justos diante de Deus ao nos conceder livremente a dádiva de sua graça. Quando rejeitamos nossa própria justiça para receber a justiça de Jesus Cristo, nos tornamos ex-fariseus.

Todavia, a maioria dos ex-fariseus tem um problema. É difícil para eles deixar o seu legalismo para trás. Embora tenham, a princípio, recebido a graça de Deus gratuitamente, eles continuam tentando colocar uma sobretaxa sobre ela. Acreditam que Deus os ama, mas secretamente suspeitam que seja um amor condicional, que depende de como estão se saindo na vida cristã. Assim, acabam em um cristianismo baseado em desempenho, que nega a graça de Deus. Colocando isso em termos teológicos, querem basear sua justificação em sua santificação.

Isso significa que a maioria dos ex-fariseus – aliás, a maioria dos cristãos – está ainda em recuperação. Ainda há algo do velho legalista em nós. Apesar de termos sido salvos pela graça, nem sempre sabemos viver pela graça. O evangelho é algo que recebemos em algum momento do nosso passado, mas não algo que vivemos em nosso dia a dia. Gálatas foi escrita para pessoas como nós.

A Carta da liberdade

A carta de Paulo aos gálatas foi chamada de Carta Magna da liberdade cristã. Seu versículo-tema é uma declaração de independência: “sabendo que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 2.16). Ao longo da história, sempre que houve por parte da igreja entendimento dessa mensagem do evangelho, Gálatas trouxe vida e liberdade para fariseus em recuperação.

Isso aconteceu na vida de Martinho Lutero (1483–1546), o pai da Reforma. Lutero havia tentado tudo o que sabia para ser um bom cristão. Ele escreveu

Eu era um bom monge e observei minhas ordens de maneira tão rigorosa que poderia afirmar que, se um monge fosse capaz de alcançar o céu por meio da disciplina monástica, eu já teria encontrado o meu caminho para lá. Todos os meus companheiros ali, que me conheciam, concordariam comigo nisso. Se tivesse continuado por muito mais tempo as vigílias, orações, leituras e outras obras semelhantes, teria estafado a mim mesmo.2

Por mais que Lutero trabalhasse, sua consciência ainda estava conturbada pelo pensamento de que não era bom o suficiente para Deus. Ele não tinha compreendido o evangelho da graça. Ele experimentou uma reviravolta, porém, quando descobriu que o cristianismo não é sobre o que ele tinha de fazer por Deus; é sobre o que Deus tinha feito por ele em Jesus Cristo.

A livre graça de Deus em Cristo, recebida pela fé, foi o grande tema dos famosos sermões de Lutero sobre Gálatas, que começam com as seguintes palavras:

Eu não busco [minha própria] justiça por meio de ações. Eu deveria tê-la e executá-la; mas eu declaro que, mesmo que a tivesse e a executasse, não poderia confiar nela ou me colocar diante do julgamento de Deus baseado nela. Assim eu [...] adoto apenas [...] a justiça de Cristo [...], a qual não executamos mas recebemos, a que não temos mas aceitamos, quando Deus o Pai nos concede mediante Jesus Cristo.3

Por meio de Martinho Lutero, a Carta aos Gálatas ensinou a mesma lição ao grande pregador puritano John Bunyan (1628-1688). Em sua autobiografia espiritual, Grace Abounding to the Chief of Sinners, Bunyan descreve como um velho e maltratado exemplar do comentário de Lutero chegou à sua posse. Ele se surpreendeu com quão velho o livro era, mas ficou ainda mais surpreso quando o leu. Bunyan escreveu: “Eu encontrei minha condição em sua experiência, tratada tão ampla e profundamente, como se seu livro tivesse sido escrito a partir do meu coração [...] Eu prefiro esse livro de Lutero sobre os Gálatas, (com exceção da Bíblia Sagrada) ante a todos os livros que já vi”.4

Por que essa carta tem uma influência tão libertadora? Porque a igreja está sempre cheia de fariseus em recuperação que precisam receber o evangelho novamente, como se fosse a primeira vez.

Quem foi Paulo

A carta abre com mais argumentação do que saudação: “Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos” (Gl 1.1). O nome do autor vem primeiro, como era costumeiro em cartas antigas, e então seu nome é imediatamente seguido por suas credenciais. Paulo se identifica como um apóstolo enviado por Deus em vez de homens. Duas coisas são óbvias a partir desse endereço de remetente. Uma é que Paulo estava aborrecido. No original grego, suas palavras são concisas: “Paulo, apóstolo, não”. É igualmente óbvio que a razão pela qual ele estava aborrecido era que os inimigos estavam tentando enfraquecer sua autoridade.

Na Antiguidade, um apóstolo era um mensageiro oficial, como um emissário ou embaixador. O mensageiro tinha a autoridade para representar seu superior, algo como um agente que possui uma procuração. No Novo Testamento, o termo “apóstolo” tem um significado mais específico. Denota os porta-vozes oficiais de Jesus Cristo, especialmente seus doze discípulos originais. Esses homens foram escolhidos, chamados e comissionados pelo próprio Cristo para ensinar em seu nome (Lc 6.13-16; Mc 3.14-19).

Aparentemente, alguns críticos foram rápidos em salientar que Paulo não era um

dos doze discípulos originais. Alegaram que ele era um retardatário, que não tinha sido comissionado diretamente pelo próprio Cristo. Portanto, ele seria apenas um apóstolo de segunda categoria – e seu evangelho não passaria de um "rumor".

Se isso estava sendo dito pelas pessoas sobre Paulo, é fácil entender por que ele dispensou as gentilezas costumeiras e começou sua carta defendendo suas credenciais. Ele não estava apenas sendo defensivo, mas tinha compreendido que seus adversários o atacavam de maneira pessoal a fim de promover um erro teológico. Eles desvalorizavam Paulo para menosprezar o seu evangelho. Se conseguissem mostrar que ele era um impostor, e não um apóstolo, poderiam desacreditar a sua mensagem da graça.

O que estava em jogo, portanto, não era apenas a reputação de Paulo, mas a nossa salvação. O grande estudioso do Novo Testamento J. B. Lightfoot (1828–1889) começou seu comentário sobre Gálatas, dizendo: "As duas linhas que percorrem essa carta – a defesa da própria autoridade do apóstolo e a preservação da doutrina da graça – são amarradas juntas na saudação inicial".5 Paulo defendia não tanto a si mesmo, mas sim a independência de seu apostolado, a fim de defender o evangelho. Ao se tratar da boa-nova sobre a salvação pela graça mediante a fé, ele se recusou a ceder, nem mesmo um único mícron.

A verdade é que Paulo não foi enviado por homens. Sua comissão apostólica não veio, p. ex., da igreja de Antioquia. E também não foi enviado por um homem, como se o seu chamado tivesse partido de alguém como Barnabé ou Pedro. Não, Paulo era um apóstolo pela vontade de Deus. Deus o separou desde seu nascimento, chamou-o pela graça, e revelou seu Filho a ele (cf. Gl 1.15-16). Sendo assim, sua comissão não foi originada nem mediada por meros seres humanos.

Os oponentes de Paulo disseram que seu evangelho não era a palavra de Deus para o homem, mas a palavra do homem sobre Deus. Os céticos tecem esse mesmo argumento hoje e acusam Paulo de Tarso de inventar o cristianismo. Dizem que Jesus de Nazaré foi um mestre de amor e um exemplo de sacrifício, mas então veio Paulo, juntamente com todos os seus complicados conceitos gregos e transformou Cristo em cristianismo.

No início de sua Carta aos Gálatas, a qual foi uma de suas primeiras cartas,

Paulo explica de onde veio o seu cristianismo: diretamente da boca de Cristo. Paulo era um “apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo” (Gl 1.1). Sua autoridade não era humana, mas divina. Sendo assim, a mensagem de Paulo é a mensagem do próprio Deus sobre a salvação do pecado. Qualquer pessoa que rejeita seu ensinamento apostólico rejeita o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo.

Quem eram os gálatas

Paulo dirigiu sua carta pastoral “às igrejas da Galácia” (Gl 1.2). Essa frase aparentemente simples gerou uma boa dose de discussão acadêmica. Quem eram os gálatas?

A teoria antiga sustentava que os gálatas eram os celtas e os gauleses que viviam no norte da Ásia Menor. Lucas relata Paulo e seus companheiros “percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia” (At 16.6; Cf. 18.23). Talvez tanto Lucas quanto Paulo (cf. Gl 3.1) se referiam aos gálatas étnicos que viviam no norte.

O principal problema com esse ponto de vista é que nenhuma das igrejas ao norte da Ásia Menor é mencionada em qualquer outro ponto do Novo Testamento. Em virtude disso, seria estranho essas igrejas se tornarem palco de um grande conflito teológico e destinatárias de uma das mais importantes cartas de Paulo.

A teoria mais recente é a de que Paulo escreveu para igrejas ao sul da Ásia Menor. Etnicamente falando, as pessoas que viviam ali não eram gálatas. Todavia, os romanos haviam transformado a Ásia Menor em uma única grande província, e chamavam essa região de “Galácia” desde antes dos tempos de Cristo. Paulo, que era um cidadão romano, poderia muito bem ter usado um título provincial para referir-se aos cristãos que não eram necessariamente gálatas por nascimento. Na verdade, “gálatas” pode ter sido o único termo adequado que incluía todas as pessoas em todas aquelas igrejas.

Para dar um exemplo moderno, considere a maneira como os russos incorporaram georgianos, lituanos, ucranianos e outros grupos étnicos na antiga União Soviética. Embora tenham mantido suas identidades étnicas, às vezes, eram chamados de “russos”.

Uma boa razão para pensar que Paulo escreveu essa carta circular para as igrejas do sul é que ele próprio havia plantado igrejas lá. As principais cidades na parte sul da província da Galácia eram Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe – exatamente as mesmas cidades que Paulo visitou em sua primeira viagem missionária.

Além disso, a recordação de Paulo da forma como os Gálatas reagiram ao evangelho (Gl 4.12-15) corresponde à descrição de Lucas dessas cidades em sua história da igreja primitiva (At 13.1–14.28). A maneira como Lucas resume a pregação de Paulo a essas igrejas é especialmente impressionante: “[...] meus irmãos, quero que saibam que mediante Jesus lhes é proclamado o perdão dos pecados. Por meio dele, todo aquele que crê é justificado de todas as coisas das quais não podiam ser justificados pela Lei de Moisés” (At 13.38-39 - NVI). Como veremos, a justificação pela fé em Jesus Cristo, à parte da lei, é exatamente a mensagem que Paulo queria exortar os gálatas a não esquecerem.

Independente de os gálatas terem vivido no norte ou no sul, o que é mais provável, há poucas dúvidas sobre o motivo de Paulo lhes escrever. Um dos melhores resumos de sua mensagem vem do primeiro comentário em latim escrito sobre a carta, pelo teólogo Marius Victorinus (303 d.C.): “os gálatas estavam se desviando na medida em que acrescentavam judaísmo ao evangelho da fé em Cristo [...] Perturbado por essas tendências, Paulo escreveu essa carta [...] a fim de que pudessem preservar a fé somente em Cristo”.6

Tradicionalistas religiosos, provavelmente de Jerusalém, tentavam ensinar um novo evangelho aos gálatas. Esses homens seguiam os passos de Paulo por toda a Ásia Menor. São frequentemente chamados de “judaizantes” porque queriam exigir que os gentios seguissem os costumes judaicos. Eles ensinavam que um gentio tinha de se tornar judeu antes que pudesse se tornar cristão. Em suma, seu evangelho era Jesus Cristo mais a lei de Moisés.

Para ser específico, os judaizantes queriam que os crentes gentios fossem circuncidados. Sua teologia está resumida em Atos 15, em que lemos que “alguns indivíduos” – provavelmente os mesmos homens que causaram problemas na Galácia – desceram da Judeia para Antioquia e ensinavam: “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (At 15.1). Como era de se esperar, esse ensinamento foi especialmente popular entre os crentes que eram ex-fariseus (At 15.5). A igreja sempre esteve cheia de fariseus em recuperação, que querem somar esforço humano à graça de Deus.

O Cristo ressuscitado

A fim de ajudar os cristãos – especialmente os fariseus em recuperação – a redescobrirem o evangelho da graça, por onde devemos começar? Antes de receber o evangelho de novo pela primeira vez, as pessoas têm de saber o que o evangelho é. O óbvio é iniciar com o próprio evangelho. É exatamente por aqui que Paulo encabeça sua Carta aos Gálatas, com a boa-nova sobre a cruz e o túmulo vazio. O evangelho é composto por esses dois grandes eventos redentores – a crucificação e a ressurreição de Jesus Cristo.

Sempre que Paulo pregava as boas-novas, ele começava com os fatos, e simplesmente recontava o que Jesus Cristo havia feito na história da humanidade para salvar seu povo dos pecados deles. Essa foi a estratégia adotada quando escreveu aos coríntios: "Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, [...] que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1Co 15.1-4). O evangelho é a morte expiatória e a ressurreição corpórea de Jesus Cristo.

Paulo adotou uma estratégia semelhante quando escreveu aos gálatas, só que dessa vez iniciou com o fato da ressurreição: "[...] Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos" (Gl 1.1). Esse Jesus não era um homem comum. Embora essa não fosse a questão central do apóstolo, aqui há um indício da doutrina da encarnação. Paulo menciona Jesus em conjunto com Deus Pai. A vocação de Deus e a vocação de Cristo são uma só. Dessa forma, Paulo distingue Jesus dos homens mortais ("não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum") e usa uma preposição para emparelhá-lo com o Deus Todo-Poderoso ("mas por Jesus Cristo e por Deus Pai").

Jesus é um homem, é claro. Mais tarde, Paulo dirá que Cristo foi "nascido de mulher" (Gl 4.4). Contudo, o homem Jesus de Nazaré é divino, assim como é humano. Ele compartilha uma unidade essencial e eterna com Deus, o Pai. Entre eles não há "distinção de essência".7 "Não há outro Deus," escreveu Lutero, "do que este homem Jesus Cristo [...] Não devemos olhar para outro Deus que não esse Deus encarnado e humano."8 Embora fosse um homem entre os homens, Jesus é verdadeiro Deus de verdadeiro Deus*.

Esse Jesus é o Deus-homem a quem Deus Pai ressuscitou dentre os mortos. Mas por que Paulo começaria com a ressurreição? Ele não menciona a crucificação até o versículo 4, então parece estar tirando as coisas da ordem cronológica.

A razão pela qual Paulo faz isso pode ter a ver com sua autobiografia. Lembre-se de como ele se achegou a Cristo pela primeira vez. Ele não o encontrou na cruz. Em vez disso, seu chamado para ser cristão e seu comissionamento como apóstolo tiveram início em seu encontro com o Cristo ressuscitado. A conversão de Paulo aconteceu no decorrer do caminho para Damasco, quando ele exalava ameaças assassinas contra a igreja cristã: "Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (At 9.3-5). Assim, em Gálatas, onde Paulo precisa defender tanto a sua própria autoridade apostólica, quanto a verdade de sua mensagem evangélica, ele naturalmente começa com Cristo e sua ressurreição.

A ressurreição de Jesus Cristo foi um fantástico milagre divino. O corpo de Jesus de Nazaré foi tirado de uma cruz romana e colocado em um túmulo judaico, onde permaneceu até o terceiro dia. Então, por seu infinito poder, Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Não somente o trouxe de volta à vida, mas também lhe deu um corpo glorificado e imortal, com capacidades sobrenaturais.

Paulo jamais teria acreditado nisso a não ser que visse com seus próprios olhos. Mas não precisamos aceitar apenas a palavra de Paulo. A ressurreição de Jesus de Nazaré, também chamado de Cristo, está registrada em documentos confiáveis como um fato da história humana. Existem vários relatos de testemunhas oculares do Cristo ressuscitado. Ao longo de muitas semanas, Jesus foi visto em seu corpo ressurreto tanto por mulheres quanto por homens, tanto por céticos quanto por crentes. Esses homens e mulheres tiveram a oportunidade de ver Jesus com seus próprios olhos. Andaram e falaram com ele. O testemunho unânime deles é que estiveram na presença do Cristo ressuscitado.

Cristo crucificado

A ressurreição de Jesus Cristo é uma verdade do evangelho, mas, por si só, a ressurreição não é o evangelho. Embora tenha comprovado a vitória de Deus sobre a morte, ela não tira nossos pecados. É aqui que entra a crucificação. Em

sua Carta aos Gálatas, Paulo descreve esse evento redentor dizendo que o Senhor Jesus Cristo “se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (Gl 1.4). Esse versículo ensina quatro coisas importantes a respeito da cruz de Cristo.

Primeiro, demonstra a disposição de Jesus para ir à cruz. A crucificação foi um autossacrifício voluntário. Jesus deu o dom mais precioso de todos. Ele “se entregou a si mesmo” (Gl 1.4). Ele “a si mesmo se entregou” (Ef 5.25), ou “a si mesmo se deu por nós” (Tt 2.14). Ninguém tirou a vida de Cristo; ele a deu livremente: “eu dou a minha vida” – disse Jesus – “para a reassumir”. “Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou” (Jo 10.17-18). Isso também é enfatizado no evangelho de Mateus, em que uma expressão incomum é usada para mostrar que no momento de sua morte, Jesus “entregou o espírito” (Mt 27.50).

Em segundo lugar, esse versículo mostra o propósito da cruz. A razão pela qual Cristo se entregou foi “pelos nossos pecados” (Gl 1.4). Uma transação ocorreu na cruz. Nós éramos aqueles que mereciam morrer porque devemos a Deus uma dívida infinita pelo nosso pecado. Contudo, Cristo tomou nosso lugar na cruz. Ele se tornou nosso substituto, nossa oferta pelo pecado. Ele recolheu todos os nossos pecados, colocou-os em seus próprios ombros, e pagou por eles com sua morte. Assim, a crucificação de Jesus Cristo não foi um mero exemplo de sacrifício supremo, mas uma verdadeira expiação pelo pecado, a qual permitiu que Deus nos perdoasse ao satisfazer sua justiça pura.

Aprendemos com essa expiação substitutiva quão impossível é pagar pelos nossos próprios pecados. A expiação completa requer nada menos do que o sangue de Jesus Cristo, o próprio Deus. Nossa confiança reside no fato de que Jesus deu seu elemento vital pelos nossos pecados pessoais. Lutero pôde até imaginar ter essa confiança ao enfrentar o próprio diabo: “Quando o diabo nos acusa e diz: ‘Você é um pecador; portanto, você está condenado’, podemos replicar dizendo: ‘Porque você diz que eu sou um pecador, então serei justificado e salvo’. ‘Não,’ diz o diabo, ‘você será condenado.’ Eu digo, ‘pois eu me refugio em Cristo, que se entregou por meus pecados’”.9

Em terceiro lugar, esse versículo mostra o efeito da cruz. Cristo foi crucificado “para nos desarraigar deste mundo perverso” (Gl 1.4). Quando pensamos na cruz, geralmente pensamos primeiro na expiação. Como vimos, Cristo morreu para pagar por nossos pecados. Mas Cristo também foi crucificado para nos

emancipar deste mundo mal. O evangelho é um resgate, como ser liberto da servidão ou solto da prisão.

Por “mundo perverso”, Paulo quer dizer “o curso e a correnteza dos atos deste mundo como corrompidos pelo pecado”.10 Nas palavras de outro comentarista, ele quer dizer “a totalidade da vida humana dominada pelo pecado e oposta a Deus”.11 Vivemos em uma era de corrupção, degradação e morte. Um tempo dominado pelos males da guerra, assassinato, opressão, escravidão, incesto e aborto.

Jesus morreu na cruz para nos salvar de tudo isso, não apenas individualmente, mas juntos, como uma nova humanidade. Como disse Timothy George: “Aqui, Paulo descreveu o que a morte de Jesus alcançou não somente em termos de nossa salvação pessoal, mas também no que diz respeito ao propósito redentor de Deus nas mais amplas esferas histórica e cósmica”.12 Embora continuemos a viver neste reino maligno, estamos sendo resgatados dele mediante a cruz. A era vindoura irrompeu na era presente. Nós já não precisamos viver da maneira que costumávamos quando estávamos sob o poder do mal. Já estamos começando a viver a vida da era que está por vir, quando a vontade de Deus é sempre feita.

Quando nós oramos – como fazemos na oração do Pai Nosso – rogando que Deus “nos livre do mal” (Mt 6.13), estamos pedindo a Deus que termine a obra que Cristo começou a fazer na cruz. É por isso que Gálatas é a carta da alma libertada, pois anuncia que Jesus morreu na cruz para nos livrar do mal. Libertação é “a tônica da carta”, escreveu J. B. Lightfoot. “O evangelho é um resgate, uma emancipação de um estado de escravidão”.13

Quarto, esse versículo mostra a origem da cruz. Cristo morreu “segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (Gl 1.4). A execução de Jesus de Nazaré não foi uma tragédia imprevista, um mero acidente da história; era parte do plano de Deus para a salvação dos pecadores. O apóstolo Pedro afirmou isso aos próprios homens que pregaram Jesus à cruz. Em seu famoso sermão em Jerusalém, declarou: “sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos” (At 2.23).

Paulo disse a mesma coisa aos gálatas. A cruz estava na mente de Deus desde toda a eternidade. Desta forma, ela demonstra o amor de Deus, assim como o amor de Cristo. Não poderia haver conflito dentro da Trindade, como se o Filho amoroso tivesse de nos resgatar do Pai irado. Pelo contrário, a disposição do

Filho foi em resposta à vontade do Pai. O Pai não nos ama porque o Filho morreu por nós. Antes, o Filho morreu por nós porque o Pai nos ama. A cruz teve sua origem no coração de nosso Pai.

A Deus seja a glória

A crucificação e a ressurreição, a cruz e o túmulo vazio – esses são os simples fatos do evangelho. A boa-nova é que Jesus Cristo, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, deu-se por nossos pecados para nos resgatar deste mundo perverso, de acordo com a vontade de Deus nosso Pai.

Esses fatos não contêm uma única palavra sobre qualquer coisa que fazemos. Eles simplesmente documentam o que Deus fez na história humana por meio de Jesus Cristo. O evangelho não é sobre o que fazemos para Deus; é sobre o que Deus fez por nós. Deus o Pai é quem criou o plano do evangelho. Deus o Filho é aquele que fez o sacrifício voluntário, de acordo com a vontade do Pai. Deus o Pai é aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos. Juntos, o Pai e o Filho alcançaram a nossa salvação por meio da cruz; juntos eles a anunciaram ao mundo por meio do ensino dos apóstolos; e juntos, eles a aplicam ao nosso coração por meio do Espírito Santo.

Sendo assim, toda a glória vai para Deus, que é exatamente como Paulo termina o início da sua carta: “a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (Gl 1.5). Se a salvação é obra de Deus do começo ao fim, então toda a honra e majestade pertencem a ele para sempre. Literalmente, sua glória é “pelos séculos dos séculos”, que, ao contrário do presente século perverso, nunca passará (v. 5).

Se toda a glória vai para Deus, o que vem a nós é somente graça, que é o tema todo da Carta aos Gálatas. Ele oferece “graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do [nosso] Senhor Jesus Cristo” (Gl 1.3). Esses não são clichês religiosos; são os dons gratuitos de Deus para os pecadores. A graça é o favor que Deus apresenta a pecadores não merecedores por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. E a graça é exatamente o que fariseus em recuperação precisam. Por vezes, somos tentados a nos esquecer de que Jesus é tudo o que precisamos, e, quando esquecemos, precisamos redescobrir o evangelho da livre graça de Deus.

Notas

* O autor faz referência aqui ao conhecido Credo Niceno, no qual a Igreja declara que crê em Jesus como "[...] Deus de Deus, Luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus [...]". (N. do E.)

1 Estou bem ciente dos esforços de E. P. Sanders e outros para reabilitar o judaísmo do primeiro século como uma religião da graça. No entanto, nosso melhor e mais confiável recurso para compreender o farisaísmo ainda é o Novo Testamento, que mostra claramente que a religião dos fariseus foi infectada por uma confiança no esforço humano para a salvação. Para uma completa e precisa avaliação do legalismo prevalecente do judaísmo do primeiro século, veja CARSON, D. A., O'BRIEN, Peter T., e SEIFRID Mark A. Justification and Variegated Nomism, 2 vols. (Tübingen: Mohr Siebeck, 2001, 2004).

2 LUTERO, Martinho. apud REARDON, Bernard M. G., Religious Thought in the Reformation (Londres: Longman, 1981), 51.

3 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:6.

4 BUNYAN, John. Grace Abounding to the Chief of Sinners, org. OWENS, W. R. (1666; reimp. Nova York: Penguin, 1987), 35.

5 LIGHTFOOT, J. B. Paul's Epistle to the Galatians (1865; reimp. Lynn, MA: Hendrickson, 1981), 71.

6 VICTORINUS, C. Marius, Ad Galatas, apud BRUCE, F. F., The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 21.

7 CHRYSOSTOM, John. Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to the Galatians and Ephesians, trad. Gross Alexander, org. Philip Schaff, In: Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series (1889; reimp. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:3.

8 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:29.

9 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:36.

10 VINCENT, Marvin R. Word Studies in the New Testament, 2ª ed., 4 vols. (1888; reimp. Peabody, MA: Hendrickson, n.d.), 4:84.

11 FUNG, Ronald Y. K. The Epistle to the Galatians, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 41.

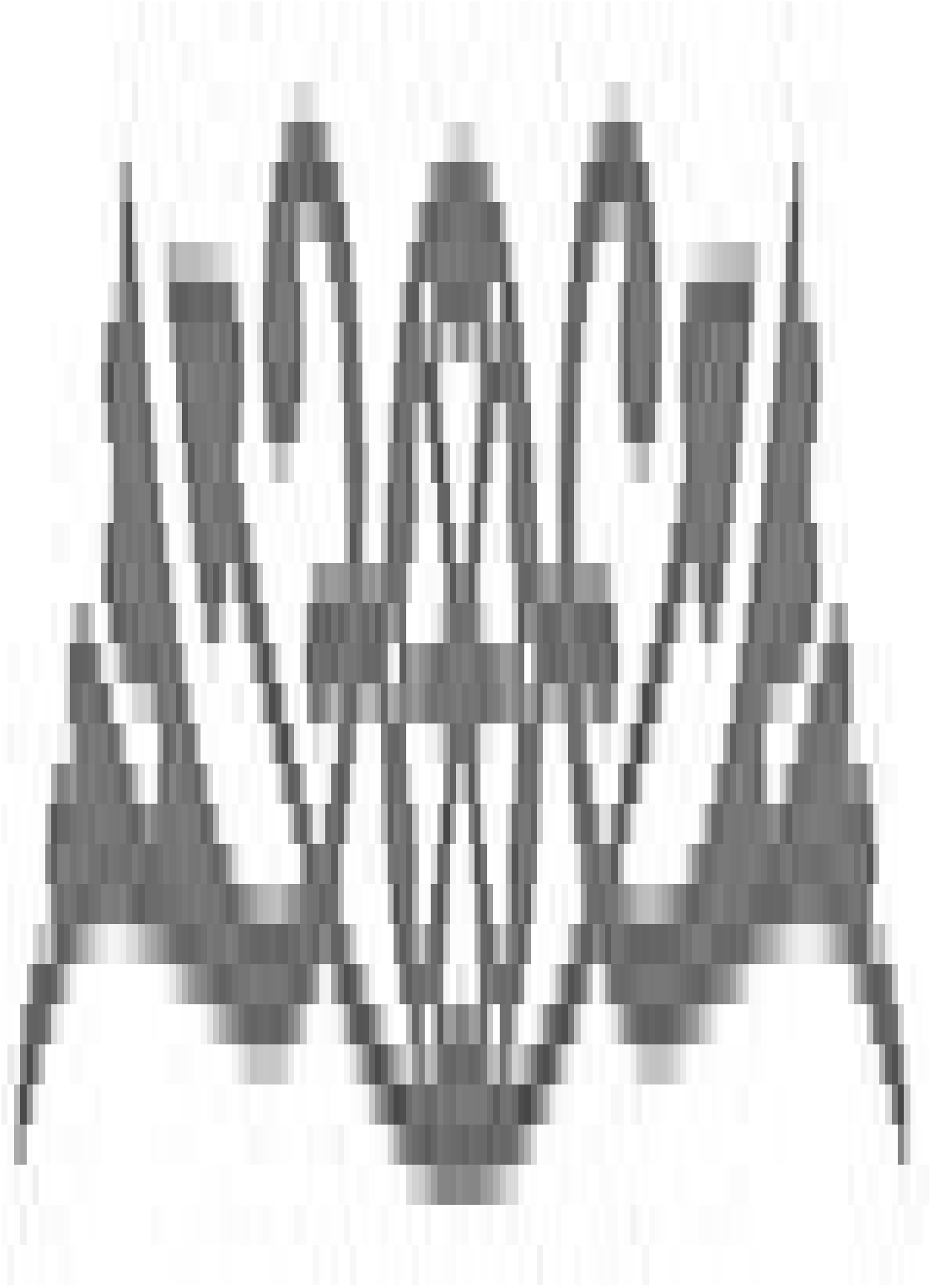
12 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 87

13 LIGHTFOOT, Epistle to the Galatians, 73.

2

Nenhum outro evangelho

Gálatas 1.6-10



Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho. [...] Como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema (Gl 1.6,9).

É bem provável que Quintiliano não desse uma nota 10 para Paulo por sua Carta aos Gálatas. Quintiliano (c. 35-95) foi o mestre do estilo clássico. Se alguém queria saber escrever ou falar de maneira refinada, lia seu Institutio oratoria. Quintiliano tinha fortes opiniões sobre a retórica adequada e desprezava oradores que começavam com palavras intensas ou zangadas:

Eu não [...] entendo por que deveriam abrir de uma maneira tão selvagem e exclamatória. Quando é solicitado que um homem expresse a sua opinião sobre qualquer assunto, se for alguém são, não começa com gritos, mas se esforça tanto quanto possível para ganhar o assentimento do homem que está considerando a questão através de uma introdução cortês e natural.1

"Uma introdução cortês e natural" – essas dificilmente são as palavras para descrever a maneira como Paulo se dirigiu aos gálatas: "Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou" (Gl 1.6). O apóstolo não estava louco (embora talvez Quintiliano tivesse tido suas dúvidas), mas estava obviamente alarmado. E não apenas alarmado; estava chocado.

No Brasil, há uma boa expressão para a atitude de Paulo; diríamos que ele ficou "boquiaberto". Alguém boquiaberto leva a mão sobre os lábios e levanta as sobrancelhas em espanto. Paulo passou por isso. Ele estava perplexo e estarrecido. Ficou chocado e indignado. Assim, o corpo de sua carta ferve com justa indignação.

O apóstolo nem sequer parou para dizer algumas palavras gentis aos gálatas. Isto contrasta muito com suas outras cartas, onde invariavelmente ele agradeceu a Deus pela boa obra que a igreja estava fazendo. Até mesmo os coríntios, com toda a sua imoralidade, receberam o louvor generoso de Paulo. Mas aos gálatas, ele mal oferece sua cortesia. Depois da doxologia no versículo 5, poderíamos

esperar uma bênção. Em vez disso, Paulo entrega um anátema.

Outro evangelho

Havia uma boa razão para a urgência de Paulo. Ele estava enfrentando uma crise. O que deve ter acontecido foi algo assim: Um mensageiro lhe trouxe uma carta ou relatório sobre as igrejas na Galácia. A notícia era que os gálatas estavam acrescentando a lei de Moisés ao evangelho de Jesus Cristo. Esse era o ensinamento dos judaizantes, dos legalistas judaico-cristãos que vieram de Jerusalém para fazer acréscimos ao evangelismo de Paulo. Eles queriam que os gentios se tornassem judeus antes que pudessem se tornar cristãos; queriam incluir as obras da lei sobre a fé em Jesus Cristo como base para a salvação.

Logo que ouviu isso, Paulo começou a compor sua resposta. Podemos imaginar como ele fez isso, pegando um pergaminho, batendo um tinteiro em sua mesa, e chamando por seu secretário. Enquanto andava de um lado para outro em sua sala, ditou a carta em curtos e irados surtos: “Paulo... Apóstolo... Estou abismado com vocês!”

Paulo escreveu a Carta aos Gálatas, pois temia que eles estivessem abandonando a fé cristã. Eles estavam se afastando. “Desertar” é uma boa alternativa para a expressão traduzida como “estejais passando” na ARA. “Desertar” remete, em primeiro lugar, ao contexto militar, e descreve a atitude de traidores e vira-casacas. Mais tarde, foi empregada para descrever alguém que se converteu de uma religião ou filosofia para outra. Os gálatas estavam traindo sua fidelidade a Jesus Cristo e passando para o outro lado. O fato de o verbo ocorrer aqui no tempo presente é significativo, pois descreve um processo que estava em curso naquele exato momento, porém ainda não concluído, e assim havia chance de detê-lo.

O que deixou Paulo perplexo foi quão rapidamente os gálatas estavam deixando a fé. Como diz nossa tradução, eles estavam passando “tão depressa”. Isso pode se referir à rapidez com que aceitaram o novo evangelho da lei. Mais provavelmente, significa que o próprio Paulo tinha estado recentemente na igreja.

A breve viagem missionária de Paulo à Galácia tinha sido um grande sucesso. Aqui estão algumas das manchetes. Em Antioquia da Pisídia “muitos dos judeus

e dos prosélitos piedosos seguiram Paulo e Barnabé [...]. Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e [...] divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região" (At 13.43,48-49). Em Icônio, Paulo e Barnabé "falaram de tal modo, que veio a crer grande multidão, tanto de judeus como de gregos" (At 14.1). Em Listra, foram recebidos como deuses (At 14.11-13). Depois, concluíram em Derbe, "tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos" (At 14.21).

Foi uma viagem e tanto. Pecadores foram salvos. Milagres foram realizados. Igrejas foram plantadas. Foi uma das mais bem-sucedidas viagens missionárias na história do cristianismo, razão pela qual Paulo mal podia acreditar que os gálatas já estavam caindo. Assim que ele saiu, os judaizantes chegaram. Em pouquíssimo tempo, a igreja abandonava o evangelho. Quão inconstante! Todavia, esse é um lembrete de como é fácil cair, a menos que sejamos mantidos seguros pela graça de Deus.

O apóstolo experimentava então o que Moisés passou ao descer do Monte Sinai e encontrar o povo de Deus adorando o bezerro de ouro. O grande profeta havia estado com Deus no cume da montanha, vivenciando uma experiência indescritível. "Disse o Senhor a Moisés: Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste sair do Egito, se corrompeu e depressa se desviou do caminho que lhe havia eu ordenado" (Êx 32.7-8).

Paulo estava tão zangado quanto Moisés. A diferença é que, em vez de jogar as tábuas de pedra no chão, Paulo tentou entrar em contato com os gálatas antes que fosse tarde demais. Sua carta mostra a urgência de um homem que tenta parar um desastre antes que mais dano aconteça. J. Gresham Machen (1881-1937) propõe uma paráfrase útil desses versículos: "Vocês estão se afastando do evangelho e estou escrevendo para pará-los".2

O evangelho – é dele que os gálatas estavam desistindo. Para usar o termo apropriado, eles estavam "apostatando". Estavam abandonando as boas-novas sobre a cruz e o túmulo vazio. A boa-nova da graça de Deus é seu favor imerecido para pecadores indignos. O evangelho proclama que Jesus Cristo morreu e ressuscitou para nos salvar do pecado. Na medida em que se afastavam deste evangelho gracioso, os gálatas não estavam apenas adotando uma nova posição filosófica. Não trocavam simplesmente um conjunto de ideias por outro. Não! Paulo disse que eles desertavam daquele que os havia chamado (Gl 1.6), referindo-se ao próprio Deus. Isso colocou tal traição em termos pessoais. Não

era possível que eles abandonassem o evangelho sem renunciar ao próprio Deus.

O evangelho de cabeça para baixo

Os gálatas estavam se afastando de Deus e de seu evangelho da livre graça. Este era o problema, e Paulo prosseguiu a identificar o motivo: “O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo.” (Gl 1.7 - NVI).

Quem eram essas pessoas? Talvez o próprio Paulo não soubesse, ou talvez soubesse e não quis dizer. Aparentemente, eles vieram de algum lugar de fora da Galácia, provavelmente de Jerusalém. Ao longo desta carta, Paulo se dirige aos gálatas diretamente, chamando-os de “vocês”. Mas, ao se referir aos instrutores do outro evangelho, o apóstolo usa a palavra “eles”.

Quem quer que fossem, estavam causando uma perturbação na igreja. Estavam criando tumulto. Eles estavam “perturbando” os gálatas (Gl 1.7). Essas pessoas eram agitadores. Como estavam provocando encrencas, o melhor termo para designá-los é “encrenqueiros”.

Muitas coisas podem perturbar a paz da igreja, mas esses agitadores estavam fazendo a coisa mais perturbadora de todas. Como diz John Stott: “Os maiores encrenqueiros da igreja (tanto hoje quanto naquele tempo) não são aqueles de fora, que se opõem, ridicularizam e perseguem, mas aqueles de dentro, que tentam mudar o evangelho”.3 Era isto que os judaizantes faziam. Eles queriam “perverter o evangelho de Cristo” (Gl 1.7). Eles distorciam as coisas. Eles deformavam a teologia sadia.

A palavra “pervertido” refere-se a algo invertido, algo virado de cabeça para baixo. Quando as boas-novas sobre Jesus estão do lado certo, temos o evangelho. Se o pegarmos e virarmos, deixando-o sobre sua cabeça, teremos a lei. Mas nem sempre é fácil diferenciá-los. Se você estivesse em uma igreja da Galácia, teria sido capaz de dizer que lado estava para cima? Teria conseguido identificar o verdadeiro evangelho? Perceba como esse outro evangelho parecia plausível, especialmente para os gálatas, que eram relativamente novos na fé. Soava quase bom o suficiente para ser a boa-nova.

Lembre-se de que as pessoas que trouxeram este “outro evangelho” aos gálatas

eram membros batizados da igreja cristã. O ensino delas começou mais ou menos assim: “Acreditamos que Jesus Cristo é o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Ele é o Messias, o escolhido de Israel, que morreu na cruz por nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos. Você deve arrepender-se de seus pecados e confiar em Jesus Cristo para ser salvo”.

Os professores que estavam deixando Paulo aborrecido e perturbado usavam a mesma terminologia que ele usou. Estavam pregando a salvação em Cristo. Tudo o que queriam fazer era levá-la um pouco mais longe. Os rivais de Paulo eram “missionários judaico-cristãos que haviam chegado à Galácia para melhorar ou corrigir o evangelho de Paulo e ‘completar’ os seus convertidos através da integração plena na herança de Abraão por meio da circuncisão, colocando-os, assim, ‘sob a lei’”.4

Os judaizantes queriam acrescentar algo ao evangelho da livre graça de Paulo. “Sim, sim, o que Paulo prega é bom”, disseram eles, “até onde alcança. Mas nós temos adorado a Deus há muito tempo, muito mais do que vocês, gentios. Na verdade, nós temos guardado a lei de Moisés por mais de mil anos. E você sabe o que Jesus disse? Ele disse que não veio para abolir a lei, mas para cumpri-la. Se você quer o evangelho completo, você precisa ser circuncidado. Isso é o que os gentios sempre tiveram que fazer para se tornar parte do povo de Deus”.

O que poderia ser mais razoável? Se você fosse da igreja de Icônio ou Listra, teria sido capaz de enxergar o evangelho do lado certo?

Evangelhos modernos

Mais importante que isso, você consegue distinguir entre o verdadeiro evangelho e todos os falsos evangelhos na igreja contemporânea? Nós adoramos em uma igreja de muitos evangelhos. Existe o evangelho da prosperidade material, que ensina que Jesus é o caminho para o lucro financeiro. Existe o evangelho dos valores familiares, que ensina que Jesus é o caminho para um lar feliz. Há o evangelho do ego, que ensina que Jesus é o caminho para a realização pessoal. Existe o evangelho da tradição religiosa, que ensina que Jesus é o caminho da respeitabilidade. Há o evangelho da moralidade, que ensina que Jesus é o caminho para ser uma pessoa boa.

O perigo nesses outros evangelhos é que as coisas que eles oferecem são todas

benéficas. É bom ser próspero, ter um lar feliz e saber como se portar. Porém, independentemente de quão boas todas essas coisas sejam, elas não são as boas-novas. E, quando elas se tornam para nós uma espécie de evangelho, estamos em sério risco de abandonar o único evangelho que existe.

Raymond Ortlund Jr. tentou imaginar a igreja sem o evangelho: “Com o que se pareceria o nosso evangelicalismo, sem o evangelho? Teríamos de substituir a centralidade do evangelho por outra coisa, naturalmente. Então, o que poderia substituir o evangelho em nossos sermões, livros e fitas cassete, aulas de escola dominical e estudos bíblicos em casa e, acima de tudo, em nossos corações?”5 Ortlund enumera uma série de possibilidades:

“uma devoção apaixonada à causa pró-vida”

“uma manipulação confiante de técnicas gerenciais modernas”

“uma grande motivação pelo crescimento da igreja”

“uma profunda preocupação pela instituição da família”

“um apelo inteligente ao consumismo oferecendo uma espécie de versão leve do cristianismo, livre de custos”

“um cultivo de relacionamentos interpessoais simpático, empático, bem meloso”

“uma determinação de levar a nação de volta a suas raízes cristãs através de poder político”

“uma acolhedora valorização da autoestima”

Em outras palavras, a igreja sem o evangelho seria muito parecida com a forma que a igreja evangélica está neste exato momento. Não podemos simplesmente presumir que temos o evangelho. A menos que mantenhamos o evangelho no centro da igreja, estamos sempre correndo o risco de empurrá-lo para um lado e deixar outra coisa tomar o seu lugar. Martinho Lutero advertiu corretamente que “existe um perigo claro e presente de que o diabo possa tirar de nós a pura doutrina da fé e substituí-la pela doutrina das obras e das tradições humanas. É muito necessário, portanto, que esta doutrina da fé seja continuamente lida e

ouvida em público”.6 As boas-novas da cruz e da ressurreição devem ser pregadas, cridas e vividas. Caso contrário, serão perdidas.

O maior perigo da igreja não é o antievangelho fora da igreja, e sim, o evangelho falsificado dentro da igreja. Os judaizantes não andavam pela Antioquia da Pisídia vestindo camisetas que diziam: “Abrace-me, sou um falso apóstolo”. O que os tornava tão perigosos era que eles sabiam falar do jeito que os cristãos falavam. Eles usavam toda a terminologia correta. Falavam sobre como eles “foram salvos”. Diziam às pessoas para “crerem em Cristo”. Eles “apresentavam o evangelho”.

Só que, no final das contas, eles não tinham o evangelho. Portanto, devemos estar atentos e esperar que a mais séria ameaça ao único evangelho verdadeiro seja algo que também é chamado de evangelho. Os professores mais perigosos são aqueles que pregam um Cristo diferente, mas ainda o chamam de “Jesus”.

Como exemplo, podemos considerar um pregador em uma igreja bem estabelecida que sempre fala sobre o evangelho, mas nunca toca no assunto de combater o pecado. Ou um Mórmon que convida pessoas a pertencer à Igreja de Jesus Cristo (dos Santos dos Últimos Dias). Ou um católico romano que subscreve uma declaração afirmando: “Somos justificados pela fé em Cristo”, mas sem nunca especificar que a justificação vem pela fé somente em Cristo. Ou um teólogo que se nomeia evangélico, mas ensina que há diversas maneiras de se achegar a Deus, e que Jesus salvará as pessoas por meio de outras religiões. Todos eles parecem pessoas muito agradáveis. Todos dizem que creem em Jesus. Mas quem é o Jesus em quem eles acreditam? É o Cristo que é tanto Deus quanto homem? É o Cristo cuja cruz é a única expiação pelo pecado? É o Cristo que é tanto juiz quanto salvador? É o Cristo que possui a justiça capaz de nos justificar perante Deus?

Nem todo aquele que se chama cristão serve a Cristo, e nem tudo chamado evangelho é o evangelho. Não são meras palavras que salvam; são as verdades do único evangelho verdadeiro que salvam – Jesus Cristo em sua morte e ressurreição para os pecadores.

O único evangelho que existe

Há apenas um único evangelho da livre graça. No versículo 6, Paulo descreveu o

ensinamento de seus rivais como um “outro evangelho”. Mas na verdade não existe um evangelho diferente. Então, assim que insinuou que poderia haver, ele precisa esclarecer a si mesmo dizendo, “o qual não é outro” (Gl 1.7). Paulo não queria que alguém pensasse, nem por um só momento, que houvesse outro evangelho verdadeiro, porque, de fato, não há.

Para demonstrar seu ponto, o apóstolo apresenta uma situação hipotética na qual seria aceitável acreditar em outro evangelho. E se o próprio Paulo voltasse a Galácia com um evangelho diferente? Afinal, ele argumentava ser um apóstolo genuíno, um dos porta-vozes oficiais de Deus. Talvez um dia Deus tivesse lhe dado um novo evangelho. Ou, e se um anjo descesse dos céus? Paulo provavelmente menciona os anjos porque os judeus pensavam que a lei havia sido dada através dos anjos (cf. Gl 3.19). Então imagine um brilhante ser angelical se manifestando e dizendo: “Não temais! Eis que vos trago um novo evangelho. Atenciosamente, Deus”. Como seria?

A Palavra Sagrada de Deus rejeita a mera possibilidade de Deus, algum dia, dar um novo evangelho: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema” (Gl 1.8). A boa-nova da justificação somente pela graça, por meio somente da fé, somente em Cristo, é o único evangelho que existe. Qualquer um que diga algo diferente – Paulo não se importa quem seja – merece ir para o inferno. Não há outro evangelho, nunca houve outro evangelho, e nunca haverá outro evangelho.

Martinho Lutero disse: “Aquele que não ensina Cristo não é apostólico, mesmo que Pedro e Paulo sejam os mestres. Por outro lado, aquele que ensina Cristo é apostólico, ainda que Judas, Anás, Pilatos ou Herodes o estivessem fazendo”7. Lutero exagerou para enfatizar seu argumento, como costumava fazer. Mas a questão em si é válida. O verdadeiro padrão para o cristianismo não é o mensageiro, mas a mensagem: “O evangelho pregado por Paulo não é o verdadeiro evangelho porque é Paulo quem o prega; é o verdadeiro evangelho porque o Cristo ressuscitado o deu a Paulo para pregar”.8 O evangelho é o evangelho porque é o evangelho de Deus.

Porque o evangelho é o evangelho de Deus, nunca haverá outro. Certamente, o evangelho tem seus rivais. Existem religiões como o Islã que afirmam ser baseadas na revelação de anjos. Existem cultos que afirmam ter uma mensagem especial sobre como ser salvo do julgamento vindouro. Existem até mesmo estudiosos da Bíblia que tomam a Carta aos Gálatas e dizem que os

reformadores protestantes estavam errados: que, afinal, não se trata realmente de justificação somente pela fé. É essa a abordagem adotada pelos defensores da Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei, sob a qual reinterpretam Gálatas como se o cerne fosse as relações entre judeus e gentios, e não a primordial pergunta de como pecadores podem ser justificados perante Deus.

A qualquer um que desafie a boa-nova damos a mesma resposta que Paulo deu aos Gálatas: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema” (Gl 1.8). Para mostrar que não se tratava de um exagero impulsivo, alimentado pela paixão excessiva, mas sim seu parecer maduro e consolidado, Paulo praticamente se repete: “Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema” (Gl 1.9). Neste versículo, o apóstolo fala no indicativo, ao invés do subjuntivo. O versículo 8 é hipotético (“ainda que alguém pregue”). O versículo 9 é real (“se alguém prega”). Paulo está se dirigindo à situação real na Galácia, onde falsos mestres pregavam um falso evangelho.

O verdadeiro evangelho não é apenas aquele que Paulo pregou, mas também aquele que os gálatas aceitaram. Qualquer um que pregue qualquer outro evangelho é, literalmente, “anátema”. Este é o conceito do Antigo Testamento de “uma pessoa ou coisa separada e consagrada à destruição, porque é odiosa a Deus.”9 Ser anátema é estar sob a maldição divina, como as cidades cananeias que Deus destruiu totalmente. Paulo afirma que ele seria um maldito se mesmo ele algum dia pregasse outro evangelho. Qualquer um que ensina outro evangelho está sujeito à ira e à maldição de Deus.

Não há outro evangelho. Para os pecadores, só existem duas opções: receber este único e verdadeiro evangelho ou ser condenado eternamente. Deus oferece o dom gratuito da vida eterna, através da fé em seu Filho Jesus Cristo, que morreu por nossos pecados e ressuscitou. Se rejeitarmos esse dom, o que mais Deus poderia fazer para nos salvar?

Para seu agrado

As palavras duras de Paulo sobre condenação eterna não soam muito tolerantes. Martinho Lutero comenta:

Esta não é uma pregação que ganha o favor dos homens e do mundo. Pois não há nada mais irritante e intolerável para o mundo do que ouvir a condenação de sua sabedoria, justiça, religião e poder [...] Pois, se denunciarmos os homens e todos os seus esforços, é inevitável que rapidamente nos deparemos com ódio amargo, perseguição, excomunhão, condenação e execução.10

O apóstolo Paulo enfrentou todas essas coisas – incluindo a execução – por causa de seu compromisso de vida ou morte com o único e verdadeiro evangelho. Ele estava disposto a enfrentá-los porque sabia de quem era a aprovação que realmente importava.

Por mais comprometido que fosse, aparentemente Paulo foi acusado de ser inconsistente. O versículo 10 transmite um indício sobre o que seus inimigos estavam dizendo: “Procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1.10).

Os oponentes diziam que Paulo era um demagogo. Alegavam que ele dizia ou fazia qualquer coisa para ser popular. Quando estava com judeus, se comportava como um judeu; mas, quando estava com os gentios, dizia-lhes que não precisavam guardar a lei nem serem circuncidados. Tudo o que realmente lhe importava era a sua própria reputação. Por exemplo, Paulo tratou que Timóteo fosse circuncidado bem ali na Galácia, apenas para manter os judeus felizes (At 16.3). Mas Tito jamais foi circuncidado (Gl 2.3). Não surpreendentemente, Paulo foi acusado de ser inconsistente. Afinal, ele era o homem que dizia, “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1Co 9.22).

A verdade é que, por mais que soasse como inconsistente, Paulo sempre manteve consistência quanto ao evangelho. Timóteo foi circuncidado para que pudesse ser eficaz no evangelismo de judeus. Um homem incircunciso não receberia o respeito necessário para ter acesso social aos judeus ortodoxos. A situação com Tito foi diferente porque Paulo teve a acertada percepção de que alguns cristãos judeus fizeram da circuncisão uma questão de salvação. Para Paulo, a circuncisão era indiferente até que as pessoas tentassem torná-la essencial para a salvação, e assim ela se tornava, para eles, uma questão de verdade do evangelho. Para provar que Paulo não buscava apenas a aprovação do povo, olhe para seus anátemas (Gl 1.8-9). Estas dificilmente são as palavras de um homem

que se importava muito com o que as pessoas pensavam. Então o apóstolo levantou a pergunta: “procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens?” (Gl 1.10). Obviamente não.

Paulo era um daqueles raros indivíduos que não viviam para agradar pessoa alguma, senão Deus. Se perguntássemos o que lhe capacitou a fazer isso, a resposta é que ele vivia de acordo com o único evangelho verdadeiro. Na verdade, houve um tempo no qual a coisa mais importante na vida de Paulo era o que as pessoas pensavam dele. Ele se refere a isto no final do versículo 10: “Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1.10). Antes de vir a Cristo, quando ainda era um fariseu, Paulo fez tudo o que podia para manter as aparências. Ele confiava em sua circuncisão, sua etnia, suas conexões familiares, sua bagagem cultural e, especialmente, o modo como guardava a lei (Fp 3.4-6). Nessa época, ele estava vivendo de acordo com um evangelho diferente, o qual não era evangelho algum.

Então Paulo deixou o farisaísmo e veio a Cristo. Parou de tentar agradar a todos e colocou toda a sua confiança em Jesus Cristo. Passou a não se importar com o que as outras pessoas pensavam dele. Ele parou de viver para a sua própria autopromoção e começou a viver para o agrado de Deus.

Esta é uma pergunta que toda pessoa tem que responder: A quem eu procuro agradar? Se tentarmos agradar a nós mesmos, ou a outras pessoas, então estamos vivendo de acordo com um evangelho diferente. Agradar a Deus e agradar aos outros são mutuamente excludentes. Não podemos seguir nossas próprias ambições e seguir a Jesus Cristo ao mesmo tempo. Para nós, a “boa-nova” é um salário maior, um trabalho melhor, um romance novo, ou alguma outra realização pessoal. Mas, uma vez que compreendemos o único e verdadeiro evangelho, deixamos de viver para nós mesmos, ou para os outros, e começamos a viver para Deus.

Pense no que o evangelho fala. Ele não nos diz o que temos de fazer para agradar a Deus. Em vez disso, anuncia que Deus já está satisfeito conosco por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Deus está tão satisfeito conosco quanto com seu próprio Filho. Isso nos liberta de buscar a aprovação dos outros. Ao mesmo tempo, nos liberta do empenho de buscar o favor de Deus. Nós já temos o terno afeto de seu amor eterno. Do que mais precisamos? Nada mais, e é por isso que o único e verdadeiro evangelho é uma boa-nova tão surpreendentemente maravilhosa.

Notas

1 QUINTILIANUS, Marcus Fabius, Institutio oratoria 3.8.59, apud WITHERINGTON III, Ben, Grace in Galatia: A Commentary on Paul's Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 32–33.

2 MACHEN, J. Gresham. The New Testament: An Introduction to Its Literature and History, org. W. John Cook (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1976), 127.

3 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 23.

4 DUNN, James D. G.. The Epistle to the Galatians, Black's New Testament Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1993), 11.

5 ORTLUND JR., Raymond. A Passion for God (Wheaton, IL: Crossway, 1994), 205.

6 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:3.

7 LUTERO, Martinho. apud BRUCE, F. F., The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 83.

8 BRUCE, Epistle to the Galatians, 83.

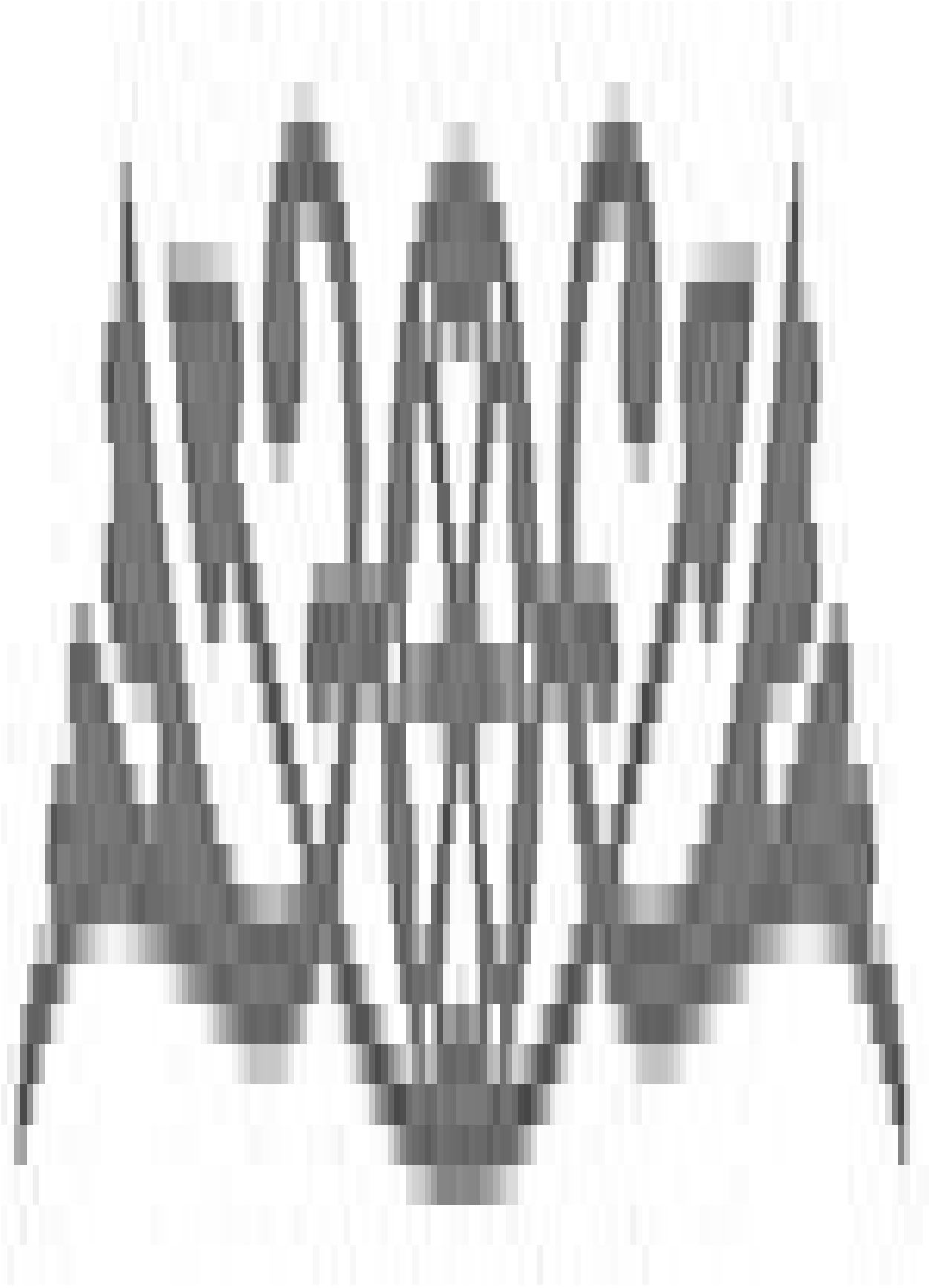
9 LIGHTFOOT, J. B.. St. Paul's Epistle to the Galatians (1865; reimp. Lynn, MA: Hendrickson, 1981), 78.

10 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:58.

3

A origem da religião de Paulo

Gálatas 1.11-24



Faço-vos saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo (Gl 1.11-12).

Antes de avançarmos, é bom termos um claro esboço de Gálatas em mente. A carta ajusta-se perfeitamente em três seções – biografia, teologia e ética – com dois capítulos cada uma.

Nos dois primeiros capítulos, Paulo relata sua autobiografia espiritual. Sua história de vida mostra que ele é um verdadeiro apóstolo que prega o verdadeiro evangelho da livre graça. A primeira parte da carta pode ser resumida assim: "Faço-vos saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo" (Gl 1.11-12). Paulo compreendeu que as pessoas precisavam aceitar seu apostolado antes de aceitarem o seu evangelho.

A teologia do único e verdadeiro evangelho é exposta nos capítulos 3 e 4. Essencialmente, é a teologia da justificação somente pela fé em Cristo. Um bom versículo-tema para essa seção da carta de Paulo está no meio do terceiro capítulo: "É evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque 'o justo viverá pela fé'" (Gl 3.11).

Por fim, o livro conclui com dois capítulos de ética. Paulo toma a sua teologia – como faz em todas as suas cartas – e a aplica à vida cotidiana, na qual "nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor" (Gl 5.6).

Esta é a lógica de Gálatas: viver de acordo com o evangelho que você somente pode receber pela fé. O que Deus fez (a biografia dos capítulos 1 e 2) nos ensina no que devemos crer (a teologia dos capítulos 3 e 4) e como devemos viver (a ética dos capítulos 5 e 6).1

Paulo: os primeiros anos

Começamos com a autobiografia espiritual de Paulo. Na época em que escreveu aos gálatas, tanto o apóstolo quanto o seu evangelho foram atacados. Alguns

homens vieram de Jerusalém para corrigir o ensinamento de Paulo. Eles queriam acrescentar a lei de Moisés ao evangelho de Jesus Cristo. Ensinaram que os gentios precisavam tornar-se judeus a fim de tornarem-se cristãos. Isso era tão completamente diferente do que Paulo pregara que houve a necessidade de dizerem algo para desacreditar a mensagem dele. Assim, alegaram que ele era um apóstolo de segunda linha com um evangelho de segunda mão.

Esta mancha na reputação de Paulo persistiu através dos séculos. Thomas Jefferson, dentre outros, desprezava o grande apóstolo chamando-o de "o primeiro corruptor das doutrinas de Jesus".2 Essa acusação atinge o coração do cristianismo. O Novo Testamento oferece a vida eterna através da morte expiatória e ressurreição corpórea de Jesus Cristo. Essa oferta é humana ou divina? O evangelho da cruz e do túmulo vazio foi inventado pelos primeiros cristãos ou veio do próprio Deus?

A esta altura da carta, já podemos antecipar a resposta de Paulo. A primeira coisa que escreveu foi que seu evangelho veio "não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo" (Gl 1.1). Agora ele repete a mesma coisa uma vez mais: "que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem" (Gl 1.11). Paulo, literalmente, evangelizou o evangelho que vem de Deus.

Com o objetivo de provar que aquilo que pregava era o verdadeiro evangelho do próprio Deus, Paulo negou que pudesse ter vindo de qualquer outra pessoa ou qualquer outro lugar. O versículo 11 é a sua negativa de que o conteúdo que pregava fosse algo inventado por ele (ou por qualquer outra pessoa, aliás). O evangelho não é a boa-nova do homem sobre Deus; é a boa-nova de Deus para o homem.

No versículo 12 Paulo nega que seu evangelho fosse algo recebido de um mero ser humano. Ao contrário dos próprios gálatas (cf. Gl 1.9), ele afirma que, "não o recebi, nem o aprendi de homem algum" (Gl 1.12). Ninguém testemunhou a Paulo. Ele não leu um tratado nem participou de uma cruzada evangelística. Ninguém lhe explicou o plano da salvação. Ninguém sequer discipulou Paulo. Ele insiste em dizer que não "aprendeu" o evangelho (Gl 1.12). Também não consultou ninguém para obtê-lo (Gl 1.16). Por que isso seria necessário? Uma vez que tinha visto o Cristo ressuscitado por si mesmo, não havia nada que precisasse verificar. Aliás, mais especificamente, Paulo não foi correndo aos apóstolos em Jerusalém para confirmação: "Tampouco subi a Jerusalém para ver

os que já eram apóstolos antes de mim, mas de imediato parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco" (Gl 1.17 - NVI).

De tudo isso, podemos imaginar o que os adversários de Paulo estavam dizendo. Afinal, eles eram da igreja-mãe em Jerusalém, e, sabiam-no que lhes dizia respeito, Jerusalém era o único lugar para obter o evangelho apostólico. De fato, alegaram que Paulo não havia recebido seu evangelho de um revendedor autorizado, ou que, se o fez, já tinha se afastado dele.

Paulo respondeu que já era um apóstolo antes mesmo de ir a Jerusalém. A primeira coisa que ele fez depois de sua conversão foi ir para a Arábia (Gl 1.17). Alguns estudiosos acreditam que isso se refere à região ao redor do Monte Sinai. Talvez, assim como os profetas de outrora, Paulo se retirou para o deserto a fim de estar com Deus e estudar o que as Escrituras ensinavam sobre o Messias. No entanto, é mais provável que ele estava se referindo ao reino nabateu, conhecido naqueles dias como "Arábia". O reino nabateu incluia a cidade de Damasco; em outra carta, Paulo relata como "o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; mas, num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livrei das suas mãos" (2Co 11.32-33).

Isso levanta uma questão interessante: Por que os nabateus queriam aprisionar Paulo? Provavelmente, pela mesma razão que alguém sempre quis prendê-lo: por pregar o evangelho da livre graça. Se assim for, então Paulo começou a pregar o evangelho muito antes de voltar para Jerusalém.

Pedro e Paulo

A certa altura, Paulo de fato viajou para Jerusalém. O livro de Atos deixa a impressão de que foi logo depois de sua conversão (At 9.26). Todavia, Lucas não chega a indicar quando se deu tal viagem e Gálatas ajuda a estabelecer a linha do tempo correta: "Decorridos três anos [referindo-se ao terceiro ano desde a conversão de Paulo], então, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas [referindo-se a Pedro] e permaneci com ele quinze dias" (Gl 1.18).

Quinze dias com Pedro – não o suficiente para ser treinado no estilo rabínico, mas o tempo suficiente para conhecer alguém. Sem dúvidas, os dois apóstolos conversaram sobre Jesus e o evangelho. A palavra grega para "avistar-se"

(|istorēsai) é um termo para “obter um relatório”. Ao que parece, Paulo entrevistou Pedro ouvindo a sua história pessoal para aprender mais sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A outra pessoa que Paulo conheceu naqueles dias foi Tiago, irmão de Jesus (que pode ou não ser considerado apóstolo): “e não vi outro dos apóstolos, senão Tiago, o irmão do Senhor” (Gl 1.19). Para demonstrar que levava tudo isso bastante a sério, Paulo tomou o tipo de juramento que alguém faria em um tribunal de justiça: “acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto” (Gl 1.20). Se parece surpreendente que Paulo não encontrou nenhum outro apóstolo em Jerusalém, devemos lembrar que eles ainda tinham medo dele por causa de sua antiga perseguição à igreja (At 9.26).

Inquestionavelmente, Paulo aprendeu muitas coisas de Pedro e Tiago. Ele deve ter perguntado a ambos sobre seus encontros com o Cristo ressuscitado, porque Pedro e Tiago são os únicos dois indivíduos mencionados por nome em sua lista das pessoas que viram Cristo após sua ressurreição (cf. 1Co 15.5-7). Mas uma coisa que Paulo definitivamente não aprendeu de Pedro, Tiago, ou de qualquer outro apóstolo, foi o evangelho. Isso era algo que ele já sabia. Ele não recebeu a boa-nova por instrução porque já a havia recebido por revelação. John Stott resume dizendo: “A primeira visita de Paulo a Jerusalém foi apenas depois de três anos, durou apenas duas semanas, e ele viu apenas dois apóstolos. Por isso, era ridículo sugerir que ele obteve seu evangelho dos apóstolos de Jerusalém”.3

A última coisa que Paulo negou foi que havia adquirido seu evangelho em qualquer outro lugar da igreja: “Depois, fui para as regiões da Síria e da Cilícia” (Gl 1.21). Essas áreas eram bem ao norte. Lá, Paulo pregou aos gentios, aparentemente com algum sucesso (At 15.41). Mas, quanto ao restante dos cristãos da Judeia, eles não conheciam a Paulo, nem mesmo de vista: “E não era conhecido de vista das igrejas da Judeia, que estavam em Cristo” (Gl 1.22). Isso completa o álibi hermético de Paulo. Ele não inventou nem herdou seu evangelho. Não o inventou sozinho e não o adquiriu de outra pessoa – não antes de sua conversão, não durante sua conversão, e não depois.

De onde vem o evangelho

Se Paulo não obteve o evangelho de sua própria imaginação fértil, ou de Pedro ou dos demais apóstolos, ou de algum outro lugar na igreja, então de onde ele

veio? A resposta é que o evangelho veio do próprio Deus. Paulo o recebeu "mediante revelação de Jesus Cristo" (Gl 1.12). O evangelho não foi uma invenção, nem uma tradição, mas uma revelação.4 Ou seja, era algo anteriormente desconhecido que foi desvelado por Deus.

Há certo questionamento sobre se Jesus foi quem foi revelado, ou aquele que fez a revelação. Provavelmente Jesus foi o que foi revelado, já que Paulo diz mais tarde que Deus revelou Jesus a ele (Gl 1.16), mas não faz muita diferença. O importante é que Jesus foi revelado a Paulo. Isso se refere à experiência de Paulo na estrada de Damasco, quando olhou para o céu e viu Jesus em toda a sua glória. O que foi revelado a ele naquele momento foi a essência do evangelho. Enxergar o glorioso Cristo era conhecer a realidade de sua cruz e sua tumba vazia.

Tudo indica que Paulo tinha ouvido alguns dos fatos sobre Jesus de Nazaré antes de sua conversão, tão somente para rejeitá-los, pois soavam como blasfêmia. Mas então, ele viu o mesmo Jesus que tinha sido crucificado, agora revelado como Filho de Deus e Senhor ressuscitado. Seus olhos foram abertos, espiritualmente falando. Em um instante, ele percebeu que nunca conseguiria justificar-se com Deus por meio da lei, mas somente chegando-se a Cristo. Sendo assim, Paulo recebeu as boas-novas do próprio Jesus.

Contudo, as origens do evangelho de Paulo são ainda mais antigas. Seu chamado como cristão e sua comissão como apóstolo estavam na mente de Deus muito antes de seu nascimento. Deus "aprouve revelar seu Filho em mim", escreve ele no versículo 16, e falar do agrado de Deus dessa maneira é falar de sua eleição eterna, o propósito secreto de seu amor "predestinador". O que Deus aprouve fazer foi separar Paulo antes que ele nascesse (Gl 1.15). Essa foi uma frase inteligente porque os fariseus se consideravam separados por guardar a lei de Deus. O próprio Paulo havia sido um fariseu, mas Deus não o separou apenas para cumprir a lei; ele o separou para pregar o evangelho. Literalmente, ele o separou "desde o ventre". Paulo era como um dos grandes profetas do Antigo Testamento (cf. Jr 1.5): Deus reivindicou sua vida e ministério enquanto ainda estava no ventre de sua mãe.

Muitos anos depois, quando chegou a hora, Deus se alegrou ao chamar Paulo "pela sua graça" (Gl 1.15). Chamado refere-se aos eventos de vida que levam uma pessoa ao arrependimento do pecado e à fé em Jesus Cristo. Tal chamado eficaz é sempre pela graça, pois mostra o favor imerecido de Deus. No entanto,

chamado também se refere ao plano especial de Deus para a obra da vida de alguém. O que Deus planejara para Paulo foi que ele levasse o evangelho aos gentios: “aprouve Deus revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios” (Gl 1.16). Esse versículo resume toda a vida de Paulo. Ele pregou Cristo aos gentios. Pregou a Cristo, crucificado e ressurreto; e esse Cristo que ele pregou foi exatamente o mesmo que Deus lhe tinha revelado.

Como o evangelho vem a nós

J. Gresham Machen, grande erudito do Novo Testamento, escreveu um livro chamado The Origin of Paul’s Religion [A Origem da Religião de Paulo]. Em seu estudo de Paulo, Machen chega à mesma conclusão a que o próprio apóstolo havia chegado: a origem da religião de Paulo era Deus em Cristo. Mas isso não é simplesmente a origem da religião de Paulo. Deus em Cristo é a origem de qualquer religião verdadeira.

Não é de se estranhar que as religiões que os seres humanos inventam sempre acabam glorificando seres humanos. Há alguma lei para guardar, alguns ensinamentos a seguir, algum ritual para executar, alguma penitência para suportar, ou algum estado de consciência para alcançar que trará a salvação. De uma forma ou de outra, podemos subir ao céu e alcançar a Deus.

O cristianismo é diferente. O que o distingue das demais religiões do mundo é que ele realmente vem de Deus. O único e verdadeiro evangelho não é feito pelo homem, e é por isso que ele dá toda a glória a Deus. A boa-nova da cruz e do túmulo vazio só poderia vir de Deus, porque é sobre o que Deus fez para nos salvar por meio de Jesus Cristo. Tal evangelho não ensina que podemos alcançar o céu; ensina que Deus desceu à terra. Em Cristo, Deus entrou na história humana e no coração humano.

Nós não podemos receber este evangelho da mesma maneira que Paulo o recebeu. Mesmo se viajarmos pela estrada de Damasco, não o encontraríamos lá. Os céus não se abrirão para que possamos ver Jesus em toda a sua glória. Contudo, no final das contas, a boa-nova da nossa salvação vem do mesmo lugar: vem de Deus. Como disse Lutero: “O conhecimento de Cristo e da fé não é uma obra humana, mas um absoluto dom divino”.5 Deus é quem nos separa desde o nascimento. Ele nos conheceu mesmo quando estávamos no ventre de nossa mãe. Isso faz parte da doutrina da eleição, a qual é “a escolha gratuita de

Deus de certos indivíduos para a vida eterna em consequência da qual são chamados, justificados, santificados e glorificados”.6

A escolha gratuita de Deus remonta à eternidade passada: “nos escolheu, nele [Cristo], antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.4-5). Deus nos escolheu em amor muito antes que pudéssemos escolhê-lo.

Então ele nos chamou por sua graça. Foi “pela graça” porque era mais do que nós jamais poderíamos merecer. No entanto, e independente de como o fez – seja com a ajuda de nossos pais, o testemunho de uma babá, a mensagem de um pregador do rádio, ou o convite de alguém do trabalho – Deus nos chamou. E, quando nos chamou, mostrou-nos o seu Filho. Lemos nas Escrituras que Jesus Cristo é o Filho de Deus, ouvimos em um sermão que ele é o Salvador do mundo, e acreditamos que tudo isso é verdade. Nós acreditamos porque Deus revelou o seu Filho aos nossos corações pelo seu Espírito Santo.

Um homem buscava o significado de sua existência. Sua vida era cheia de vazio e desesperança. Ele sabia que tinha que haver algo mais, mas não fazia ideia do que era. Então, um dia, ele encontrou o que estava procurando. Enquanto trabalhava como patologista em um hospital, ele desceu ao necrotério. Outro funcionário do hospital olhou diretamente para ele e perguntou: “Você conhece Jesus Cristo?” Algo no coração do homem gritou e disse: “É isso! Essa é a resposta. Eu tenho buscado por Jesus Cristo”.

A história de cada cristão é diferente, mas o enredo é sempre o mesmo. Deus escolheu e chamou você para a fé. Ele revelou seu Filho ao seu coração. Ele então lhe deu uma obra específica para executar. Você sabe o que Deus chamou você para fazer?

Um estudante universitário no Vietnã decidiu tornar-se cristão, escolha essa que se revelou muito custosa. Ele deixou de agradar aos líderes comunistas, e, como resultado, foi rejeitado para um emprego como professor e forçado a realizar trabalhos braçais. A princípio, o jovem estava muito zangado, não apenas com Deus, mas também com seus pais, que o haviam criado na igreja. “Você só trabalha para a igreja”, ele reclamou. “Por que não me ajuda?” Seu pai tinha uma resposta simples. Ele disse: “Você é para Deus”. Em outras palavras, “Você não vive mais para si mesmo, meu filho; você pertence a Deus. Você não pode ir e

buscar alguma grande posição para si mesmo; você deve receber sua obra de vida como um presente dele".

Você é para Deus? Foi separado para o serviço dele? Deus está chamando você pela sua graça. Neste exato momento, convida você a afastar-se do pecado e a confiar nele. Mostra-lhe seu Filho, Jesus Cristo, que morreu na cruz pelos pecados e foi ressuscitado para vencer a morte. Se você crê neste evangelho, você viverá para ele para sempre.

O que o evangelho faz

O evangelho vem de Deus, mas o que o evangelho faz quando chega? A resposta é que ele muda a vida inteira de uma pessoa.

Pense no que o evangelho fez por Paulo. Os detalhes de sua história eram bem conhecidos pelos gálatas: "[...] ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava" (Gl 1.13). Antes que Paulo viesse a Cristo, ele era um dos mais violentos inimigos de Deus. Os registros históricos mostram que ele foi de casa em casa, arrastando cristãos por força bruta, levando-os embora, atacando tanto mulheres quanto homens. Ao formularem as acusações e sentenças, ele votava pela sentença de morte (At 26.10). Em um famoso incidente – a execução de Estêvão –, ele mesmo guardou as vestimentas daqueles que compuseram o pelotão de fuzilamento (At 7.58).

Paulo estava obcecado com a destruição da igreja. A palavra que ele usa para isso (eport|oun) é o termo que os gregos usavam para descrever o ato de saquear uma cidade. João Crisóstomo (c. 350-407) disse que significava "uma tentativa de extinguir, derrubar, destruir e aniquilar a Igreja".7 O objetivo de Paulo era nada menos que o total extermínio do cristianismo. Ele era tão fanático que ninguém jamais tentaria lhe fazer mudar de ideia.

Durante todo esse tempo, Paulo fazia grandes avanços na religião judaica. Figurava entre os primeiros alunos de sua turma: "[...] na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais" (Gl 1.14). Seus pais o haviam criado bem. Eles poderiam ter um orgulhoso adesivo no vidro traseiro do carro com os dizeres: "Temos um filho no rol da fama da escola de Gamaliel" (cf. At 22.3).

Paulo conhecia a Torá, a lei do Antigo Testamento, com todas as suas interpretações e aplicações. Ele traçou a linha mais firme possível entre o cristianismo e o judaísmo.

Esse era o “antes”. O “depois” veio de boca em boca, como as pessoas ouviam dizer: “Aquele que, antes, nos perseguia, agora, prega a fé que, outrora, procurava destruir” (Gl 1.23).

O que aconteceu com Paulo foi uma transformação tão radical que deixou as pessoas nervosas. Ele ganhou sua reputação aterrorizando a igreja, coisa que seus oponentes foram rápidos a apontar. Onde quer que ele fosse pela primeira vez depois da conversão, como Damasco e Jerusalém, ele recebia uma gélida recepção. Mas a mudança na vida de Paulo provou ser genuína, e provou ser completa. Ele não somente parou de perseguir cristãos, como também começou a promover o cristianismo. Ele começou a pregar o próprio evangelho que havia tentado destruir.

O que poderia explicar a transformação na vida de Paulo? Certamente nada em seu passado religioso. A única coisa que poderia explicá-la é a obra sobrenatural de Deus. Note que, quando Paulo descreveu sua vida antes de Cristo, ele usou a primeira pessoa como sujeito de suas sentenças: eu persegui a igreja, eu avancei no judaísmo, e assim por diante. Sua vida depois era totalmente diferente, e, ao descrevê-la (Gl 1.15-16), ele teve que usar “Deus” como o sujeito: Deus o escolheu, Deus o chamou, e Deus revelou seu Filho a ele.

Mais literalmente, Paulo disse que o Filho de Deus foi revelado “nele” (Gl 1.16). Gramaticalmente, é possível que esta frase signifique que Jesus foi revelado “para” ou “através dele”. Mas o mais provável é que se refira ao fato de que Jesus Cristo realmente entrou no coração de Paulo. Como escreveu no capítulo seguinte: “Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Quando Paulo encontrou a Cristo na estrada de Damasco, ele foi mudado de dentro para fora. Seu conhecimento de Cristo não era apenas histórico e factual, mas também espiritual e pessoal.

Quando as pessoas ouviram falar da mudança total ocorrida na vida de Paulo, tudo o que podiam fazer era dar a Deus a glória: “E glorificavam a Deus a meu respeito” (Gl 1.24). Eles sabiam que somente a intervenção direta de Deus consegue mudar o coração de um pecador, e, quando Deus intervém, toda a glória é somente dele.

O evangelho de Deus que transforma vidas

O evangelho fará em nossas vidas a mesma coisa que fez na vida de Paulo. Não exatamente a mesma coisa, claro, porque houve apenas um Paulo. Mas é o mesmo evangelho. Talvez nós nunca tenhamos perseguido alguém, raptado pessoas ou votado pela sua execução. Mas ainda somos pecadores que carecem do evangelho. Somos maus por natureza e, portanto, precisamos do evangelho para nos levar de onde estamos para onde devemos estar.

Um homem cuja vida foi mudada pelo evangelho é Tom Papania, que de fato foi da máfia para o ministério. O avô de Papania era um criminoso que ajudou a trazer o crime organizado da Sicília para a América. O próprio Papania era um homem duro. Quando tinha apenas 10 anos de idade, durante uma das muitas surras que recebeu de seu pai, jurou que nunca derramaria outra lágrima enquanto vivesse. Transformou-se em um ladrão, um chantagista, e um assassino. A certa altura, tornou-se o homem número dois da Máfia de Nova York. Seu coração estava tão frio que, quando os criminosos endurecidos olhavam para seus olhos, não viam nada além de morte.

Em dado momento, Deus começou a falar ao coração de Papania, mas ele se recusou a ouvir. Ele não queria que Deus tivesse qualquer poder sobre ele. Então decidiu ser mais esperto do que Deus. Imaginou que provavelmente estava prestes a morrer pelos seus pecados, mas, antes que Deus tivesse a chance de matá-lo, ele iria se matar. Quando Papania encostou a arma na cabeça, o telefone tocou. Era um homem que o convidara para ir à igreja. Só para provar que Deus não tinha poder algum sobre ele, Papania decidiu ir ao culto afinal. Ao término deste, encontrou-se com o ministro na saída da igreja. O pastor lhe dirigiu a palavra: “Tenho algo que quero lhe dizer, mas não quero ofendê-lo. Os olhos são as janelas da alma. Assim que você entrou, eu olhei nos seus olhos, e tudo o que eu podia ver era um menino chorando, querendo ser amado”.

Ao dizer isso, o pastor revelou o mais doloroso segredo de Papania. Mas Papania não queria que ninguém soubesse que tinha uma fraqueza, então voltou à igreja naquela noite para assassinar o ministro. Ao chegar, descobriu com espanto que não conseguia concluir sua tarefa. Quando os dois homens começaram a conversar, o ministro perguntou-lhe se conhecia Jesus e disse-lhe que precisava nascer de novo. Papania apenas riu, e disse: “Pastor, se as pessoas nesta igreja descobrissem quem eu fui, elas jogariam nós dois para fora daqui. Eu sou provavelmente o maior pecador que você verá, mesmo que viva até um milhão

de anos de idade. Essas pessoas aqui não me querem. Eu sou um pecador".

Então Papania começou a contar todos os seus crimes. Ele estava tentando afastar o papo do ministro sobre nascer de novo. Queria convencê-lo de que era tão mau que Deus estava prestes a matá-lo; ele apenas estava um passo à frente de Deus. Mas o que ele realmente estava fazendo era confessando os seus pecados. Antes que percebesse, Papania encontrou-se ajoelhado no chão, com 30 anos de lágrimas correndo por suas bochechas, abrindo a porta de seu coração para deixar Jesus entrar. Disse: "Encontrei Jesus, e estive procurando por ele toda a minha vida, e agora que eu o tenho, não vou deixá-lo ir". Papania tornou-se um evangelista em prisões. Sua vida foi mudada pelo evangelho de Deus.8

Também vejo vidas mudadas pelo evangelho em minha própria igreja. Penso na vida que ainda estaríamos levando se nunca tivéssemos nos achegado a Cristo. Ou penso sobre a forma que costumávamos viver. Alguns de nós éramos ladrões. Alguns de nós éramos criminosos. Alguns de nós éramos violentos e hostis. Alguns de nós estávamos presos aos pecados sexuais. Alguns de nós éramos mentirosos e trapaceiros. O restante de nós parecia ser pessoas relativamente boas, mas vivíamos apenas para nós mesmos.

Então Deus nos mudou. Primeiro, ele nos chamou por sua graça. Alguém nos disse que havia uma maneira de ter uma amizade com Deus. Em seguida, Deus revelou seu Filho a nós. Ele nos mostrou o evangelho da cruz e do túmulo vazio. Nós enxergamos que nossos pecados poderiam ser perdoados por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Então, ele nos separou para o seu serviço. Começamos a amar aos outros e a viver para Deus. Isto é o que o evangelho faz. Ele muda toda a vida de uma pessoa. Deus pode trazer a mesma mudança para sua vida. É muito simples: tudo que você precisa fazer é confiar em Jesus Cristo.

Notas

1 Veja GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 66.

2 JEFFERSON, Thomas. Carta para W. Short (1820), apud JOHNSON, S. L.. Galatians: Believers' Bible Bulletin 3 (Dallas: Believers' Chapel, 1978), 1.

3 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 35.

4 Ibid., 30.

5 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:64.

6 "Abstract of Principles," Southern Baptist Theological Seminary (Louisville, Kentucky).

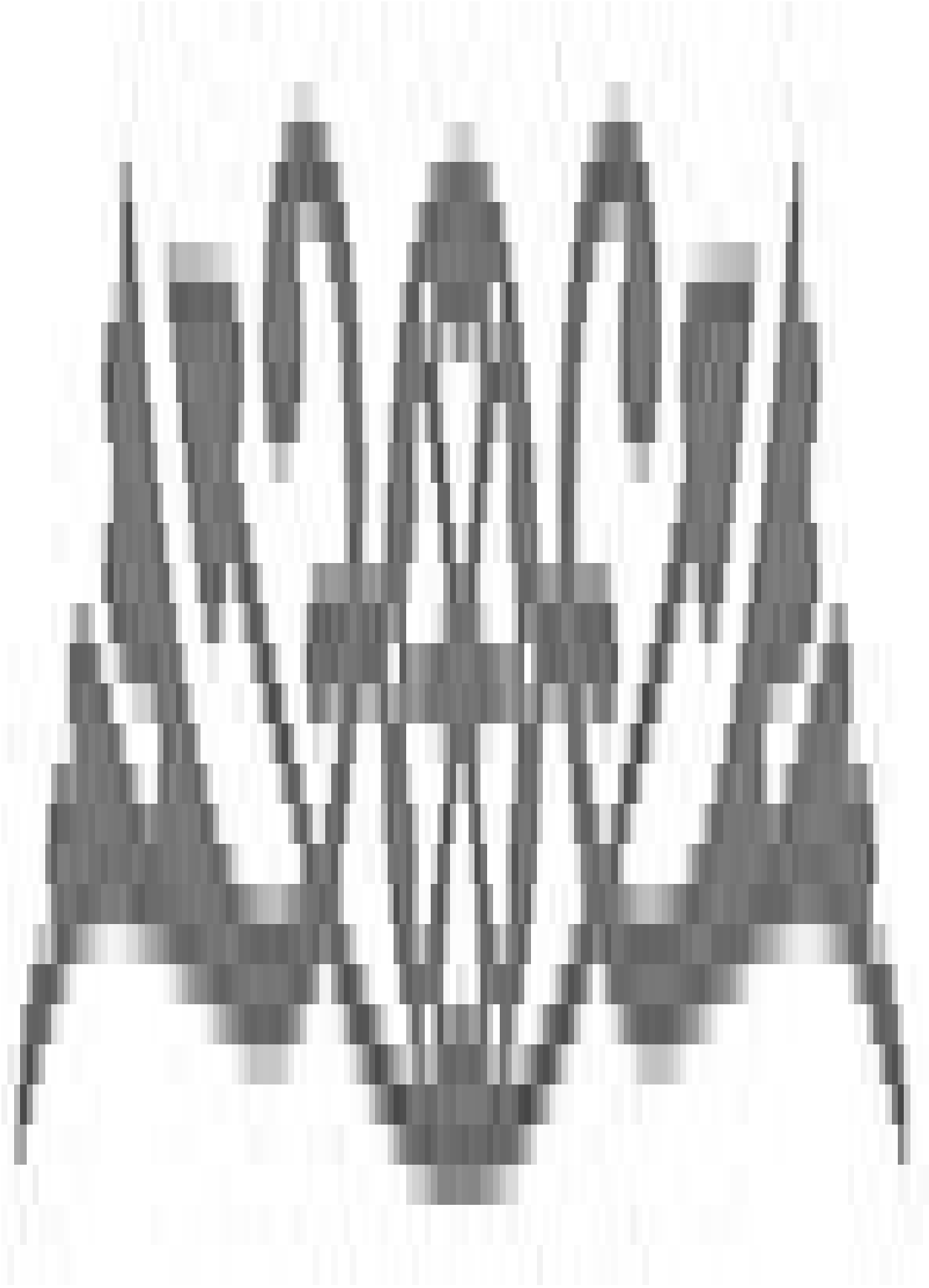
7 CHRYSOSTOM, John. Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to the Galatians and Ephesians, trad. Gross Alexander, org. Philip Schaff, In: Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series (1889; reimp. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:10.

8 Segundo relatado em uma transmissão de rádio do programa Focus on the Family, de Colorado Springs.

4

Defensor do evangelho da liberdade

Gálatas 2.1-10



[...] nem mesmo Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se. E isto por causa dos falsos irmãos que se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir-nos à escravidão; aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós (Gl 2.3-5).

“Livre afinal, livre afinal. Agradeço ao Deus todo-poderoso, nós somos livres afinal.” Essas famosas palavras expressam o alegre alívio da liberdade, e foram proferidas pelo Dr. Martin Luther King Jr. no encerramento de seu discurso na Marcha pelos Direitos Civis em Washington, no ano de 1963. Tais palavras transmitem algo além da alegria da liberdade; também sugerem como havia sido uma longa e dura luta. Elas foram pronunciadas um século depois que a liberdade fora proclamada para os afroamericanos por ocasião da abolição da escravatura. Livres, afinal. Finalmente, depois de séculos de escravidão e servidão. Finalmente, depois de um longo século de preconceito e injustiça.

A experiência com a escravidão nos Estados Unidos da América ensina que proclamar a emancipação e possuir a liberdade são duas coisas muito diferentes. A liberdade não é facilmente adquirida e uma vez adquirida, é facilmente perdida.

Os inimigos da liberdade

A liberdade tem tantas alegrias e lutas no reino espiritual quanto tem na sociedade humana. Dr. King sabia disso, pois suas famosas palavras foram emprestadas de um antigo hino: “Livre afinal, livre afinal. Agradeça ao Deus todo-poderoso, nós somos livres afinal”. O significado primário e principal da canção remete à liberdade do pecado por meio de Jesus Cristo.

A liberdade em Cristo era a preocupação do apóstolo Paulo ao escrever Gálatas, uma carta por vezes conhecida como a Carta Magna da Liberdade Cristã. Paulo sabia quão preciosa é a liberdade espiritual. Ele sabia o preço que Jesus pagou na cruz para conquistá-la. E também sabia como é fácil desperdiçar essa liberdade e retornar à escravidão espiritual.

É por esse motivo que Paulo escreveu aos gálatas com tanta urgência. Eles creram no evangelho da cruz e do túmulo vazio. Conquistaram verdadeira liberdade espiritual ao depositar sua fé no Cristo crucificado e ressurreto. Mas agora estavam sob o feitiço de mestres que queriam acrescentar a lei de Moisés ao evangelho de Cristo (cf. Gl 3.1). Como resultado, estavam correndo o risco de tornarem-se escravos novamente (cf. Gl 5.1).

O que estava acontecendo na Galácia fez com que Paulo se lembrasse de uma situação quase idêntica que enfrentara alguns anos antes, provavelmente em Antioquia, onde judaizantes entraram secretamente na igreja – falsos irmãos "que se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir-nos à escravidão" (Gl 2.4). Aqui, Paulo empresta seu vocabulário do mundo da espionagem. Seus rivais estavam conduzindo operações secretas na igreja. Assim como agentes infiltrados, tinham entrado na igreja para ver o que os cristãos gentios estavam fazendo. Mas eram mais que informantes; eles eram comerciantes de escravos. Estavam conspirando para manter a igreja como refém da lei.

Esses homens são, às vezes, chamados "os judaizantes" porque confundiam o judaísmo com o cristianismo. Ensinavam que os gentios precisavam se tornar judeus para só depois se tornarem cristãos. Seu slogan era: "Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos" (At 15.1). Como se opunham ao evangelho "livre da lei" de Paulo, poderíamos chamá-los de "a polícia da Torá". Mas Paulo os conhecia pelo que realmente eram: "falsos irmãos" (Gl 2.4) – "irmãos" porque alegavam ser cristãos, mas "falsos" porque, no final das contas, não seguiam a Cristo.

Seja lá do que quer que chamemos esses homens, eles eram inimigos da liberdade, razão pela qual Paulo tomou uma posição tão forte contra eles: "aos quais nem ainda por uma hora nos submetemos, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós" (Gl 2.5). Paulo era um defensor da liberdade. Ele sabia que as pessoas que querem manter sua liberdade em Cristo precisam lutar por ela.

Observe que o evangelho pelo qual ele lutava não é uma verdade; é a verdade. É a verdade que Jesus tinha em mente quando disse: "conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.32). É a mesma verdade referida por Jesus quando afirmou que ele era a verdade (Jo 14.6). Há apenas um Cristo, uma verdade e um evangelho. Portanto, existe apenas uma liberdade absoluta pela qual vale a pena

lutar para preservar. A partir do exemplo de Paulo, aprendemos que o preço da liberdade espiritual é uma vigilância constante. Não é suficiente compartilhar o evangelho ou mesmo pregá-lo. O evangelho precisa ser defendido.

Não é fácil defender a verdade em uma era de mentiras; em tempos em que as pessoas querem inventar suas próprias boas-novas. Elas não querem ouvir que há um, e somente um, caminho de salvação. Elas toleram o cristianismo na medida em que este não interfira em suas vidas. Portanto, a igreja está sob enorme pressão para comprometer sua mensagem. Mas há uma coisa da qual não vamos desistir: a liberdade que temos em Cristo. A salvação vem apenas por meio da sua morte e ressurreição. Não deixaremos ninguém adicionar ou subtrair nada da mensagem da cruz e do túmulo vazio. Subscrevemos a firme declaração de Martinho Lutero: “podemos suportar a perda de nossas posses, nosso nome, nossa vida e tudo o mais; mas não deixaremos sermos privados do evangelho, da nossa fé e de Jesus Cristo. E ponto-final”.1

Quando Paulo foi a Jerusalém

Paulo também não admitia ser privado da fé em Jesus Cristo, e é por esse motivo que ele subiu a Jerusalém para lutar pela liberdade do evangelho. O relato do apóstolo sobre sua visita levanta uma questão importante: de que maneira os detalhes de sua autobiografia espiritual em Gálatas coincidem com a narrativa histórica que Lucas fornece no livro de Atos? O notável estudioso do Novo Testamento C. K. Barrett chama isso de “o mais célebre e complicado problema histórico em toda a carta – talvez em todo o Novo Testamento”.2

O livro de Atos menciona pelo menos quatro visitas que Paulo fez a Jerusalém. A primeira foi pouco depois de sua conversão (At 9.26-30), e foi nessa ocasião que conheceu Pedro (Gl 1.18-19). Sua segunda viagem foi para levar um presente aos pobres que sofreram durante uma fome severa (At 11.27-30). A terceira visita de Paulo a Jerusalém foi talvez a mais famosa. Ele foi até lá com Barnabé e outros para o que ficou conhecido como o Concílio de Jerusalém (At 15). Foi neste concílio que os apóstolos declararam oficialmente que os gentios eram bem-vindos na igreja. A quarta visita do apóstolo a Jerusalém foi sua última, pois foi preso e enviado a Roma (At 21-28).

Então, qual visita Paulo tinha em mente quando escreveu: “Catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também a Tito. Subi em

obediência a uma revelação; e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que pareciam de maior influência, para, de algum modo, não correr ou ter corrido em vão" (Gl 2.1-2)? Aqui, Paulo indica que foi a Jerusalém "catorze anos depois". Isso provavelmente significa 14 anos após sua conversão, ou 11 anos depois de sua primeira visita a Pedro. Seus companheiros eram Tito e Barnabé – um grego e um judeu. Eles foram em resposta a uma revelação divina, não para atender a uma convocação apostólica. Mas, enquanto estavam lá, conversaram particularmente com os outros apóstolos para falar sobre o evangelho para os gentios.

Alguns desses detalhes coincidem com a descrição de Lucas do Concílio de Jerusalém em Atos 15. Os mesmos partidos estavam presentes: Paulo e Barnabé apresentaram seu evangelho aos demais apóstolos, contestados pelos falsos irmãos. Eles discutiam uma questão semelhante: se os gentios tinham ou não de ser circuncidados para serem aceitos na igreja. E a reunião teve o mesmo resultado básico: a mensagem de Paulo sobre graça para os gentios foi confirmada.

Todavia, parece haver algumas diferenças. Gálatas diz que a reunião se realizou privadamente, mas Atos passa a impressão de algo mais público (At 15.4,22). Gálatas diz que Paulo foi em resposta a uma revelação, mas Atos diz que ele fazia parte de uma delegação oficial da igreja em Antioquia (At 15.2). Mas o verdadeiro problema é que, se Gálatas 2 descreve os mesmos acontecimentos que Atos 15, então Paulo deixou de lado a visita que fez a Jerusalém em Atos 11. Isso seria falacioso, para dizer o mínimo. Seu objetivo em Gálatas é tentar mostrar que não recebeu seu evangelho dos outros apóstolos. Sendo assim, não seria correto ele esconder a sua visita a Jerusalém registrada em Atos 11.

Talvez essas discrepâncias possam ser reconciliadas de alguma maneira, mas a outra possibilidade é que Gálatas 2 descreve a visita que Paulo fez a Jerusalém segundo o registro de Atos 11 e não a fez conforme consta em Atos 15. A maioria dos detalhes parece se encaixar. Paulo fez a viagem anterior com Barnabé (At 11.30), e em resposta a uma revelação (At 11.28). Ele fez a viagem para ajudar os pobres, o que se encaixaria no que diz em Gálatas 2.10: "recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer".

Sendo assim, como a Carta aos Gálatas se encaixa na cronologia de Atos? À primeira vista, Gálatas 2 parece descrever os eventos relacionados à terceira

visita de Paulo a Jerusalém – sua participação no Concílio de Jerusalém em Atos 15. Todavia, nem todos os fatos parecem coincidir. Além disso, existem algumas semelhanças importantes entre Gálatas 2 e Atos 11, a segunda visita de Paulo a Jerusalém.

Há mais uma coisa a considerar. Lembre-se de que o Concílio de Jerusalém definiu a questão dos gentios de uma vez por todas. Ao final dele, um decreto oficial foi emitido sobre a situação dos gentios na Igreja Cristã (At 15.23-29), decreto este distribuído a todas as igrejas (At 16.4). Se Gálatas 2 se refere a Atos 15, então Paulo escreveu aos Gálatas depois do Concílio de Jerusalém. Mas, se fosse assim, por que ele não mencionou a decisão tomada nesta ocasião? Isto teria terminado a discussão e impedido os judaizantes de alegarem que Jerusalém estava do lado deles.

Com tudo isso em mente, parece provável que Gálatas 2 se refere à segunda visita de Paulo a Jerusalém, e não ao Concílio de Jerusalém. Se assim for, podemos esboçar uma cronologia aproximada para a vida de Paulo até este ponto. Ele foi convertido não muito tempo depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo, possivelmente em 32 d.C. Então passou cerca de três anos na região perto de Damasco. Em dado momento por volta de 34 d.C., fez uma breve viagem a Jerusalém, ocasião em que se encontrou com o apóstolo Pedro. Esta é a visita descrita em Gálatas 1.18-19. Paulo não retornou a Jerusalém até 45 d.C. O principal motivo desta viagem foi dar assistência por conta da fome que havia se instaurado ali. Mas, enquanto estava lá, ele conversou em particular com os outros apóstolos sobre o evangelho que pregava aos gentios, como lemos em Gálatas 2.1-2.

Não muito tempo depois, o apóstolo embarcou em sua primeira viagem missionária, durante a qual implantou as principais igrejas da Galácia. Mas os judaizantes continuaram a opor-se à sua missão, especialmente em Antioquia (At 15.1; Gl 2.11-14). O conflito cresceu tão ferozmente que a igreja acabou realizando um concílio oficial para resolvê-lo, cuja ata está registrada em Atos 15. E pouco tempo antes do Concílio de Jerusalém, Paulo escreveu sua famosa carta pastoral aos gálatas.

Tito: um “estudo de caso”

Algumas das perguntas que temos sobre a cronologia de Paulo não podem ser

respondidas com absoluta certeza. Todavia, as respostas não afetam significativamente a nossa compreensão de Gálatas 2. Independentemente de quando Paulo fez essa visita a Jerusalém, sabemos que ele venceu essa batalha em sua luta pela liberdade. A viagem teve dois resultados positivos: o convertido de Paulo (ou seja, Tito) foi aceito e seu comissionamento foi reconhecido.

Em primeiro lugar, o convertido de Paulo foi aceito. No versículo 1, Paulo menciona que trouxe Tito com ele para Jerusalém. Tito era um convertido gentio a quem Paulo considerava um de seus companheiros de trabalho. De fato, Tito era praticamente como um filho para ele (Tt 1.4). Em determinado momento, tornou-se um líder proeminente na igreja primitiva, servindo como pastor da igreja em Creta.

Levar Tito a Jerusalém foi um movimento ousado. Tito não era judeu, era grego. Por isso não fora circuncidado. E, se alguma coisa deixava os judaizantes furiosos, era trazer um homem incircunciso para dentro de sua cidade sagrada. A circuncisão era tudo para os judeus. Era a marca sagrada da identidade judaica, o símbolo da salvação. Desde os dias de Abraão, a remoção do prepúcio de cada menino judeu tinha sido o sinal visível de pertencimento ao povo de Deus. De acordo com o mandamento de Deus (Gn 17.9-14), a circuncisão determinava se alguém estava dentro ou fora da aliança.

No passado, se um gentio decidisse se tornar judeu, ele deveria ser circuncidado. A lei exigia isso. Então Paulo chega, trazendo na bagagem seu evangelho “livre de lei”, o anúncio das boas-novas da cruz e do túmulo vazio. Tal evangelho proclama que Jesus Cristo já cumprira todos os requisitos da lei, de modo que a circuncisão não significa mais nada. Para pertencer a Deus basta a fé em Jesus Cristo. Tito foi um “estudo de caso” bem-sucedido para sustentar a liberdade do evangelho de Paulo. Aqui estava um homem que tinha recebido Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Ele deveria ou não se submeter às exigências da lei, das quais a circuncisão é a epítome?

A resposta que os apóstolos deram foi que Tito não precisava ser circuncidado para ser salvo. Como disse Paulo: “Contudo, nem mesmo Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se” (Gl 2.3). A boa-nova não é “salvação pela fé em Cristo mais circuncisão”; a boa-nova é “salvação pela fé em Cristo somente”.

A circuncisão não é mais um tema polêmico para a igreja, mas a questão

subjacente ainda é relevante. Paulo considerava a circuncisão como uma sinédoque para toda a lei (cf. Fp 3.2-9); ela representava a observância da lei como um todo. Assim, o apóstolo lutava por algo fundamental para o cristianismo em todos os momentos e em todos os lugares: o que é necessário para se tornar um membro de primeira classe da família de Deus? É simplesmente uma questão de fé em Cristo, ou há algo a mais a ser feito?

A resposta é que não há cristãos de segunda classe. Como poderia haver? Todo cristão é salvo exatamente da mesma maneira: somente pela graça, somente pela fé, depositada somente em Cristo. Portanto não pode haver discriminação na igreja. A igreja não pode excluir as pessoas da salvação com base na raça, sexo, classe, idade ou qualquer outra coisa. A igreja não pode sequer discriminar baseada na justiça relativa. Os cristãos têm sua forma peculiar de classificar pecados. Se alguém está em luta com o orgulho ou com a lascívia, tudo bem. Afinal, quem não está? Porém, se alguém está em um embate contra a depressão, está com seu casamento desmoronando, está tentado a cometer pecado homossexual ou está viciado em drogas, é melhor guardar segredo. Caso contrário, as pessoas saberão que ele ou ela não pertence verdadeiramente à igreja.

Este parece ser o modo de pensar de alguns cristãos, mas não é a maneira que Deus pensa. Os cristãos têm dons diferentes, é claro. Nós temos históricos diferentes. Temos culturas diferentes, em alguns casos. Temos ministérios e chamados diferentes, para que haja ordem na igreja. Passamos por provações e tentações diferentes. Mas não há diferença em nossa posição diante de Deus. E, se não há diferença em nossa posição diante de Deus, não deveria haver diferenças em nossa posição de uns em relação aos outros.

Tito foi o exemplo perfeito. Ele não poderia ter sido mais diferente dos apóstolos do que era, apresentando-se diante deles como um gentio incircunciso. Mas ele também estava diante deles como um homem salvo pela cruz e pelo túmulo vazio. Deus o havia aceitado tão somente com base no que Jesus havia feito por ele. E, nessa mesma base, os apóstolos, mesmo em Jerusalém, o aceitaram como um irmão de primeira ordem em Cristo, provando assim que a justificação vem pela graça por meio da fé em Cristo somente.3

Um resultado da viagem de Paulo a Jerusalém foi que seu convertido foi aceito. Tito não fora obrigado a circuncidar-se. O segundo resultado desse encontro apostólico foi que o comissionamento de Paulo foi reconhecido.

Observe a atitude de Paulo em relação aos outros apóstolos. Ele os descreve como homens “que pareciam de maior influência” (Gl 2.2,6), ou “que eram reputados colunas” (Gl 2.9). Os comentários de Paulo sobre os outros apóstolos podem parecer um pouco arredios, ou mesmo pejorativos. Mas lembre-se de que seus oponentes os usavam como trunfos, como se os apóstolos de Jerusalém fossem os únicos que contassem. Paulo respondeu dizendo: “o que eram então não faz diferença para mim” (Gl 2.6 - NVI). O que Deus fizera na vida de Paulo foi diferente do que fizera na vida de Pedro, e Paulo sabia disso. Ele não era um dos 12 discípulos originais (Gl 1.17). Mas “o que eram então” – ou seja, companheiros de Cristo durante seu ministério terreno – não fazia deles uma autoridade superior. Paulo tinha respeito pelos outros apóstolos, porém não se sentia intimidado por eles. Ele não fazia alarde sobre suas credenciais porque sabia que “Deus não julga pela aparência” (Gl 2.6 - NVI). John Stott explica que, “embora [Paulo] aceitasse o ofício deles como apóstolos, ele não se maravilhava por seus personagens, como estava sendo inflado pelos judaizantes”.4

Contudo, o importante não é o que Paulo pensava sobre os outros apóstolos, mas o que os apóstolos pensavam sobre ele e seu evangelho da livre graça. Paulo falou sem rodeios: os homens “que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram” (Gl 2.6). Os outros apóstolos não tiveram que dar aprovação oficial a Paulo; eles simplesmente reconheceram que já havia a aprovação de Deus, porque ele era um apóstolo por direito próprio. E os outros apóstolos também não acrescentaram nada à mensagem de Paulo; não tentaram retificar, editar, mudar ou alterar de qualquer maneira o seu evangelho. Não acrescentaram nada a ele. Dele não retiraram nada. Não mudaram nada. Eles simplesmente o aceitaram como era.

Considere a atitude dos apóstolos e veja como é contrastante com a dos adversários de Paulo – os inimigos da liberdade. Os membros da polícia da Torá ensinavam que o evangelho de Paulo estava correto até onde chegava; o problema é que simplesmente não chegava longe o suficiente. Eles queriam acrescentar a lei à fé como base para a salvação. Mas os apóstolos entenderam que nada deveria ou mesmo poderia ser acrescentado ao evangelho de Paulo. Eles sabiam que é impossível refinar a obra acabada de Cristo. O evangelho diz que por meio de sua morte e ressurreição, Jesus Cristo fez tudo o que precisa ser feito para a nossa salvação. Acrescentar algo a esse evangelho livre e gracioso é como pegar uma medalha de ouro olímpica e banhá-la em bronze. A boa-nova da cruz e do túmulo vazio não pode ser melhorada; só pode ser destruída.

Este é um perigo perpétuo para a igreja. Os cristãos estão sempre tentando acrescentar algo ao evangelho. Elevam algum aspecto do cristianismo a uma posição de suprema importância, de modo que a boa-nova se torna fé em Cristo mais alguma coisa. Normalmente, o que se acrescenta ao evangelho é algo bom em si mesmo. Alguma experiência particular com o Espírito Santo, talvez. Algum ministério especial (geralmente o ministério com o qual estamos envolvidos). Alguma metodologia para aumentar a devoção, fazer a igreja crescer ou edificar uma família. Alguma doutrina distinta ou estilo de adoração. Alguma causa política ou social. Alguma maneira de fazer, ou de não fazer, o que o mundo faz. Mas, para que o evangelho seja o evangelho, ele deve estar sozinho. O evangelho é Cristo, mais nada. O velho hino de Edward Mote (1797-1874) afirma que nossa "esperança é baseada em nada menos do que no sangue e na justiça de Jesus". Mas nossa esperança também é baseada em nada a mais do que o sangue e a justiça de Jesus. Lá atrás, no capítulo 1, Paulo instrui aos gálatas a não aceitarem alternativas. Aqui, no capítulo 2, ele lhes orienta a não aceitarem aditivos.

O que mais precisamos para nos salvar do pecado além da morte e ressurreição de Jesus Cristo? Nada mais. Os apóstolos sabiam disso, e é por isso que reconheceram o comissionamento de Paulo para pregar o evangelho: "quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão" (Gl 2.9). A destra da comunhão era mais do que um aperto de mão. Era um gesto simbólico de parceria no evangelho, o qual demonstrou que, na divisão de sua obra, os outros apóstolos endossaram a missão de Paulo aos gentios.

Parceiros no evangelho

O modo como os primeiros apóstolos trataram-se uns aos outros é um modelo para o ministério. Um antigo comentário sobre Gálatas afirma:

A verdadeira maneira de evitar conflitos é exatamente o que aqui é proposto. Que haja em ambos os lados franqueza perfeita – que haja uma intenção de explicar e declarar as coisas exatamente como são – e que haja uma disposição para se alegrar com os talentos, o zelo e o sucesso dos outros, mesmo que ultrapasse o nosso, – e a contenda na igreja cessará; e todo ministro dedicado e bem-sucedido do evangelho receberá a destra de comunhão de todos os outros

[...] que amam a causa da verdadeira religião.5

Os apóstolos fizeram tudo o que podiam para evitar contendas. Para começo de conversa, eram perfeitamente francos um com o outro. Quando Paulo se encontrou com os apóstolos, “expôs a eles” o seu evangelho para os gentios (cf. Gl 2.2). Esse é um termo que denota uma divulgação completa. Paulo não escondeu nada. Ele disse aos outros exatamente o que pregava para que pudesse haver uma discussão honesta sobre as questões.

Ao mesmo tempo, os apóstolos se regozijavam com o talento e o sucesso uns dos outros. Eles não estavam interessados em construir seus próprios pequenos reinos. Os apóstolos de Jerusalém não invejavam o sucesso global de Paulo como missionário. “Pelo contrário, [...] viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios)” (Gl 2.7-8). Os apóstolos reconheciam a obra de Deus quando a viam. Eles também entendiam que o evangelho é uma parceria, e não menosprezaram um e exaltaram o outro, mas sim reconheceram que cada homem tinha sua própria esfera legítima de ministério. A prioridade de Pedro foi levar o evangelho aos judeus na Judeia. A de Paulo, levar o evangelho aos gentios do mundo. Embora Pedro, às vezes, evangelizasse os gentios (p. ex., Cornélio) e Paulo fosse expulso da sua cota de sinagogas, cada homem tinha seu próprio e único chamado.

A evangelização do mundo depende desse tipo de cooperação na igreja. Em vez de nutrirmos orgulho pelo nosso próprio ministério, deveríamos celebrar o que Deus está fazendo por meio de outros. Podemos participar de diferentes grupos escolares, p. ex., ou pertencer a diversas denominações da igreja. Podemos nos envolver em vários meios de divulgação. Podemos ter abordagens variadas para evangelizar. Podemos abrir espaço para diferentes estilos de música, de acordo com o contexto cultural. Não apenas permitimos essas diferenças, mas nos regozijamos nelas, desde que estejamos todos pregando o mesmo evangelho. Essa condição precisa ser enfatizada. A parceria no evangelho só vai até onde o próprio evangelho chega, não mais do que isso, e é precisamente por esse motivo que os apóstolos tiveram a preocupação de discutir exatamente o que estavam pregando.

Com frequência, estudiosos da Bíblia ressaltam as diferenças entre os apóstolos

do Novo Testamento. Eles falam do evangelho segundo Paulo, p. ex., e o contrastam com o evangelho segundo Pedro. É verdade que cada um dos apóstolos tinha seu próprio modo de pregar o evangelho. Mas ainda que tenham existido diferenças em termos de experiência, ênfase ou estilo, não houve diferença no conteúdo. O evangelho de Paulo era independente, mas não diferente. Qualquer variação teve mais a ver com onde ele pregava do que com o que pregava. Sendo assim, o evangelho de acordo com Paulo e o evangelho de acordo com Pedro, ou João, ou mesmo Tiago, era sempre o mesmo evangelho da livre graça.

O fundamento aqui é que a igreja pode permitir diversidade de missão somente onde há unidade de mensagem. O próprio evangelho define os limites de nossa cooperação com outros que chamam a si mesmos de cristãos. Estamos dispostos a fazer concessões em muitas coisas, mas somos completamente obstinados quando se trata do evangelho. Recusamo-nos a reconhecer como cristã qualquer igreja ou qualquer outra organização que não ensine o verdadeiro e único evangelho. Onde não há comunhão no evangelho, não pode haver parceria na missão.

Paulo tinha uma parceria genuína com os apóstolos de Jerusalém, que solicitaram apenas uma coisa dele: “recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer” (Gl 2.10). “Os pobres” refere-se especificamente à igreja em Jerusalém. Ao passo que a maioria das igrejas gentílicas reunia alguns membros abastados, os cristãos de Jerusalém eram carentes, especialmente em tempos de fome.

Ajudar os pobres não é o evangelho, mas é um resultado necessário do evangelho. Martinho Lutero escreveu: “Ao lado da proclamação do evangelho, é tarefa de um bom pastor estar atento aos pobres”.6 Uma igreja proclamadora do evangelho não se esquece dos pobres – especialmente os cristãos que sofrem ao redor do mundo –, mas lembra-se de cuidar deles. E nesse assunto, o apóstolo Paulo deixou um bom exemplo. Nunca se esqueceu do que os apóstolos lhe pediram que fizesse. Várias de suas cartas posteriores referem-se às arrecadações que ele coordenou para aliviar a igreja atribulada (p. ex., 1Co 16.1-4; 2Co 8.1–9.15). Paulo enviou o dinheiro de volta a Jerusalém para demonstrar a unidade da igreja. Ele e todos os demais apóstolos compartilhavam a parceria do evangelho.

E se Paulo tivesse perdido

Ao final da visita de Paulo a Jerusalém, ele havia vencido sua luta pela liberdade espiritual. Seu convertido foi aceito e seu comissionamento reconhecido. Ele defendera com êxito a verdade do evangelho: salvação somente pela graça, somente pela fé, somente em Cristo Jesus. No entanto, podemos nos perguntar: que diferença isso faz? Com certeza, fez diferença para Paulo. Conforme escreveu, ele se encontrou com os outros "para, de algum modo não correr ou ter corrido em vão." (Gl 2.2). Isso não significa que havia alguma dúvida na mente de Paulo de que detinha o evangelho correto. Ele sabia que possuía o evangelho correto, porque o recebera do próprio Cristo e o pregava havia mais de uma década. Ele nem sequer precisava que os apóstolos de Jerusalém o tranquilizassem de que carregava o evangelho correto.

O receio de Paulo não tinha a ver com sua própria comissão, mas com a comissão da igreja. A menos que ele e todos os demais apóstolos pregassem o mesmo evangelho, a igreja jamais cumpriria sua missão ao mundo. Paulo estava particularmente preocupado com uma divisão permanente na igreja entre judeus e gentios. Veja como F. F. Bruce descreve tal preocupação: "Sua comissão não foi derivada de Jerusalém, mas não poderia ser executada de forma efetiva exceto em comunhão com Jerusalém. Uma cisão entre a sua missão aos gentios e a igreja-mãe seria desastrosa: Cristo seria dividido e toda a energia que Paulo dedicou e esperava dedicar à evangelização do mundo gentílico seria frustrada".7

Para descrever os seus receios, Paulo fez uso da ilustração de uma corrida de revezamento. Paulo sabia que completaria o seu trecho da corrida, mas queria ter certeza de que os outros apóstolos também estavam carregando o bastão do evangelho. Caso contrário, seus esforços seriam desperdiçados e a igreja jamais alcançaria a linha de chegada. Então imagine por um momento o que teria acontecido se Paulo tivesse perdido a sua luta pela liberdade. Como seria a igreja hoje caso os primeiros apóstolos tivessem exigido que os gentios se tornassem judeus para depois se tornarem cristãos?

Se Paulo tivesse falhado ao defender seu evangelho para os gentios, então os cristãos ainda teriam que seguir a lei de Moisés até o último detalhe. Nossa salvação dependeria de coisas como ser circuncidado, guardar as leis alimentares do Antigo Testamento e seguir os mais obscuros regulamentos de Levítico. A igreja estaria aprisionada dentro da cultura judaica. Não que haja algo errado

com o judaísmo como uma cultura. Deus nunca pediu aos judeus que deixassem sua identidade étnica para trás. Para eles, a circuncisão não era um problema. Até mesmo a observância da lei de Moisés era apropriada aos judeus, contanto que entendessem que jamais seriam salvos por meio dela.

Seria errado, no entanto, fazer do cristianismo um prisioneiro da cultura judaica. Ser multicultural está no cerne do cristianismo, e essa é uma das razões pela qual ele mudou o mundo. Parte do segredo do sucesso do evangelho é poder ser traduzido para qualquer contexto cultural. Paulo compreendeu corretamente que a questão dos gentios afetaria todo o futuro do cristianismo. Ele temia que, se os judaizantes conseguissem o que queriam, o cristianismo se tornaria outra seita judaica em vez de boas-novas para todo o mundo.

Livres, afinal

Em parte, Gálatas aborda a questão do etnocentrismo, discorre sobre transformar uma distinção cultural em uma necessidade teológica. Mas a questão mais profunda é o perigo perpétuo de acrescentar nossos próprios requisitos à única coisa que Deus requer para a salvação, que é a fé em Jesus Cristo. Um dos erros fundamentais da Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei é se concentrar na relação horizontal entre judeus e gentios, negligenciando a relação vertical entre Deus e os pecadores, o que para Paulo era a preocupação mais crucial. De fato, o conflito entre judeus e gentios tinha importância para ele apenas na medida em que ameaçava corromper o verdadeiro evangelho da graça. Veja como John Stott define os termos do engajamento de Paulo nesta questão: “O cristão foi libertado da lei no sentido de que a sua aceitação diante de Deus depende inteiramente da graça de Deus na morte de Jesus Cristo recebida pela fé. Introduzir as obras da lei e fazer a nossa aceitação depender de nossa obediência às regras e regulamentos é o mesmo que reduzir um homem livre novamente à escravidão”.8

É contra essa escravidão espiritual que Paulo lutava quando subiu a Jerusalém, e é por esse motivo que todo o futuro do cristianismo estava em jogo. Quando Paulo defendeu a teologia da justificação apenas por meio da fé em Cristo (especialmente em Gálatas 3 e 4), não foi porque sua preocupação primordial era melhores relações entre judeus e gentios. Pelo contrário, para Paulo, a relação entre as duas questões (a questão horizontal das relações entre judeus e gentios e a questão vertical de um pecador diante de um Deus justo) era exatamente o

oposto: ele lutou pela liberdade espiritual das regulamentações judaicas para preservar a graça justificadora de Deus no evangelho.

Pela graça de Deus, Paulo venceu sua luta pela liberdade do evangelho. Os gentios foram aceitos na igreja com base somente no evangelho. Aliás, de acordo com uma obra conhecida como A epístola de Barnabé, a circuncisão havia sido abolida em toda a igreja no século segundo.9 Contudo, a luta pela liberdade em Cristo não terminará até Cristo voltar para nos fazer livres para sempre. Por esta razão, o evangelho ainda precisa de combatentes da liberdade nos dias de hoje. Um dos grandes defensores da liberdade na história da igreja foi Martinho Lutero, que escreveu:

A questão que temos diante de nós é grave e vital; envolve a morte do Filho de Deus, que, pela vontade e ordem do Pai, se fez carne, foi crucificado e morreu pelos pecados do mundo. Se a fé ceder sobre este ponto, a morte do Filho de Deus será em vão. Então é apenas uma fábula que Cristo é o Salvador do mundo. Então Deus é mentiroso, porque não cumpriu suas promessas. Portanto, nossa teimosia sobre este assunto é devota e santa; pois por meio dela estamos nos esforçando para preservar a liberdade que temos em Cristo Jesus e para manter a verdade do evangelho. Se perdermos isso, perderemos Deus, Cristo, todas as promessas, a fé, a justiça e a vida eterna.10

Essas coisas são tão dignas de defesa hoje quanto eram nos dias de Lutero. Devemos, sim, lutar por elas.

Notas

1 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:99.

2 BARRETT, C. K. Freedom and Obligation (Philadelphia: Westminster, 1985), 10.

3 A Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei enfatizaria a dimensão eclesiológica do exemplo de Paulo: o evangelho fornece a base para um gentio como Tito ser aceito pelos judeus. N. T. Wright, entre outros, alega que "o assunto em questão na igreja de Antioquia, ao qual Paulo se refere no capítulo 2, não se trata de como as pessoas chegavam a um relacionamento com Deus, mas com quem era permitido sentar-se à mesa para comer" (What Saint Paul Really Said [Grand Rapids: Eerdmans, 1997], 121). Mas Paulo usa o exemplo de Tito para elaborar um ponto mais fundamental relativo à soteriologia: o acolhimento apostólico de Tito provou que a base para a aceitação de um homem por Deus (e não meramente por outras pessoas) não são obras, mas graça.

4 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 45.

5 BARNES, In: BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 80–81.

6 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:105.

7 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 111.

8 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 43.

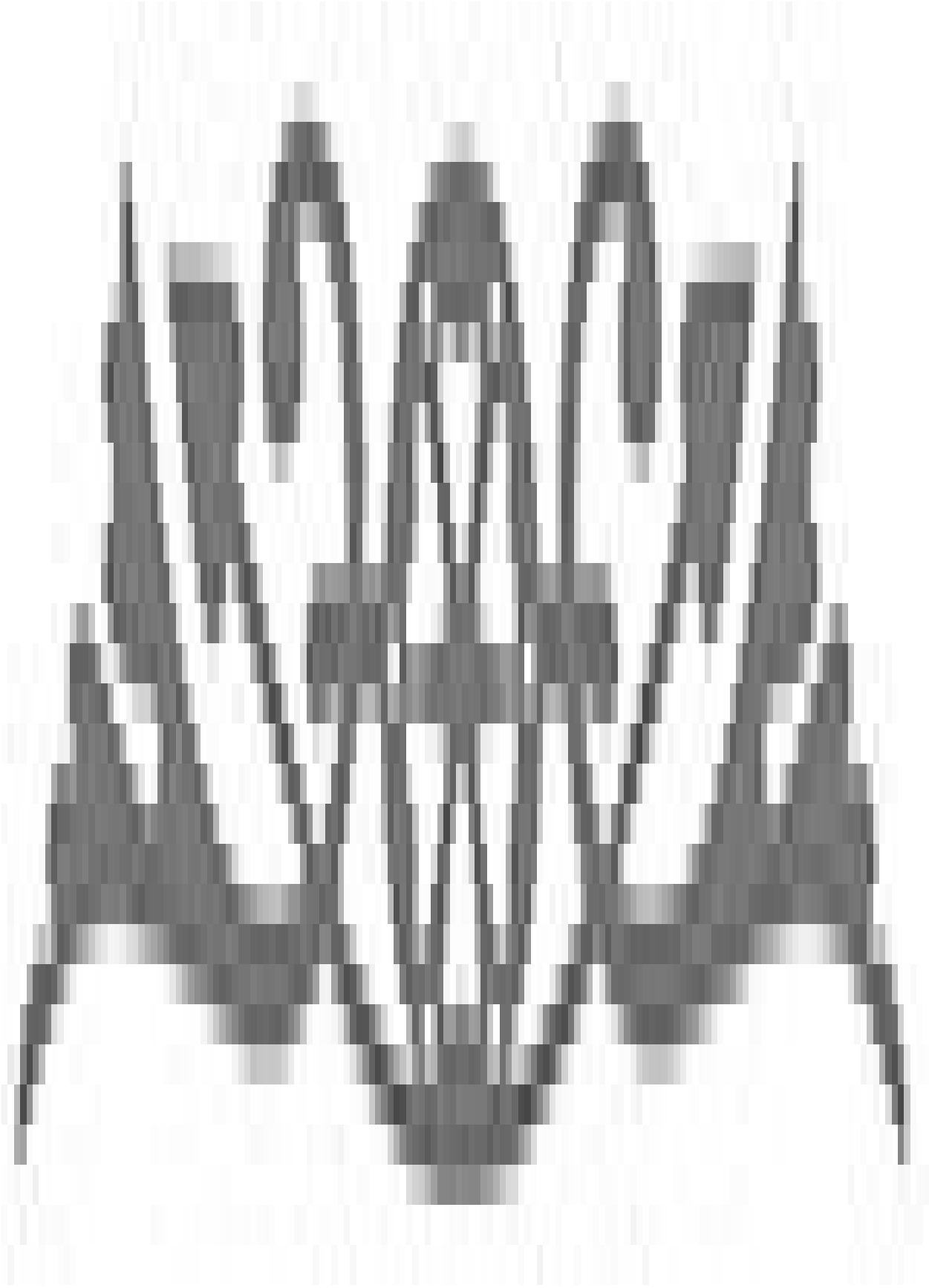
9 Epistle of Barnabas 9.4, In: The Apostolic Fathers, trad. Kirsopp Lake (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1912), 370–71.

10 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:90–91.

5

A batalha pelo evangelho

Gálatas 2.11-16



Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível [...] Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado (Gl 2.11,15-16).

Foi um momento constrangedor, para dizer o mínimo. É sempre embaraçoso quando uma briga irrompe na igreja, mas esta foi extraordinária. Para começo de conversa, aconteceu durante um almoço na igreja, um "junta-panelas", onde todo mundo deveria estar se divertindo. Além disso, os combatentes eram os pilares da igreja: Pedro contra Paulo; dois apóstolos em um duelo cara a cara, golpe a golpe.

A batalha foi completamente inesperada. Os dois homens tinham sido amigos desde que se conheceram em Jerusalém. Na última vez em que estiveram juntos, Pedro deu a Paulo a destra da comunhão. Mas dessa vez, Paulo se opõe a Pedro face a face.

A ideia de um conflito aberto entre dois apóstolos tem deixado muitos comentaristas extremamente desconfortáveis. Alguns dos primeiros pais da igreja disseram que, na verdade, os dois homens não discordaram: deve ter sido algum outro Pedro. Eruditos atuais argumentam que a ruptura foi permanente — Pedro e Paulo jamais teriam se reconciliado. Talvez fosse isso o que os judaizantes diziam aos gálatas. Todos sabiam que havia ocorrido algum tipo de discussão em Antioquia, de modo que teria sido fácil usar o incidente para desacreditar o evangelho de Paulo.

No entanto, de acordo com Paulo, a altercação foi a prova final de que ele era um apóstolo genuíno do único e verdadeiro evangelho da livre graça. É bom revisarmos o argumento dele até aqui: primeiro, Paulo mencionou que já era um apóstolo bem antes de conhecer os demais apóstolos (1.13-24). Em seguida, mostrou como os demais apóstolos o reconheceram como um apóstolo por direito próprio (2.1-10). Ainda que fosse desnecessário adicionar outras provas, ele agora demonstra que tinha autoridade até mesmo para repreender outro apóstolo que saiu da linha (2.11-14).

Um lugar à mesa

Para entender por que Paulo estava tão chateado com Pedro, é útil compreender algumas coisas sobre os hábitos nas refeições. Comer é um evento cultural. O que comemos (e com quem) expressa algo sobre quem nós somos. Às vezes, certo tipo de pessoa se recusa a comer com outras pessoas de outro tipo. Isso é algo que Bob Gibson, lançador de beisebol que conquistou seu lugar no Hall da Fama, descobriu quando chegou às grandes ligas. Ele entrou no ônibus da equipe e viu um jogador branco bebendo um refrigerante de laranja. “Isso parece uma delícia”, disse ele. “Posso tomar um gole?” Seu companheiro de equipe olhou para sua bebida, olhou para Gibson e então disse: “Vou deixar um pouquinho para você”. O que ele quis dizer era que seus lábios brancos não compartilhariam uma bebida com um homem negro.1

Dentre as razões pelas quais o incidente em Antioquia foi tão feio, estão suas implicações raciais. Veja como a Cotton Patch Bible* apresenta Gálatas 2.11-13:

Mas apesar de tudo isso, quando Rock [Pedro] veio para Albany (cidade importante do estado americano da Geórgia), eu tive que repreendê-lo cara a cara, porque ele estava claramente em erro. Pois, antes que a comissão nomeada por Jim [Tiago] chegasse, ele estava comendo com os negros. Mas quando chegaram, Rock recuou e segregou-se porque tinha medo dos brancos. Ele fez até com que os outros liberais brancos bancassem ‘o hipócrita’ como ele, de modo que mesmo Barney [Barnabé] se deixou levar pela sua hipocrisia.

Essa paráfrase ajuda a capturar a tensão étnica em Antioquia. Contudo, o que estava acontecendo na igreja envolvia algo mais do que racismo. Manter as leis alimentares do Antigo Testamento era uma maneira de os judeus mostrarem que pertenciam a Deus: “No judaísmo, a comunhão à mesa significa companheirismo perante Deus, pois a ingestão de um pedaço do pão partido por todos os que compartilham a refeição ressalta o fato de que todos eles têm participação na bênção que o anfitrião da casa lançou sobre o pão inteiro”.2 Os momentos das refeições eram sagrados para os judeus. Lembra-se de como as pessoas reagiram quando Jesus comeu com pecadores e cobradores de impostos?

Os hábitos alimentares judaicos criaram um problema crucial para a igreja na cosmopolita cidade de Antioquia. De uma população de quase meio milhão, pelo menos 10 por cento eram judeus. Assim, a igreja antioquiana se tornou um caldeirão multicultural. Foi o lugar onde os diversos seguidores de Cristo foram chamados de “cristãos” pela primeira vez. O povo identificou que, qualquer que fosse essa estranha religião, ela não era exclusivamente judaica e por isso precisava de um nome especial.

Antioquia tornou-se assim o primeiro lugar onde a igreja primitiva teve de pelejar com a questão da comunhão à mesa. Em sua reunião anterior em Jerusalém (Gl 2.1-10), os apóstolos já haviam concordado que os gentios pertenciam à igreja. Eles não precisavam cumprir a lei do Antigo Testamento para serem salvos. Ao mesmo tempo, ainda era apropriado para os cristãos judeus manterem sua tradição por meio da observância da lei cerimonial. Assim como os gentios poderiam se comportar como gentios, os judeus poderiam se comportar como judeus. Mas o que esperar quando um judeu tivesse que se relacionar com um gentio em uma ocasião em que ambos adorassem na mesma igreja? Eles precisavam comer juntos? A comunhão à mesa com gentios sempre foi proibida. Nas palavras de uma antiga tradição, “Não coma com eles [...] pois suas obras são impuras”.3 Como os judeus cristãos poderiam se manter kosher se tivessem que partilhar a mesa com gentios que comiam os alimentos errados, preparados de maneira errada e, em alguns casos, oferecidos aos deuses errados?

Embora os apóstolos já tivessem estabelecido a questão teológica da salvação para os gentios, eles não haviam resolvido a questão prática da comunhão com os gentios. J. Gresham Machen resumiu o problema da seguinte forma:

Lembre-se de que os cristãos gentios foram liberados da obrigação de serem circuncidados e de se comprometerem a guardar a Lei Mosaica. Os cristãos judeus, por outro lado, não foram obrigados a abandonar seu modo de vida ancestral. Mas como poderiam os cristãos judeus continuarem a viver sob a Lei e, ao mesmo tempo, manterem comunhão com os gentios de uma maneira tal que a estrita observância da Lei tornar-se-ia impossível?4

Deus revelou a solução radical desse problema em uma visão. Certo dia, ao orar antes do almoço, Pedro “viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas, contendo toda

sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu" (At 10.11-12). Em outras palavras, o lençol estava repleto de animais que os judeus eram absolutamente proibidos de comer. Então uma voz do céu disse algo surpreendente: "Levanta-te, Pedro! Mata e come" (At 10.13). Deus só poderia estar brincando. Então Pedro disse: "De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda" (At 10.14) Mas a voz lhe disse: "Ao que Deus purificou não consideres comum" (At 10.15).

Por meio dessa visão, Deus preparava Pedro para levar o evangelho a um gentio. Imediatamente depois, ele foi chamado a Cesareia, onde batizou um romano chamado Cornélio (At 10.48). Pedro aprendeu uma lição vital de tudo isso. Ele disse: "Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável" (At 10.34-35). Mais tarde, quando foi publicamente criticado por suas ações, disse: "se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" (At 11.17).

Por fim, Pedro compreendeu que sua visão não era apenas sobre evangelismo; era também sobre comunhão. "Comia com os gentios" (Gl 2.12), escreveu Paulo, demonstrando que era seu costume habitual sentar-se com eles à mesa. Pedro não tinha quaisquer escrúpulos quanto a compartilhar uma refeição com seus irmãos em Cristo incircuncisos. Sua solução radical para o problema da comunhão à mesa foi considerar a eles e a si não distintos, mas iguais.

O fingimento de Pedro

Para um judeu ortodoxo, sentar-se para comer com pagãos era um ato de rebelião obstinada. Dessa forma, imagine o que esses homens "da parte de Tiago" (Gl 2.12) pensaram quando chegaram em Antioquia. Tiago, o irmão de Jesus, havia dado a Paulo a destra da comunhão. Mas, aparentemente, Tiago também tinha seus fãs em Jerusalém – um grupo que poderíamos apelidar de "a turma do Tiago". Pelo visto, essa "turma" não dispunha do equilíbrio de seu herói. Na verdade, a carta do Concílio de Jerusalém às igrejas faz um comentário revelador sobre esses homens. Já em seu preâmbulo, a carta afirma: "Visto sabermos que alguns [que saíram] de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando a vossa alma..." (At 15.24).

Isso foi exatamente o que aconteceu em Antioquia, onde membros da “turma do Tiago” foram checar o comportamento de Pedro. Esses extremistas eram cristãos, é claro, mas como ex-fariseus (muito provavelmente) eram muito tradicionais na sua fé (At 15.5). Eles ainda seguiam os rituais de Moisés, especialmente a circuncisão. A primeira coisa que notaram foi o quanto Pedro estava relaxado quando se tratava das antigas tradições. Ele estava se comportando praticamente como um pagão. Como Paulo diria mais tarde, ele vivia “como gentio e não como judeu” (Gl 2.14). Lá estava ele, sentado para ter comunhão à mesa com os infiéis não lavados, incircuncisos. Seria o mesmo se ele tivesse “metido o pé na jaca” e servido um leitão assado para o jantar dos solteiros da igreja.

O grupo de pressão de Jerusalém colocou Pedro numa situação constrangedora. Francamente, ele se viu “temendo os da circuncisão” (Gl 2.12). Sabia como eram tradicionais, e não queria ofendê-los. Afinal, ele foi chamado a levar o evangelho aos judeus, e não aos gentios, então por que se preocupar com os gentios?5 Então Pedro levantou-se, “afastou-se e, por fim, veio a apartar-se” (Gl 2.12). Ele parou de convidar os gentios para sentarem à sua mesa. Começou a comer do outro lado do salão da igreja. Ou talvez, uma vez que os primeiros cristãos se reuniam em casas particulares, parou de vez de comer com eles, até mesmo durante a Ceia do Senhor.

O que Pedro fez não foi uma questão de princípio; foi um caso de covardia. Esta não foi a primeira vez que ele cedeu à pressão dos colegas, mas pelo menos a quarta (cf. Mt 26.69-75). Disso, aprendemos que mesmo os grandes cristãos podem cair em pecado, às vezes, mais de uma vez. Também aprendemos quão necessário é que os ministros cristãos tenham a coragem de defender o evangelho contra toda oposição, incluindo a oposição que vem de dentro da igreja.

O triste exemplo de Pedro também nos ensina a defender o evangelho. Ele estava plenamente convicto de que a salvação vem pela graça por meio da fé, não pela lei. Ele não apenas acreditava que os gentios podiam ser cristãos de primeira classe; ele também vivia de tal maneira que demonstrava isso. Mesmo assim, Pedro abandonou sua posição anterior. Ele “recuou” de seus irmãos e irmãs. O termo grego (hypestellen) é, às vezes, usado para descrever uma retirada militar. De fato, Pedro estava envergonhado do evangelho. Quando chegou o momento decisivo, ele não se manteve firme em defesa da verdade de que todos os cristãos são salvos pela mesma graça.

É preciso coragem para defender o evangelho. Certa vez, um ex-arcebispo da Cantuária foi questionado por um repórter se acreditava em Deus. Infelizmente, a pergunta o pegou desprevenido. Ele disse: “Bem, mais ou menos. Depende do que você quer dizer com Deus”. O homem estava envergonhado do evangelho, temeroso de assumir uma posição por Deus. Ou veja outro exemplo. Uma mulher bastante nervosa no avião se virou para mim e perguntou: “Você é religioso?” Eu acho que ela torcia para que eu estivesse orando e pedindo que não caíssemos nas montanhas. Minha resposta foi tão evasiva que ela ficou surpresa quando mais tarde tive que admitir que eu era um seminarista. “Bem, você não precisa ter medo”, disse ela. Eu fiquei tão envergonhado que no dia seguinte comecei a compartilhar o evangelho com estranhos no elevador de esqui. Quando o temor aos homens supera o temor a Deus, é provável que neguemos o evangelho. A menos que estejamos dispostos a defender Deus no trabalho na segunda-feira, estaremos apenas fingindo na igreja no domingo.

O protesto de Paulo

Algumas pessoas são como Pedro: odeiam confrontos. Elas não querem causar problemas ou provocar um escândalo, então evitam conflitos. No entanto, Paulo não era uma dessas pessoas. Ele realmente não se importava com o que qualquer outra pessoa pensava. Mesmo quando se tratava de outro apóstolo, Paulo se preocupava o suficiente para confrontar. Para ele, a questão não era manter a paz a qualquer preço, mas defender o evangelho a qualquer custo.

Observe o protesto de Paulo diante do fingimento de Pedro: “Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?” (Gl 2.14).

Havia muitas situações nas quais Paulo estava disposto a tratar os assuntos em particular, ou a chegar a algum tipo de meio-termo. Mas não desta vez. Ele se opôs a Pedro face a face, e o fez abertamente, diante de toda a igreja. Paulo não fez isso por ser um polemista, ou porque considerava Pedro um rival, mas porque o evangelho estava em jogo e porque o pecado de Pedro era muito óbvio: “se tornara repreensível” (Gl 2.11), o que significa condenável diante de Deus por suas próprias ações.

Pedro não apenas laborava em erro, mas também dava um péssimo exemplo. É

por esse motivo que Paulo teve de confrontá-lo em público. Um delito privado merece uma repreensão privada, mas um escândalo público exige exposição pública (cf. 1Tm 5.20). Pedro era o líder. Seu exemplo influenciava o que todas as demais pessoas faziam. De repente, observar as leis alimentares do Antigo Testamento virou moda: “E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles” (Gl 2.13). Podemos perceber o choque e a descrença de Paulo. Até Barnabé. Até mesmo Barnabé, seu amigo íntimo, que o apresentou à igreja e o defendeu perante os demais apóstolos. Até Barnabé, seu companheiro na missão junto aos gentios. Paulo mal podia acreditar.

O que Paulo contestou foi a hipocrisia de Pedro, Barnabé e os outros. A palavra “hipócrita” vem do teatro grego, onde os atores vestiam máscaras para atuar seus papéis. Em certa altura, a palavra adquiriu significado religioso. Um bom exemplo vem do filósofo estoico Epiteto (55-135): “Quando vemos um homem oscilando entre duas crenças, costumamos dizer: ‘Ele não é judeu, mas está atuando tal papel’”6. Paulo viu que Pedro, Barnabé e os outros estavam encenando uma farsa. Eles não acreditavam de verdade que os gentios fossem cristãos de segunda classe, mas agiam como se o fizessem. Suas ações não eram consistentes com sua teologia.

O efeito real dessa hipocrisia era negar o evangelho. John Stott explica bem a situação: “[Pedro] sabia perfeitamente que a fé em Jesus era a única condição pela qual Deus teria comunhão com os pecadores; mas ele acrescentou a circuncisão como uma condição extra na qual ele estava preparado para ter comunhão com eles, contradizendo, assim, o evangelho”7.

Era quase como se Pedro e os outros tivessem desfeito o acordo que firmaram em Jerusalém (2.1-10). Eles não agiam de acordo com a verdade do evangelho. Faltava-lhes coerência: falavam as belas palavras, mas não as praticavam. Seu estilo de vida não estava mais alinhado com o evangelho. Pior ainda, estavam fazendo com que os gentios saíssem da linha também. Paulo acusou Pedro de forçar os gentios a “judaizarem-se”, ou a adotarem costumes e práticas judaicas a fim de serem aceitos na igreja. Pedro não acreditava realmente que a salvação dependia de ser judeu, mas, neste caso, suas ações falavam mais alto que suas palavras. Ao recusar comer com os gentios, a ideia transmitida era que os considerava impuros. A mensagem recebida pelos gentios era que, se quisessem ser cristãos, não tinham outra escolha a não ser viver como judeus.

Este é outro alerta para a igreja contemporânea. Nosso comportamento pode sabotar a nossa crença. É possível que os cristãos creiam no evangelho em seus corações e até o confessem com suas bocas, mas o negam em suas vidas.

Um exemplo trágico vem da história da Igreja Presbiteriana do Sul antes da Guerra Civil8. Naquela época, era costume os presbíteros darem fichas aos membros de suas igrejas, significando que estavam aptos a participar da Ceia do Senhor. Infelizmente, em algumas igrejas, os escravos africanos não recebiam a ficha de prata convencional, mas uma feita de um metal convencional. Além disso, não lhes era permitido receber o sacramento até que todos os membros brancos da igreja fossem servidos. Essa foi uma maneira segregadora e prejudicial de lidar com um sacramento que Deus instituiu com o objetivo de simbolizar a nossa união em Cristo. Mesmo que esses presbíteros acreditassem de fato no evangelho, suas ações claramente negavam isso.

O que nossas ações dizem? As nossas amizades, nossos convites para jantar e nossas parcerias ministeriais demonstram o nosso compromisso com a unidade e a comunhão que temos em Cristo? Ou será que nossas ações estão fora de compasso com o evangelho?

Justificado pela fé, não pela lei

Quando se posicionou contra Pedro em Antioquia, Paulo lidava com algo maior do que um problema social. Ele não estava preocupado apenas com grupinhos que se formavam na igreja, ou sobre quem lavava as mãos antes do almoço. Ele nem sequer se preocupava exclusivamente com o horrível pecado do racismo, embora os judaizantes usassem sua teologia para justificar seu preconceito.

Paulo compreendeu que seu conflito com Pedro se tratava, sim, de uma batalha pelo evangelho da livre graça. Aparentemente, o problema era a unidade entre judeus e gentios à mesa. Mas, sob a superfície, espreitava o problema mais profundo sobre o que Deus requer para a salvação. Este é um dos pontos em que a Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei falha em sua compreensão da teologia do Novo Testamento. A Nova Perspectiva considera o conflito judeu-gentio principalmente em termos de fronteiras culturais. Mas para Paulo, a questão central era soteriológica, e não cultural. Assim, a Carta aos Gálatas nos remete, mais uma vez, às boas-novas sobre Jesus Cristo.

O evangelho proclama que por meio de sua morte na cruz e sua ressurreição da sepultura, Jesus fez tudo o que Deus requer para nossa salvação. Não há nada a mais para fazermos a fim de alcançar perdão de pecados, desfrutar comunhão com Deus ou ter a esperança de vida eterna, exceto confiar somente em Cristo. Este é o evangelho da livre graça, e qualquer um que nele crê é um cristão.

Além de nos dizer como nos acertamos com Deus – ou melhor, além de contar o que Deus fez para nos tornar justos diante dele por meio da cruz e do túmulo vazio –, o evangelho também nos diz como viver uns com os outros. Devemos ter comunhão com todos que estiverem em comunhão com Deus por meio da fé em Jesus Cristo, indistintamente. Se nos recusarmos a ter comunhão com alguém que declara sua fé em Jesus, então nossas ações negam o evangelho. Estamos fazendo uma distinção que o próprio Deus não faz. Estamos acrescentando alguma condição à única coisa que Deus requer, que é a fé em Jesus Cristo.

O problema com a "turma de Tiago" é que eles eram fariseus em recuperação. Estavam preocupados com as aparências externas. Eles mantinham uma lista de coisas que as pessoas tinham que fazer para serem bons cristãos. Quando os convertidos gentios não faziam alguma dessas coisas – p. ex., não se circuncidavam –, eram tratados como cristãos de segunda classe. Tal farisaísmo permeia profundamente a natureza humana. As pessoas sempre querem acrescentar algo que fazem ao que Deus fez, e querem desprezar aquelas que não o fazem, seja lá o que esse "algo" for.

Quando se levantou para confrontar Pedro, Paulo falou como um fariseu em recuperação para outro. Primeiro, ele apelou para o que tinham em comum: "Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios" (Gl 2.15). Pedro e Paulo tinham o mesmo direito de nascença. Eram judeus natos, e não pagãos. Eles sempre estiveram do lado de dentro do povo de Deus, e não do lado de fora, no mundo.

Depois, Paulo apelou ao evangelho que ambos, ele e Pedro, descobriram ser verdadeiro. Vale ressaltar este ponto. Os apóstolos tinham chegado a um completo acordo sobre as boas-novas de Jesus Cristo. Sua única diferença de opinião era sobre o que a boa-nova significava para a comunhão à mesa. A batalha pelo evangelho, então, não era uma disputa entre dois evangelhos diferentes. Em vez disso, Paulo lutava para garantir que a igreja continuasse a viver de acordo com o evangelho que sempre pregou.

O evangelho que tanto Pedro quanto Paulo pregavam era o gracioso evangelho da fé, e não das obras: “sabendo que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado” (Gl 2.16). Esta é a famosa doutrina de justificação somente pela graça por meio da fé em Cristo somente. “Justificação” é um termo legal, uma palavra usada em um tribunal de justiça. Significa ser declarado inocente, ser absolvido, ser liberado de todas as acusações. Em seu sentido bíblico, ser justificado significa ser declarado justo perante o juízo de Deus.9

A justificação é uma doutrina importante, pois Paulo a menciona três vezes diferentes de três maneiras diferentes, em um único versículo. Primeiro, cita a doutrina em termos gerais: “o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 2.16). Isso explica o método básico de Deus para a salvação. Como uma pessoa se torna justa diante de Deus? Não por meio da observância da lei, mas confiando em Jesus Cristo.

A expressão “fé em Cristo” também pode ser considerada como um caso genitivo subjetivo, significando “a fidelidade de Cristo”. Esta opção é geralmente preferida pelos defensores da Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei, que tendem a minimizar a clássica doutrina reformada da justificação somente pela fé. No entanto, linguisticamente, o cenário de um genitivo objetivo (“fé em Cristo”) é muito mais forte. Mark Seifrid conclui: “Quando Paulo fala “a fé de Cristo”, ele se refere à fé que tem Cristo como seu objeto, particularmente porque em nenhum lugar ele fala da fidelidade de Cristo em termos claros”.10

A referência de Paulo às “obras da lei” inclui, mas não se limita à lei cerimonial do Antigo Testamento.11 Recentemente, alguns estudiosos têm procurado restringir o conceito paulino de observância da lei aos aspectos cerimoniais como a circuncisão e as leis alimentares – os chamados marcadores de fronteiras étnicas, que distinguiam os judeus dos gentios. Tais eruditos defendem o parecer de que o argumento de Paulo contra Pedro tinha mais a ver com obediência ao ritual do que com justiça moral. Todavia, no decorrer da longa polêmica de Paulo contra o legalismo, seu ponto de vista fica claro: o problema da justificação pelas obras inclui tanto as cerimônias rituais quanto os supostos feitos morais (cf. Rm 2.6-29; Fp 3.2-9). As “obras da lei”, então, “sempre se referem primordialmente ao que a lei exige em geral e em sua totalidade”.12 E Paulo “opõe-se à falsa opinião que supõe que tais obras contribuam para uma

posição favorável perante Deus, seja pessoal, seja nacionalmente”.13

Um exemplo impressionante da típica atitude judaica em relação à lei como um meio de justificação vem do epitáfio de um túmulo do primeiro século:

Aqui jaz Regina [...] Ela voltará a viver, voltará à luz. Ela pode esperar que se levantará para a vida prometida, como uma verdadeira garantia, pois foi digna e piedosa e mereceu possuir uma morada na terra abençoada. Esta tua piedade te assegurou, esta tua vida casta, este teu amor pelo teu povo, esta tua observância da Lei, a tua devoção ao teu matrimônio, cuja glória te era preciosa. Por todas essas ações, sua esperança para o futuro está assegurada.14

Como essa inscrição indica – e ao contrário do que dizem os que defendem a Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei –, o judaísmo do primeiro século era, em geral, uma religião da lei, e não da graça. E, quando a teologia judaizante começou a infectar a igreja do Novo Testamento, Paulo replicou ao afirmar (como Martinho Lutero faz mais tarde no contexto da Reforma Protestante) que qualquer um que acredita ser capaz de obter a aceitação de Deus por meio do cumprimento da lei ou de qualquer parte dela, está aprisionado a uma forma de legalismo que destrói a alma. Ele (ou ela) está tentando ser justificado por meio da observação daquilo que a lei ordena. No entanto, quando se trata de ser aceito por Deus, observar a lei é completamente descartado. Aqui Paulo faz uma distinção absoluta entre a salvação pelas obras da lei e a salvação pela fé em Cristo. A observância da lei não pode justificar ninguém.

Não há nada de errado com a lei em si, a qual vem do caráter justo de Deus. Como Paulo disse aos romanos, “a lei é santa; e o mandamento é santo, e justo, e bom” (Rm 7.12). O problema com a lei é a nossa iniquidade. A razão pela qual não podemos ser justificados pela lei é que não podemos guardá-la. Ainda que pudéssemos cumprir os mandamentos de Deus externamente, nós os quebramos internamente: “Nenhuma ação humana, independentemente de quão bem motivada e sinceramente realizada, pode alcançar o tipo de posição diante de Deus que resulta no veredicto de justificação”.15

Felizmente, existe outro modo para sermos justificados, o qual é pela fé. Aqui, Paulo não está falando sobre fé em geral. O presidente Eisenhower disse certa vez que seu país, Estados Unidos da América, “está fundamentado em uma fé

religiosa profundamente sentida – e eu não me importo com o que ela é".16 Ike talvez não tenha se importado, mas Paulo certamente sim. Para ele, o importante é no que acreditamos, e não o simples fato de acreditarmos.

Devemos crer em Jesus Cristo. Paulo diz isso três vezes neste versículo. Devemos colocar a nossa fé "em Jesus Cristo", "em Cristo Jesus", "em Cristo" (Gl 2.16 - NVI). A fé é uma entrega plena a Jesus Cristo, uma aceitação completa de tudo o que ele é e tudo o que fez para nossa salvação. A fé justifica porque se agarra em Cristo, e Cristo é o que nos faz justos com Deus. Somos aceitáveis a Deus – não por guardar a lei nós mesmos, mas confiando no único homem que sempre a guardou, Jesus Cristo. A doutrina da justificação pode ser expressa nestes termos gerais: nos tornamos justos diante de Deus, não observando a lei, mas somente confiando em seu Filho.

Em segundo lugar, Paulo declara a doutrina da justificação em termos pessoais: "também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei" (Gl 2.16). Aqui Paulo lembra Pedro que ele mesmo se tornou cristão ao depositar sua fé em Jesus Cristo (cf. Mt 16.16). Ele sabia por experiência que, tratando-se de lidar com sua natureza pecaminosa, guardar a lei não ajudou. Certamente não o impediu de negar a Cristo. Nem poderia remover a mancha de sua culpa. Somente Jesus Cristo poderia fazer isso, e somente por meio de sua morte salvadora, e é por isso que Pedro confiou nele para a salvação.

Note que a fé justificadora é uma fé pessoal. Justificação pela fé não é simplesmente um princípio geral sobre o caminho da salvação; é um chamado para fazer um compromisso pessoal com Jesus Cristo. A pergunta é: você renunciou a todos os seus próprios esforços de salvar a si mesmo, pedindo, em vez deles, a Deus para salvar-lhe por meio de Jesus Cristo?

Por fim, Paulo declara a doutrina da justificação em termos universais. Seu argumento culminou neste clímax: "por obras da lei, ninguém será justificado" (Gl 2.16). O que é amplamente verdadeiro e deve tornar-se pessoalmente verdadeiro, também é universalmente verdadeiro.17 O que era verdadeiro para Pedro e Paulo é verdadeiro para todos, especialmente para todos os gentios. Se alguém poderia ser salvo pela lei, este seria um judeu natural. Portanto, se era impossível que os apóstolos fossem justificados dessa maneira, embora fossem judeus, a conclusão é que é impossível para qualquer pessoa obter justificação dessa maneira. Quão absurdo era um homem como Pedro obrigar os gentios a

cumprir a mesma lei na qual ele deixara de confiar para sua própria salvação.

Esse princípio, que a justificação não pode vir das obras, é o que distingue o cristianismo das demais religiões. Outras religiões tentam alcançar a excelência suprema escalando o trono de Deus por meio do esforço humano, mas a Bíblia diz que não podemos chegar a Deus dessa maneira. Na verdade, Martinho Lutero explicou que, se tentarmos merecer a graça por nossas obras, estamos simplesmente "tentando aplacar Deus com pecados".18 Lutero queria dizer que até nossas melhores obras estão contaminadas por motivos malignos. Paulo tinha aprendido esse princípio universal no Antigo Testamento, porque está praticamente citando um dos salmos de Davi: "Não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não há justo nenhum vivente" (Sl 143.2). Ou, como Paulo traduz, "por obras da lei, ninguém será justificado" (Gl 2.16). A depravação total se estende a toda a humanidade.

Portanto, tornar-se um cristão significa admitir que você não pode ser salvo pelas coisas boas que faz. Os gálatas ficaram tentados a ganhar o favor de Deus ao serem circuncidados. Esta não é mais uma tentação para a maioria dos cristãos, mas muitas outras coisas são. Ir à igreja, ler a Bíblia, participar da Ceia do Senhor, doar à caridade – essas coisas nunca nos levarão ao céu. Nem mesmo tornar-se um mártir pela causa de Cristo nos habilita a tal.

Não há maneira de se acertar com Deus, exceto por meio da fé em Cristo. Nas palavras de Lutero,

Agora, o verdadeiro significado do cristianismo é este: que um homem reconhece, por meio da Lei, que é um pecador, para quem é impossível realizar qualquer obra boa [...] Se você quer ser salvo, sua salvação não vem pelas obras; mas Deus enviou seu único Filho ao mundo para que vivamos por meio dele. Ele foi crucificado e morreu por ti e carregou os teus pecados em seu próprio corpo.19

Qualquer um que acredita nisto é um cristão. E qualquer um que seja cristão tem de viver como tal, e isso inclui ter comunhão com todos os outros que foram salvos pela mesma graça. Uma bela ilustração disso vem da vida e do ministério de William Carey (1761-1834), o grande missionário batista da Índia. A cultura indiana era dominada pelo rígido sistema de castas hindu, sob o qual membros

de diferentes classes sociais não eram autorizados a compartilhar uma refeição comum. O inovador marco de Carey aconteceu quando seu primeiro convertido, um homem chamado Krishna Pal, rejeitou sua casta e começou a jantar com os missionários. Um dos colegas de Carey exclamou: “Assim, a porta da fé está aberta aos gentios. Quem a fechará? A corrente das castas está quebrada: quem a consertará?”20

A porta da fé está aberta em todo e qualquer lugar em que os cristãos aceitem um ao outro sob o mesmo fundamento em que Deus os aceitou: pela graça somente, pela fé somente, em Cristo somente.

Notas

* A Cotton Patch Bible trata-se de uma versão de passagens bíblicas, escrita por Clarence Jordan, que reconta as histórias como se fossem vividas nos dias atuais, na área rural da Georgia, nos Estados Unidos. (N. da T.)

1 HALBERSTAM, David. October 1964 (Nova York: Villard, 1994), 220–21.

2 JEREMIAS, Joachim. New Testament Theology: The Proclamation of Jesus (Londres: SCM, 1971), 115.

3 The Book of Jubilees 22.16, In: DUNN, James D. G. The Epistle to the Galatians, Black's New Testament Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1993), 119.

4 MACHEN, J. Gresham. The Origin of Paul's Religion (Nova York: Macmillan, 1921), 100.

5 WITHERINGTON III, Ben. Grace in Galatia: A Commentary on Paul's Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 132.

6 EPICTETUS. "The Discourses," In: The Stoic and Epicurean Philosophers, org. Whitney J. Oates (Nova York: Random House, 1940), 2:9.

7 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 56.

8 MURRAY, Andrew E. Presbyterians and the Negro: A History (Filadélfia: Presbyterian Historical Society, 1966), 62.

9 Ao contrário de N. T. Wright e outros defensores da Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei, a justificação não é uma declaração de que alguém pertence à comunidade da aliança. Este é outro exemplo claro de como a Nova Perspectiva confunde a eclesiologia com a soteriologia. Veja HAGNER, Donald A. "The Law in Paul's Letter to the Galatians," Modern Reformation 12.5 (Set./Out. 2003): 38.

10 SEIFRID, Mark A. Christ, Our Righteousness: Paul's Theology of Justification, New Studies in Biblical Theology (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000), 142. Veja também SILVA, Moises. "Faith Versus the Works of the Law in Galatians," In: Justification and Variegated Nomism, Vol. 2, The Paradoxes of Paul, org. CARSON, D. A., SEIFRID, Mark A., e O'BRIEN, Peter T. (Tübingen: Mohr Siebeck, 2004).

11 Veja SEIFRID. Christ, Our Righteousness, 99–105, e também DAS, A. Andrew. Paul, the Law, and the Covenant (Peabody, MA: Hendrickson, 2001), 155–60.

12 DAS. Paul, the Law, and the Covenant, 158 (grifo no original).

13 SEIFRID. Christ, Our Righteousness, 99.

14 HORST, Pieter W. Van Der. "Jewish Funerary Inscriptions," Biblical Archaeology Review 18.5 (Set./Out. 1992): 55.

15 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 194.

16 EISENHOWER, Dwight David. In: SCHLOSSBERG, Herbert. Idols for Destruction (Wheaton, IL: Crossway, 1990), 251.

17 STOTT, Message of Galatians, 63.

18 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther’s Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:126.

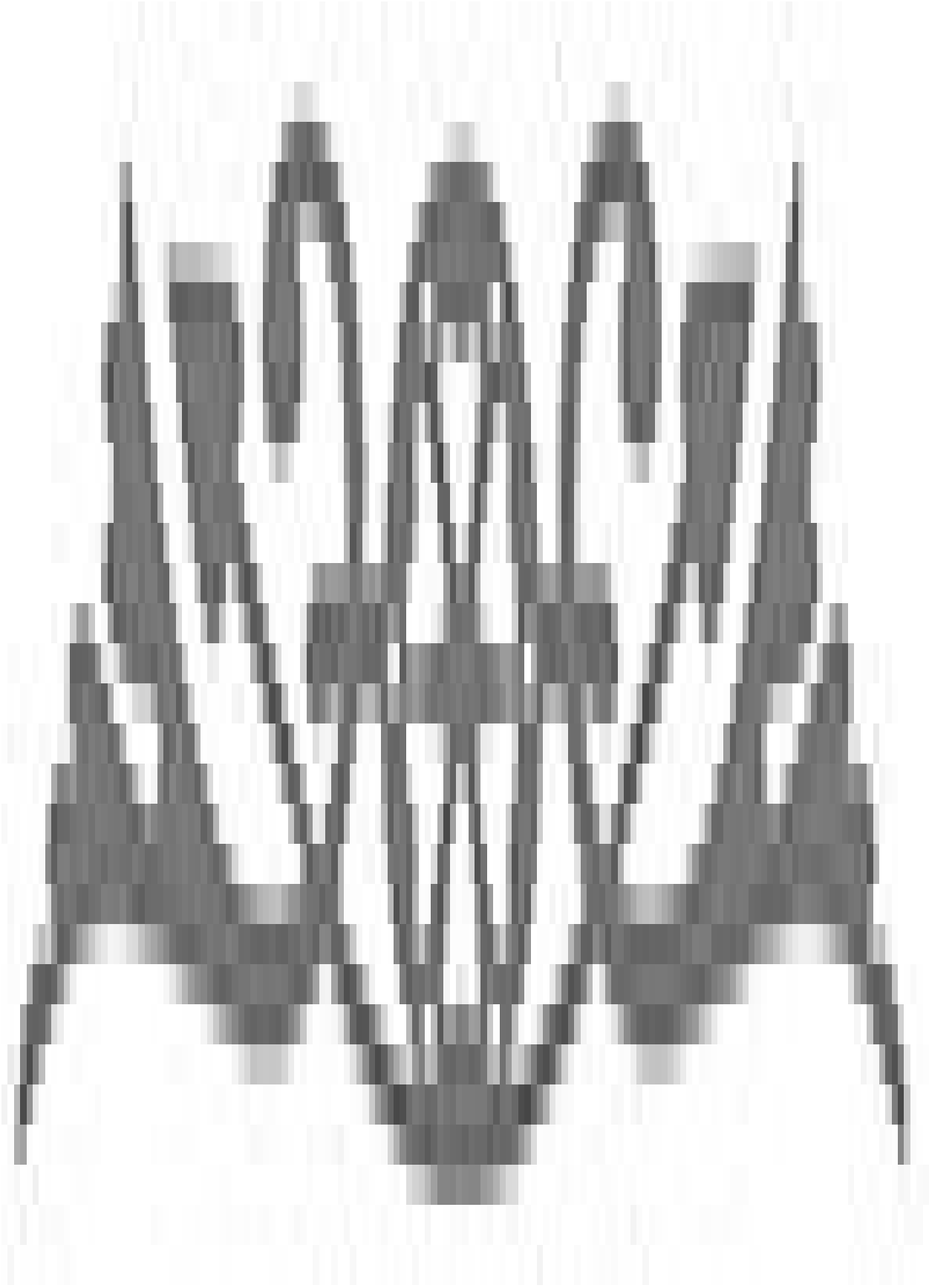
19 Ibid., 126.

20 WARD, William. In: GEORGE, Timothy. Faithful Witness: The Life and Mission of William Carey (Londres: InterVarsity, 1991), 130–31.

6

Morrer para viver

Gálatas 2.17-21



Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim (Gl 2.19-20).

O que Paulo disse em Gálatas 2.16 merece ser reiterado: “sabendo que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus”. Esta é a doutrina bíblica da justificação somente pela fé, somente em Cristo. Como disse João Calvino (1509-1564), “somos justificados de nenhuma outra maneira senão pela fé, ou, o que resulta na mesma coisa, [...] somos justificados somente pela fé”.1

“Justificação” é um termo legal que se refere à posição de uma pessoa perante o tribunal de justiça de Deus. A fim de ser declarado justo diante Deus, eu devo ser perfeito. Mas eu não sou perfeito; sou um pecador. Como, então, posso me justificar diante de Deus? Esta é a pergunta que a doutrina da justificação responde.

Justo pela fé

Seria difícil pensar em uma questão mais importante do que esta: como ser aceito por Deus? Certamente tal questão foi importante durante a Reforma, quando os protestantes defenderam a doutrina da justificação somente pela fé contra a doutrina católica romana da justificação pela fé mais obras. Martinho Lutero afirmou que “se a doutrina da justificação for perdida, toda a doutrina cristã estará perdida”.2

A justificação continua sendo uma doutrina vital em nossos dias, mesmo que muitos cristãos evangélicos não saibam o que ela significa ou nem se importem com isso. Para ilustrar isso, imagine um homem que, quando solicitado a explicar a diferença entre ignorância e apatia disse: “Eu não sei e não me importo!” e então o inquiridor responde: “Precisamente!” Ignorância e apatia são exatamente as palavras para descrever a atual atitude da igreja. Os cristãos não sabem e não se importam em conhecer a doutrina da justificação pela fé. Contudo, não há cristianismo verdadeiro sem ela. J. I. Packer escreveu certa vez: “A doutrina da justificação pela fé é como Atlas: carrega o mundo em seus

ombros, todo o conhecimento evangélico da graça salvadora". Packer continua e explica as consequências: "quando os protestantes deixam o pensamento da justificação evadir de suas mentes, o verdadeiro conhecimento da salvação vai embora com ele; e não será restaurado até que a verdade da justificação esteja de volta em seu devido lugar. Quando Atlas cai, tudo o que se sustentava em seus ombros cai também".3

A justificação é crucial para o cristianismo, mas é ainda mais para o cristão. É de suma importância pessoal entrar em um relacionamento correto com Deus. Como pode um Deus justo aceitar um indivíduo injusto como eu?

Parte da resposta está contida na última frase de Gálatas 2.16: "Por obras da lei, ninguém será justificado". No capítulo anterior, observamos que essa frase é uma citação do Antigo Testamento. É importante perceber que os escritores do Novo Testamento não citavam versículos aqui e acolá aleatoriamente. Antes, citavam versos em seus contextos bíblicos originais. Com frequência, uma única frase pretende lembrar uma passagem inteira do Antigo Testamento.

Isso é o que Paulo faz em Gálatas 2. O salmo citado começa com um problema. Davi é perseguido por inimigos e atormentado pela culpa. Ele pede a Deus que o liberte, mesmo sabendo que o que realmente merece é julgamento divino: "Atende, Senhor, a minha oração, dá ouvidos às minhas súplicas. Responde-me, segundo a tua fidelidade, segundo a tua justiça. Não entres em juízo com o teu servo, porque à tua vista não há justo nenhum vivente" (Sl 143.1-2).

Davi não desejava ser trazido ao tribunal da justiça de Deus, diante do qual nenhuma pessoa viva poderia ser absolvida, muito menos ele. No entanto, ainda assim, Davi apela a Deus por sua salvação, e a base para seu apelo foi a própria justiça de Deus. Davi pediu a Deus que viesse ao seu socorro, não porque ele era um homem reto – mas porque Deus é justo. Ele faz o mesmo apelo no final do salmo: "Vivifica-me, Senhor, por amor do teu nome; por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma" (Sl 143.11). Davi pediu para ser salvo por uma justiça que vem de Deus.

O Salmo 143 é um salmo para o pecador justificado, para um homem iníquo salvo pelo dom da justiça de Deus. Ao citar este salmo, Paulo mostrou que a resposta final de Deus à oração de Davi veio por meio de Jesus Cristo. Ninguém pode se acertar com Deus obedecendo a lei, porque ninguém é justo. Mas Jesus Cristo, o Justo, nos torna retos diante de Deus.

É assim que acontece. Quando colocamos a nossa fé em Jesus Cristo, Deus nos trata como se fôssemos tão justos quanto Jesus é. Deus credita em nosso favor a justiça dele. Para usar o termo apropriado, Deus "imputa" a justiça de Cristo a nós, de modo que o que Jesus fez por meio da cruz e do túmulo vazio conta para nós. A justificação é o ato judicial por meio do qual Deus perdoa pecadores, considerando-os justos por causa da justiça de Cristo. Quando justifica um pecador, Deus declara que, no que concerne a ele, esse pecador é justo como seu próprio Filho.

Esta doutrina da justiça imputada é tão importante que vale a pena tomarmos um tempo para defini-la. Martinho Lutero explicou-a da seguinte forma: "'Porque crê em mim', Deus diz, 'e sua fé se apodera de Cristo, a quem tenho dado a ti como teu Justificador e Salvador, seja, portanto, justo'. Assim, Deus o aceita ou o rejeita como justo, unicamente por causa de Cristo, em quem crês".4 Calvino escreveu: "É inteiramente por meio da intervenção da justiça de Cristo que obtemos a justificação diante de Deus. Isto equivale a afirmar que o homem não é apenas em si mesmo, mas que a justiça de Cristo lhe é comunicada por imputação, embora seja estritamente merecedor de punição".5 Do mesmo modo, o Breve Catecismo de Westminster define a justificação como "um ato da livre graça de Deus, por meio do qual ele perdoa todos os nossos pecados, e nos aceita como justos diante de si, somente por causa da justiça de Cristo a nós imputada, e recebida só pela fé" (resposta à pergunta 33). Uma explicação ainda mais completa vem do Catecismo de Heidelberg, que pergunta: "De que maneira és justo diante de Deus?" A resposta é:

Somente pela verdadeira fé em Jesus, de tal modo que ainda que minha consciência me acuse de haver pecado gravemente contra os mandamentos de Deus, não havendo guardado nenhum deles, e estando sempre inclinado a todo mal, sem merecimento algum, exclusivamente por sua graça, Deus me perdoa e me concede a perfeita expiação, a justiça e a santidade de Cristo, como se não tivesse cometido pecado algum, como se eu mesmo houvesse cumprido a obediência que Cristo cumpriu por mim, desde que abracei tais graças e benefícios com verdadeira fé. (Resposta à pergunta 60)

Objeção: o problema do pecado

A doutrina da justificação pela fé levanta um problema óbvio. Se por sua livre

graça Deus já nos declarou justos, então por que se preocupar em tornar-se uma pessoa melhor? Que incentivo temos de viver para Deus? A doutrina da justificação parece irresponsável. De fato, soa como ganhar na loteria espiritual. Se Deus dá a retidão de graça, quem voltará a trabalhar para ele?

Paulo antecipa essa objeção, fazendo-a parte do seu argumento. "[...] se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado?" (Gl 2.17). Essa é uma questão pertinente e, pelo modo como a apresenta, Paulo parece ter algo específico em mente. A pista é a palavra "pecadores", que Paulo usou no versículo 15 para sinalizar a atitude dos judeus em relação aos gentios. Os gentios eram "pecadores", não tanto por serem imorais, mas porque viviam fora dos limites da lei. De acordo com os judaizantes, este era precisamente o problema com Pedro e Paulo: haviam se tornado fora da lei. Em seus hábitos pessoais, eles viviam como pecadores gentios e não como judeus. Antes, costumavam seguir a lei em todos os seus detalhes. Agora, faziam coisas como comer alimentos impuros com gentios não circuncidados.

Daí vem a acusação de que estavam fazendo de Jesus um servo do pecado, quase como se ele fizesse um trabalho promocional para o diabo. Pedro e Paulo haviam buscado ser justificados pela fé em Cristo. Isso incluía desistir da lei como forma para se acertar com Deus. Embora antes tenham sido judeus observadores da lei, agora estavam afundando ao nível dos pagãos. Quando os judaizantes descobriram que Pedro e Paulo viviam como "pecadores gentios", chegaram à conclusão óbvia: ser justificado pela fé leva as pessoas a pecarem em nome de Cristo. E se Pedro e Paulo fossem culpados desta acusação, então os gentios também o seriam. Eles haviam chegado à fé em Cristo, mas ainda viviam como pecadores (pelo menos eram assim designados). Alguém precisava cobrar deles um padrão moral mais alto, e os judaizantes eram exatamente os homens apropriados para tal tarefa.

Qual é a melhor maneira de responder a essa linha de pensamento? Deve-se admitir que os cristãos nem sempre fazem propaganda positiva do cristianismo. Se este é o caso, é útil lembrar que, por definição, todos os cristãos são pecadores. Martinho Lutero disse: "Um cristão não é alguém que não tem pecado ou não sente pecado; ele é alguém a quem, por causa de sua fé em Cristo, Deus não imputa seu pecado".6 Esta é a diferença crucial. Os cristãos também são pecadores, mas seus pecados não contam contra eles. Sendo assim, com a possível exceção do sistema prisional, a igreja é a única instituição no mundo

para pessoas más.

Contudo, isso não significa que o próprio Deus esteja engajado com o pecado. “Certo que não!”, Paulo diz (Gl 2.17). Deus nos livre! Ou para colocar no vernáculo, “De jeito nenhum!” Que se afaste terminantemente o pensamento de que Cristo é um “servo do pecado”, como se a graça dele fosse de alguma forma a culpada pela minha culpa. Quando Deus justifica pecadores pela fé, ele não apoia ou instiga seus pecados. A própria sugestão disso é blasfêmia. Deus não pode pecar (Tg 1.13), nem pode ser responsabilizado pelo meu pecado. Se eu continuo pecador depois de me tornar cristão, não é culpa de ninguém, exceto minha própria.

A doutrina que realmente promove o pecado é a da justificação pela lei, e não a da justificação pela fé. Paulo mostra isso usando o argumento de seus oponentes contra eles: “Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me constituo transgressor” (Gl 2.18). Como veremos, quando Paulo falou de edificar o que destruiu, ele se referia à lei do Antigo Testamento, que havia derrubado ao pregar o evangelho de Jesus Cristo. Então o que aconteceria se alguém tentasse reconstruir a lei? Era exatamente isso que Pedro tentou fazer em Antioquia. Num primeiro momento, ele havia destruído a lei ao acolher os gentios na igreja como cristãos de pleno direito. Mas depois, se permitiu ser pressionado a apartar-se deles. De fato, Pedro estava edificando com uma mão o que havia destruído com a outra. Primeiro, disse aos gentios que eles eram salvos pela fé, não pelas obras; mas então fez das obras da lei um teste de comunhão cristã.

Isso não é apenas o que Pedro fez, mas é também o que os gálatas estavam tentados a fazer. Alguns judeus vieram para incitá-los a reconstruir a lei no lugar do evangelho. Se os gálatas fizessem isso, voltariam a ser violadores da lei. O propósito da lei é mostrar que somos pecadores, portanto, quanto mais a reconstruímos, mais pecadores nos tornamos. Nas palavras de F. F. Bruce, “qualquer um que, tendo recebido a justificação pela fé em Cristo, reestabelecer a lei em lugar de Cristo, torna-se mais uma vez um pecador”.7 Reedificar a lei é, na verdade, transgredi-la, pois não podemos guardá-la em sua perfeição.

Morto para a lei

Em Cristo, a lei foi destruída como uma maneira de obtermos justiça diante de Deus. E agora que foi derrubada, a lei precisa permanecer caída. Isso tem

profundas implicações pessoais. “[...] eu, mediante a própria lei, morri para a lei”, escreveu Paulo, “a fim de viver para Deus” (Gl 2.19).

A primeira pergunta a se fazer sobre este versículo é: O que significa “morrer para a lei”? Observe que a lei não é o que morre. Em vez disso, Paulo é quem morre com respeito à lei. Essa é uma coisa surpreendente para um ex-fariseu dizer. Quando Paulo era fariseu, ele vivia para a lei, mas agora que é cristão, está morto para ela. Ou seja, ele não está mais sob o seu poder. Calvino disse: “Morrer para a lei é renunciá-la e ser liberto de seu domínio, para que não tenhamos confiança na lei e ela não nos mantenha cativo sob jugo da escravidão”.8

Mas então surge outra pergunta: como alguém pode morrer para a lei mediante a própria lei? Parece que faria mais sentido se Paulo dissesse algo como: “Mediante o evangelho morri para a lei, para que eu possa viver para Deus”. Em vez disso, ele diz que foi a própria lei que o persuadiu a abandonar a lei.

Há várias maneiras de entender isso. Talvez Paulo tenha dito que a lei “o matou”, na medida em que mostrou que ele era um pecador. Esse é um ponto de vista que ele certamente declara em outra ocasião (Rm 7.9-11). A lei não pode salvar. Tudo o que ela pode fazer é nos condenar, provando que não podemos guardá-la. Nas palavras do velho comentarista escocês John Brown (1784-1858), o cristão deve, portanto, deixar de “esperar justificação e salvação obedecendo às suas requisições”.9 A lei não pode prometer vida; só pode ameaçar com a morte. Assim, é mediante a lei que alguém morre para a lei.

Todavia, existe outra possibilidade, que é baseada na penalidade da lei. Lembre-se de que a lei veio juntamente com uma maldição mortal. Qualquer um que não conseguisse cumprir tudo o que as leis de Deus exigiam (e observe que em Gálatas 2.19 Paulo se refere a toda a lei de Deus, não apenas à lei cerimonial, como diz a Nova Perspectiva de Paulo e da lei) estaria condenado à morte. Então, o pior que a lei poderia fazer a um homem seria matá-lo. No entanto, uma vez que a lei tenha executado a sua pena de morte, não há nada mais que possa fazer. Um homem só pode ser executado uma única vez e, uma vez morto, a lei não tem mais poder algum sobre ele. Talvez seja por isso que Paulo se considerou morto para a lei: porque a lei já o havia condenado à morte.

Agora, quanto ao cristão, a pena da lei já foi cumprida. A exigência de morte da lei foi satisfeita na morte de Cristo. Foi a lei que levou Cristo à morte na cruz.

Quando Cristo morreu, Paulo também morreu, pelo menos no que diz respeito à lei. Ele morreu para a lei na morte de seu substituto. Essa é a base de sua declaração triunfante: “Mediante a própria lei, morri para a lei” (Gl 2.19).

Vivo em Cristo

Depois de escrever seu próprio obituário, Paulo explica as circunstâncias de seu falecimento: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.19-20). Aqui, o apóstolo indica quando morreu para a lei: ele morreu para a lei quando Cristo morreu na cruz.

Este texto revela algo muito surpreendente sobre a cruz. Mostra que pelo menos quatro coisas foram pregadas na cruz do Calvário. Obviamente, uma delas é o próprio Jesus, através de suas mãos e pés. Como os registros mostram claramente, ele foi condenado a morrer crucificado, sendo cravado no madeiro. Também preso à cruz com um martelo e um prego, estava o anúncio público que dizia: “Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus” (Jo 19.19). A terceira coisa que foi pregada à cruz foi a dívida do nosso pecado. Paulo explicou isso aos colossenses: “Deus perdoou todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz” (Cl 2.13-14). O escrito da dívida era a lei de Deus, que nos condena ao listar todos os nossos pecados; tal escrito Deus cancelou, pregando-o na cruz.

Mas aqui está a surpresa: se você é um seguidor de Cristo, então você foi pregado à cruz também. A crucificação não é apenas um fato sobre a vida de Cristo e um evento importante na história humana, mas também faz parte da história pessoal de cada cristão. O puritano de Cambridge William Perkins (1558-1602) disse: “Devemos pensar e meditar ao considerar Cristo crucificado: primeiro, devemos crer que ele foi crucificado por nós. Feito isto, devemos ir além e, como se nos espalhássemos na cruz de Cristo, devemos crer e contemplar a nós mesmos crucificados com ele”.10

Não se confunda: Jesus Cristo morreu uma vez por todas. Somente ele foi o Deus-homem, de modo que somente ele poderia expiar os pecados do mundo ao oferecer sua vida em nosso lugar. No entanto, a Escritura também diz que o cristão foi crucificado com Cristo. O tempo perfeito é usado pela Palavra para mostrar que isso é algo que real e verdadeiramente aconteceu, como se nós

tivéssemos sido pregados ao próprio madeiro do Calvário. Esta não é uma experiência subjetiva na vida do crente, mas uma realidade objetiva que se baseia no relacionamento do crente com Cristo. Mark Seifrid escreve: “Paulo não tem em vista apenas a sua vida interior, mas toda a sua pessoa e história, que agora foi manifestamente tomada pela cruz e ressurreição de Cristo”.11

Sobre a surpreendente verdade de que o cristão fora crucificado em Cristo repousa a mais magnífica de todas as doutrinas: a união com Cristo, a qual o teólogo escocês John Murray (1898-1975) chamou de “a verdade central de toda a doutrina da salvação”.12 Tal doutrina é encontrada em toda parte no Novo Testamento. Repetidamente, a Escritura ensina que o cristão está em Cristo. Para usar a categoria teológica apropriada, o cristão está unido a Cristo.

A maneira pela qual alguém se une a Cristo é pela fé. Paulo disse isso no versículo 16: “também temos crido em Cristo Jesus”. Uma vez que colocamos nossa fé em Cristo, então nós estamos em Cristo. Nossa união com Cristo se torna uma realidade espiritual. Martinho Lutero disse: “Pela [fé] você está tão cimentado a Cristo que ele e você são como uma pessoa, que não pode ser separada, mas permanece ligada a ele para sempre”.13

A razão pela qual a união com Cristo é uma doutrina tão magnífica é que uma vez que estamos em Cristo pela fé, então tudo o que Cristo fez se torna algo que nós fizemos. É como se tivéssemos vivido sua vida perfeita e morrido sua morte dolorosa. É como se tivéssemos sido sepultados em seu túmulo e então erguidos até o seu glorioso céu (Rm 6.3-5). Deus nos liga aos eventos da vida de Cristo para que eles se tornem parte de nossas vidas. A história dele – a história da cruz e do túmulo vazio – torna-se a nossa história.

A única maneira de conseguir o que Cristo tem para oferecer é estar unido a ele por meio da fé. Calvino disse: “Devemos entender que enquanto Cristo permanecer fora de nós, e estivermos separados dele, tudo que ele sofreu e fez para a salvação da raça humana permanece inútil e de nenhum valor para nós”.14 Mas uma vez que nos unimos a Cristo, então recebemos tudo o que ele tem para oferecer, especialmente a sua justiça. Quando estamos em Cristo, Deus nos considera justos como o seu Filho, não porque somos justos, mas porque estamos em Cristo.

A doutrina da união com Cristo explica por que o cristão está morto para a lei. Nós fomos unidos a Cristo em sua crucificação. Para Deus, real e

verdadeiramente fomos pregados na cruz com Cristo. Foi na cruz que a lei executou a sua pena de morte contra nós. Portanto, no que diz respeito à lei, estamos agora mortos. Não há nada que a lei possa fazer para melhorar a nossa posição diante de Deus. Podemos viver para Cristo porque estamos mortos para a lei.

Não apenas estamos mortos para a lei, mas é quase como se tivéssemos deixado totalmente de viver: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.19-20). Paulo está dizendo algo como isto: “Já não tenho mais vida própria. A única vida que tenho é a vida que Deus coloca em mim por meio de Jesus Cristo”.

Seria difícil imaginar um texto mais antitético à nossa cultura contemporânea. Considere estas palavras da atriz Shirley MacLaine:

A mais agradável jornada à qual você se submete é através de si mesmo [...] O único envolvimento de amor duradouro é consigo mesmo [...] Quando você olha para trás em sua vida e tenta descobrir onde esteve e para onde está indo, quando você olha para o seu trabalho, seus amores, seus casamentos, seus filhos, sua dor, sua felicidade – quando examina tudo isso bem de perto, o que descobre mesmo é que a única pessoa com quem você realmente vai para a cama é você mesmo. A única pessoa que você realmente veste é você mesmo. A única coisa que você deve fazer é trabalhar para a consumação de sua própria identidade.15

As palavras de MacLaine captam o espírito dessa era egoísta. Modernos e pós-modernos estão obcecados consigo mesmos. Autoestima, autoaperfeiçoamento, autorrealização, autoindulgência – o que você quiser, desde que comece com “auto”.

Nestes tempos de egocentrismo, a Bíblia anuncia a morte do ego: “Já não sou eu quem vive” (Gl 2.20). O mundo não gira mais em torno de mim. Eu não sou mais dominado por pensamentos de meu próprio prazer e prestígio. Se eu de fato tenho uma vida, tão somente é a vida que Cristo vive em mim.

Isso não significa que se tornar um cristão é uma espécie de suicídio. Nós ainda temos uma existência física normal, é claro, o que Paulo chama de “esse viver que, agora, tenho na carne” (Gl 2.20). Uma vez que é o viver que eu tenho, eu de

fato tenho um ego. Mas o único “eu” que tenho é aquele que está unido a Cristo pela fé. Minha vida é a vida que Cristo “vive em mim”, a vida que “vivo pela fé no Filho de Deus” (Gl 2.20).

Esse é o mistério da presença interior de Cristo pelo Espírito Santo. Os teólogos têm tentado explicar este mistério de várias maneiras. Calvino disse que o cristão “não vive por sua própria vida, mas é animado pelo poder secreto de Cristo, para que se possa dizer que Cristo vive e cresce nele”.16 O teólogo irlandês Henry Scougal (1650-1678) chamou-o de “a vida de Deus na alma do homem”.17 Uma coisa que isso significa é que tornar-se cristão é a melhor e única maneira de descobrir a nossa identidade. Nunca encontraremos nosso verdadeiro eu até que nos encontremos em Cristo. Nossa identidade é estabelecida por nossa união com Cristo. Nós não temos ego algum, exceto o eu que temos nele. Assim, ter uma “autoimagem saudável” é enxergar a nós mesmos como somos em Cristo.

Cristo morreu por alguém

A união com Cristo fornece resposta à pergunta que sugerimos anteriormente: Se Deus justifica pessoas más, então por que ser bom? A justificação somente pela fé não é uma doutrina perigosa, que encoraja as pessoas a serem imorais?

A resposta é “Certo que não!” A doutrina da justificação pela fé não promove o pecado porque fé justificadora nos une a Cristo, e, quando estamos em Cristo, nos tornamos pessoas novas. Não somos simplesmente justificados pela fé; também vivemos pela fé. Pela fé, estamos no Cristo crucificado. Pela mesma fé, Cristo vive em nós. Uma vez que vivemos em Cristo, já não vivemos no pecado. Vivemos em Cristo, por Cristo, e por meio de Cristo para a glória de Deus.

A vida cristã é como a vida após a morte. Fomos crucificados com Cristo, mortos tanto para a lei quanto para nós mesmos. Mas ainda estamos unidos a Cristo pela fé. Portanto, nossa história não terminou na cruz, mas foi além, até o túmulo vazio. Assim como Jesus foi trazido de volta à vida em sua ressurreição, também nós fomos ressuscitados dentre os mortos. Deus nos deu toda uma nova vida para viver para ele, uma vida de fé que responde ao amor.

Se isso não é o cristianismo, então o cristianismo simplesmente não existe, e é com este ponto que Paulo conclui a primeira grande parte de sua carta: “Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu

Cristo em vão” (Gl 2.21). J. Gresham Machen identificou esse verso como

o versículo-chave da Carta aos Gálatas; ele expressa o pensamento central da carta. Os judaizantes tentaram suplementar a obra salvífica de Cristo pelo mérito de sua própria obediência à lei. Isso, diz Paulo, é impossível; Cristo fará tudo ou nada: conquiste sua salvação se a sua obediência à lei for perfeita, ou então confie inteiramente na obra completa de Cristo; você não pode fazer ambos; você não pode combinar mérito e graça; se a justificação, mesmo na menor medida, for pelo mérito humano, então Cristo morreu em vão.18

Apenas para fins de argumentação, assuma que há outra forma para ser justificado, além da obra de Cristo. Suponha que haja algum outro procedimento para se justificar diante de Deus. Imagine, p. ex., que aquilo que os oponentes de Paulo diziam fosse verdade, que Deus nos aceitará somente se guardarmos a lei de Moisés, formos circuncidados e tudo mais. Agora explique por que Cristo morreu na cruz. Obviamente não para justificar pecadores, porque isso é algo que os pecadores devem fazer por si mesmos. A cruz é necessária somente na medida em que tem o poder de trazer os pecadores a um relacionamento correto com Deus.

O ponto de Paulo é que, se é possível ser justificado pela prática da lei, então não havia razão para que Cristo fosse crucificado. Sua morte foi inútil. Seu trabalho foi em vão. Sua cruz foi desnecessária. Pois se nossas próprias obras podem nos salvar, então a morte de Cristo foi supérflua. Ou talvez a morte de Cristo fosse insuficiente, de modo que, quando ele ficou pendurado, morrendo na cruz, e disse: “Está consumado” (Jo 19.30), não estava tudo realmente consumado. Ou a salvação vem por meio da obra acabada de Jesus Cristo, ou vem por meio do esforço humano, mas jamais pelos dois. Se podemos ser salvos por nossas próprias obras, então Jesus foi um falso Messias que morreu uma morte sem valor em uma cruz sem sentido.19

A ideia de que Cristo morreu por nada é escandalosa, claro. Lutero considerou “uma blasfêmia intolerável e horrível pensar em alguma obra que você supõe que aplacará a Deus, quando você vê que ele não pode ser aplacado, exceto por esse preço imenso e infinito, a morte e o sangue do Filho de Deus, do qual uma gota é mais preciosa do que toda a criação”.20 De fato, qualquer um que tenta adicionar obras à fé trata Jesus exatamente da maneira que seus inimigos o

trataram quando estava morrendo na cruz. Timothy George escreve que “se acrescentarmos obras da lei ao sacrifício da cruz, então, certamente, zombamos da morte de Jesus, assim como os soldados que cuspiram nele, os ladrões que lançavam insultos contra ele e a multidão que gritava ‘desça da cruz!’”21

É exatamente isso que os judaizantes estavam fazendo. Eles acrescentavam obras à fé como base para serem justificados diante de Deus. Fazendo isso, diziam que Cristo morreu por nada. Eles anulavam a graça de Deus. Mas se houve algo que o apóstolo Paulo absolutamente se recusou a fazer foi anular a graça de Deus. Ele tinha se achegado a Cristo por meio da fé, não das obras. Ele entendeu que voltar agora e argumentar que a lei pode salvar os pecadores seria negar o poder salvador da cruz. Por si só, a cruz prova que toda a justificação vem pela graça, por meio da fé, e não pelas obras. Se a justiça do Cristo crucificado não for aceita, então a graça de Deus deve ser ab-rogada. Para que a salvação seja somente pela graça, somente por meio da fé, ela deve vir somente de Cristo. Caso contrário, Cristo morreu por nada.

Cristo morreu por alguma coisa, é claro. Ou, para ser mais preciso, Cristo morreu por alguém. Ele morreu por mim. Observe os termos intensamente pessoais que Paulo usa para descrever seu relacionamento com Jesus Cristo. Embora Jesus seja o próprio Filho de Deus, ele “me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.20). O mesmo Deus que amou o mundo me ama, individual e especificamente. Ele não apenas me ama, mas também se entregou por mim quando morreu por meus pecados na cruz. Jesus, livre e voluntariamente, se ofereceu para ser meu Salvador. Eu, pessoalmente, fui crucificado com o Cristo que morreu, pessoalmente, por mim. O amor divino não é um conceito abstrato. É uma afeição apaixonada que se expressa por meio de ação sacrificial.

Quando John Wesley (1703-1791) veio à fé em Cristo, essa verdade causou uma impressão profunda e duradoura sobre ele. Em seu diário, ele descreve como era chegar ao final do segundo capítulo do Comentário de Lutero sobre Gálatas: “Trabalhei, esperei e orei para sentir quem ‘me amou e se entregou por mim’”.22 Wesley descobriu que esses versículos valiam o esforço, o que também acontece com todo aquele que vem a Cristo pela fé, se unindo a ele em sua crucificação, e assim recebendo a livre graça do Deus amoroso.

Notas

1 CALVINO, João. In: SPROUL, R. C. Faith Alone: The Evangelical Doctrine of Justification (Grand Rapids: Baker, 1995), 173.

2 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:9.

3 PACKER, J. I. "Introductory Essay," In: BUCHANAN, James. The Doctrine of Justification: An Outline of Its History in the Church and of Its Exposition from Scripture (Edimburgo: Banner of Truth, 1961), vii.

4 LUTERO, Martinho. In: SEIFRID, Mark A. "Paul, Luther, and Justification in Gal. 2:15–21," Westminster Theological Journal 65.2 (Fall 2003): 221.

5 CALVINO, João. In: SPROUL, Faith Alone, 93.

6 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:133.

7 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 142.

8 CALVINO, JOÃO. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin's New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 42.

9 BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 96.

10 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 124.

11 SEIFRID, Mark. “Paul, Luther, and Justification in Gal. 2:15–21,” 221.

12 MURRAY, John. Redemption Accomplished and Applied (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), 161.

13 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:168.

14 CALVINO, João. Institutes of the Christian Religion, trad. BATTLES, Ford Lewis. 2 vols., Library of Christian Classics 20–21 (Filadélfia: Westminster, 1960), 1:537 (3.1.1).

15 MACLAINE, Shirley. In: FAIRLIE, Henry. The Seven Deadly Sins Today (Washington: New Republic, 1978), 31–32.

16 CALVINO, João. Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, 42.

17 SCOUGAL, Henry. The Life of God in the Soul of Man (Londres, 1677; reimp. Fearn, Ross-shire: Christian Focus, 1996).

18 MACHEN, J. Gresham. Machen’s Notes on Galatians, org. SKILTON, J. (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1973), 161.

19 É difícil ver como Gálatas 2.21 poderia ser compatível com a Nova Perspectiva sobre Gálatas. A alegação de que “se a justificação fosse por meio da lei, então Jesus morreu sem propósito” só faz sentido quando a justificação lida

com nossa posição perante Deus, e não quando se relaciona primordialmente com a aceitação dos gentios na igreja por parte dos judeus.

20 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:176.

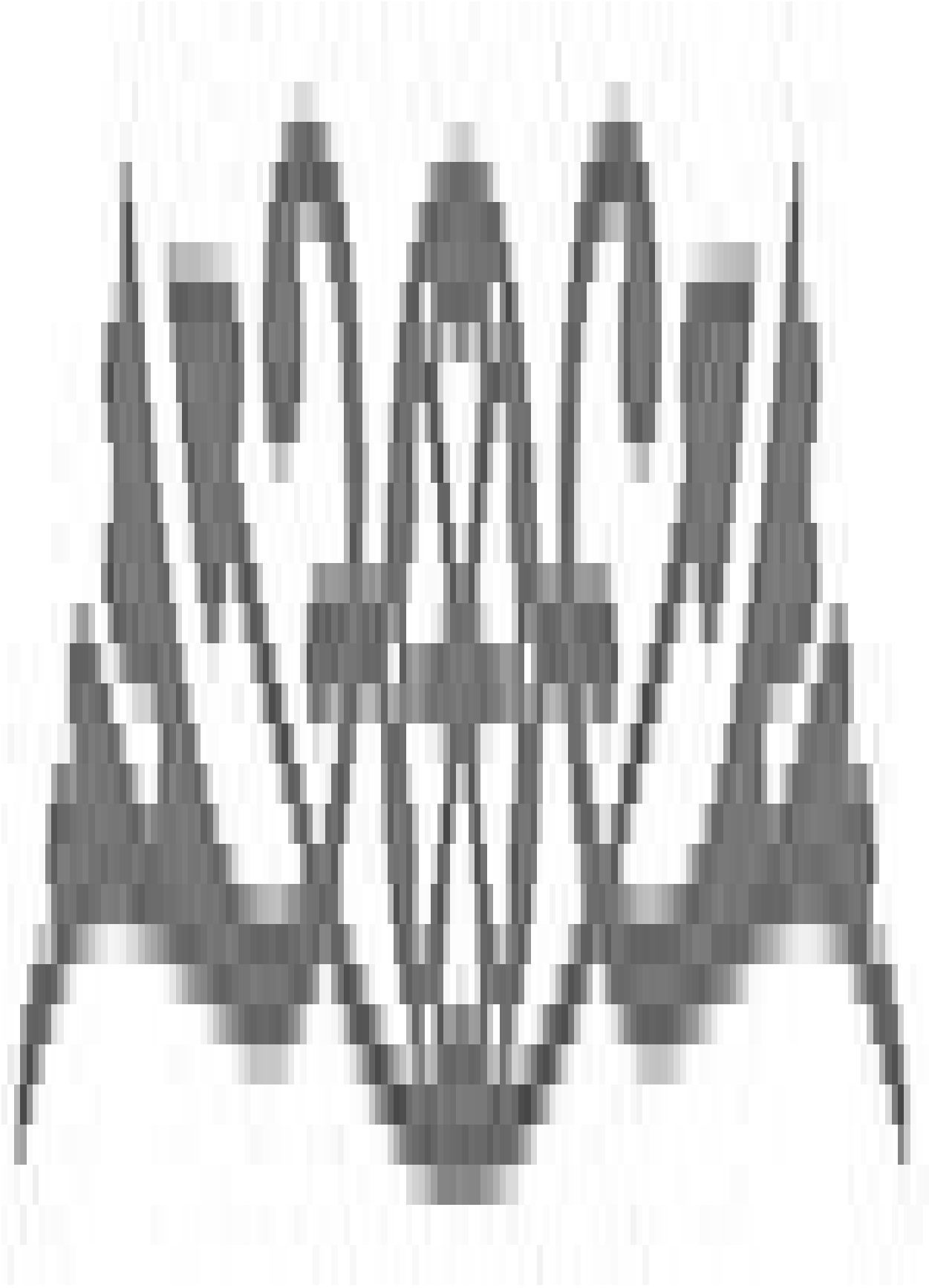
21 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 201.

22 WESLEY, John. Journal (Londres, 1849), 1:90.

7

Somente pela fé

Gálatas 3.1-5



Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado? Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? (Gl 3.1-2)

Como Deus me aceita? Somente se eu confiar em Jesus Cristo. Esta é a doutrina bíblica da justificação pela fé que Paulo ensinou aos gálatas. Eu não posso ser salvo por qualquer coisa que eu faça; eu posso apenas ser salvo por meio do que Jesus fez quando morreu na cruz e se levantou dos mortos. Não há maneira de me acertar com Deus sozinho, porque sou injusto. Mas Jesus acertou as coisas por meio de sua crucificação e ressurreição. Tudo o que resta para eu fazer é receber o dom da livre graça de Deus, colocando a minha fé no Filho de Deus.

Esta doutrina da justificação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo sempre teve seus detratores. Se a justificação vem pela graça, então toda a glória vai para Deus. Mas as pessoas querem reter parte da glória para si mesmas. Assim, procuram justificar-se diante de Deus pelas suas próprias obras.

Martinho Lutero deparou-se com tal problema quando começou a pregar o evangelho em sua terra natal, a Alemanha. De acordo com ele, “a doutrina da justificação é esta: que somos declarados justos e somos salvos exclusivamente pela fé em Cristo, independentemente de obras”.1 Porém, quando o Duque Jorge da Saxônia ouviu este ensinamento, reclamou dizendo que era “uma ótima doutrina para a hora da morte, mas uma péssima para se viver!”2 O Duque reconheceu que a justificação pela fé é um grande conforto na morte, pois garante que, quando o pecador estiver diante do trono de Deus, todos os seus pecados estarão perdoados. Em vez de ter que defender a sua vida, o pecador será defendido pela vida do Cristo crucificado. Mas o Duque Jorge queria saber o que havia de ser feito neste meio tempo. Se o pecador é, no final das contas, salvo pela graça de Deus e não por suas próprias obras, como ou por que ele deveria viver para Deus?

A resposta que Paulo dá no início de Gálatas 3 é que a justificação não é apenas uma ótima doutrina para abraçarmos ao morrer, mas também uma maravilhosa doutrina pela qual viver. A doutrina bíblica da justificação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo é uma doutrina para toda a vida

cristã, do começo ao fim.

Enfeitiçados

Pode ser útil rever o argumento de Paulo até este ponto. Nos capítulos 1–2, ele usou sua autobiografia espiritual para provar que era um apóstolo genuíno do único e verdadeiro evangelho. Agora, nos capítulos 3–4, ele explica a teologia deste evangelho, começando com uma repreensão.

A repreensão de Paulo deve ter causado um tremendo impacto quando sua carta foi lida pela primeira vez na Galácia: "Ó gálatas insensatos! Quem os enfeitiçou?" (Gl 3.1 - NVI). Paulo estava zangado. Embora até este ponto sua linguagem tenha sido vigorosa, não havia sido tão pessoal. Mas aqui, ele praticamente esbraveja com indignação. E com razão. Os gálatas corriam o risco de anular a graça de Deus. Os chamados "judaizantes" vieram de Jerusalém para convencê-los de que obras da lei eram necessárias para sua justificação. Mas nesse caso, qual era a finalidade da cruz? Por que alguém teria que morrer pelos meus pecados se eu pudesse cuidar deles sozinho? A implicação lógica da justificação pelas obras é que "Cristo morreu inutilmente" (Gl 2.21 - NVI).

Com esse pensamento em mente, a subsequente explosão de Paulo se torna completamente compreensível. "Pois quando ouvimos", escreveu Calvino, "que o Filho de Deus, com todas as suas bênçãos, é rejeitado; e que sua morte é estimada como nada, qual mente piedosa não se manifestará em indignação?"3 Dessa maneira, Paulo nos conta que os gálatas eram culpados de pura estupidez espiritual. J. B. Phillips o parafraseia dizendo: "Oh, queridos idiotas da Galácia, [...] certamente vocês não poderiam ser assim tão idiotas!" Paulo mal conseguia entender como as pessoas podiam acreditar em algo tão absurdo.

Os gálatas estavam se comportando tão tolamente que o apóstolo suspeitava de algum tipo de bruxaria, perguntando: "Quem os enfeitiçou?" (Gl 3.1-NVI). O termo grego ebaskanen significa "lançar um feitiço, fascinar no sentido original de segurar alguém enfeitiçado por um poder irresistível".4 Era como se um feiticeiro tivesse lançado um feitiço maligno sobre eles, ou como se um mágico os mantivesse sob sua influência hipnótica.

É claro que Paulo sabia que os gálatas não estavam realmente enfeitiçados. Estavam sob a influência de falsos mestres que queriam acrescentar a lei de

Moisés à fé em Jesus Cristo para produzir um evangelho “Jesus mais alguma coisa”. Mas a linguagem que ele usa sugere que havia algum tipo de influência demoníaca em ação. Um dos estratagemas favoritos do diabo é distorcer a verdade a fim de que as pessoas já não possam distinguir a diferença entre o único e verdadeiro evangelho e todas as demais falsas alternativas.

Um erro doutrinário tem duas fontes primárias: a ignorância humana e a malevolência demoníaca. A igreja na Galácia enfrentou ambos os problemas. Os próprios gálatas foram tolos o bastante a ponto de abandonarem o evangelho, mas, como veremos, eles o fizeram porque estavam sob ataque espiritual. Até hoje, disparates teológicos sempre vêm dessas mesmas duas fontes. Um membro da família fica, p. ex., fascinado por uma seita. Os pais recusam-se, por motivos religiosos, a dar ao filho cuidado clínico adequado. Os líderes da igreja são incapazes ou estão indispostos a distinguir a justificação pela fé e a justificação pelas obras. Em parte, esses erros podem ocorrer devido a pura insensatez humana. Mas, se isso parece uma explicação inadequada, lembre-se de que doutrina cristã é o campo de batalha onde a mais intensa guerra espiritual é deflagrada.

É claro que isso não significa que Satanás deve ser culpado por nossa própria tolice. Uma boa ilustração disso vem da Alemanha do período pós Segunda Guerra Mundial. Um grupo de ministros reuniu-se para discutir por que a igreja tinha fracassado em se opor aos males do Terceiro Reich. Alguns deles tentaram justificar suas ações apelando às “forças demoníacas” que os haviam desviado. Mas outro ministro levantou-se para reprová-los. “Senhores”, disse ele, “todos nós fomos muito tolos”.5 Se tratando de erro teológico, devemos ter cuidado com as ciladas de Satanás, sem ignorar nossa própria capacidade aparentemente infindável de insensatez.

Cristo em exposição

Para “quebrar o feitiço” sob o qual estavam, os gálatas precisavam olhar para a cruz. Logo após sua repreensão, Paulo traz um lembrete: “Não foi diante dos seus olhos que Jesus Cristo foi exposto como crucificado?” (Gl 3.1 - NVI). O fato de Paulo mencionar especificamente os olhos é intrigante, porque os antigos costumavam pensar que o encantamento vinha por meio do “mau-olhado”. Agora que estavam enfeitiçados, os gálatas precisavam fixar os olhos na cruz de Cristo.

Os gálatas já haviam visto a cruz antes, quando Paulo foi até eles e pregou o evangelho. A palavra “exposto” vem do mundo da publicidade. Os gregos a usavam para se referir, p. ex., ao tipo de aviso público afixado para mostrar que uma propriedade estava à venda. O que os gálatas tinham visto, então, era uma exposição gráfica pública do Cristo crucificado. Jesus Cristo fora exposto diante deles como se estivesse num cartaz gigante ou em uma grande tela. Isso não significa que Paulo usou materiais visuais em sua pregação, como um flip chart ou um flanelógrafo; também não significa que ele contratou uma agência de publicidade para fazer o “marketing” do evangelho na Ásia Menor. Ele se refere, na verdade, à sua proclamação do evangelho. O dito popular diz que uma imagem vale mais que mil palavras. Mas se houver tempo para mil palavras, as pessoas podem ver o quadro por si mesmas, e foi isso que aconteceu quando Paulo apresentou o evangelho. Quer quando pregou em pé nas ruas ou assentado nas casas das pessoas, sempre divulgou a mesma coisa: Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado.

Quando visitam a Décima Igreja Presbiteriana da Filadélfia, onde sirvo como ministro, às vezes as pessoas se perguntam onde está a cruz, pois não há representação física de uma cruz no santuário. Na verdade, parte da beleza da igreja é que ela não tem ícones para distrair a congregação da adoração de Deus. Mas existe uma cruz. Toda vez que as Escrituras são abertas e Cristo é anunciado, a mensagem da cruz é elevada para que todos possam ver. Calvino disse:

Que aqueles que aspiram cumprir o ministério do evangelho não apenas aprendam a falar e a declamar, mas também a penetrar nas consciências, de modo que os homens possam ver Cristo crucificado e seu sangue fluindo. Quando a Igreja tem pintores como estes, ela não precisa mais de madeira e pedra, ou seja, imagens mortas, ela não precisa mais de quadros”.6

Este é o poder da pregação. Ela toma os poderosos atos de Deus na história e os exibe para as mentes e corações do presente. Assim que Paulo terminou de lhes ensinar, os gálatas sentiram como se tivessem visto a crucificação com seus próprios olhos, observando o corpo vivo de Jesus pregado, sangrando, na cruz.

Quando Paulo e os demais apóstolos pregavam o evangelho, começavam com a pessoa de Jesus Cristo, o Filho encarnado de Deus. Jesus era e é verdadeiro Deus

e verdadeiro homem, uma pessoa em duas naturezas, tanto humana quanto divina. Os apóstolos identificavam Jesus como o homem-Deus. Por ser um homem, era capaz de entrar em nossa situação e sofrer por nossos pecados. Por ser também Deus, foi capaz de viver em perfeita obediência e oferecer um sacrifício de valor infinito.

Os apóstolos pregavam que esse Cristo fora crucificado. Pregar é descrever a cruz. Paulo sempre pregou o que chamava de “a palavra da cruz” (1Co 1.18). Ele disse: “nós pregamos a Cristo crucificado” (1Co 1.23). Ou ainda, decidiu “nada saber entre vós senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2.2). O evangelho de Paulo era o evangelho do Cristo crucificado: centrado na morte do próprio Filho de Deus na cruz e nas implicações dessa morte para a salvação do mundo.

É relevante que em Gálatas Paulo discorra sobre a crucificação usando o tempo perfeito da língua grega. Ele usou o verbo “crucificar” no perfeito no capítulo 2, quando disse: “Estou crucificado com Cristo” (2.19,20, lit. tenho sido crucificado). Literalmente, Jesus Cristo foi retratado não “como crucificado”, mas “como tendo sido crucificado” (Gl 3.1).

O tempo perfeito denota um evento passado que continua a ter pertinência no presente. E, se alguma vez houve um evento que exigiu o tempo perfeito, foi a crucificação de Jesus Cristo. Jesus foi crucificado em um determinado dia, por determinados homens, fora de uma determinada cidade, em um determinado madeiro. Se tivéssemos estado ali para testemunhar sua crucificação, poderíamos ter estendido a mão para tocar a cruz e uma farpa poderia ter machucado nossos dedos. A crucificação foi um evento concreto na história humana. Na cruz, Jesus deu a sua vida como a expiação definitiva pelo pecado. De acordo com o estrito padrão de justiça de Deus, o pecado exigia a pena de morte, a qual Jesus pagou. Pela misericórdia de Deus, o sacrifício que Jesus fez foi aceito como o preço total pelo pecado. Isto é o que significa retratar Jesus Cristo como crucificado.

Porém, há mais a ser considerado. Deus provou que aceitou o sacrifício que Jesus fez ao erguê-lo dentre os mortos. Portanto, pregar Cristo tendo sido crucificado não é simplesmente anunciá-lo como crucificado; é também pregá-lo ressuscitado. Jesus não está mais na cruz. Neste exato momento, ele é um Salvador ressuscitado e vivo, capaz de conceder perdão a todo aquele que nele crê. Esse perdão retrocede todo o caminho de volta até a cruz, um acontecimento passado com uma consequência presente.

Paulo estava aborrecido com os gálatas porque eles estavam esquecendo disso tudo. Ele havia pintado Jesus Cristo tendo sido crucificado a eles. Mas então, alguns outros mestres vieram rabiscar pichações em sua enorme pintura. Indispostos a aceitar a salvação somente em Cristo, eles queriam acrescentar seus próprios toques finais à obra de Cristo.

Logo, os gálatas precisavam de um lembrete de que na cruz Jesus fez todo o necessário para a salvação deles. Jesus é, nas palavras de John Brown, "o único e todo-suficiente Salvador".7 A sua cruz é a única e toda-suficiente expiação pelo pecado. Assim, nossa fé nele é o único e todo-suficiente caminho para sermos justificados diante de Deus. E como Jesus é o único e todo-suficiente Salvador, não faz qualquer sentido tentar acrescentar algo ao que ele fez na cruz. Mais especificamente, seria uma loucura total e completa tentar fazer com que Deus nos aceitasse por meio do cumprimento de sua lei. A única maneira de ser justificado é pela fé somente.

No início

Lá no fundo, os gálatas sabiam que eram justificados somente pela fé, pois foi assim que vieram a Cristo em primeiro lugar. Para impedi-los de voltar à lei, Paulo fez um apelo pessoal à experiência espiritual deles.

Esse apelo veio na forma de uma série de breves questões retóricas – quatro, para ser exato:

Uma pergunta sobre iniciação, por meio da qual Paulo levou os gálatas de volta ao momento da conversão deles: "Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?" (Gl 3.2).

Uma pergunta sobre finalização, ou como o cristão deve percorrer seu caminho até o final a vida cristã: "Tendo começado pelo Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?" (Gl 3.3).

Uma pergunta sobre perseguição, o custo de seguir a um Cristo crucificado: "Terá sido em vão que tantas coisas sofreste? Se, na verdade, foram em vão" (Gl

3.4).

Uma pergunta sobre milagres e o significado deles para a vida cristã: “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gl 3.5).

Em sua essência, todas estas perguntas podem ser resumidas em uma única questão: o cristão recebe o Espírito Santo praticando a lei ou ouvindo com fé? Essa era de fato uma pergunta retórica, pois não era possível que os gálatas negassem sua experiência com Espírito Santo. Se eles eram de fato cristãos – como Paulo supunha que eram –, então receberam o Espírito Santo quando vieram a Cristo.

A menção de Paulo ao Espírito é um lembrete do ser trino de Deus. Há somente um Deus, que subsiste em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cada pessoa da Trindade está envolvida na salvação do pecador. O Pai enviou o Filho para ser o Salvador, e agora o Pai e o Filho enviam o Espírito para converter o pecador.

Os gálatas conheciam alguma coisa sobre a obra do Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, pois estavam sob a influência regeneradora dele. Receberam seus dons, tais como ensino e profecia. Começavam a exibir seu fruto – amor, alegria, paz e todo o resto (Gl 5.22-23). O Espírito Santo até fez milagres entre eles, como muitas vezes faz quando o evangelho começa a penetrar em uma cultura. Os apóstolos expulsaram demônios e curaram os enfermos. Talvez os próprios gálatas tenham realizado poderosas obras de poder divino, pelo menos por algum tempo. Tendo tido todas essas experiências memoráveis, os gálatas nunca poderiam esquecer o que o Espírito Santo havia feito em suas igrejas. Eles possuíam evidência irrefutável de sua obra e presença.

Paulo queria conhecer a causa desta obra do Espírito entre os gálatas. Ele reconhecia o poder modelador de vida da experiência espiritual. Entendia que as pessoas muitas vezes tomam decisões com base em seu encontro com Deus. Mas também compreendia que é a doutrina cristã que explica a experiência religiosa, e não o contrário. Por isso, ele queria saber como os gálatas haviam recebido o Espírito Santo.

Havia e há apenas duas possibilidades: ou o Espírito vem pelas “obras da lei” ou pela “pregação da fé”. Como vimos no capítulo 5, a frase “obras da lei” se refere à lei em geral, e não simplesmente à lei cerimonial do Antigo Testamento. Portanto aqui dois princípios estão em oposição: lei e fé. Se o Espírito vem ao praticarmos a lei, então há algo que eu devo fazer para receber o Espírito. Se eu guardar a Torá e seguir os regulamentos da lei do Antigo Testamento, então Deus me dará seu Espírito. Assim, a bênção do Espírito Santo é a recompensa de Deus por minhas conquistas espirituais.

Entregues a si próprias, as pessoas querem exatamente isso: algum método que garantirá uma boa experiência espiritual. Mostre-nos onde fica o botão da obediência para que possamos pressioná-lo e conseguirmos o melhor resultado religioso possível. Mas Deus não é um mecanismo. A única maneira de conhecê-lo é entrando em um relacionamento de confiança com ele. A presença interior de seu Espírito vem somente pela fé. Um grupo de cristãos chineses tinha essa verdade em mente de forma muito clara que, em 1998, redigiu uma confissão de fé para suas igrejas domésticas. Em tal documento, esses cristãos escreveram: “Pois pela graça somos salvos por meio da fé; somos justificados pela fé; recebemos o Espírito Santo por meio da fé; e nos tornamos filhos de Deus por meio da fé”. A justificação e o Espírito vêm pela fé.

Há outro sentido, é claro, no qual o Espírito Santo precede a fé, pois é o Espírito Santo que capacita um pecador a começar a crer em Cristo. Mas a obra do Espírito não se torna plenamente evidente até que o pecador creia, coisa que os gálatas sabiam por experiência própria. A pergunta que Paulo lhes fez era “moleza”. Eles não precisavam fazer nada para receber o Espírito Santo. Na verdade, eles haviam recebido o Espírito muito antes que os judaizantes chegassem para lhes dizer que tinham que cumprir a lei. Eles simplesmente confiaram no que Jesus tinha feito na cruz e por meio do túmulo vazio. Os gálatas receberam o Espírito quando vieram à fé em Cristo. Como Paulo coloca, eles receberam o Espírito “pela fé naquilo que ouviram” (Gl 3.2 - NVI), isto é, o evangelho livre da lei, do Cristo crucificado. Para os cristãos, ouvir é crer. A fé em Cristo vem pelo ouvir o evangelho, e o Espírito vem juntamente com a fé. Assim, a obra do Espírito não é uma recompensa baseada nas conquistas espirituais do indivíduo; é um dom concedido àqueles que acreditam na conquista de Cristo.

Caso os gálatas tivessem dúvidas sobre de onde o Espírito veio, Paulo deu-lhes uma dica: “recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gl

3.2). O dom do Espírito Santo não era algo que eles conquistaram; era algo que lhes fora dado. Isso é mencionado novamente no versículo 5, no qual Paulo deixa claro que Deus é aquele que generosamente provê o Espírito – não àqueles que observam a lei, mas àqueles que creem no evangelho de seu Filho.

O que Paulo diz aqui ajuda a esclarecer várias verdades importantes sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo. Alguns cristãos ensinam que o Espírito Santo é um dom que os cristãos recebem algum tempo depois que vêm a Cristo. Essa "segunda bênção" sugere que há duas espécies de cristãos: com e sem o Espírito. O que Paulo diz aqui obviamente descarta essa ideia. O dom do Espírito é recebido pela mesma fé que assume a Cristo. As obras, os dons e o fruto do Espírito Santo remontam ao primeiro momento da vida cristã. Assim, toda a vida cristã é vivida no Espírito.

Observe também que o Espírito não se opõe à sã doutrina. Na verdade, os dois são tão próximos que não podemos viver pelo Espírito, a menos que sejamos ortodoxos em nossa teologia. Uma igreja que não tem boa doutrina não experimenta a verdadeira bênção do Espírito Santo. O inverso é igualmente verdadeiro: uma igreja sem o Espírito não é tão ortodoxa quanto pensa que é.

Do princípio ao fim

Uma vez forçados a admitir que tinham recebido o Espírito Santo somente pela fé, a discussão acabou. É por esse motivo que Paulo disse que queria fazer-lhes apenas uma pergunta. Assumindo que o Espírito vem pela fé, toda a questão está resolvida.

Essa verdade – que o Espírito Santo vem somente pela fé – tem implicações profundas para a vida cristã. Significa que a vida cristã termina exatamente da forma como começa. O caminho para adentrar à vida cristã é também o caminho ao longo da vida cristã. "Será que vocês são tão insensatos?" Paulo pergunta. "[...] tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?" (Gl 3.3). O termo "carne" chama a atenção para o ritual físico da circuncisão, que representa a natureza humana separada do Espírito de Deus, em toda a sua fraqueza e pecado. Logo, a pergunta de Paulo é a seguinte: você está tentando se aperfeiçoar por seus próprios esforços (pecaminosos)?

A própria sugestão é absurda, é claro, mas é exatamente o que os judaizantes

diziam aos gálatas. Eles afirmavam que a fé funciona bem até o meio do caminho, mas a justificação só pode ser completada por meio das obras. John Stott resume a teologia deles da seguinte forma:

Eles não negavam que você deve crer em Jesus para a salvação, mas enfatizavam que você deve ser circuncidado e guardar a lei também. Em outras palavras, você deve deixar Moisés concluir o que Cristo começou. Ou melhor, você mesmo deve terminar, mediante sua obediência à lei, o que Cristo começou. Você deve adicionar obras suas à obra de Cristo. Você deve concluir o trabalho inacabado de Cristo.8

No entanto, nunca há necessidade de refinar a obra acabada de Cristo. Na verdade, tentar fazê-lo estragaria seu inestimável trabalho por completo. Fazer isso se assemelharia a uma tentativa de retocar um autógrafo do Pelé em uma camisa da seleção. Em vez de acrescentar valor, fazer isso arruinaria a relíquia.

Paulo compreendeu que apenas Deus pode completar o que Deus começou, de maneira que a conclusão deve vir pela fé, e não por obras. Ele também asseverou isso aos filipenses, usando exatamente a mesma palavra: “aquele que começou boa obra em vós há de completá-la [isto é, aperfeiçoá-la] até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6). E se é verdade que Deus completará a sua obra em nós pela fé, seria pura tolice voltar à lei: “O evangelho de Cristo crucificado, como Paulo o enxergou, descartou tão completamente a lei como um meio de se acertar com Deus que era difícil acreditar que pessoas que haviam acolhido tal evangelho pudessem em algum momento se voltar para a lei em busca de salvação”.9

Uma razão em especial pela qual teria sido tolice para os gálatas retornarem à lei tem a ver com todas as dificuldades que haviam enfrentado: “Terá sido em vão que tantas coisas sofrestes? Se, na verdade, foram em vão” (Gl 3.4). A palavra “sofrestes” (ephatete) pode se referir ao sofrimento real, como o tipo de perseguição que Paulo e Barnabé enfrentaram quando estiveram pela primeira vez na Galácia (At 13-14). Talvez os próprios gálatas tenham sido atacados por sua fé em Cristo. Mas, se a cruz é desnecessária, então por que se incomodar a ponto de ser perseguido por causa dela?

Porém, existe outra opção. A palavra grega é também um termo para “experiência”. Assim, poderia simplesmente se referir a todas as experiências

espirituais que os gálatas vivenciaram. O Espírito Santo fizera uma obra graciosa, mesmo milagrosa entre eles, mas agora Paulo se perguntava se tudo havia sido em vão. Ele sinceramente esperava que não. De fato, as suas palavras no final do versículo 4 – "Se, na verdade, foram em vão" – soam esperançosas. Talvez nem tudo esteja perdido ainda.

À primeira vista, esses versículos parecem ser sobre santificação e não sobre justificação. Santificação é o processo por meio do qual um pecador se torna mais santo. Os cristãos costumam pensar na santificação como tudo o que acontece após a justificação (que vem no início da vida cristã). A linha de raciocínio é mais ou menos assim: "Fui justificado pela fé em um primeiro momento, quando vim a Cristo. Agora que estou justificado, devo seguir adiante para minha santificação".

É verdade que a santificação segue a justificação, mas a justificação nunca é deixada para trás. Nós nunca estaremos diante de Deus com base em nossa própria justiça. Podemos estar diante de Deus somente com base na justiça de Jesus Cristo. De uma vez por todas, somos justificados diante de Deus pela justiça que recebemos pela fé. Para ser bem claro, estamos nos tornando mais santos o tempo todo. Tendo sido justificados, estamos agora nos tornando santificados. Mas não podemos usar a nossa obediência – tão imperfeita como é – para estabelecer a nossa justiça perante Deus. Em outras palavras, não podemos basear nossa justificação em nossa santificação.

Do começo ao fim, toda a vida cristã é pela graça por meio da fé. A nova vida em Cristo começa com a fé, continua pela fé, e será completada por meio da fé. Em outras palavras, o evangelho é para os cristãos, tanto quanto é para os não cristãos. Nós nunca avançamos de modo a deixar para trás as boas-novas da cruz e do túmulo vazio. Não há nada mais a acrescentar à fé como fundamento de nossa salvação porque a fé nos une a Jesus Cristo. As obras não têm participação alguma no tocante ao estabelecimento da base para nossa salvação, mas são somadas à fé da mesma maneira que um edifício se apoia e se levanta de seu alicerce. Portanto, o cristão sempre busca no evangelho – e nunca na lei – a base para sua justiça perante Deus.

Recentemente, alguns eruditos têm argumentado que a justificação somente pela fé não é o assunto principal desta carta. Essa é a proposta da assim chamada Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei. De acordo com este ponto de vista, a justificação é apenas "trazida para a discussão sobre como os gálatas deveriam

se comportar como cristãos e se eles deveriam “acrescentar” obediência à lei mosaica, à sua fé em Cristo”, mas não é apresentada como a base para a salvação dos pecadores.10 Esses estudiosos certamente estão corretos quanto ao que os oponentes de Paulo diziam. Lembre-se da situação. Alguns judeus que se identificavam como cristãos foram para a Galácia para melhorar o evangelho de Paulo. Eles disseram que a doutrina da justificação dele era apenas um “evangelho de primeiro nível”.11 Se os gálatas desejassem ser promovidos, precisavam acrescentar algo à fé. Embora tivessem chegado a um relacionamento de salvação com Cristo pela graça, eles somente poderiam manter essa relação por meio da obediência.12

O que os judaizantes diziam realmente equivalia à autojustificação. Eles queriam que os gálatas se justificassem diante de Deus (e do homem) acrescentando obras à fé. Mais especificamente, queriam que os gálatas fossem circuncidados. Mas, para Paulo, a questão não era realmente a circuncisão; sua preocupação era com o próprio conceito da religião baseada em mérito, motivo pelo qual a justificação somente pela fé é o assunto principal de sua carta. Paulo atacou os judaizantes no tocante à circuncisão, não apenas porque queria promover melhores relações entre gentios e judeus, mas porque estava preocupado com a salvação de suas almas.

Não há cristianismo baseado em desempenho. Tendo começado pela fé, devemos continuar pela fé. A justificação é uma doutrina para toda a vida cristã, do início ao fim. Não é simplesmente uma doutrina para vir a Cristo num primeiro momento, embora de fato sejamos justificados no instante em que confiamos em Cristo. Nem é apenas uma ótima doutrina para a hora da morte, embora saibamos que Deus nos justificará por meio da fé em Cristo no julgamento final.

A justificação é uma doutrina para guiar nosso viver em todo e cada momento. É uma doutrina para os condenados. Chegará o dia em que todo homem, mulher e criança terá que admitir que é um pecador endurecido, podre até o âmago e merecedor da justa ira de Deus. Quando esse dia chegar, a única esperança é se entregar a Cristo somente pela fé.

A justificação é também uma doutrina para os confusos, cheios de dúvidas. Há dias na vida de todo cristão quando a coisa toda parece bastante implausível. É verdade que Deus me ama e tem um plano maravilhoso para a minha vida? Será que ele realmente se preocupa comigo? Quando as dúvidas vêm, o crente se volta para a cruz onde Cristo morreu para justificar pecadores e apega-se a ela

somente pela fé.

A justificação é também uma doutrina para os desanimados. Às vezes as coisas parecem bastante sombrias e sem esperança. Na verdade, às vezes elas parecem totalmente impossíveis, de modo que nos perguntamos como podemos aguentar mais um dia. Mas é exatamente por isso que precisamos pregar o evangelho para nós mesmos todos os dias. Ao levantar da cama, dizemos: “Eu sei qual é o meu verdadeiro problema: sou um pecador vivendo num mundo pecaminoso”. Então, ao entrar no banho, dizemos: “Embora eu seja um grande pecador, tenho um Salvador ainda maior, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”. Na hora do café da manhã, somos capazes de enfrentar o dia, confiando somente na graça de Deus.

A boa-nova do evangelho é que, mesmo sendo pecadores perdidos e necessitados, se conhecemos a Cristo, nós estamos e sempre estaremos justificados. Justificação é muito mais do que uma grande doutrina para nos confortar ao morrer, embora certamente seja isso. Justificação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo, é também uma maravilhosa doutrina para guiar o viver.

Uma obra do pintor flamengo Hendrik Leys (1815-1869) ilustra o que acontece quando os cristãos perdem de vista o Cristo crucificado. A pintura é chamada de “Mulheres orando em um crucifixo perto de São Tiago em Antuérpia”. As mulheres em si são retratadas com detalhes minuciosos. Atenção cuidadosa é dedicada a cada dobra no tecido de seus vestidos. Da mesma forma, o fundo é pintado para mostrar a beleza do jardim ao lado do muro da igreja. Porém, há uma coisa faltando na pintura: a própria cruz. Leys mostra as mulheres em adoração, mas não o Cristo a quem elas vieram adorar. “Então o que vemos?”, Pergunta o crítico de arte holandês Hans Rookmaaker (1922-1977). “Pessoas de tempos atrás, cheias de fé, reverentes, orando – mas não vemos o objeto da fé, o Cristo crucificado”.13

Com frequência, é exatamente esse o nosso problema na vida cristã. Como somos fariseus em recuperação, às vezes perdemos de vista o objeto da nossa fé: Cristo, que foi crucificado pelos nossos pecados. Mas, quando o trazemos de volta ao quadro e o enxergamos retratado como o Salvador que não apenas morreu, mas também ressuscitou, então recuperamos a perspectiva de viver para ele pela fé.

Notas

1 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:233.

2 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 197.

3 CALVINO, João. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin's New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 46.

4 DELLING, G. "Baskainō" In: Theological Dictionary of the New Testament, trad. BROMILEY, Geoffrey W. org. KITTEL, Gerhard. 10 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1964–1976), 1:594–95.

5 A história é narrada por R. Alan Cole em The Epistle of Paul to the Galatians: An Introduction and Commentary, Tyndale New Testament Commentaries (Leicester: Inter-Varsity, 1965), 86.

6 CALVINO, João. Calvin's New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), 147.

7 BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 103.

8 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 22.

9 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 148.

10 WITHERINGTON III, Ben. Grace in Galatia: A Commentary on Paul's Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 175.

11 GEORGE, Galatians, 213.

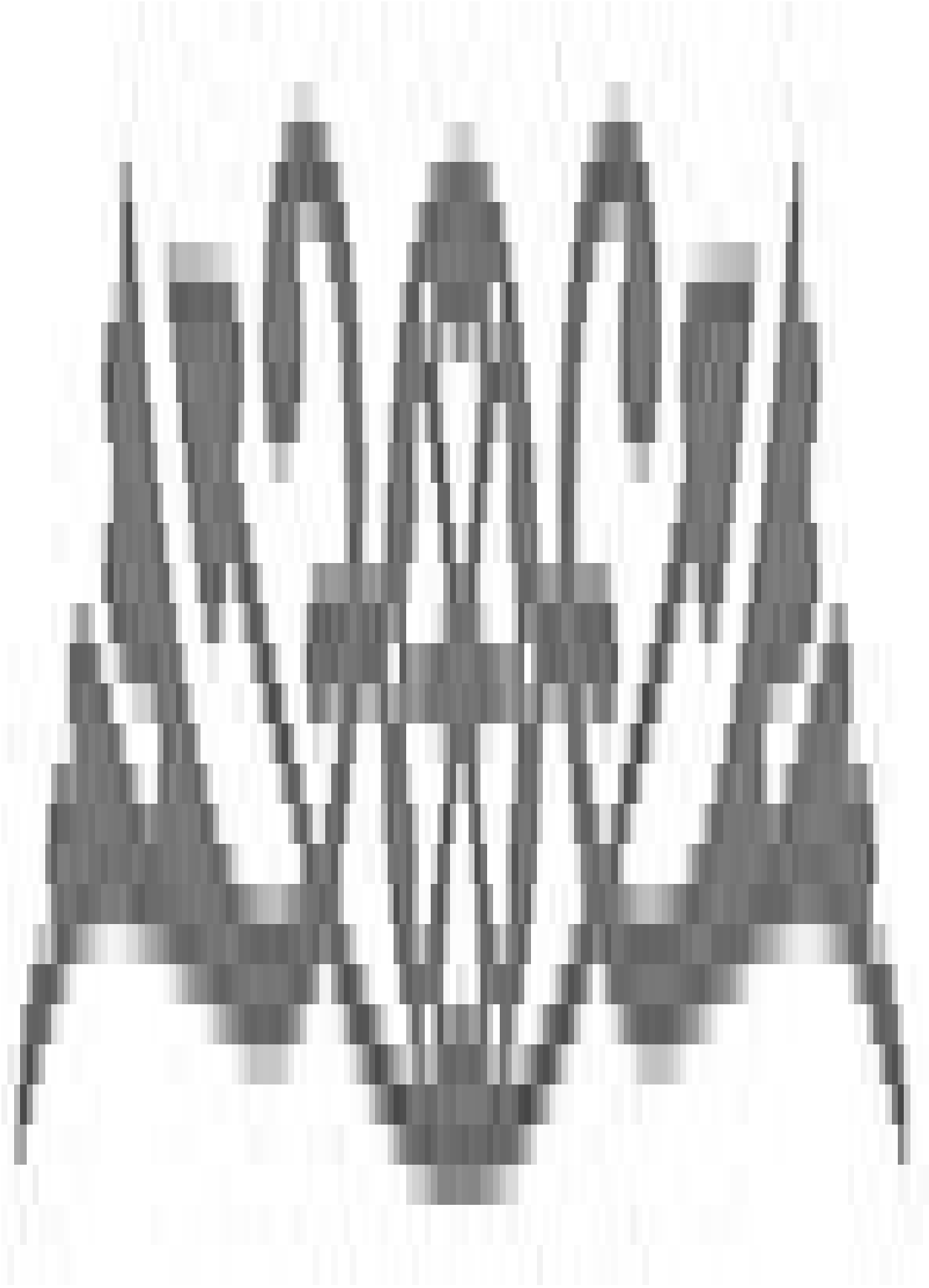
12 Esta é a maneira que E.P. Sanders e outros defensores da Nova Perspectiva costumam caracterizar o judaísmo do primeiro século: "entrar pela graça, ficar por obediência". Na visão deles, essa formulação preserva a graça de Deus na salvação. Mas o que esses estudiosos não reconhecem é que essa teologia contém um legalismo destruidor da graça: se continuamos com Deus pela obediência, então, mesmo se começamos pela graça, em última análise acabaremos dependendo de nós mesmos e nossa própria capacidade de cumprir a lei. Esse era precisamente o problema tratado por Paulo em Gálatas, assim como também foi mais tarde o problema com o qual os Reformadores Protestantes tiveram que lidar.

13 ROOKMAAKER, Hans. Modern Art and the Death of a Culture (Wheaton, IL: Crossway, 1994), 69.

8

Pai Abraão tem muitos filhos

Gálatas 3.6-9



Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos (Gl 3.7-8).

Algumas das mais simples canções bíblicas para crianças contêm teologia da melhor qualidade. Analise, p. ex., o coro tirado de Gálatas 3:

Pai Abraão tem muitos filhos,

Muitos filhos, ele tem;

Eu sou um deles, você também.

Louvemos ao Senhor!

A canção fica mais bobinha depois disso – uma espécie de "Patati Patatá" santificado – mas sua teologia básica é profunda. Na verdade, é tão profunda que eu não fazia ideia do que significava quando era criança. Ouvi a canção pela primeira vez em um acampamento, e pensei comigo mesmo: "O Pai Abraão teve muitos filhos? Eu pensei que Jacó era o cara com uma filharada!"

Pai Abraão era uma figura importante para os judaizantes, os "bons meninos" da igreja apostólica que acreditavam na justificação por meio de fé mais obras da lei. Se os judaizantes ensinaram alguma canção bíblica quando foram à Galácia, provavelmente essa canção soou mais ou menos assim:

Pai Abraão tem muitos filhos,

Muitos filhos, ele tem;

Eu sou um deles, mas você não é,

Então vamos todos nos reunir para um pequeno procedimento que chamamos de circuncisão!

Os judaizantes levavam isso a sério. Pertencer a Deus significava ser filho de Abraão. Dessa forma, quando os judeus quiseram provar para Jesus que eram filhos de Deus, p. ex., disseram: “Somos descendência de Abraão [...] Nosso pai é Abraão” (Jo 8.33,39). Portanto, se os gentios quisessem pertencer a Deus, precisavam se tornar filhos de Abraão.

A única maneira de se tornar um verdadeiro filho de Abraão, diziam os judaizantes, é submetendo-se à circuncisão, como ele o fez. Isso foi ensinado claramente nas Escrituras. Deus disse a Abraão: “Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado” (Gn 17.10). O que poderia ser mais claro? A menos que os gentios fossem circuncidados, eles não teriam o direito de chamar Abraão de pai – ou mesmo, de chamar Deus de Pai.

O homem de fé

Sem sombra de dúvida, a razão que leva o apóstolo Paulo a ensinar muito sobre Abraão em Gálatas 3 e 4 é o fato de os judaizantes terem usado sua figura para fazer muito barulho. Alegavam que o Pai Abraão e todos os seus filhos pertenciam a Deus não somente pela fé, mas pelas obras da lei.

Além de não compreenderem o evangelho, os judaizantes também eram culpados de não entenderem o Antigo Testamento. Logo, a fim de refutar a versão de cristianismo baseado em desempenho proposto pelos judaizantes, Paulo teve de voltar às Escrituras Hebraicas. Nos versículos de 1 a 5, seu argumento em defesa da justificação somente pela fé apelou à experiência – a experiência dos gálatas com o Espírito Santo. Do versículo 6 em diante, ele defende a exclusividade da fé com base na história bíblica, usando Abraão como precedente: “É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gl 3.6).

A escolha de Paulo de um texto do Antigo Testamento foi inspirada. Os judaizantes amavam voltar a Gênesis 17, texto que registra a aliança de Deus com Abraão, simbolizada pela circuncisão. Paulo, porém, retrocede ainda mais, até Gênesis 15, em que se registra a promessa de Deus de que daria um filho a Abraão.

Naquela altura, Deus fez diversas promessas a Abraão: “Disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei” (Gn 12.1). Então Deus prometeu transformá-lo em uma grande nação, abençoá-lo e tornar seu nome grande (Gn 12.2-3). Abraão acreditou nas promessas de Deus. Mal havia recebido as instruções, ele “partiu, [...], como lho ordenara o Senhor” (Gn 12.4). Em um breve resumo biográfico desse período na vida de Abraão, o livro de Hebreus diz:

Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador (Hb 11.8-10).

Assim, Abraão deixou a terra de seus pais e viajou pela fé para a Terra Prometida.

Alguns anos depois, Deus fez a Abraão outra promessa. Dessa vez, foi a promessa de um filho. Francamente, era difícil de acreditar. No passado, Deus lhe prometeu terras, mas Abraão ainda não era dono de propriedade alguma. Agora lhe foi prometido um herdeiro, mas ele ainda não tinha filhos. E sua idade já estava bem avançada. Na verdade, já estava beirando os 100. Abraão, pai, naquela idade?

Para mostrar a Abraão o que ele tinha em mente, Deus o levou para fora, ao ar livre, mostrou-lhe as estrelas e disse: “Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade” (Gn 15.5). O que Deus prometeu fazer por Abraão era impossível. Contudo, Abraão creu que Deus faria isso. Ele recebeu a promessa da forma que toda promessa divina deve ser recebida: pela fé. Como a Escritura diz: “Abrão creu no Senhor, e isso lhe foi creditado como justiça.” (Gn 15.6 - NVI). Ou, como Paulo citou para os gálatas, “É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.” (Gl 3.6).

O que Paulo enfatizou foi o resultado da fé de Abraão. Sua fé foi “imputada” ou “creditada” (elogisthē) a ele como justiça. Quando Abraão creu, Deus o “estimou” como justo. Falando em termos financeiros, ele foi creditado como

justo. Confiar em Deus foi como abrir uma conta bancária. Imediatamente, Deus transferiu justiça para a conta de Abraão.

Isso não significa que Abraão era de fato justo; implica apenas que ele foi declarado justo. Ele foi considerado a uma posição reta diante de Deus. Para usar o termo teológico apropriado, Deus "imputou" justiça a Abraão. Deus é aquele que tem o direito legal de declarar se um homem é justo ou injusto, e neste caso, ele considerou Abraão justo por meio de sua fé.

Um bom exemplo do que significa ser declarado justo vem da vida do astrônomo William Herschel (1738-1822). Em sua juventude, crescendo em Hanôver na Alemanha, Herschel amava ouvir música militar. Em dado momento, associou-se a uma banda militar. Mas, quando a nação foi para a guerra, ele se viu marchando para a batalha, totalmente despreparado para o horror da guerra. Durante um período de intensos combates, abandonou sua unidade militar e fugiu do campo de batalha. A pena para deserção era a morte, de modo que Herschel não podia mais permanecer na Alemanha e fugiu para a Inglaterra, onde seguiu estudando música e ciência. Por fim, tornou-se um homem famoso, reconhecido em toda a Europa por suas habilidades musicais, bem como suas descobertas científicas.

William Herschel havia deixado seu passado para trás, e por muitos anos pensou muito pouco sobre a sentença de morte que pairava sobre ele. Mas foi aí que outro alemão chegou à Grã-Bretanha: George, príncipe da Casa de Hanôver, coroado rei da Inglaterra. O rei George conhecia o segredo do passado de Herschel e o convocou a comparecer perante a corte real. Com grande apreensão, o cientista chegou ao palácio, onde lhe foi dito que esperasse em uma câmara ao lado da sala do trono. Finalmente, um dos servos do rei trouxe um documento para Herschel. Agitado e ansioso, abriu-o e leu as seguintes palavras: "Eu, George, perdoo-te pelas tuas ofensas passadas contra nossa pátria".1

Herschel recebeu um perdão real. O fato de sua deserção não foi ignorado, mas ele foi absolvido, e, portanto, foi justificado aos olhos da lei. De maneira semelhante, Abraão recebeu um perdão real do Rei de todos os reis. Ele foi declarado justo. Por mais injusto que fosse, sua fé foi creditada como justiça por Deus.

Embora todos concordassem que Abraão era justo, nem todos concordavam sobre de que forma ele chegou nisso. Alguns escritos judeus – fora da Bíblia –

descrevem-no como um homem cuja justiça era uma recompensa por sua obediência. Sua boa posição diante de Deus não era um presente; era algo que precisava ser conquistado. De acordo com o livro de Siraque (44.19-21), p. ex., as promessas que Deus fez foram uma resposta à fidelidade de Abraão. Outros rabinos diziam que ele teve que passar por 10 testes para merecer o favor de Deus.2 O primeiro livro de Macabeus pergunta: “Não foi na prova que Abraão foi achado fiel? E não lhe foi isso imputado em justiça?” (1Macabeus 2.52). A resposta de Paulo a essa pergunta foi um belo “Não!” Abraão foi, sim, achado fiel na prova, mas jamais recebeu qualquer crédito de Deus por suas obras de obediência. Deus o considerou justo pela fé, e nada mais.

O impressionante sobre Abraão é que ele foi justificado antes que fizesse qualquer obra. Se Abraão tivesse sido justificado pelas obras, então teria algo para se gabar. Mas “que diz a Escritura?” pergunta Paulo em sua Carta aos Romanos. Simplesmente isto: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Rm 4.3). Ele foi justificado não como um “obreiro”, mas como um crente. Foi pela instrumentalidade da fé que obteve justificação.

Em especial, Abraão não teve que ser circuncidado para ser justificado. Aqui está o ponto genial do argumento de Paulo contra os judaizantes: Deus considerou Abraão justo antes mesmo de ele ter ouvido falar em circuncisão. Em Romanos, Paulo pergunta se a bênção do perdão de Deus é “exclusivamente sobre os circuncisos ou também sobre os incircuncisos?” (Rm 4.9). Sua resposta é: “Visto que dizemos: a fé foi imputada a Abraão para justiça. Como, pois, lhe foi atribuída? Estando ele já circuncidado ou ainda incircunciso? Não no regime da circuncisão, e sim quando incircunciso” (Rm 4.9-10). Em outras palavras, o grande patriarca foi justificado quando ainda era um caldeu incircunciso.

Tal Pai, tal filho

O fato de que Abraão foi justificado como gentio fez dele o exemplo perfeito para os gálatas, que vinham lutando com duas perguntas: a quem Deus aceita, e baseado em quê? Ao formular respostas para tais questões, Paulo tomou a história de Abraão e a aplicou à situação deles e a nossa: “Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão” (Gl 3.7).

Sem dúvida, essa afirmação enfureceu os judaizantes. Eles conquistaram a fama afirmando serem filhos de Abraão, em detrimento daqueles que não eram. “Nós

fomos circuncidados", gabavam-se, "por isso somos os filhos de Abraão!" Paulo tomou seu vocabulário e se valeu dele para golpeá-los, declarando que os verdadeiros filhos de Abraão são aqueles que creem – e somente esses. Paulo não somente afirmou isso, como insistiu nesse ensino. Gramaticalmente, o versículo 7 pode ser lido da seguinte forma: "Os da fé, esses são os filhos de Abraão". Todos os que creem – e apenas estes que creem – são filhos de Abraão. A filiação à família de Abraão não é hereditária. Os verdadeiros filhos e filhas do Pai Abraão não são as pessoas que guardam a lei, mas as pessoas que vivem pela fé. Seu traço familiar é espiritual e não físico.

Na prática, isso significa que Deus nos aceitará somente na mesma base que aceitou Abraão. Tal pai, tal filho. Se Abraão foi justificado pela fé, então seus filhos têm que ser justificados pela fé também. Portanto, nós nunca nos tornaremos filhos de Deus pelo que fazemos, mas apenas pelo que cremos.

No que, então, devemos crer? Observe o objeto da fé de Abraão: ele colocou sua confiança em Deus. "[...] Abraão, que creu em Deus" (Gl 3.6), e isso lhe foi creditado como justiça. A fé de Abraão não estava firmada somente nas promessas de Deus – as quais eram difíceis de serem cridas por ele –, mas no próprio Deus. Abraão creu no Deus fiel – o Deus que lhe fez a promessa. Quando não sabia para onde estava indo, ou como chegaria lá, confiou em Deus para levá-lo aonde precisava estar. Quando não tinha filhos, ou qualquer motivo para pensar que os teria, ele creu que Deus honraria sua promessa. Contra toda a esperança e acima de qualquer dúvida, Abraão confiou a si mesmo e toda a sua vida a Deus. A Escritura diz: "não duvidou nem foi incrédulo em relação à promessa de Deus, mas foi fortalecido em sua fé e deu glória a Deus, estando plenamente convencido de que ele era poderoso para cumprir o que havia prometido. Em consequência, 'isso lhe foi creditado como justiça'" (Rm 4.20-22 - NVI).

Se vamos nos tornar filhos de Abraão e, consequentemente, filhos de Deus, devemos ter a mesma fé, e devemos direcioná-la no mesmo sentido. Devemos confiar no Deus que cumpre todas as promessas que fez. Nós confiamos nele para nos guiar, crendo que ele mostrará o caminho que devemos seguir. Confiamos em sua providência, crendo que ele proverá tudo o que precisarmos. Confiamos nele para nos libertar, acreditando que ele nos sustentará em meio às provações. Confiamos nele para tudo, assim como Abraão fez. Mas, acima de tudo, confiamos nele para a salvação por meio de seu Filho. Agora que Deus, o Filho, veio ao mundo, crer em Deus é acolher o evangelho de Jesus Cristo, o

qual “recebemos e confiamos só nele para a salvação, como ele nos é oferecido no evangelho”.3

Ter fé é crer nas boas-novas da cruz e do túmulo vazio. É aceitar o que a Bíblia diz sobre a crucificação e a ressurreição de Jesus de Nazaré. É confiar em “Jesus Cristo como crucificado”, como Paulo disse lá no versículo 1. É acreditar que Jesus morreu na cruz por nossos pecados e foi levantado dos mortos para nos dar a vida eterna.

Essas são as coisas em que devemos crer se quisermos que Deus nos aceite como justificou Abraão: “As palavras ‘lhe foi creditado’ não foram escritas apenas para ele, mas também para nós, a quem Deus creditará justiça, a nós, que cremos naquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor. Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4.23-25 - NVI). Quando colocamos toda a nossa confiança e convicção no Deus que ressuscitou o Cristo crucificado dos mortos, o Pai credita a justiça de Cristo em nossa conta. Ele imputa a justiça de Cristo a nós, de modo que somos justos diante de seus olhos por meio da fé. Assim, nos tornamos verdadeiros filhos de Abraão e de Deus.

O mesmo de sempre

Essa fé não é só para Abraão e para os gálatas, mas para todos. No versículo 6, Paulo provou que a justificação pela fé era o plano de Deus para Abraão. No versículo 7, ele mostrou que pessoas como os gálatas poderiam se tornar filhos de Abraão pela mesma fé. Depois, no versículo 8, ele prova que a justificação somente pela fé sempre foi o plano de Deus para todos os povos em todos os lugares: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos” (Gl 3.8).

Essa citação nos leva ainda mais para o início da história de Abraão, até a primeira promessa que Deus lhe fez: “de ti farei uma grande nação, [...] em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.2-3). Há também um eco em Gálatas de Gênesis 18.18, onde se registra que Deus disse: “Abraão certamente virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra”.

Ao citar Gênesis desta maneira, Paulo ensina algo importante sobre a Bíblia. As promessas em Gênesis vêm da boca de Deus, mas para Paulo, o que a Bíblia diz e o que Deus diz são uma coisa só. Nesse sentido, Paulo afirma: “a Escritura [...] preanunciou” (Gl 3.8), embora fosse o próprio Deus falando. Sob essa perspectiva, segundo o grande teólogo de Princeton, Benjamin Breckinridge Warfield (1851-1921), “Deus e as Escrituras são colocados em enorme conjunção, a fim de demonstrar que, tratando-se de clareza de autoridade, nenhuma distinção foi feita entre eles”.4 A Bíblia é a Palavra de Deus escrita. É por esse motivo que a Escritura está viva, e tem o poder de anunciar porque Deus fala nela com uma voz viva e poderosa. As palavras nas páginas da Bíblia vêm diretamente da boca de Deus.

Por ter sido escrita por Deus – por meio de autores humanos, é claro –, a proclamação bíblica possui um só pensamento e uma só mensagem. Essa mensagem unificada é a justificação somente pela fé. O plano divino de salvação, a aliança da graça, emana de Abraão até Cristo: “A Escritura [...] preanunciou o evangelho a Abraão” (Gl 3.8). O que Deus disse a Abraão não era nada menos do que uma proclamação do evangelho. Os cristãos às vezes cantam sobre “a velha história de Cristo e sua glória, de Cristo e seu perdão”. A história é mais antiga do que algumas pessoas se dão conta. Ela remonta pelo menos aos dias de Abraão. Na verdade, ela remonta a Adão e Eva (Gn 3.15), que foram os primeiros a ouvi-la. Sendo assim, a boa-nova do Antigo Testamento é a boa-nova sobre Jesus Cristo.

O evangelho é a boa-nova sobre Deus perdoando pecados e concedendo vida eterna. Essas são as mesmas coisas nas quais Abraão creu. Ele não conheceu Jesus Cristo pelo nome, mas confiava nele mesmo assim. Ele cria que Deus perdoaria seus pecados e lhe concederia a vida eterna. Em outras palavras, ele tinha fé tanto na expiação quanto na ressurreição.

Pense sobre as ações de Abraão no Monte Moriá, onde Deus lhe mandou oferecer seu amado filho Isaque como sacrifício. As crianças amam questionar seus pais sobre os planos de viagem, e Isaque não foi exceção. Ao subirem a montanha, o garoto percebeu que algo estava faltando: “Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” (Gn 22.7). Abraão acreditava que Deus providenciaria o sacrifício expiatório. Então ele respondeu: “Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto” (Gn 22.8). Abraão estava certo: Deus proveu um carneiro, preso nos arbustos, que Abraão ofereceu em lugar de seu filho (Gn 22.13). Ele teve fé que receberia de presente da parte de Deus um

sacrifício expiatório.

Abraão também tinha fé na ressurreição. Antes de subir a montanha com Isaque, ele “disse a seus servos: Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós” (Gn 22.5). Abraão subiu a montanha, tendo a faca em sua mão, com a clara intenção de sacrificar seu filho. No entanto, não havia a menor dúvida em sua mente de que Isaque voltaria a descer a montanha com ele. Por quê? A Escritura nos conta o que Abraão pensava: “considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou” (Hb 11.19). Pai Abraão acreditava no poder de Deus sobre a morte. Ele confiou em Deus para perdoar pecados e conceder a vida eterna. Assim, o evangelho segundo Abraão incluía tanto a expiação como a ressurreição.

Todos os filhos de Abraão creem no mesmo evangelho. Seus verdadeiros filhos e filhas são o povo da fé. Se o evangelho era bom o suficiente para Abraão, é bom o suficiente para nós. Confiamos na morte expiatória e na ressurreição corpórea de Jesus Cristo, como Deus planejou desde o princípio. Sua maneira de lidar conosco em nosso pecado é a mesma eternamente.

Uma das implicações disso é que a doutrina da justificação pela fé não é algum tipo de novidade teológica. Em seu fascínio por Roma, alguns cristãos evangélicos agora questionam a importância da teologia da Reforma. Mais especificamente, se perguntam se era realmente necessário dividir a igreja por causa da doutrina da justificação. O que importa, perguntam eles, se sou salvo somente pela fé ou pela fé mais as obras? Quem se importa se Deus me faz justo ou me declara justo, desde que eu seja justo no final?

Aos que duvidam da necessidade da doutrina da Reforma da justificação, atestamos – tanto com Paulo quanto com Abraão – que a justificação sempre veio somente pela fé. A justificação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo, sempre esteve no cerne do plano de Deus para a salvação dos pecadores. Portanto, Ernst Käsemann concluiu corretamente que “a justificação continua sendo o meio, o começo e o final da história da salvação”.5

Paulo não poderia ter expressado este ponto com mais força do que o fez nas seguintes palavras: “Prevendo a Escritura que Deus justificaria os gentios pela fé” (Gl 3.8 - NVI). O Antigo Testamento teve a antevisão de prever a vinda de Jesus Cristo, o Salvador do mundo. As Escrituras não só previram que ele viria,

mas também profetizaram o modo exato pelo qual ele salvaria. Ele justificaria os pecadores pela fé, exatamente como Deus justificou Abraão.

Louvemos ao Senhor

Este plano de salvação é para todos os povos em todos os lugares. É universal. É para todas as nações. A bênção da justificação nunca foi apenas para os judeus; sempre foi direcionada para o mundo inteiro. Em Gálatas 3.8, Paulo menciona os "gentios" e os "povos". Na verdade, essas são duas traduções diferentes para o mesmo termo. A palavra não se refere a estados políticos, mas a grupos de pessoas. Por meio de Abraão, a bênção de Deus chegaria a todas as comunidades étnicas do mundo, a toda tribo, povo e língua. Este foi o plano de trabalho que Jesus estabeleceu para a igreja: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19). Mais tarde, tornou-se o plano de trabalho de Paulo para as missões mundiais. Isso explica por que ele foi a lugares como a Galácia para proclamar a boa-nova sobre Jesus Cristo que Deus havia anunciado em primeiro lugar a Abraão.

Pregar o evangelho a todo grupo de pessoas continua sendo a agenda prioritária da igreja até hoje. Pensar e agir biblicamente é pensar e agir globalmente. Pregamos todo o evangelho ao mundo inteiro, sabendo que esta é a vontade de Deus com respeito a Jesus Cristo: sustentar a reivindicação dele sobre todas as comunidades étnicas da face da terra. Nas palavras de outra canção infantil, que também é profunda em sua teologia:

Jesus ama as criancinhas,

De todos povos e nações;

Preto, branco, amarelinho,

Jesus olha com carinho;

Jesus ama as criancinhas desse mundo.

Para que as criancinhas do mundo se tornem filhos e filhas de Abraão, devem vir a Jesus Cristo pela fé. O evangelho que pregamos às nações é o evangelho da

justificação pela fé.

No versículo 9, Paulo resume o que vem dizendo até aqui: “Assim, os que são da fé são abençoados junto com Abraão, homem de fé” (Gl 3.9 - NVI). Esse versículo fala de uma bênção comum. Somos abençoados com Abraão, de modo que todas as bênçãos dele se tornam nossas bênçãos. Pela fé, tornamo-nos o objeto da bênção que Deus prometeu a Abraão. Dessa forma, ele se torna nosso irmão, bem como nosso pai. Isso faz parte da doutrina da comunhão dos santos. Deus oferece uma só salvação em um só Cristo, para ser compartilhada por um só povo, incluindo Abraão.

A bênção que Paulo tem em mente é a bênção do evangelho que Deus anunciou a Abraão: ser justificado ou aceito como justo perante os olhos de Deus. Timothy George questiona: “O que foi que as Escrituras ‘previram’ e ‘preanunciaram’ a Abraão? Simplesmente isto: a boa-nova da salvação seria estendida a todos os povos, incluindo os gentios, que seriam declarados justos por Deus, assim como Abraão, com base na fé”.6

Abraão recebeu muitas bênçãos de Deus em sua vida. Ele alcançou uma herança na Terra Prometida. Foi-lhe dado um filho, e por meio desse filho, tornou-se o pai de muitas nações. Mas a maior bênção que recebeu foi ser justificado.

Mais cedo, eu mencionei o perdão que o Rei George da Inglaterra concedeu a William Herschel. Há mais detalhes nesta história. O documento que o rei deu a Herschel começou declarando-o “inocente”, e em seu decorrer, dizia que por seu excelente serviço à humanidade como músico e cientista, Herschel receberia o título de cavaleiro. A partir desse ponto, ele era um dos cavaleiros do Rei George, reverenciado em todo o Reino Unido como Sir William Herschel. Quando foi justificado, Herschel não só foi declarado justo, mas também se tornou amigo do rei.

Essa também foi a experiência de Abraão, e pode se tornar a nossa experiência. Podemos receber as mesmas bênçãos que Abraão experimentou. Podemos ser feitos justos diante de Deus. Podemos nos tornar um amigo pessoal do Criador do universo e viver com ele por toda a eternidade. Só é necessário ter fé em Jesus Cristo, nada mais. Se queremos a mesma bênção que Abraão recebeu, precisamos recebê-la da mesma maneira. Abraão foi justificado como um homem de fé. Ele não foi justificado como um judeu circuncidado, mas como um crente. Portanto o legado do Pai Abraão é herdado pela fé: “os da fé são

abençoados com o crente Abraão” (Gl 3.9).

Não precisamos ser circuncidados para sermos justificados perante Deus. Não precisamos guardar a lei. Nós não precisamos nos tornar culturalmente judeus. Não temos que fazer nada, apenas crer. Aqueles que creem em Jesus Cristo são os que recebem a bênção que Deus prometeu a Abraão. Assim, é somente pela fé que alguém canta as palavras da canção, tão profunda em sua teologia:

Pai Abraão tem muitos filhos,

Muitos filhos, ele tem;

Eu sou um deles, você também.

Louvemos ao Senhor!

Notas

1 WITHERINGTON III, Ben. Grace in Galatia: A Commentary on Paul's Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 195.

2 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 218.

3 Breve Catecismo de Westminster, resposta à pergunta 86.

4 WARFIELD, Benjamin Breckinridge. The Inspiration and Authority of Scripture (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1948), 299. [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã, com o título A Inspiração e Autoridade da Escritura (N. do E.)]

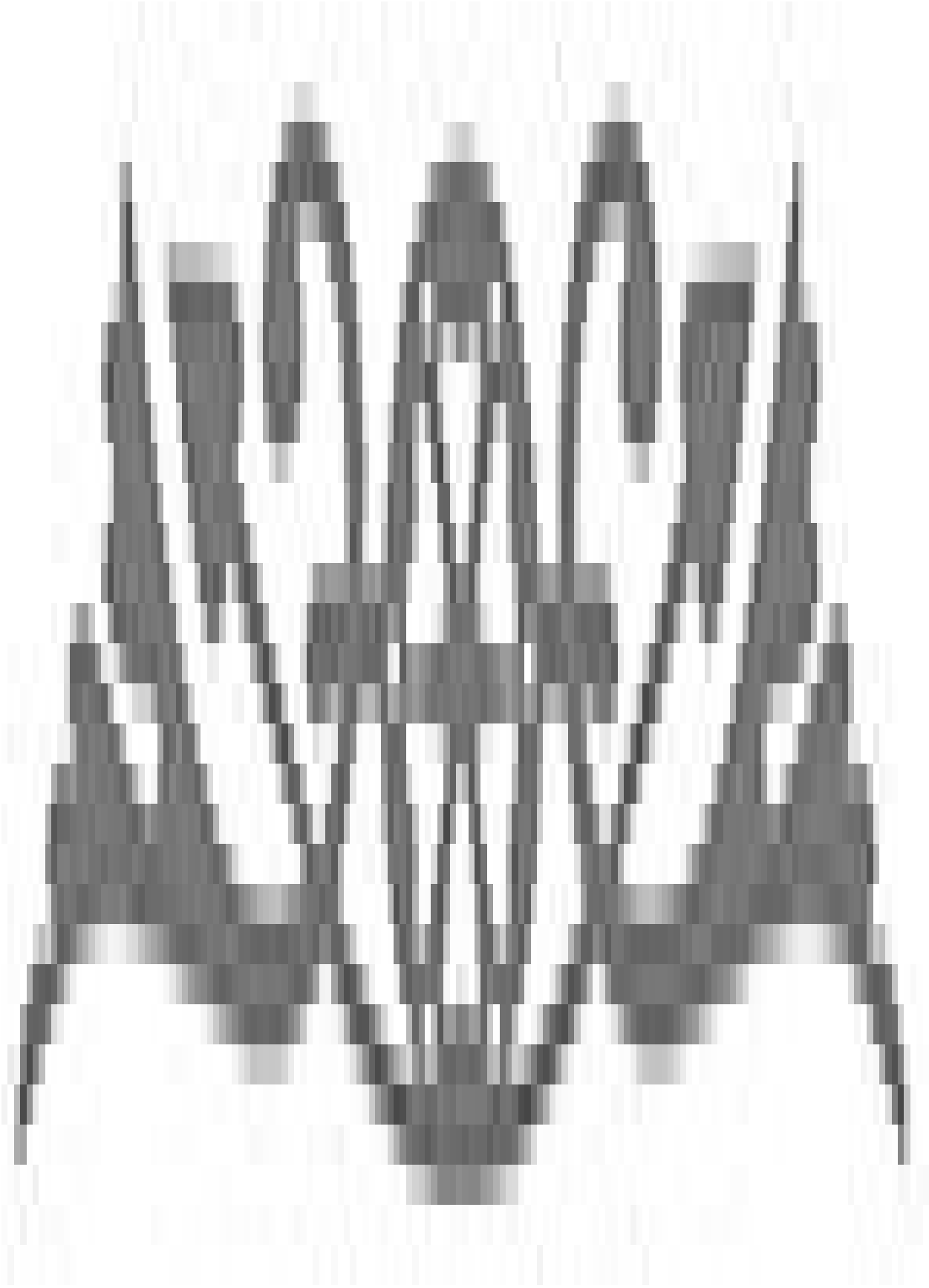
5 KÄSEMANN, Ernst. Perspectives on Paul, trad. KOHL, Margaret. (Filadélfia: Fortress, 1971), 76.

6 GEORGE, Timothy. Galatians, 225.

9

A velha e maldita cruz

Gálatas 3.10-14



Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro) (Gl 3.13).

Imagine a cena: Uma nação inteira se reúne nas laterais de duas montanhas para adorar. Metade das pessoas fica em uma montanha, metade em outra. Eles adoram responsivamente, alternando seu louvor. Primeiro um grupo clama a Deus e depois o outro, com cada homem, mulher e criança bradando em uníssono.

Essa foi a cena quando o povo de Deus cruzou o Rio Jordão e entrou na Terra Prometida. De acordo com o comando de Moisés, seis tribos se colocaram no Monte Gerizim e seis no Monte Ebal, formando um coro antifônico. Em vez de cantarem em harmonia, recitaram uma litania de bênçãos e maldições. As tribos do monte Gerizim abençoavam o povo de Deus, enquanto as tribos do monte Ebal o amaldiçoavam.

E que maldições eram. “Maldito o homem que fizer imagem de escultura ou de fundição” (Dt 27.15). “Maldito aquele que desprezar a seu pai ou a sua mãe” (Dt 27.16). “Maldito aquele que perverter o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva” (Dt 27.19). “Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo” (Dt 27.26). Os Levitas recitaram uma dúzia de maldições ao todo, e, depois de cada uma, todo o povo dizia: “Amém!”

O problema com a lei

O apóstolo Paulo conhecia bem essas maldições. Ele as tinha lido no livro de Deuteronômio, é claro, mas também as tinha ouvido recitadas em cinco ocasiões memoráveis. Cinco vezes Paulo foi punido pelos judeus por pregar o evangelho e, em cada vez, recebeu a punição padrão: “uma quarentena de açoites menos um” (2Co 11.24). Os manuais da sinagoga daquela época requeriam que alguém lesse as maldições da lei enquanto o prisioneiro era açoitado.1 Assim, quando Paulo recebeu a última chibatada em suas costas, ele pode ter ouvido as exatas palavras que mais tarde citou aos gálatas: “Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las” (Gl

3.10).

Esse versículo declara o juízo solene de Deus contra a humanidade pecaminosa. O padrão de Deus é perfeito. Ele exige nada menos do que obediência total à lei inteira. A lei perfeita de Deus é para todos, para judeus e para gentios, de igual modo. Alguns comentaristas atuais argumentam que Paulo estava se referindo à desobediência de Israel como nação, e não ao pecado dos indivíduos. No entanto, no contexto de Deuteronômio, a maldição de Deus claramente recai sobre indivíduos que não cumprem a lei. Outros sugerem que esses versículos se referem apenas aos judeus, mas isso é ignorar o fato de que todos são obrigados a obedecer a Deus. A lei de Deus não é apenas para judeus como judeus; é para seres humanos como seres humanos.

Não somente devemos cumprir a lei de Deus, mas também devemos continuar a cumpri-la. Deus exige obediência consistente e constante à sua vontade revelada. Além disso, a lei deve ser mantida em sua totalidade. Todos devem continuar a fazer tudo o que está escrito na lei de Deus, até o último detalhe.

A Escritura refere-se aqui à lei moral de Deus, e não meramente aos rituais que separam os judeus dos gentios, como a Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei afirma. Isso faz uma grande diferença para a nossa interpretação da Carta aos Gálatas e, de fato, para toda a nossa compreensão do evangelho. A Nova Perspectiva defende que, quando Paulo escreveu sobre o cumprimento de todas as coisas escritas no livro da lei, ele não tinha em mente toda a lei do Antigo Testamento. Em vez disso, ele se referia às normas cerimoniais que distinguiam os israelitas dos gentios, tais como a circuncisão e as regras para a comunhão à mesa, e não ao código moral que as pessoas poderiam usar para justificar sua retidão diante de Deus.

E. P. Sanders foi o primeiro a articular esse ponto de vista em seu livro Paul, the Law, and the Jewish People.2 Segundo Sanders, Paulo não pretendia enfatizar a palavra “todas”, mas simplesmente a empregou como parte de Deuteronômio 27.26, o qual quis citar por razões polêmicas. Mas como Andrew Das destaca em sua crítica a Sanders e a outros que defendem esse ponto de vista, “todas” é fundamental para o significado desse versículo do Antigo Testamento, o qual conclui uma extensa condenação de todas as possíveis violações da lei de Deus e daqueles que a quebram. A palavra “todas” é igualmente fundamental para o argumento de Paulo. Das explica: “Deuteronômio 27.26 é citado em Gálatas 3.10 para dar uma razão pela qual aqueles que confiam e se apoiam nas obras da

lei estão sob uma maldição: a lei demandava que todos os seus preceitos fossem obedecidos".3

Nessa recente controvérsia sobre esse versículo, o que está em jogo é o propósito de Paulo ao escrever Gálatas e, por extensão, a sua compreensão da doutrina da justificação. Seria a única preocupação de Paulo desafiar os cristãos judeus a não se recusarem a manter comunhão à mesa com os cristãos gentios, como sustenta a Nova Perspectiva? Ou, como afirma a clássica interpretação protestante de Paulo e da lei, ele estava mais preocupado com a maneira por meio da qual os pecadores podem esperar ter um relacionamento salvador com um Deus justo?

Ao citar Deuteronômio 27.26, Paulo fornece a resposta. Esse versículo encerra um catálogo exaustivo das exigências que Deus faz em sua lei (no qual quase todas se enquadram na categoria de lei moral) e sua maldição sobre qualquer pessoa que viole qualquer uma dessas exigências. Quando Paulo escreve: "os que se apoiam na prática da lei estão debaixo de maldição" (Gl 3.10 - NVI), ele defende a doutrina da justificação somente pela fé, insistindo que ninguém pode ser aceito por Deus por meio da lei, a menos que ela seja cumprida em toda sua perfeição. Como está escrito: "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tg 2.10).

O castigo por não manter o padrão perfeito de Deus é a justa maldição de Deus. Cada transgressor está sujeito à condenação divina. "Que merece cada pecado?" pergunta o Breve Catecismo de Westminster. A resposta é: "Cada pecado merece a ira e a maldição de Deus, tanto nesta vida como na vindoura" (Pergunta e resposta 84).

Isso significa que nós mesmos estamos sob a mesma maldição que foi bradada no Monte Ebal. Há uma premissa oculta em Gálatas 3.10, uma premissa tão óbvia que permanece implícita: Nós somos violadores da lei.4 Somos pecadores vivendo em rebelião contra Deus. Citando novamente o Breve Catecismo: "Nenhum mero homem, desde a queda de Adão, é capaz, nesta vida, de guardar perfeitamente os mandamentos de Deus, mas diariamente os quebra por pensamentos, palavras e obras" (Resposta 82). Esta é a doutrina da depravação total: não que sejamos tão pecadores quanto poderíamos ser, mas que somos todos pecadores em tudo. Não há parte de nós – corpo, alma ou espírito; mente, coração ou vontade – que não seja corrupta.

A doutrina da depravação é ensinada em toda parte nas Escrituras: "Não há

homem que não peque” (1Rs 8.46); “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho” (Is 53.6); “Não há justo, nem um sequer” (Rm 3.10); “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). O que a Bíblia diz sobre a natureza humana é confirmado pela história humana, que é um conto sórdido de guerra e aflição. É confirmado pelos nossos vizinhos, pelas mentiras de nossos colegas de trabalho e pelo egocentrismo das pessoas em nossa rua. É confirmado pelos desentendimentos mesquinhos dentro de nossas famílias e até mesmo de nossas igrejas. Mas a doutrina da depravação total escreve sua prova mais convincente em nossos próprios corações. Sua própria consciência culpada deve ser suficiente para convencê-lo de que você é indigno de Deus. De vez em quando, você dá aquela esticadinha na verdade? Já pegou algo que não pertence a você? Já disse uma palavra maldosa? Se assim for, então a lei de Deus o condena como um amaldiçoado mentiroso, ladrão e assassino.

Se é verdade que todos, sem exceção, estão condenados pela maldição da lei, então por que alguém tentaria basear a salvação na observância da lei? Este é o argumento de Paulo. Todos os que estão na dependência da lei estão sob uma maldição, pois a lei amaldiçoa a todos que a quebram, coisa que todos fazem. Ironicamente, ao defender a obediência à lei, os judaizantes não escapavam da maldição de Deus, mas a desencadeavam.

O apóstolo refere-se especificamente a “todos quantos são das obras da lei” (Gl 3.10). É a mesma frase que ele usou no capítulo 2 quando contrasta aqueles que são “justificados por obras da lei” com aqueles que são “justificados pela fé” (Gl 2.16). Aqueles que “são das obras da lei” são pessoas que querem ser aceitas por seus próprios méritos. Elas esperam que Deus as justifique porque fazem as coisas certas. Mas esta é uma perversão legalista da lei. Qualquer um que tenta ser justificado por meio da observância da lei está tentando o impossível. Deus não nos deu a lei para nos tornar bons. Parte do objetivo da lei, na verdade, é mostrar-nos quão maus realmente somos. Portanto, é completamente impossível se acertar com Deus cumprindo a lei; “a lei é uma questão de desempenho, mas um desempenho que está acima da possibilidade humana”.5 Se a justificação viesse pela lei, não poderíamos ser justificados, porque não somos capazes de cumprir a lei. O puritano William Perkins explicou assim: “Se conseguíssemos cumprir a lei, poderíamos ser justificados pela lei: mas nenhum homem pode ser justificado pela lei ou pelas obras: portanto, nenhum homem pode cumprir a lei”.6

O problema com a lei, então, não é a lei; o problema com a lei é o nosso pecado. Uma vez que não podemos cumprir a lei, a lei não pode nos abençoar. Tudo o que ela pode fazer é nos amaldiçoar, colocando-nos sob a condenação da ira divina.

O princípio da lei

Se a lei não nos pode abençoar, então como podemos receber a bênção de Deus? Essa é a questão com a qual Paulo vem lutando ao longo desta carta. Como eu me mantenho reto em um relacionamento com Deus? Como Deus pode me aceitar? O que devo fazer para ganhar o seu favor? Em uma palavra, como posso ser justificado?

Existem duas possibilidades: Ou sou justificado pelas obras da lei, ou sou justificado pela fé em Jesus Cristo. A resposta de Paulo, é claro, é que a justificação vem somente pela fé e não pelas obras. Ele já afirmou isso antes, mas repete aqui: “E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé. Ora, a lei não procede de fé, mas: Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá” (Gl 3.11-12). A justificação não pode vir por obras de lei; deve vir pela fé.

A fé e as obras operam de acordo com diferentes princípios. São duas maneiras totalmente diferentes de se viver: crendo e fazendo. Se vivemos pela fé, confiamos em Deus para nos justificar por meio de Jesus Cristo. Como Paulo pregou em outra ocasião, “por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés” (At 13.38-39). Por outro lado, se vivemos por obras, dependemos de nossa própria contribuição para nos fazer completamente aceitáveis a Deus. Mas é impossível seguir pelas duas vias ao mesmo tempo: Crer e fazer são caminhos mutuamente excludentes. Ou confiamos em Deus para nos justificar por meio da fé ou tentamos nos justificar pelas obras.

Dessa forma, a fé e as obras são como um homem que tem um pé no cais e um pé no barco. À medida que o barco começa a se afastar do cais, ele terá que fazer uma escolha, ou, então, acabará na água. Como Calvino explicou, são duas maneiras contrárias de se viver: “A lei justifica aquele que cumpre todos os seus mandamentos, enquanto a fé justifica aqueles que são destituídos do mérito das obras e confiam somente em Cristo. Ser justificado por nosso próprio mérito e

pela graça de outro é inconciliável”.7

Paulo ilustra esses dois princípios de vida usando o Antigo Testamento. No versículo 11, cita o profeta Habacuque: “O justo viverá pela fé”. Para citar o versículo inteiro: “Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé” (Hc 2.4). Esse deve ter sido um versículo importante para Paulo, pois também aparece como versículo-tema em Romanos (Rm 1.17).

No seu contexto original, as palavras de Habacuque condenavam o orgulho dos babilônicos que conquistaram Jerusalém. O profeta os acusou de terem uma orgulhosa confiança em si mesmos. Eles não “estavam corretos em relação a Deus: em vez de confiar nele, mantinham-se distantes e desinteressados em um espírito de autossuficiência, confiando em si mesmos”.8 Mas não é assim que Deus quer que seu povo viva. Ele quer que vivam pela fé. Eles são os justificados, os que foram declarados justos por Deus. E agora devem viver pela fé, como Abraão fez. Em vez de confiarem em si mesmos, devem confiar em Deus. A fé deve caracterizar sua relação com Deus do começo ao fim.

Esse versículo de Habacuque teve uma tremenda influência na vida de Martinho Lutero. Lutero o encontrou no mosteiro de Erfurt, embora a princípio estivesse incerto do que significava. Mais tarde, atravessou um período sombrio, de doença e depressão, durante o qual imaginou estar sob a ira de Deus. Deitado em uma cama na Itália, e temendo que morreria em breve, Lutero se viu repetindo as palavras várias e várias vezes: “O justo viverá pela sua fé. O justo viverá pela sua fé”.

Pouco depois de se recuperar, Lutero foi a Roma, onde visitou a igreja de São João de Latrão. O papa prometera uma indulgência perdoando os pecados de qualquer peregrino que subisse sua escadaria, a qual teria vindo da sala de julgamento de Pôncio Pilatos. Acreditando que os degraus estavam manchados pelo sangue de Cristo, os peregrinos subiam as escadas de joelhos, parando frequentemente para orar e beijar a escadaria sagrada.

A história continua nas palavras do filho de Lutero, conforme um manuscrito preservado na biblioteca de Rudolstadt: “Ao repetir suas orações na escadaria de Latrão, as palavras do profeta Habacuque vieram de repente à sua mente: ‘O justo viverá pela fé’. Então cessou suas orações, retornou a Wittenberg, e tomou isso como o principal fundamento de toda a sua doutrina”. Lutero já não acreditava haver algo que ele pudesse fazer para ganhar o favor de Deus, e

começou a viver pela fé no Filho de Deus. Como, mais tarde, o próprio Lutero disse: “Antes que aquelas palavras rompessem em minha mente, eu odiava Deus e estava zangado com ele .... Mas quando, pelo Espírito de Deus, compreendi essas palavras – ‘O justo viverá pela fé!’ ‘O justo viverá pela fé!’ – então senti como se tivesse nascido de novo, como um novo homem; eu atravessei as portas abertas do próprio Paraíso de Deus”.9

Martinho Lutero entendeu corretamente que as obras da lei não podem justificar da maneira que a fé o faz. A lei é toda uma forma diferente de viver e opera de acordo com um princípio completamente diferente. Para ilustrar o princípio de vida da lei, Paulo citou do livro de Levítico: “quem praticar estas coisas, por elas viverá” (Gl 3.12 - NVI). Para citar a passagem original em sua totalidade: “Fareis segundo os meus juízos e os meus estatutos guardareis, para andardes neles. Eu sou o Senhor, vosso Deus. Portanto, os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo-os, o homem viverá por eles. Eu sou o Senhor” (Lv 18.4-5).

A lei, tal como encontrada em Levítico e em outros lugares, opera numa base diferente da fé. As únicas bênçãos que ela tem para oferecer são para aqueles que a cumprem. No que diz respeito à justificação, a lei não é para os que creem; é apenas para os que fazem. Portanto, a lei é baseada em obras. Thomas Schreiner oferece esta paráfrase para explicar o que Paulo quer dizer: “A salvação pelas obras da lei é contrária à fé, pois a salvação pelas obras de lei significa que aquele que cumpre a lei viverá pela sua obediência”.10 Este é o princípio da lei: cumpra-a. Se cumprir a lei, você será legalmente justo, e viverá.

Isso implica que a lei poderia nos salvar se pudéssemos cumpri-la. O problema é – e isso nos leva de volta à dificuldade com a lei no versículo 10 – que ninguém consegue guardá-la. Se pudéssemos cumprir a lei, seríamos justificados pela lei, mas não podemos, por isso não o somos. O princípio da lei é viver pelas obras; o problema com a lei é que não podemos viver à altura dela.

Uma boa ilustração disso é a história do homem cristão que saiu para jantar com um amigo. Enquanto esperavam a refeição, começaram a conversar sobre coisas espirituais. O amigo do homem, por acaso, mencionou que não pecava já há 20 anos. Foi uma ostentação tão absurda que o cristão mal sabia o que dizer. Enquanto tentava pensar em uma resposta, a garçonete chegou com a comida e, por um descuido, derrubou toda a refeição no colo do rapaz. Imediatamente, o amigo do homem começou a xingar a garçonete. Quando a confusão finalmente

acabou, o cristão disse: “Bem, eu acho que sua série invicta acabou de chegar ao final!”

Há duas maneiras de ser justificado. Uma é por obras da lei. Mas esse meio está fadado ao fracasso, porque ninguém pode continuar a fazer tudo o que está escrito na lei, nem mesmo um homem que afirma não ter pecado em 20 anos. A outra maneira para ser justificado é pela fé, que pode, sozinha, tornar um pecador justo diante de Deus. Martinho Lutero explicou o verdadeiro meio de Deus justificar pecadores nas seguintes palavras: “Se você deseja me aplacar, não me ofereça suas obras e méritos. Mas creia em Jesus Cristo, meu único Filho, que nasceu, sofreu, foi crucificado e morreu por seus pecados. Então, eu o aceitarei e o pronunciarei justo”.11

O castigo da lei

Lutero compreendeu corretamente que somente Cristo pode justificar um pecador, e somente por meio da sua cruz. O apóstolo Paulo explicou isso aos gálatas da seguinte forma: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)” (Gl 3.13).

Esse versículo é um lembrete da punição mencionada pela primeira vez no versículo 10. O castigo da lei é a ira de Deus. A lei de Deus profere uma maldição a todos os que não conseguem guardá-la – maldição esta, lembre-se, sob a qual todos estamos. Portanto, se quisermos ser salvos, a maldição deve ser removida. E é isso que Cristo fazia na cruz: resgatava seu povo do castigo maldito da lei.

A palavra “redenção” ou “resgate” vem do comércio. Refere-se ao pagamento de um prêmio, como às vezes acontece hoje. Por exemplo, um cupom na embalagem de uma caixa de cereal pode ser “resgatado”, conferindo um prêmio como resgate. No mundo de Paulo, a palavra “resgate” era mais usada no mercado de escravos, onde se referia ao preço de compra de um escravo. Às vezes, um amigo ou um parente comprava um escravo do cativeiro e o libertava. O escravo seria assim liberado por meio do pagamento de um resgate.

Normalmente, o preço de resgate é pago por quem dá o maior lance. No caso da redenção dos filhos de Deus, presos na escravidão do pecado, o preço para o

resgate foi o maior de todos. Nas palavras triunfantes de um antigo hino de Venâncio Fortunato (530-609): “As bandeiras reais para a frente seguem, / A cruz mostra o curso da redenção. / Onde ele, por quem nossa carne foi feita, / Nosso resgate em sua carne foi pago”. Nós fomos redimidos pelo próprio sangue de Jesus Cristo.

Ao tratar da redenção dos pecadores, o Novo Testamento com frequência enfatiza o dispendioso preço da redenção: “o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28); “não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pe 1.18-19).

Com vista a pagar este inestimável resgate, Jesus teve de suportar a maldição de Deus. Para compreender o que isso significa, é útil conhecer a lei do Antigo Testamento para a execução de um criminoso:

Se alguém houver pecado, passível da pena de morte, e tiver sido morto, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite, mas, certamente, o enterrarás no mesmo dia; porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus; assim, não contaminarás a terra que o

Senhor

, teu Deus, te dá em herança (Dt 21.22-23).

O objetivo de pendurar um criminoso desta maneira era expor seu crime capital à humilhação pública. Levantar seu corpo sobre um madeiro demonstrava que ele estava sob a maldição de Deus. Mas ele não devia ser deixado ali durante a noite, pois isso seria uma ofensa a Deus.

O povo de Deus levava esses regulamentos a sério. Quando Josué derrotou cinco reis cananeus em Maquedá, seus cadáveres foram expostos em cinco madeiros e tirados ao pôr do sol (Js 10.26). A mesma coisa foi feita com sete filhos de Saul em Gibeá (2Sm 21.6). Lembre-se também de que os líderes judaicos asseguraram-se de que Jesus fosse tirado da cruz antes do pôr do sol (Jo 19.31), para não profanar o sábado. Ser pendurado em um madeiro era a maior

expressão da maldição.

Imagine, então, quão ofensivo era o cristianismo aos judeus, pois bem no cerne de sua mensagem estava um homem pendurado num madeiro. A mensagem apostólica era sobre um homem que foi tão amaldiçoado por Deus que foi crucificado. No entanto, em vez de esconder esse fato, os apóstolos chamaram a atenção para ele. Quando Pedro falou aos líderes judeus em Jerusalém, ele disse: "O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro" (At 5.30). Pedro usou a mesma palavra em sua primeira carta: "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro" (1Pe 2.24). Ou ainda, quando Paulo falou na sinagoga de Antioquia da Pisídia, ele descreveu como Jesus foi tirado "do madeiro" (At 13.29).

Os apóstolos procuravam sempre um modo de chamar a cruz de "madeiro". Ao mesmo tempo, eles afirmavam que o Jesus crucificado era também o Cristo. Para os judeus, isso era a mais odiosa blasfêmia: um Messias amaldiçoado em uma cruz amaldiçoada. Não é de se admirar que a cruz era tamanho obstáculo para eles. Colocando da maneira mais chocante, e talvez a mais exata, a mensagem apostólica era sobre um Messias maldito por Deus.

A hostilidade judaica a essa ideia está documentada em diversos textos antigos. Escrevendo no século segundo, Justino (c. 100-165) relata uma conversa com o judeu Trifão, que se recusava a crer que o Messias de Deus poderia morrer em um madeiro, dizendo: "Mas, se o Cristo deveria ser tão vergonhosamente crucificado, temos dúvida quanto a isso. Pois todo aquele que é crucificado é, de acordo com a lei, maldito, e por isso sou extremamente incrédulo sobre este ponto".12 Outro escritor do mesmo período, Aristo de Pela, registrou uma discussão semelhante entre um cristão e um judeu sobre a crucificação. Quando percebeu o que o cristão afirmava, o judeu, cujo nome era Papisco, rejeitou completamente a Jesus, dizendo: "A execração de Deus é aquele que é pendurado".13 O que poderia ser mais blasfemo do que um suposto Messias pregado a um madeiro maldito?

Talvez o próprio Paulo tenha lutado em busca de resposta para essa pergunta. Ele reconheceu Jesus como Senhor quando encontrou o Cristo ressuscitado na estrada de Damasco. Mas o que poderia explicar a morte de Cristo na cruz? Parecia ser um verdadeiro dilema. Como poderia o único homem que obedeceu em tudo o que está escrito no livro da lei ser submetido à sua maldição? Seja por meio de seu estudo das Escrituras, seja por revelação direta, a Paulo foi dada esta

surpreendente resolução: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar” (Gl 3.13). “A linguagem aqui é surpreendente, quase chocante”, escreveu A. W. F. Blunt. “Nós não devíamos sequer ousar usá-la. No entanto, Paulo escolheu cada palavra para dizer exatamente o que disse”.14

Paulo quis dizer exatamente o que disse, porque entendeu o que Cristo fez na cruz. A morte dele foi uma substituição; ele foi crucificado em nosso lugar. Como Paulo escreveu aos coríntios, “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado” (2Co 5.21 - NVI). E, quando tomou nossos pecados sobre si, Cristo também teve que suportar a maldição de Deus, tornando-se “maldição em nosso lugar” (Gl 3.13). A pena de morte por violar a lei foi executada em Jesus Cristo. Ele foi condenado pelas mesmas maldições que uma vez foram bradadas do monte Ebal.

O castigo maldito da lei não se aplicava pessoalmente a Jesus, pois ele jamais violou a lei; Deus, porém, imputou nossos pecados ao seu Filho. A explanação de Martinho Lutero a esse respeito é digna de ser citada por completo:

Toda a ênfase está na frase “em nosso lugar”. Pois, no que diz respeito à sua própria Pessoa, Cristo é inocente; portanto, ele não deveria ter sido pendurado no madeiro. Mas como, de acordo com a Lei, todo criminoso deveria ser pendurado, assim, de acordo com a Lei de Moisés, o próprio Cristo deveria ser pendurado; porquanto levou consigo a pessoa de um pecador e malfeitor – e não de um, mas de todos os pecadores e malfeitores. Pois somos pecadores e malfeitores e, portanto, somos dignos da morte e da condenação eterna. Mas Cristo tomou todos os nossos pecados sobre si, e por eles morreu na cruz [...]

Ele não age como sua própria Pessoa agora. Agora, ele não é o Filho de Deus, nascido da Virgem. Mas é um pecador, que traz sobre si e carrega o pecado de Paulo, que fora um blasfemador, perseguidor e agressor; de Pedro, que negou a Cristo; de Davi, adúltero e assassino, que fez com que os gentios blasfemassem o nome do Senhor. Em suma, ele traz sobre si e carrega todos os pecados de todos os homens em seu corpo – não no sentido de que ele os cometeu, mas no sentido de que tomou esses pecados, cometidos por nós, sobre seu próprio corpo, a fim de fazer satisfação por eles com seu próprio sangue.15

No momento em que tomou nossos pecados sobre si, Cristo foi amaldiçoado, não por seus próprios pecados, mas pelos nossos. A maldição que merecíamos foi legalmente transferida de nós para ele. Lutero descreveu isso como a "troca afortunada" por meio da qual trocamos o nosso pecado e a maldição que merecemos pela justiça de Cristo:

Enquanto o pecado, a morte e a maldição permanecem em nós, o pecado nos condena, a morte nos mata e a maldição nos amaldiçoa; mas quando essas coisas são transferidas para Cristo, o que é nosso se torna dele e o que é dele se torna nosso. Aprendamos, portanto, em toda tentação, a transferir o pecado, a morte, a maldição e todos os males que nos oprimem para Cristo e, por outro lado, a transferir a justiça, a vida e a bênção dele para nós.16

Agora, talvez possamos começar a entender o significado do brado de abandono de Cristo na cruz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Quando estava pendurado no madeiro, Deus Filho foi amaldiçoado por Deus Pai. A maldição da lei é a maldição de Deus porque a lei é a lei de Deus. Assim, Cristo tornou-se um objeto da reprovação divina, amaldiçoado tanto por Deus quanto por sua lei.

Naquela velha e maldita cruz vemos a ira de Deus contra o pecado da humanidade. A cruz é uma demonstração pública de sua condenação para todos os tempos. Tendo visto o homem-Deus sobre o maldito madeiro, quem poderia duvidar da pecaminosidade do pecado ou da ira de Deus?

Todavia, na mesma cruz maldita enxergamos o poder da graça divina mais claramente do que em qualquer outro lugar. Deus suportou a própria maldição de Deus para nos salvar de nossos pecados. Isso é lindamente expresso nas palavras do antigo hino americano:

Que amor maravilhoso é este,

Ó minh'alma, ó minh'alma,

Que amor maravilhoso é este,

Ó minh'alma!

Que amor maravilhoso é este,

que fez o Senhor da bem-aventurança

carregar a terrível maldição

para a minha alma, para a minha alma,

carregar a terrível maldição para a minha alma!

A promessa do evangelho

O amor de Cristo é maravilhoso. Ele foi crucificado para remover a maldição. Visto que já não estamos sujeitos à pena de morte da lei, podemos receber a promessa do evangelho, "que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse também aos gentios, para que recebêssemos a promessa do Espírito mediante a fé" (Gl 3.14 - NVI).

Aqui Paulo resume tudo o que foi dito neste capítulo. Ele nos lembra da bênção dada a Abraão: uma posição aceitável diante de Deus. Ele nos lembra de que essa bênção é para todas as nações dos gentios. Ele nos lembra de que a bênção de Deus inclui receber o Espírito Santo, com todos os seus dons e graças.

Todas essas bênçãos jamais poderiam vir por obras da lei. Elas vêm somente "em Cristo Jesus". Esta é a doutrina da união com Cristo – todas as bênçãos de Deus vêm a nós quando recebemos Jesus Cristo. E o modo de receber Jesus é pela fé. Todas as bênçãos de Deus vêm somente pela fé na cruz de Cristo. Por meio da velha e maldita cruz, as nações do mundo recebem perdão por seus pecados. Por meio da velha e maldita cruz, somos aceitos pela graça justificadora de Deus. Por meio da velha e maldita cruz, recebemos o Espírito Santo prometido.

Recebemos todas essas coisas pela fé no Cristo crucificado. A fé merece ter a última palavra, porque é a última palavra em Gálatas 3.14 (vide NVI). O que foi uma maldição para Cristo se torna uma bênção para nós pela fé.

Notas

1 LONGENECKER, Richard N. Galatians, Word Biblical Commentaries (Dallas: Word, 1990), 117.

2 SANDERS, E. P. Paul, the Law, and the Jewish People (Filadélfia: Fortress, 1983), 21–22.

3 DAS, A. Andrew. Paul, the Law, and the Covenant (Peabody, MA: Hendrickson, 2001), 164.

4 Ou como coloca Andrew Das: “Todos os que confiam nas obras da lei não observam e obedecem a todas as coisas escritas no livro da lei” (ibid., 146). Das também destaca que a omissão de uma premissa clara era comum na retórica antiga.

5 HAGNER, Donald A. “The Law in Paul’s Letter to the Galatians,” Modern Reformation 12.5 (Set./Out. 2003): 34.

6 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 163.

7 CALVINO, João. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin’s New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 54.

8 BRUCE, F. F. “Habakkuk,” In: The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary, org. MCCOMISKEY, Thomas Edward. 3 vols. (Grand Rapids: Baker, 1993), 2:860.

9 Veja BOICE, James Montgomery. The Minor Prophets: An Expositional Commentary, 2 vols. (Grand Rapids: Kregel, 1996), 2:91–92.

10 SCHREINER, Thomas R. The Law and Its Fulfillment: A Pauline Theology of Law (Grand Rapids: Baker, 1993), 60.

11 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:231.

12 JUSTINO, Flávio. Dialogue with Trypho, a Jew, In: Ante-Nicene Fathers, org. ROBERTS, Alexander e DONALDSON, James. 10 vols. (Nova York, 1885; reimp. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 1:244.

13 PELLA, Aristo de. Disputation of Papiscus and Jason, In: Ante-Nicene Fathers, org. ROBERTS, Alexander e DONALDSON, James. vols. (Nova York, 1886; reimp. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 8:749.

14 BLUNT, A. W. F. The Epistle of Paul to the Galatians, The Clarendon Bible (Oxford: Oxford University Press, 1925), 96–97.

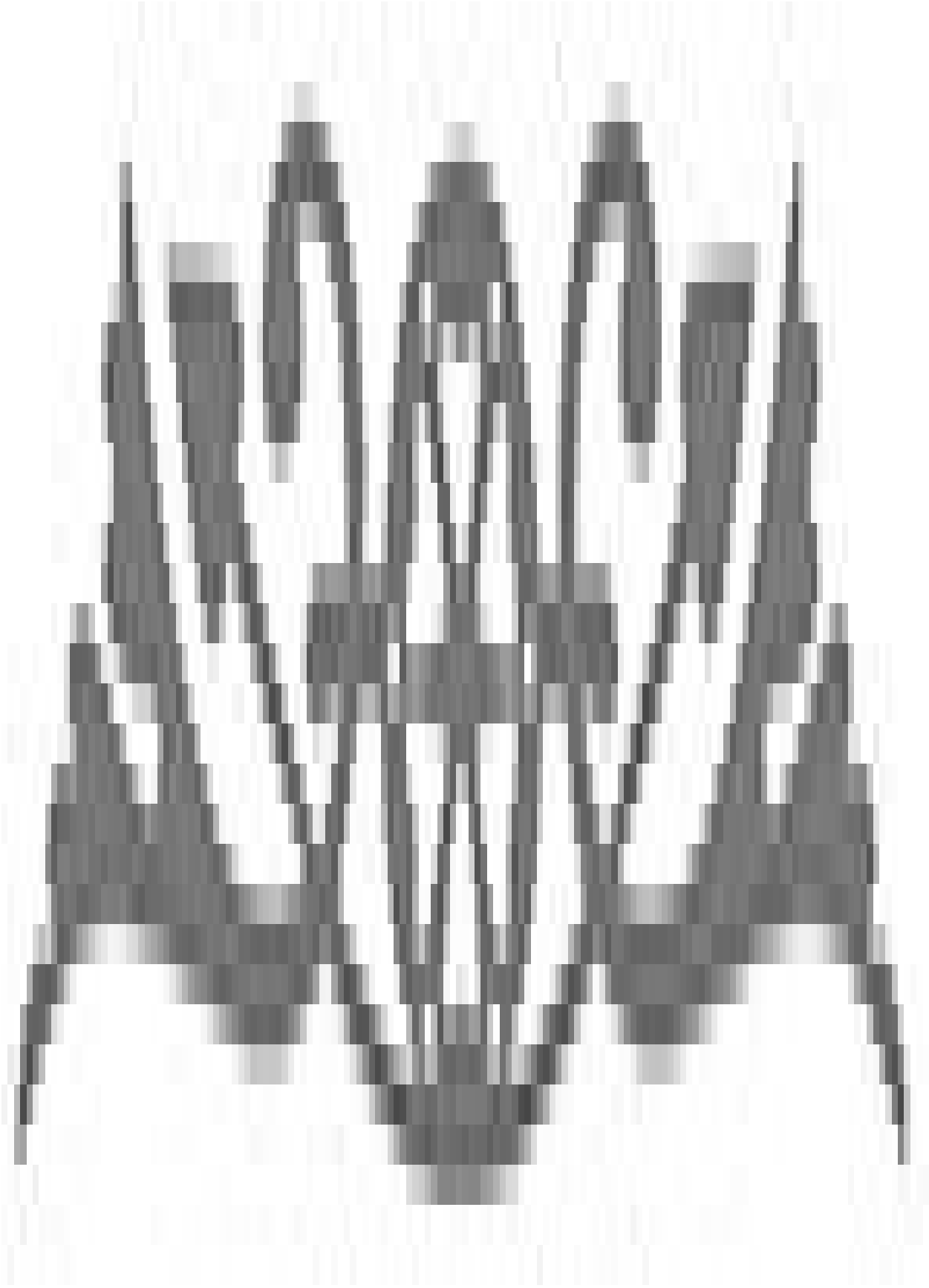
15 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:277.

16 Ibid., 26:284.

10

A promessa antes da lei

Gálatas 3.15-18



E digo isto: uma aliança já anteriormente confirmada por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa. Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão (Gl 3.17-18).

Uma mulher morreu e deixou todos os seus bens para uma universidade cristã. Ou era isso o que parecia. De acordo com os termos exatos de seu testamento, todos os seus "bens materiais" foram "legados" a uma determinada instituição educacional. Os filhos da mulher, que viviam no outro lado do país, ficaram surpresos ao descobrir que tinham sido deixados de fora da herança de sua mãe. "Surpresos" não é bem a palavra correta. Eles ficaram indignados com o fato de que a faculdade havia "tirado vantagem" de sua mãe dessa maneira.

Os descendentes contestaram o testamento em uma corte judicial. Tentaram alegar que o legado de sua mãe abrangia apenas bens pessoais e não imóveis. Mas, no final, perderam o caso e, com ele, qualquer chance de ganhar uma herança. Não havia nada que pudessem fazer para mudar os termos do testamento. No que tange a lei, a questão havia sido consolidada quando a velha senhora faleceu.

A permanência da aliança

Esse é o tipo de situação legal que Paulo tem em mente em Gálatas 3.15. Ao longo desse capítulo, ele procura provar que a justificação e o Espírito Santo vêm pela fé e não pelas obras. Primeiro, argumentou pela experiência – a experiência que os gálatas tiveram quando receberam o Espírito Santo (Gl 3.1-5). Em seguida, argumentou pela Escritura – o registro bíblico sobre Abraão, o homem de fé (Gl 3.6-14). Mas ao chegar ao ponto de propor uma formulação teológica, é sempre útil ter uma boa ilustração; então agora Paulo toma "um exemplo da vida diária" (Gl 3.15, NTLH). Sua ilustração vem do mundo da jurisprudência. De acordo com a prática legal padrão, "uma aliança [...] humana, uma vez ratificada, ninguém a revoga ou lhe acrescenta alguma coisa" (Gl 3.15). O pacto é permanente.

Por “aliança”, Paulo não quer dizer um contrato legal para uma transação de negócios. Em vez disso, ele se refere ao provisionamento para uma herança, o que hoje pode ser chamado de “testamento”. Ainda que a palavra grega diatheke geralmente signifique “pacto” ou “aliança”, também pode significar “testamento”, e, nesta passagem, o último significado é a melhor tradução. Um testamento não é um contrato. Ele não define termos que várias partes são obrigadas a cumprir. Em vez disso, ele simplesmente declara o que uma das partes pretende fazer. Um testamento é um instrumento jurídico no qual uma das partes concede sua propriedade a outra pessoa. É uma doação e não uma negociação.

O tipo de aliança humana que Paulo tem em mente também é irrevogável. Uma vez assinada, selada e entregue, não pode ser alterada. Não há maneira de colocá-la de lado ou adicionar algo a ela. Não pode ser revogada ou anulada. Não pode ser alterada ou revista. É juridicamente vinculativa, exatamente como se apresenta.

Existe certo debate sobre qual sistema jurídico Paulo tinha em mente quando falou sobre esse pacto humano. O direito romano era como o direito brasileiro. Os acordos romanos podiam ser anulados ou receber adições. Um homem (geralmente proprietários de imóveis eram homens) poderia rasgar seu velho testamento e escrever um novo a qualquer momento. Ou poderia acrescentar uma cláusula para alterar os termos da sua manifestação de vontade original. Entre os romanos, era somente quando o homem morria que seu testamento não poderia mais ser alterado. Se Paulo estava pensando nos termos do direito romano, isto é o que ele quis dizer por “ratificada”. Um testamento era permanentemente estabelecido na morte. A jurisprudência brasileira funciona da mesma maneira. Uma vez que um patrimônio passou pela legitimação de testamento, não pode ser redistribuído.

O direito grego era ligeiramente diferente do romano. De acordo com os gregos, um testamento não podia ser anulado ou revogado. Não podia sequer ser modificado. Tendo sido devidamente registrado e depositado no cartório público de registro, um testamento grego jamais poderia ser alterado.1 Tal prática se enquadra com exatidão no exemplo de Paulo: uma vez feito um acordo, este era irrevogável.

Mas talvez o apóstolo estivesse pensando em termos do direito judaico sobre heranças. Os judeus tinham um procedimento especial para fazer um testamento

irrevogável antes da morte.2 Era chamado de mattenat bari, e há um bom exemplo na história que Jesus contou sobre o filho pródigo: “Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe” (Lc 15.11-12). O filho mais novo pediu sua herança antes que seu pai morresse. Em outras palavras, ele estava pedindo mattenat bari, um testamento irrevogável que não poderia ter adições, nem ser anulado.

Não sabemos com certeza em qual sistema jurídico Gálatas 3 se baseia, mas pouco importa. Em qualquer um deles, chega o momento em que um testamento é definido de uma vez por todas, seja pela morte, seja por alguma ação oficial. Depois desse momento, nada pode ser feito para mudar seus termos.

Se isso é verdadeiro no nível humano, é ainda mais quando se trata da aliança que Deus estabeleceu por meio de Abraão: “Ainda que uma aliança seja meramente humana, uma vez ratificada, ninguém a revoga ou lhe acrescenta alguma coisa” (Gl 3.15). O argumento de Paulo vai do menor ao maior. O que é verdadeiro em um tribunal humano tem ainda maior força no tribunal do Deus Todo-Poderoso.

A analogia do testamento é boa porque tem diversos pontos de comparação com a aliança abraâmica. Considere as condições desse acordo, que a Escritura repetidamente chama de “aliança” (Gn 15.18; 17.2, etc.). E por ser uma aliança, Paulo pôde compará-la aos pactos de seu tempo. Considerando o alcance das alianças, o que Deus propôs a Abraão era mais como um testamento. Não era um contrato estabelecido entre iguais. Pelo contrário, continha uma longa lista de coisas que Deus prometeu conceder como seu legado a Abraão.

A aliança abraâmica foi devidamente estabelecida. Naqueles dias, os acordos legais não eram baseados em um aperto de mão ou em um pedaço de papel. Em vez disso, eram selados em sangue em uma cerimônia de aliança:

[Deus] respondeu-lhe: Toma-me uma novilha, uma cabra e um cordeiro, cada qual de três anos, uma rola e um pombinho. Ele, tomando todos estes animais, partiu-os pelo meio e lhes pôs em ordem as metades, umas defronte das outras [...]

E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços. Naquele mesmo dia, fez o

Senhor

aliança com Abrão (Gn 15.9-10, 17-18).

Os animais foram sacrificados e Deus passou entre eles, validando assim a sua aliança de uma forma juridicamente vinculativa.

Paulo afirmava que aquilo que Deus se comprometeu a fazer por Abraão naquela noite permaneceria em vigor para sempre: “Paulo considera a promessa a Abraão como um acordo ou aliança divinamente ratificado e argumenta a partir de sua considerável prioridade à lei que suas cláusulas não podem ser tornadas nulas ou sem efeito por meio de aplicação posterior da lei”.3 Uma pessoa não pode modificar os termos de um testamento humano, muito menos um divino. Portanto, uma vez tendo Deus estabelecido a sua aliança, ela jamais poderia ser anulada ou retificada. Ela seria permanente.

A parte da aliança

O que tudo isso tem a ver com os gálatas, ou conosco? Paulo responde a essa pergunta identificando as partes da aliança: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo” (Gl 3.16).

Aqui novamente Paulo prova ser um estudante cuidadoso do Antigo Testamento. Deus repetiu suas promessas a Abraão em várias ocasiões. Muitas vezes, ele fez a sua promessa à descendência de Abraão, bem como ao próprio Abraão: “Apareceu o Senhor a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra” (Gn 12.7); “porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre” (Gn 13.15); “À tua descendência darei esta terra” (Gn 24.7). Em Gálatas, o que Paulo deseja enfatizar sobre a palavra “descendência” é que ela ocorre no singular. A Bíblia diz “descendência”, não “descendentes”.

Ao basear seu ponto de vista sobre a terminação de um substantivo, o apóstolo ensina algo importante sobre a autoridade da Bíblia. Como poderia ele fazer essa afirmação tão detalhada a partir do texto hebraico do Antigo Testamento a menos que cresse que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita? Embora não tenha usado essas exatas palavras, Paulo obviamente acreditava que a Bíblia é infalível

e inerrante do começo ao fim.

Alguns estudiosos alegam que, neste ponto, Paulo faz uma leitura forçada a partir da gramática do Antigo Testamento. Por exemplo, como parte de sua Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei, E. P. Sanders afirma que Paulo “não estava preocupado com o significado das passagens bíblicas em seu próprio contexto antigo. Ele tinha nas Escrituras uma vasta quantidade de palavras, e se pudesse encontrar passagens que tivessem uma determinada combinação de palavras, e juntá-las, ele alcançava seu objetivo”.4 Neste caso em particular, Sanders e outros eruditos apontam que “descendência” é, na verdade, um substantivo coletivo. Em outras palavras, embora sua forma seja singular, ele pode se referir a uma pluralidade. Outro exemplo de um substantivo coletivo é a palavra “família”. Embora “família” apareça no singular, refere-se a mais de um indivíduo. Da mesma forma, a palavra “descendência” pode abranger um único filho ou todos os descendentes de um homem.

A verdade é que Paulo e os outros autores inspirados do Novo Testamento dedicaram cuidadosa atenção à gramática e ao contexto das passagens citadas do Antigo Testamento, e este é um exemplo perfeito. Paulo sabia muito bem que “descendência” era um substantivo coletivo. Na verdade, ele usa o termo dessa maneira várias vezes, inclusive mais adiante neste mesmo capítulo (Gl 3.29). Ele também sabia que a descendência que Deus prometeu a Abraão seria tão numerosa quanto a areia e as estrelas. Mas Paulo queria explicar que as promessas da aliança de Deus eram direcionadas a alguém específico. Em Gálatas 3.16, seu objetivo principal não é construir um argumento baseado na gramática do Antigo Testamento, mas sim explicar o que o Antigo Testamento realmente quis dizer. A promessa da descendência referia-se, primeiro, a Isaque, filho de Abraão. Por fim, referia-se a todos os filhos de Deus, mas especialmente ao Filho de Deus, Jesus Cristo.

Jesus Cristo é a descendência verdadeira. Ele é a parte da aliança que Deus fez com Abraão. A aliança era totalmente sobre Jesus Cristo e olhava para frente, antevendo sua vinda. É por isso que Paulo poderia afirmar, apenas alguns versos mais cedo, que a Escritura “preanunciou o evangelho a Abraão” (Gl 3.8). O que Deus prometeu a Abraão foi a boa-nova sobre Jesus Cristo, pois é nele que todas as nações na terra são abençoadas.

Isso mostra como a aliança de Deus com Abraão tem algo a ver conosco. Assim como Paulo explicou mais cedo no capítulo, não precisamos ter parentesco

biológico com Abraão para reivindicar sua herança. Tudo o que precisamos é fé em Jesus Cristo. Os verdadeiros filhos de Abraão não são identificados biologicamente, mas cristologicamente.5 A promessa da aliança foi feita, na verdade, para Cristo, e, quando pertencemos a Cristo, a promessa nos pertence.

Assim que entendemos que a promessa de Deus a Abraão é uma promessa a Cristo, então o fato de que a palavra "descendência" é um substantivo coletivo faz completo sentido. Um substantivo coletivo tanto pode se referir a um único indivíduo, quanto a um grupo de indivíduos, ou a ambos. É assim com a descendência de Abraão. Em primeiro lugar, a promessa se refere a um único indivíduo, Jesus Cristo. Mas também se refere a um grupo de indivíduos, a saber, todos os que pertencem a Cristo. A parte da aliança é Cristo e todos os que nele estão. Deus deu a promessa a Abraão. A promessa era Cristo. Uma vez que estamos em Cristo, a promessa é para nós. Nas palavras do puritano William Perkins: "As promessas feitas a Abraão são, primeiramente, feitas a Cristo, e depois em Cristo a todos os que nele creem".6

Aqui somos mais uma vez lembrados da doutrina da união com Cristo, a qual é vital para Gálatas e para a teologia de Paulo em geral. O cristão está em Cristo. Nós participamos dele. Pela fé nós somos incorporados nele. Temos solidariedade com ele na aliança. Nossa união com Cristo é tal que, uma vez unidos a ele, tudo que é dele se torna nosso. Citando Perkins novamente, "O caminho certo para alcançar qualquer bênção de Deus é: primeiro, receber a promessa, e na promessa, Cristo, de modo que Cristo se tornando nosso, nele, e dele, receberemos todas as coisas necessárias".7

É quase como se houvesse apenas uma parte na aliança: Jesus Cristo. Mas é exatamente isso que os gálatas corriam o risco de esquecer. Ao confiarem nas obras da lei, dividiam a igreja por linhas raciais: judeus de um lado, gentios do outro. Eles não estavam unidos em Cristo. Paulo usou a promessa à descendência, dessa forma, para lembrá-los de que o plano eterno de Deus é uma família em um Cristo. Ao final do capítulo 3, este será o clímax de seu argumento: "todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus [...] E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.26,29).

A promessa da aliança

“Promessa” é uma palavra-chave em Gálatas 3, aparecendo oito vezes nos últimos 15 versículos. Paulo diz que a promessa da aliança vem antes da lei.

Talvez este seja um bom lugar para revisar a linha de raciocínio do apóstolo: O versículo 15 descreveu a permanência da aliança, que foi estabelecida de uma vez por todas quando Deus a deu a Abraão. O versículo 16 identificou as partes da aliança. A promessa de Deus a Abraão também foi feita a Cristo, e a todos que estão nele. Em seguida, Paulo esclarece a promessa da aliança, dizendo: “E digo isto: uma aliança já anteriormente confirmada por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa” (Gl 3.17).

A promessa e a lei são dois arranjos separados, embora complementares. Elas operam em princípios completamente diferentes: fé e obras. A promessa é sobre o que Deus fará, enquanto a lei é sobre o que devemos fazer. A diferença entre a promessa e a lei é evidente a partir do vocabulário que Deus usou quando os transmitiu pela primeira vez. Ao fazer a promessa a Abraão, Deus disse: “Eu farei, eu farei, eu farei”. Mas na lei de Moisés, Deus disse: “Tu deverás, tu deverás, tu deverás”.

A lei e a promessa operam de formas totalmente distintas, diferença que John Stott explica da seguinte maneira: “A promessa estabelece uma religião de Deus – o plano de Deus, a graça de Deus, a iniciativa de Deus. Mas a lei estabelece uma religião do homem – o dever do homem, as obras do homem, a responsabilidade do homem. Na promessa (representando a graça de Deus), tínhamos apenas de acreditar. Mas a lei (representando as obras dos homens), tinha de ser obedecida”.8 Ao declararmos que promessa deve ser crida, não queremos com isso descrever uma crença que seja um mero consentimento, mas sim uma firme e confiante compreensão de Deus e de tudo o que ele prometeu em Cristo.

Estes dois princípios diferentes – promessa e lei – não estão em igualdade de condições. Um tem a prioridade. Dentro da aliança de graça de Deus, é a promessa que precede a lei. A lei é secundária na história da redenção, não primária. O princípio da lei é subordinado ao princípio da promessa.

Em primeiro lugar, a promessa veio antes, cronologicamente falando. Deus deu a promessa a Abraão muito antes de ter dado a lei a Moisés. Tomando por base a duração do cativeiro de Israel no Egito (Êx 12.40-41), Paulo diz que a lei veio

quase meio milênio depois, 430 anos após a promessa. Alguns poderiam argumentar que a lei, por conseguinte, substituiu a promessa. Ou que a lei suplementou a promessa, que é o que os judaizantes tentavam ensinar aos gálatas. Eles queriam acrescentar obras à fé como a base de sua posição diante de Deus. Em outras palavras, estavam tentando fazer da lei um adendo à promessa.

É exatamente por isso que Paulo apresentou sua ilustração jurídica. A promessa de Deus a Abraão era uma aliança irrevogável. Ela tinha o mesmo status que um testamento depois de este ter sido legitimado. Não havia como ser invalidada. A lei não poderia substituir a promessa. Não poderia sequer complementar a promessa. Uma vez que Deus tenha firmado sua aliança, ela jamais poderia ser anulada ou ter itens adicionados a ela.

Isso significa que o evangelho tem mais a ver com Abraão do que com Moisés. Os judaizantes tinham orgulho de Moisés, e é por isso que tentaram introduzir uma versão legalista do cristianismo. Diziam que a lei era necessária para completar a promessa; que era preciso haver obras para terminar o que a fé tinha começado. Quando os judaizantes concluíram seu trabalho na Galácia, os gálatas precisavam ser reintroduzidos na doutrina da justificação somente pela fé. No que diz respeito à justificação, a lei é apenas um retardatário. Ela não mudou os termos da promessa de Deus, como se Deus tivesse assinado um contrato com Abraão e depois mudado de ideia, acrescentando algumas notas de rodapé em letras miúdas para Moisés.

Além disso, se a lei fosse necessária para a salvação, teria chegado tarde demais para fazer algum bem a Abraão. Quando Deus deu a lei a Moisés, Abraão estava morto há séculos. Felizmente, ele tinha sido justificado pela fé muito antes que a lei de Moisés fosse sequer apresentada. A salvação de Abraão não se baseou em nenhuma ação dele. A aliança não estabeleceu qualquer requisito legal que ele tivesse que satisfazer. Tudo veio de graça, da mesma forma que sempre acontece com uma herança. A aliança de Deus com Abraão veio sem condições ou reservas – nenhum “se”, “e” ou “mas”. A aliança era inteiramente uma questão de promessa, recebida pela fé.

Os herdeiros da promessa

Se a aliança se baseou na promessa, então não poderia vir por meio da lei. Esta é

a conclusão do argumento de Paulo: “Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão” (Gl 3.18). É assim que o direito das sucessões sempre opera. Um beneficiário recebe uma herança com base em uma promessa juridicamente vinculativa. Portanto, se Deus prometeu uma herança, esta só pode ser recebida por meio da promessa, e não pelas obras da lei.

Isso nos leva de volta ao ponto que Paulo procura enfatizar ao longo da carta, o ponto que fariseus em recuperação ainda precisam ouvir: Deus lida conosco de acordo com a sua promessa e não de acordo com o nosso desempenho. Somos justificados somente pela fé e não pelas obras: “Se a aliança de Deus foi estabelecida pela fé e não pelas obras da lei, então a relação de aliança que Deus tem com os gálatas por meio de Cristo também é pela fé e não por obras da lei”.9 Aquilo que se aplica aos gálatas foi o mesmo que se aplicou a Abraão, e é também o mesmo para nós: somos justificados pela graça por meio da fé.

Para entender por que isso é assim, é bom lembrar como as promessas funcionam. É impossível merecer uma promessa. A única maneira de receber uma promessa é confiando nela. Se um benfeitor rico promete me dar uma casa em Miami, não há nada que eu possa fazer para cumprir a promessa. A única coisa que eu posso fazer é confiar que ele manterá a promessa que fez (ou não, conforme for o caso). Posso decidir que é prudente assegurar minha própria moradia, só por precaução, caso meu suposto benfeitor falhe em cumprir sua promessa. Mas eu não posso cumprir a promessa que me fez em nome dele.

As promessas do pacto divino operam desse modo. Somente Deus pode cumpri-las. Portanto, quando ele nos promete a salvação, segue-se que não podemos ganhá-la por nós mesmos: “Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé. Pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa” (Rm 4.13-14).

Isso nos leva a uma conclusão muito prática: Deus lida conosco de acordo com suas promessas, não de acordo com nossas obras. Tudo o que Deus tem a oferecer vem por meio de uma promessa. E assim, John Stott escreve, “todo pecador que confia no Cristo crucificado para a salvação, independentemente de qualquer mérito ou boas obras, recebe a bênção da vida eterna e assim herda a promessa de Deus feita a Abraão”.10 Assim como foi para Abraão, assim é para todos que estão em Cristo.

A salvação em Cristo não se apoia em uma lei que inevitavelmente quebramos; ela repousa sobre uma promessa que Deus não pode quebrar. Deus prometeu o perdão dos pecados por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ele prometeu a vida eterna a todos os que vierem a Cristo pela fé. Deus não vai – na verdade, ele não pode – voltar atrás em sua promessa. Sua aliança é um testamento irrevogável. Permanece firme para sempre.

A salvação em Cristo não é uma transação comercial. Meu relacionamento com Deus não se baseia na minha capacidade de fazer um acordo ou de conseguir uma pechincha. A vida cristã não é um quid pro quo, de modo que se eu fizer o que Deus quer, então Deus fará o que eu quero. Deus simplesmente não atua dessa maneira. Em vez disso, o meu relacionamento com Deus baseia-se inteiramente em crer na sua graciosa promessa.

O que Deus promete é uma herança, e é direito de quem concede a herança estabelecer seus próprios termos. Deus pode fazer o que quiser com suas bênçãos espirituais. Seu legado inclui o perdão dos pecados, a comunhão com Cristo no Espírito e o dom gratuito da vida eterna. O que Deus decidiu fazer com seu legado é dá-lo de vez. Como diz a Escritura: “Deus concedeu-a gratuitamente a Abraão mediante promessa” (Gl 3.18 - NVI). A palavra “concedeu” aparece no tempo perfeito para mostrar uma ação passada com resultados presentes. Significa que a salvação é um dom dado de uma vez por todas e depois mantido para sempre.

Visto que a salvação é um aspecto da livre graça de Deus, não precisamos trabalhar para obtê-la. Ninguém trabalha para ganhar uma herança. É um presente, não um salário. Nós recebemos nossa herança de Deus da mesma maneira que Abraão a recebeu: pela fé. Nós simplesmente cremos que Deus cumprirá sua promessa de nos salvar por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. E então, claro, agimos em nossa fé, vivendo como os verdadeiros herdeiros de Deus que nos tornamos por meio de sua aliança em Cristo.

Uma boa ilustração do que isso significa em termos práticos vem de um professor em um campus universitário na Ásia Oriental. Um de seus alunos veio a ele em desespero e confessou ser um homossexual praticante. “Sinto-me como um escravo”, lamentou-se o jovem. O professor respondeu dizendo-lhe a verdade em amor. “Você é um escravo”, disse, e começou a ensiná-lo sobre como conseguir a libertação do pecado por meio da fé em Jesus Cristo.

Isso pareceu muito atrativo para o aluno, de modo que quis tornar-se um cristão. Porém, algo o reteve: o pensamento de que ele não era bom o suficiente para Deus. Como Deus poderia perdoá-lo à luz de tudo que havia feito? E disse ao seu professor: “Primeiro devo ser um cristão como você. Então Deus me amará”.

O professor respondeu dizendo: “Eu também não sou um cristão como eu. Eu não sou melhor do que você, exceto pelo amor e poder de Deus. Ele ama você agora como você é”. Assim é a graça de Deus: ele não nos trata de acordo com nosso desempenho, mas de acordo com sua promessa. Não importa o que fizemos, nossos pecados são cobertos pela justiça da aliança de Cristo. E agora que estamos em Cristo, nossa posição diante de Deus não flutua com a inconsistência de nossa obediência diária. Com base na promessa que fez antes da lei, Deus nos ama com um amor incondicional.

Notas

1 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 170–71.

2 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 246.

3 FUNG, Ronald Y. K. The Epistle to the Galatians, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 157.

4 SANDERS, E. P. Paul (Oxford: Oxford University Press, 1991), 56.

5 GEORGE, 247.

6 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 184.

7 Ibid., 186.

8 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 86–87.

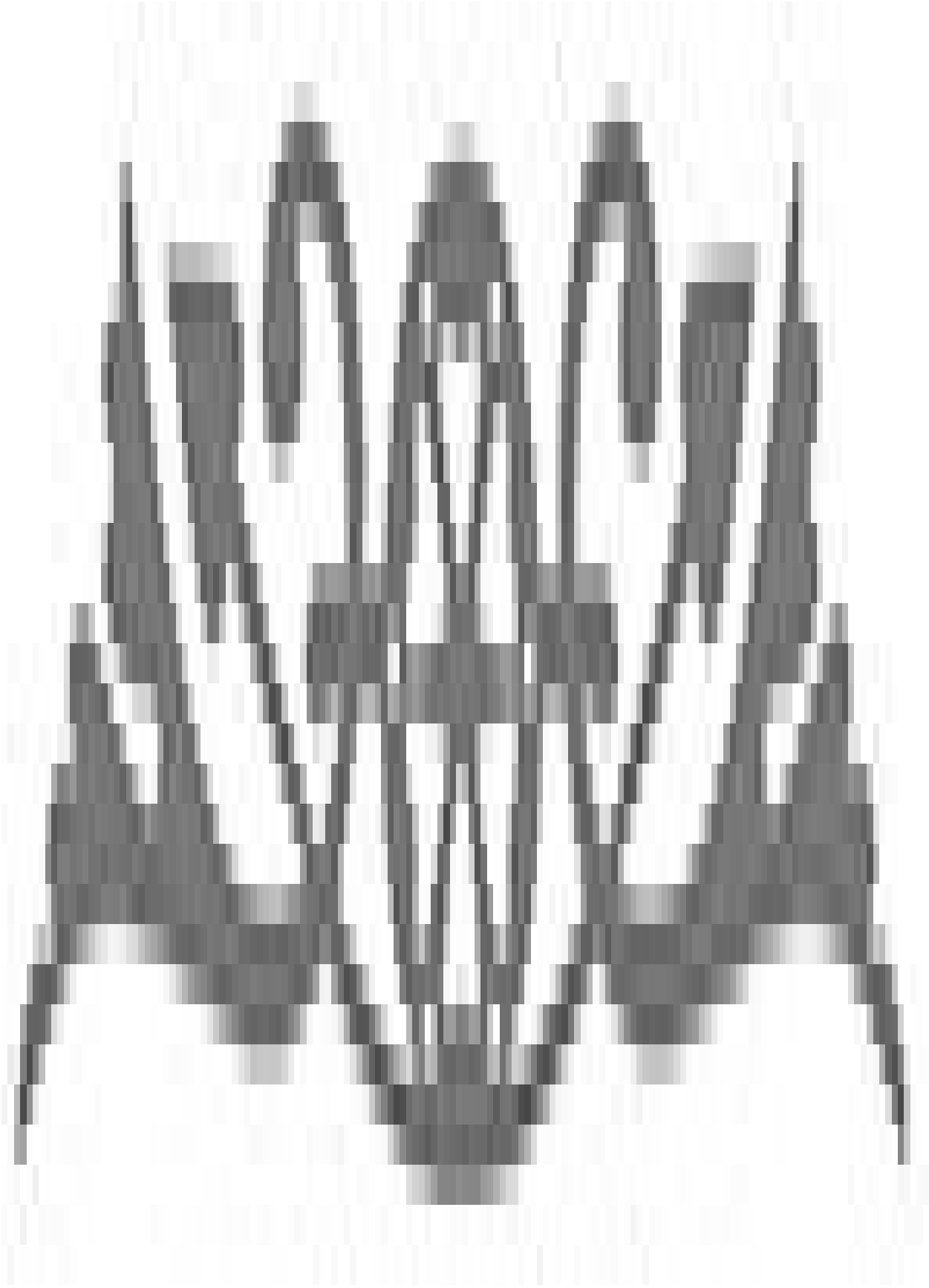
9 MCKNIGHT, Scot. Galatians, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 165–66.

10 STOTT, John. Message of Galatians, 89.

11

A lei que conduz a Cristo

Gálatas 3.19-25



Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor (Gl 3.24-25 - NVI).

Durante dois gloriosos verões, o time de beisebol Chicago Cubs ensinou os fundamentos da teologia da Reforma para seus torcedores. Primeiro, contrataram Vance Law (cujo sobrenome se traduz como lei) e o posicionaram na terceira base. Alguns meses depois, fico bem feliz em dizer, eles trouxeram o jogador de primeira base Mark Grace (cujo sobrenome se traduz como Graça) das ligas menores. Lá estavam eles, um ao lado do outro na ordem de rebatedores: Law e Grace, Lei e Graça. E, diga-se de passagem, estavam na ordem correta também; primeiro Grace, rebatendo na quinta posição, e depois Law. Pois, como Paulo explicou aos gálatas, Deus deu graça a Abraão antes de dar a lei a Moisés. E lá estavam eles no campo de beisebol em seu formato de diamante – Grace e Law – guardando os cantos opostos do campo interno. Batedores rivais rebatiam a bola para a terceira base, onde Law iria agarrá-la e jogá-la para a primeira base, acarretando a eliminação do oponente. A teologia da Reforma em ação: de Lei para Graça, de Law para Grace, acabando com a entrada dos adversários.1

O apóstolo Paulo nunca teve que sofrer durante uma longa temporada de perdas no estádio Wrigley Field, mas teria amado a teologia de Chicago. Lei e graça não são adversárias; são companheiras de equipe trabalhando juntas para a salvação do povo de Deus. A lei leva à graça, a qual só pode ser encontrada em Cristo. Isso é o que Paulo demonstrou ao responder à pergunta: “Qual, pois, a razão de ser da lei?” (Gl 3.19).

A lei revela o pecado

Era óbvio levantar esta questão. Em Gálatas 3, Paulo argumenta que as bênçãos de Deus vêm pela graça por meio da fé, e não pela lei. Ele recorreu à experiência, à Escritura e à vida cotidiana para provar que a justificação e o Espírito Santo vêm por meio de uma promessa. Mas se tudo o que Deus tem para oferecer vem por meio de promessa, então quem precisa da lei? A lei serve a algum propósito, ou é supérflua?

A lei, por ser a lei de Deus, tem um papel no plano divino. Em primeiro lugar, ela revela o pecado: “Qual, pois, a razão de ser da lei? Foi adicionada por causa das transgressões” (Gl 3.19). Essa afirmação levanta tantas perguntas quanto responde. Já sabemos que a lei foi adicionada. Deus a deu 430 anos depois de ter dado a promessa a Abraão. Mas o que significa: a lei foi adicionada “por causa das transgressões”? Dos diversos usos da lei de Deus, qual está em vista aqui?

Uma possibilidade é que a lei foi adicionada para lidar com maus comportamentos, seja por meio de seu sistema de sacrifícios, seja através de suas penalidades. Por ter consequências, a lei tem certa habilidade de controlar transgressões. Além de mostrar a diferença entre o certo e o errado, ela mostra como os infratores devem ser punidos, e o medo dessa punição ajuda a conter o mal. Dessa forma, a lei possui um efeito dissuasor dentro da sociedade humana. Calvino chamou isso de “o segundo uso da lei”. O poder da lei ajuda a restringir o mal. Então, quando Paulo disse que a lei foi adicionada “por causa das transgressões”, talvez a sua intenção tenha sido ensinar que Deus a deu para ajudar as pessoas a evitar o pecado.

Todavia, é mais provável que a intenção de Paulo tenha sido dizer exatamente o oposto. Algumas vezes a lei restringe o pecado, mas não é por isso que Deus deu a lei a Moisés, com todas as suas regras e exigências. Ele não a deu para diminuir a transgressão, mas, sim, para aumentá-la. A lei expõe o pecado pelo que ele realmente é, ou seja, uma violação do padrão santo de Deus. É isto que transgressão significa: traspassar uma fronteira legal ou quebrar uma lei específica.

A lei, de certa forma, faz com que as pessoas sintam-se tentadas a violá-la. Paulo explicou essa influência da lei aos romanos: “Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei” (Rm 7.7). E logo ao descobrir o que o pecado era, Paulo quis experimentá-lo: “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa” (Rm 5.20). Ou, parafraseando o que disse aos gálatas, a lei foi dada “para que houvesse transgressões”.2 Às vezes, a lei funciona como um estímulo ao pecado.

Um propósito da lei, portanto, não é preventivo, mas provocativo.3 Em vez de evitar a transgressão, a lei, na verdade, provoca as pessoas a pecar. Dessa forma, ela não melhora as coisas, mas faz uma situação ruim ficar ainda pior: “visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20). Deus não deu a lei a fim de

expor a maneira pela qual podemos ser justificados; ele a deu para revelar o poder maligno do pecado. “Portanto”, escreveu Martinho Lutero, “a verdadeira função e o principal e correto uso da Lei é revelar ao homem o seu pecado, cegueira, miséria, iniquidade, ignorância, ódio e desprezo de Deus, morte, inferno, juízo e a muito merecida ira de Deus”. 4

Ainda assim, essa é uma coisa boa. Quando a Escritura fala que a lei foi “adicionada”, ela literalmente diz que a lei funciona como uma estrada lateral. A lei conduz à promessa; é a rampa de acesso à estrada do evangelho. Quanto mais conhecemos a lei, mais enxergamos o nosso pecado, e, quanto mais vemos isso, mais confessamos que precisamos de um Salvador. “A lei foi dada”, escreveu Calvino, “a fim de tornar as transgressões óbvias e, desta forma, obrigar os homens a reconhecer suas culpas”.5 E é somente quando enxergamos nossa culpa que vemos o quanto precisamos de Jesus. A lei é a lei para que Cristo possa se tornar o nosso Salvador.

A lei tem seus limites

Calvino denominou essa capacidade da lei de revelar o pecado de “o primeiro uso da lei”. Esse não é o único uso da lei, é claro. Como já vimos, seu segundo uso é restringir o mal. Há também um “terceiro uso da lei”. Paulo introduzirá esse uso no capítulo 5; ali ele ensina como a lei mostra ao cristão a maneira de viver para Cristo. Mas primeiro a lei precisa revelar nosso pecado.

O primeiro uso da lei é temporário. A lei revela o pecado apenas por um determinado período. No que diz respeito ao seu primeiro uso, a lei é uma espécie de parêntesis entre a promessa dada a Abraão e o cumprimento da promessa em Jesus Cristo.

Em certo sentido, a lei divina é eterna. Deus tem um padrão moral perfeito e permanente para o seu povo. Esse padrão foi dado a conhecer já para Adão, e durará por toda a eternidade porque se baseia no próprio caráter de Deus.6 Há, no entanto, outro sentido segundo o qual a lei de Deus é temporária. A administração específica da lei dada a Moisés – com todas as suas cerimônias, maldições e sacrifícios – tinha seus limites. No tocante à história da salvação, sua utilidade como preparação para o evangelho foi apenas temporária. Ela estava em vigor apenas “até que viesse o descendente a quem se fez a promessa” (Gl 3.19).

Paulo explicou o que “o descendente” significava no versículo 16. A promessa da aliança eterna e inquebrável de Deus foi feita a Abraão e ao seu descendente, no singular. A promessa foi feita no singular porque se referia a um indivíduo específico, a saber, Deus, o Filho. Quando o Filho veio, a obra da lei estava terminada. A lei foi assim limitada em sua duração. Seu tempo para revelar e aumentar a transgressão só durou do Monte Sinai ao Monte do Calvário.

A lei também tinha outra limitação, que tinha a ver com o modo pelo qual foi dada: “foi promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador” (Gl 3.19). É difícil saber exatamente o que isso significa, ou como se encaixa no argumento de Paulo. Os anjos não são especificamente mencionados em Êxodo 19, em que Deus deu a lei a Moisés numa espessa nuvem, com trovões e relâmpagos, fogo e fumaça, terremotos e trombetas. No entanto, Moisés mencionou os anjos pouco antes de morrer. Ao abençoar o povo de Deus, lembrou-se da forma como o Senhor havia lhe dado a lei e disse: O Senhor veio do Sinai e lhes alvoreceu de Seir, resplandeceu desde o monte Parã; e veio das miríades de santos; à sua direita, havia para eles o fogo da lei (Dt 33.2).

Quando deu a lei a Moisés, Deus estava acompanhado por incontáveis hostes angelicais.

Isso é confirmado em outras partes da Escritura. Davi cantou: “Os carros de Deus são vinte mil, sim, milhares de milhares. No meio deles, está o Senhor; o Sinai tornou-se em santuário” (Sl 68.17). Não apenas havia anjos com Deus quando ele deu a lei, mas a lei foi, na verdade, dada por meio deles. Ao pregar o evangelho aos líderes judeus, Estêvão disse: “recebestes a lei por ministério de anjos” (At 7.53). Da mesma forma, o escritor aos hebreus chamou-a de “palavra falada por meio de anjos” (Hb 2.2).

O fato de que Deus deu a lei por meio de anjos deve ter fascinado os judaizantes. Eles tentavam convencer os gálatas de que precisavam guardar a lei para cumprir o evangelho. Talvez tenham usado o fato de que Deus falou por meio de anjos para dar à lei mais autoridade.

Contudo, na opinião de Paulo, o papel dos anjos nada acrescentou para aprimorar a lei. Muito pelo contrário. Em contraste com a promessa, ter vindo por meio de anjos coloca a lei em deliberada desvantagem. É isso que Paulo sugere ao dizer que a lei foi implementada “pela mão de um mediador” (Gl 3.19). A promessa não tinha tal intermediário. Deus a entregou diretamente a

Abraão, com base em sua própria eterna e imutável vontade.7 Mas a lei veio ao povo de Deus indiretamente, por meio de anjos e por um mediador, a saber, Moisés. Moisés serviu como intermediário, pois “o mediador representa mais de um; Deus, porém, é um” (Gl 3.20 - NVI). Deus falou ao povo por meio de Moisés, e Moisés falou pelo povo a Deus.

Ter um mediador distingue a lei da promessa e mostra como o pecado coloca os seres humanos em desvantagem. A promessa veio sem mediação, diretamente de Deus para Abraão. Todavia, a lei exigia um mediador porque os pecadores não podem entrar diretamente na presença de Deus; nós estamos afastados. Como Stephen Neill comenta: “A promessa veio de Deus a Abraão em primeira mão; e a lei vem para o povo de terceira mão – Deus/anjos/Moisés, o mediador/povo”.8

Esses versículos mostram o perigo de dar aos anjos mais atenção do que merecem. Nestes tempos pós-modernos, os anjos estão na moda. Eles têm seus próprios livros, calendários, filmes e programas de televisão. Estão por toda parte. Mas os anjos reais não têm interesse algum em serem adorados. Eles estão totalmente absortos pelo ser de Deus, e tudo o que querem que façamos é que nos juntemos a eles em adoração.

Mas, voltando ao assunto principal, a lei tem seus limites. Ela possuía uma função limitada, por um tempo limitado. Ao contrário da promessa, foi entregue por anjos, o que faz dela um “produto de segunda mão”. E, considerando que acabou dando lugar à promessa, foi apenas temporária.

A lei não pode dar vida

Quanto mais Paulo fala sobre os limites da lei, mais parece que a lei está em contradição com a promessa. No decorrer deste capítulo, o apóstolo traça um nítido contraste entre observar a lei e confiar na promessa. A lei e a promessa são dois princípios inteiramente diferentes; entre os dois, a lei é claramente inferior. Então, o autor faz a pergunta óbvia: “É, porventura, a lei contrária às promessas de Deus?” (Gl 3.21). Essa é uma variação da pergunta feita no versículo 19. Se a lei tem um propósito, não estaria esse propósito em desacordo com a promessa de Deus?

Essa pergunta é tão completamente pertinente que a resposta de Paulo vem como uma grande exclamação. A lei se opõe à promessa, certo? “De modo nenhum!”

(Gl 3.21). Paulo toma o que parece ser a conclusão lógica de seu argumento e o rejeita totalmente. Que Deus nos livre que a lei fique contra a promessa.

A razão pela qual a lei não estar em desacordo com a promessa, é em virtude do fato daquela ter um propósito totalmente diferente desta. Ao contrário da promessa, a lei não poderia dar vida. Se pudesse, a promessa, então, teria sido desnecessária: “Porque, se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei” (Gl 3.21). Era isto o que os judaizantes diziam aos gálatas, que a maneira de obter uma vida justa seria guardando a lei. Eles provavelmente concordariam com esses ditos populares da Mishná: “Muita Torá, muita vida”; “Se ele adquiriu ensinamentos da Torá, ele adquiriu a vida eterna”.9

Essa maneira de olhar para a lei é tentadora para ex-fariseus, com sua abordagem ao cristianismo baseada no desempenho. Mas a lei não pode dar vida. Lembre-se do princípio sobre o qual ela opera: “Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá” (Gl 3.12). Em outras palavras, a lei oferece a bênção de Deus somente àqueles que são capazes de cumpri-la. E o problema, claro, é que ninguém (exceto Jesus Cristo) é capaz de cumpri-la.

O problema com a lei não é a lei, mas o fato de que a quebramos todos os dias. Portanto, como Paulo já disse antes, e dirá novamente, ninguém pode ser justificado por obras da lei. A lei é apta para provar que somos pecadores, mas não é capaz de nos acertar com Deus. Ela não vivifica; ela aumenta a transgressão, produzindo, assim, morte. Como Paulo confidenciou aos romanos: “Antes eu vivia sem a Lei, mas quando o mandamento veio, o pecado reviveu, e eu morri. Descobri que o próprio mandamento, destinado a produzir vida, na verdade produziu morte. Pois o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, enganou-me e por meio do mandamento me matou” (Rm 7.9-11 - NVI).

A lei é algo como a quimioterapia.10 Quando a quimioterapia é usada para tratar o câncer, ela não dá vida. Na verdade, é um instrumento de morte. Os princípios químicos que são despejados dentro do corpo destroem tecidos saudáveis, bem como células cancerosas. Durante o curso do tratamento, a quimioterapia faz, na verdade, com que o paciente se sinta muito pior. Mas é necessária para a saúde do paciente a longo prazo. Da mesma forma, a lei nos faz ficar piores para que Cristo possa nos tornar melhores.

A lei nos conduz à fé

No versículo 19, Paulo começou a explicar o objetivo da lei. No versículo 22, ainda estamos esperando para descobrir qual é. Até agora, o apóstolo falou mais sobre o que a lei não pode fazer do que o que pode. Ela não pode dar vida; apenas consegue revelar o pecado. Não vem diretamente de Deus; foi mediada por anjos. E não durará para sempre; só durou até a vinda de Cristo. Todavia, mesmo em seu aparente fracasso, a lei fazia a obra de Deus. Ela não era meramente temporária; era também preparatória. Estava abrindo caminho para outra coisa: "[...] a Escritura encerrou tudo sob o pecado, para que, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse a promessa concedida aos que creem" (Gl 3.22). A lei em si não pode justificar, mas o que ela pode fazer é nos conduzir à fé, que de fato justifica.

Por "a Escritura", Paulo se refere especialmente à lei. Como já vimos, uma das funções da lei é revelar o pecado e, aliás, aumentá-lo, de modo que todo o mundo fique aprisionado por ele. Isso é verdade para os judeus, que têm a lei de Moisés, e também para os gentios, que têm a lei de Deus escrita em seus corações (cf. Rm 2.14-15). Sendo assim, todo o mundo está sob a lei, condenado pelo pecado e cativo à sua culpa.

Ao denunciar a depravação, a lei realiza um valioso serviço público e prova que ainda tem um lugar valioso no plano da salvação. A lei não tem o poder de nos acertar com Deus. Ela não pode justificar; pode apenas condenar. Não pode nos tornar justos; só pode nos trancar na prisão do pecado. Mas, ao mostrar que não pode salvar, a lei nos ajuda a buscar um Salvador. E, quando o mundo começa a procurar por uma porta de saída do pecado, descobre que a misericórdia de Deus é a única escapatória.

É dessa forma que a lei nos conduz a Cristo. Ela, por si só, não pode salvar, mas nos leva a Cristo, e ele pode salvar. Martinho Lutero explicou nestas palavras:

A lei, com sua função, contribui para a justificação – não porque justifica, mas porque impulsiona uma pessoa à promessa da graça e a torna doce e desejável. Por isso não abolimos a Lei; mas mostramos sua verdadeira função e uso, a saber, que é um servo muito útil, impelindo-nos a Cristo [...]; pois sua função e uso não é apenas revelar o pecado e a ira de Deus, mas também nos levar a Cristo [...]. Portanto, o principal objetivo da Lei em teologia é fazer os homens

não melhores, mas piores; ou seja, mostra-lhes o seu pecado, de modo que pelo reconhecimento do pecado eles possam ser humilhados, assustados e fragilizados, de modo que desejem a graça e a Descendência Abençoada.11

Desse modo, quando usada corretamente, a lei não se opõe à promessa. Ao invés de contradizer a promessa, ela, na verdade, a complementa. A lei aponta para a promessa mostrando que somente a fé pode justificar. Assim, ela nos conduz a Cristo e, quando cremos em Cristo, recebemos todas as bênçãos que Deus prometeu a Abraão.

A lei é como um guardião

O apóstolo Paulo conclui seu argumento com duas ilustrações que mostram como a lei conduz a Cristo. A primeira vem do sistema prisional: "[...] antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se" (Gl 3.23). Nessa analogia, a lei é o diretor da prisão que nos mantém trancados na penitenciária do pecado. Nós somos os prisioneiros, e a lei é o nosso carcereiro, ou talvez a nossa cela. A lei, com suas penas, restringe-nos e nos pune.

Cabe ressaltar que, embora ninguém goste de ser um prisioneiro, estar na prisão nem sempre é algo ruim. Um bom exemplo vem da vida do próprio apóstolo. Muitos anos depois de ter escrito o livro de Gálatas, Paulo foi preso em Jerusalém e colocado em uma fortaleza romana. Enquanto estava preso, um grupo de inimigos conspirava fazer uma greve de fome até que Paulo foi assassinado (At 23.12). Quando essa desprezível conspiração foi descoberta, o comandante romano ordenou um destacamento de 200 soldados, 70 cavaleiros e 200 lanceiros para escoltarem Paulo até Cesareia. O apóstolo ainda era um prisioneiro, é claro, mas seus captores, na verdade, salvaram a sua vida. Colocando a guarda em torno dele, acabaram conseguindo levá-lo em segurança até Roma.

Semelhantemente, a lei mantinha os judeus sob sua custódia protetora, vigiando-os e mantendo-os seguros até que pudesse levá-los a Cristo. Um antigo comentário de G. G. Findlay descreve a situação da seguinte forma:

A lei estava sempre vigiando seus subordinados, observando e verificando toda tentativa de fuga, mas pretendendo entregá-los no devido tempo à custódia da fé. A lei afixa suas ordenanças, como muitas testemunhas, em torno da cela do prisioneiro. O cordão está completo. Ele tenta fugir repetidas vezes; o círculo de isolamento não cederá. A libertação ainda será sua. O dia da fé se aproxima. Amanheceu há muito tempo na promessa de Abraão. Agora mesmo, sua luz brilha para dentro de seu calabouço, e ele ouve a palavra de Jesus: “Teus pecados estão perdoados; vá em paz”. Por fim, a Lei, a severa carcereira, no final das contas foi uma boa amiga, uma vez que resguardou seu prisioneiro para isso. Ela impedia que o pecador escapasse para uma liberdade fútil e ilusória.12

A lei é uma guardiã, recusando-se a soltar-nos até nos entregar diretamente a Cristo.

Paulo, depois, usa outra ilustração para exemplificar a mesma coisa, só que dessa vez, relacionada à infância: “De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio” (Gl 3.24-25). O que Paulo quer dizer com “aio” é literalmente pedagogo* – um escravo ou uma escrava designados para servir como protetores de crianças. Nas famílias gregas ricas, as crianças eram individualmente criadas por esses pedagogos. Desde seis anos de idade até o final da adolescência, a criança estava sob seus cuidados e supervisão constantes. O pedagogo ou a pedagoga era em parte babá, em parte acompanhante. Por ser responsável pela disciplina, era também, em certo sentido, oficial de liberdade condicional. Desenhos antigos costumam representar o pedagogo segurando uma vara ou um bastão para administrar o castigo corporal.13

O pedagogo não tinha função de professor, embora às vezes ajudasse uma criança a revisar suas lições. Deste modo, a versão inglesa da Bíblia King James é, de certa forma, inexata quando traduz a palavra como “mestre de escola”. O pedagogo devia garantir que seu pupilo fosse e voltasse da escola. Ele ajudava a alimentar e vestir a criança, e também a carregar seus materiais escolares (tabuleta e estilete, livro ou pergaminho, instrumento musical).14 Uma vez na escola, havia uma sala especial onde esperavam o final das aulas de seus jovens. Mas o pedagogo (fosse ele homem ou mulher) não era o educador; ele era um disciplinador.

O pedagogo servia aos melhores interesses da criança, em muitos aspectos, e era comum que um íntimo laço afetivo se desenvolvesse. A disciplina não era necessariamente severa, e o pregador proporcionava tanto proteção quanto punição. Além disso, também acumulava a função de tutor moral, moldando a ética dos pequenos.

No plano de salvação, a lei é o pedagogo que criou os judeus da infância até a adolescência. Ele não era um professor para lhes ensinar como se tornar cada vez melhores até que Deus finalmente os aceitasse. Pelo contrário, a lei era para a disciplina. Ela dizia ao povo de Deus o que fazer, e então os punia por não o terem feito. Houve momentos em que os judeus sofreram sob essa disciplina (e inspetores nunca foram muito populares). Mas, durante todo o tempo, a lei preparava os filhos de Deus para entrar em sua maioridade.

Como qualquer pedagogo, a lei acabou concluindo seu trabalho e saindo do emprego. Quando uma criança chega à certa idade, já não precisa mais de supervisão constante. O antigo escritor grego Xenofonte explicou: “Quando um menino deixa de ser uma criança, e começa a ser um rapaz, outros o libertam de seu ‘pedagogue’ e de seu professor; então, já não está mais debaixo deles, mas lhe é permitido seguir o seu próprio caminho”.15 Semelhantemente, a lei só era necessária até a vinda de Cristo.

É isso que Paulo quer dizer quando fala da vinda da fé. De certo modo, a fé já chegara, uma vez que Deus sempre dissera ao seu povo que confiasse nele. Mas o objeto da confiança deles era o Salvador que viria. O verdadeiro objeto da fé deles era Jesus Cristo, e, quando ele entrou em cena, o tempo para a lei terminara e a era da fé começou.

Essas duas ilustrações – a prisão e o pedagogo – mostram que a lei tinha a legítima intenção de nos manter seguros até que Cristo viesse para nos salvar. Deus usou a lei “para nos trancar na prisão até que Cristo nos libertasse, ou para nos colocar sob tutores até que Cristo nos fizesse filhos”.16

Isso é verdadeiro não apenas na história da salvação, mas também em nível pessoal. A lei faz as mesmas coisas por nós que fez para os judeus antes do tempo de Cristo. Ela revela o pecado mostrando que nossos delitos são transgressões da lei de Deus. Pecadores que somos, ela pode aumentar nosso pecado, aprisionando-nos, assim, em nossa culpa. Entretanto, quanto mais a lei nos aprisiona em nossa vida, mais ela expõe a nossa necessidade de graça e,

dessa forma, nos leva a Cristo: “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5.20-21). Por si só, a lei não pode salvar, mas pode levar-nos para o Salvador. “O verdadeiro uso da Lei é este”, escreveu Martinho Lutero: “que eu sei que, pela Lei, estou sendo levado a um reconhecimento do pecado e estou sendo humilhado, para que eu possa vir a Cristo e ser justificado pela fé”.17

É por esse motivo que as pessoas precisam conhecer a lei de Deus. É por esse motivo que a igreja deve chamar um pecado de pecado, qualquer que seja. As pessoas não querem ouvir isso, é claro. Elas não querem ser informadas de que a luxúria, a ganância, a glutonaria e a injustiça são pecados. Sempre que alguém sugere existir essa coisa chamada pecado, elas imediatamente entram na defensiva. Reclamam que os cristãos são críticos, que julgam os outros. Às vezes, para sua vergonha, os cristãos são críticos. Contudo, essa normalmente não é a verdadeira questão. A verdadeira questão é que os pecadores não querem ser julgados por seus pecados.

Ainda assim, se Paulo estava certo sobre a finalidade da lei, então as pessoas devem ouvir os seus juízos a fim de serem salvas:

Não até que a lei nos tenha golpeado e ferido, admitiremos nossa necessidade do evangelho para atar nossas feridas. Não até que a lei nos tenha prendido e aprisionado, ansiaremos que Cristo nos liberte. Não até que a lei nos tenha condenado e matado, invocaremos a Cristo pela justificação e pela vida. Não até que a lei nos tenha levado ao desespero, acreditaremos em Jesus. Não até que a lei nos tenha humilhado até ao inferno, recorreremos ao evangelho para nos levar ao céu.18

Precisamos da lei para nos conduzir a Cristo. Pois somente quando a lei revelar nosso pecado começaremos a buscar a livre graça que Deus tem para nós no evangelho.

Notas

* Etimologicamente, a palavra pedagogo, em grego, significa lit. condutor de criança. (N. do R.)

1 Essa ilustração foi apresentada por NOLL, Mark A. In: “Diamond Devotional,” Reformed Journal, Julho 1989, 6–7.

2 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 175.

3 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 253.

4 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther’s Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:309.

5 CALVINO, João. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin’s New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David. e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 61.

6 Veja RYKEN, Philip Graham. Written in Stone: The Ten Commandments and Today’s Moral Crisis (Wheaton, IL: Crossway, 2003), 11–25.

7 Steven Baugh escreve: “A mediação da lei através de anjos por intermédio de Moisés não foi uma ‘ordenança eterna ordenada e escrita nas tábuas celestiais’ e assim representando um complicado princípio de herança das promessas de Deus, subvertendo a fé em Cristo. Pelo contrário, as promessas de Deus a um mundo caído estão enraizadas em seu conselho soberano e intratrinitário,

tradicionalmente chamadas de pactum salutis, as quais Moisés não mediou e não podia mediar, porque Deus é um" ("Galatians 3.20 and the Covenant of Redemption," Westminster Theological Journal 66.1 [Primavera 2004]: 69-70).

8 NEILL, Stephen C. Paul to the Galatians (Lutterworth, UK: World Christian Books, 1958), 44.

9 Mishná Pirkei Avot 2:7, In: MCKNIGHT, Scot. Galatians, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 181.

10 Esta analogia é sugerida em GEORGE, 260.

11 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:315,327.

12 FINDLAY, G. G. In: George, 264.

13 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 97.

14 WITHERINGTON III, Ben. Grace in Galatia: A Commentary on Paul's Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 265.

15 XENOFONTE, State of the Lacedaemonians 3.1, In: WITHERINGTON, 265.

16 STOTT, John. Message of Galatians, 98.

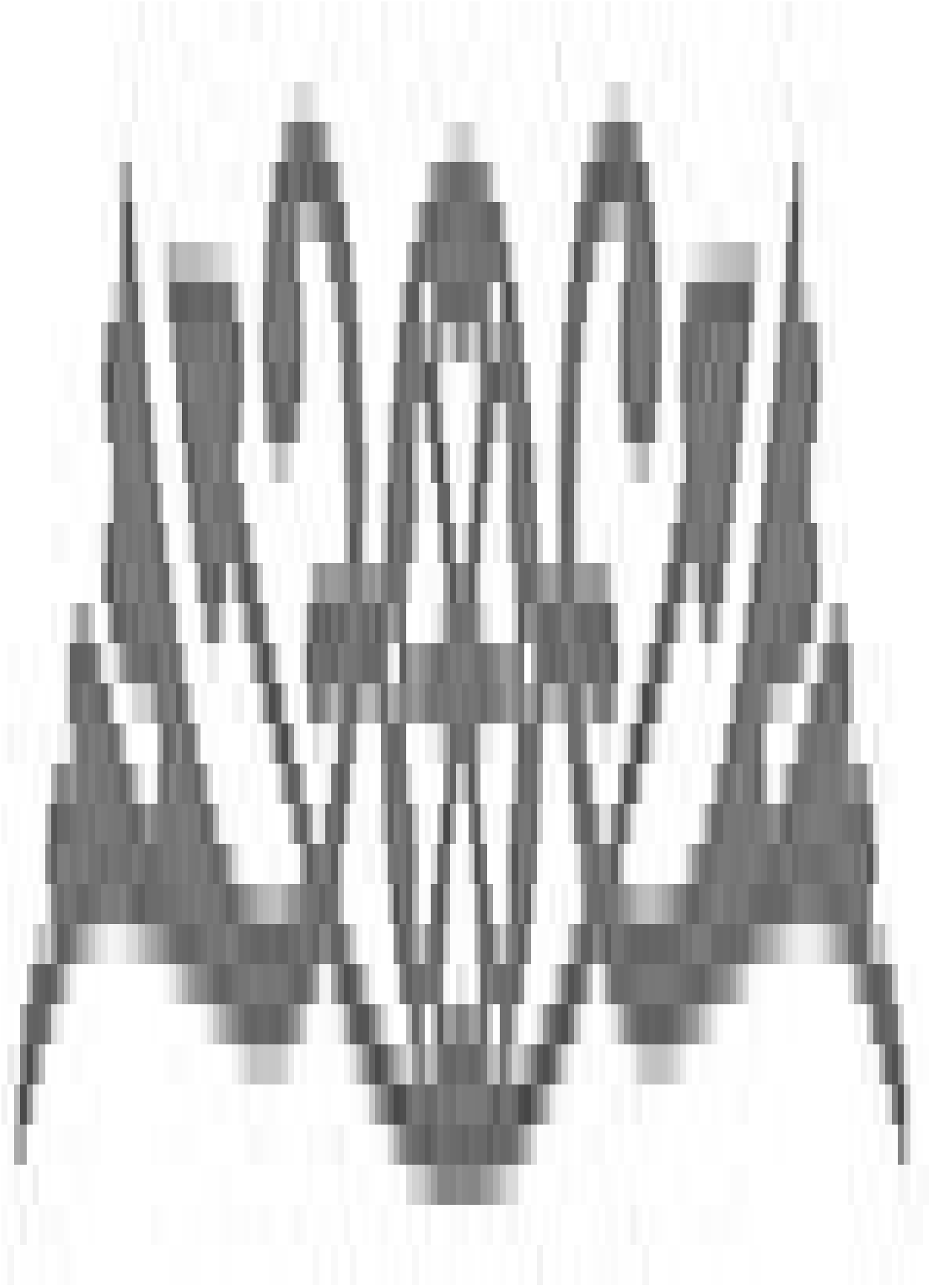
17 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:348.

18 STOTT, John. Message of Galatians, 93.

12

Todos filhos de Deus

Gálatas 3.26-29



[...] todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa (Gl 3.26-29).

Certo dia, ao final da década de 1990, os motoristas da Filadélfia se surpreenderam ao ler um proeminente outdoor que estampava a pergunta: “QUEM É O PAI?”. O anúncio foi patrocinado pela Precise Paternity – uma empresa que utiliza testes de DNA para determinar identidades. Era um anúncio para os tempos pós-modernos, quando as pessoas não sabem quem são ou de onde vieram.

Os seres humanos sempre precisaram conhecer sua identidade. A resposta cristã à busca humana por sentido é dada no final de Gálatas 3, que explica quem é o cristão em relação a Deus (Gl 3.26-27), a humanidade (Gl 3.28) e a história (Gl 3.29).

Filhos de Deus

Tratando-se de identidade pessoal, a primeira coisa a saber é quem é o pai. Assim, o apóstolo Paulo constata a paternidade do cristão: “Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 3.26). Se você conhece Jesus Cristo, então sabe quem você é, porque sabe a quem você pertence. Um cristão é filho de Deus. Mais cedo, no versículo 7, Paulo disse que todo crente é um filho de Abraão. Agora ele vai mais fundo: todo crente é um filho ou uma filha do Deus Altíssimo.

Este é o clímax do argumento de Paulo. Ele acabou de explicar como a lei é um aio (pedagogo) para crianças menores de idade. Mas, a certa altura, as crianças superam sua necessidade de um guardião, de modo que a lei só dura até a vinda de Cristo. Agora temos todos os direitos de filhos e filhas. Não somos mais “menores, sob a restrição de um tutor, mas filhos de Deus e herdeiros de seu glorioso reino, desfrutando da posição e dos privilégios de filhos adultos”.1

Essa era uma mensagem que os gálatas precisavam mesmo ouvir. Lembre-se do que os judaizantes estavam dizendo. Como eram judeus, sempre pensaram em si mesmos como os únicos filhos de Deus, de modo a tratar os gentios cristãos como membros familiares de segunda ordem. Até serem circuncidados, os gentios não poderiam ser considerados irmãos; poderiam, no máximo, serem tratados apenas como primos.

Paulo respondeu a este ensinamento acolhendo aos gentios com o caloroso abraço da família de Deus: “Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 3.26). Sua ênfase recai sobre o que é a primeira palavra do versículo em grego: “todos”, designando tanto judeus como gentios. O evangelho é tanto para os gentios quanto para os judeus, e, assim sendo, o privilégio de filiação é para todos os filhos de Deus.

A maneira pela qual alguém se torna membro da família de Deus é por adoção legal, algo que o Breve Catecismo de Westminster define da seguinte forma: “Adoção é um ato de livre graça de Deus, pelo qual somos recebidos no número dos filhos de Deus, e temos direito a todos os seus privilégios” (resposta à pergunta 34). Juridicamente falando, uma criança adotada é um verdadeiro filho ou filha. Ele ou ela possui os mesmos direitos e privilégios que um filho biológico. Existe alguém para chamar de “Pai”. Existe alguém para cuidar de cada necessidade. Existe alguém para dar afeto e disciplina paternais. Além disso, a criança adotada receberá sua parte devida da herança familiar.

Ao tornar-se um filho de Deus, o cristão adquire todos esses direitos e privilégios. Há alguém para chamar de “Pai”, porque oramos a nosso Pai que está nos céus (Mt 6.9). Há alguém para cuidar de nós, pois nosso Pai celestial sabe exatamente o que precisamos (Mt 6.32). Ele nos ama com terna afeição. “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai,” exclama maravilhado o apóstolo João, “a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus” (1Jo 3.1).

Nosso Pai nos ama tanto que se recusa a deixar-nos seguir o nosso próprio caminho. Em vez disso, ele nos disciplina para nos tornar santos: “É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige?” (Hb 12.7). E o melhor de tudo, Deus prometeu aos seus filhos uma parte integral de sua herança infinita e eterna. Se somos filhos de Deus, raciocinou Paulo com os romanos, então somos herdeiros – “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo” (Rm 8.17). Um bom pai dá tudo o que ele é e tudo o

que ele tem para seus filhos. Deus, sendo quem mais tem a dar, é o melhor Pai de todos. Sendo assim, não existe um status mais alto que um ser humano possa alcançar do que ser chamado filho ou filha do Deus Altíssimo.

A maneira de conquistar esse elevado status é simplesmente por meio da fé em Jesus Cristo: “[...] todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 3.26). Em todo o decorrer desta carta, Paulo argumentou que as bênçãos de Deus vêm somente pela fé: a justificação é pela fé (Gl 2.16; 3.6); a união com Cristo é pela fé (Gl 2.20); as bênçãos de Abraão vieram pela fé (Gl 3.9); a promessa do Espírito Santo é recebida pela fé (Gl 3.14). Tudo o que Deus tem a oferecer vem pela fé, e a adoção não é exceção. Essa bênção, também, vem por meio da fé em Cristo. Nas palavras do apóstolo João: “[...] a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (Jo 1.12).

A adoção mostra o contraste entre fé e obras em sua forma mais vívida, porque ninguém jamais passa a fazer parte de uma família por meio de obras. A posição mais alta a ser alcançada simplesmente trabalhando em uma casa é a posição de servo. Um servo pode morar com uma família. Um servo pode lavar a roupa da família, cozinhar as refeições da família, limpar a casa da família e alimentar o cão da família. Mas ele poderia fazer todas essas coisas, dia após dia, durante décadas, sem jamais se tornar um membro da família (da mesma forma que alguém que não seja um parente não poderia esperar chegar ao topo de uma empresa familiar). Nesse caso, a única maneira de se tornar um filho ou uma filha é por adoção. Isso só pode ser concedido pela vontade do pai; nunca pode ser conquistado pelo trabalho de um servo. E, quando se trata da família de Deus, o Pai está disposto a adotar todo aquele que crê em seu Filho, Jesus Cristo.

A Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei levantou mais uma vez uma velha questão que tange ao exato significado da relação entre fé e Cristo no livro de Gálatas. Por diversas vezes, Paulo mencionou “fé em Jesus Cristo” (Gl 2.16; 3.22). Mas há outra maneira de interpretar essa frase. É possível que signifique “a fé de Jesus Cristo”, ou seja, a própria fidelidade de Jesus a Deus. A questão é: Quem de fato exerce a confiança, Cristo ou o cristão? Paulo fala sobre a fé em Cristo ou sobre a fidelidade de Cristo? E, se for sobre a fidelidade de Cristo, a Carta aos Gálatas realmente ensina a doutrina reformada da justificação pela fé, afinal de contas?

Gramaticalmente falando, ambas as traduções são possíveis. É verdade que Jesus

foi fiel. De fato, a nossa salvação depende da fidelidade dele em obedecer à lei e sofrer o castigo por nossos pecados. Mas, mesmo sendo Cristo aquele que é o fiel, nós ainda precisamos colocar nossa fé na fidelidade dele. Gálatas 3.26 não deixa dúvidas quanto ao tipo de fé de que Paulo está falando: “todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 3.26). Aqui não há ambiguidade porque Paulo usa explicitamente a preposição “em”. A única maneira de fazer parte da família de Deus é confiando pessoalmente em Jesus Cristo. Isso confirma a verdade e, de fato, a necessidade da fé justificadora. É colocando nossa própria fé pessoal em Cristo que somos salvos e adentramos a família de Deus.

A teologia liberal costumava ensinar “a paternidade de Deus e a fraternidade do homem”. A ideia era que, como todo e cada ser humano é um filho ou uma filha de Deus, somos todos irmãos e irmãs. De certa forma, isso é verdade. Deus exerce seu cuidado sobre todas as suas criaturas, e todos nós pertencemos a uma mesma humanidade. Contudo, a filiação é um privilégio concedido especificamente àqueles que se achegam a Deus por meio da fé em Jesus Cristo. Embora Deus seja o Criador de tudo, Governante de tudo, e Juiz de tudo, ele é o Pai somente de seu Filho Jesus Cristo e daqueles que estão em Cristo pela fé.

Batizados em Cristo

Aqueles que vêm a Cristo pela fé devem ser batizados: “porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes” (Gl 3.27). Neste trecho, Paulo refere-se à realidade interior da purificação espiritual pela fé, e não simplesmente ao sinal exterior do batismo com água.

O batismo com água é um sacramento instituído pelo Senhor Jesus Cristo. É administrado, obviamente, utilizando-se água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). É um símbolo em que a lavagem com água simboliza limpeza do pecado. É também um selo, como a marca oficial em um documento público, confirmando visualmente que pertencemos a Deus pela fé. Mas isso não significa que os crentes são salvos apenas pelo ato do batismo com água. Isso precisa ser dito porque alguns cristãos (incluindo alguns presbiterianos, bem como alguns batistas, luteranos e episcopais) colocam tanta ênfase na objetividade do batismo que fazem do próprio sacramento o elemento que salva. Contudo, é precisamente este o tipo de pensamento contra o qual Paulo advertia. Os judaizantes estavam tratando a circuncisão como um método para se obter a

salvação. Quão útil seria simplesmente substituir um método (circuncisão) por outro (batismo)? A verdade é que nem a circuncisão (o sinal da antiga aliança com Abraão) nem o batismo (o sinal da nova aliança em Cristo) produz salvação, mas ambos simbolizam a salvação que vem pela graça por meio da fé.

Naturalmente, existe uma forte ligação entre a circuncisão e o batismo (cf. Cl 2.11-12). Ambos os sacramentos são para crentes e seus filhos, que recebem o sinal da aliança de pais fiéis na esperança de que Deus os levará à fé. Sob a antiga aliança, a maioria das pessoas entrava na comunidade da aliança pelo nascimento. No entanto, pertenciam à família de Deus pela fé, assim como o pai Abraão. O sacramento relacionado com sua adoção era a circuncisão, a qual era realizada em todos os meninos no oitavo dia de vida, bem como em adultos convertidos ao judaísmo. Assim, eram os israelitas adotados por meio da circuncisão? Não, a circuncisão era o sinal e o selo de que eram membros da família de Deus, a qual tinham que receber pela fé, seja anterior (no caso de adultos convertidos) ou posteriormente (no caso de crianças) à sua circuncisão.

E qual é a situação sob o novo pacto? É a mesma, em praticamente todos os aspectos, exceto quanto ao sinal visível. Nós entramos na família de Deus da mesma maneira: pela fé. Nós recebemos um sinal e um selo de nossa adoção, a saber, o batismo. Esse sacramento não é o modo de nossa salvação, assim como a circuncisão jamais foi. Por si só, o batismo com água – quer seja de crianças, quer seja de adultos – não nos torna filhos de Deus. Mas é um sinal visível de nossa adoção, a qual recebemos pela fé em Jesus Cristo.

Fé e batismo andam juntos. Com frequência, mas nem sempre, eles se dão em datas bem próximas. O próprio apóstolo Paulo é um bom exemplo. Sua iniciação veio após sua conversão. Ele foi salvo quando chamou Jesus de “Senhor” na estrada de Damasco (At 9.5), mas foi batizado vários dias depois (At 9.18). O que ele chama de “o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3.5) foi parte do que fez dele filho de Deus. Paulo foi salvo pelo batismo do Espírito Santo, não pelo batismo com água; todavia, o batismo foi sinal da sua salvação.

De fato, o batismo concede ao cristão seus documentos de adoção. Talvez seja por isso que muitas igrejas dão certificados de batismo para crianças e adultos que recebem esse sacramento. Isso também explica por que o batismo é tão importante, mesmo que não seja absolutamente necessário. O ladrão que se converteu na cruz foi para o paraíso sem jamais ser batizado. Mas o batismo é o sinal e selo de ser filho de Deus e, assim sendo, sob circunstâncias normais é

impensável que um cristão não seja batizado.

O batismo simboliza, sobretudo, a união do crente com Cristo. Como Paulo disse aos gálatas: “fostes batizados em Cristo” (Gl 3.27). Aqui encontramos novamente uma das doutrinas centrais da teologia de Paulo: a união com Cristo. O cristão realmente está unido a Cristo. Cristo está no cristão; o cristão está em Cristo. Entramos em Cristo pela fé, e o sinal e selo de estarmos nele é o batismo. É por este motivo que os primeiros cristãos foram batizados “em nome de Jesus Cristo” (At 2.38). Eles foram batizados no nome do Deus trino, é claro, mas estavam sendo incorporados a Cristo.

Estar unido a Cristo significa que estamos conectados a tudo aquilo que Cristo fez para nossa salvação. Tomamos parte de sua vida obediente, de sua morte sofredora e de sua ressurreição gloriosa. Tudo isso é simbolizado no batismo, que é o sinal e o selo da nossa união com Cristo: “Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Rm 6.3-4). A mensagem do livro de Gálatas, assim como a do livro de Romanos, é a mensagem do evangelho da cruz e do túmulo vazio – Cristo crucificado e Cristo ressuscitado. O batismo simboliza nossa conexão pessoal com Cristo nesses eventos salvíficos. Estamos unidos ao Salvador que morreu e ressuscitou; nós temos uma nova identidade em Cristo.

Outra maneira de descrever essa união é dizer que estamos revestidos de Cristo: “[...] todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes” (Gl 3.27). Um dito popular diz que a roupa faz o homem. Isso é especialmente verdadeiro no batismo, em que Jesus Cristo se torna o vestuário da nossa justiça. Nesse trecho, o apóstolo pode ter em mente uma prática cristã primitiva para o batismo. Quando adultos convertidos vinham para o batismo, eles tiravam suas roupas. Ao serem batizados, recebiam uma túnica branca para simbolizar sua nova vida em Cristo. Ou Paulo poderia ter em mente o ritual para a adoção de um escravo, que também requeria uma nova túnica branca. De qualquer maneira, um cristão é alguém que se revestiu de Cristo e agora é um livre e puro filho de Deus.

Os muros que dividem

Que tipo de relacionamento você tem com Deus? Se você é um cristão, então é um dos filhos ou filhas de Deus. Essa relação familiar tem uma implicação bastante óbvia: Todo aquele que pertence a Deus pertence a todas as demais pessoas que pertencem a Deus. Todos os filhos e filhas de Deus são irmãos e irmãs.

A Escritura enfatiza que dentro dessa nova família espiritual ninguém é excluído: “[...] não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28; veja também 1Co 12.13; Cl 3.11). Estar em Cristo transcende e transforma as nossas categorias sociais. Em outras palavras, a união com Cristo estabelece a nossa comunhão como santos.

Paulo menciona aqui os fatores que mais nos dividem: raça, posição social e sexo.2 Essas três divisões polarizavam o mundo antigo. Considere a oração, às vezes atribuída a Sócrates, na qual um homem grego agradecia a Deus “porque nasci um ser humano e não um animal; além disso, um homem e não uma mulher, e em terceiro lugar, um grego e não um bárbaro”.3 Os pagãos costumavam desprezar seus escravos e maltratar suas mulheres. Em alguns lugares, os escravos eram proibidos de entrar em templos pagãos, enquanto as mulheres eram tratadas como mobiliário.

Um preconceito semelhante predominava em Israel, onde alguns homens agradeciam a Deus todos os dias por não serem gentios, escravos ou mulheres. Veja estas bênçãos judaicas do primeiro século: “Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do universo, que não me fizeste um estrangeiro. Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um escravo. Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste uma mulher”.4

Dentre estas três distinções – raça, posição social e sexo – a etnia era a mais discriminatória. Para os judeus, o mundo inteiro estava dividido em duas partes. A distinção entre judeus e gentios governava a adoração, o matrimônio, o comércio, até mesmo a comunhão à mesa. F. F. Bruce escreve: “A lacuna entre judeu e gentio era a mais crítica para o judaísmo dentro da humanidade. Era, sim, possível que um gentio se tornasse um judeu prosélito [...] Mas um gentio que se tornava um prosélito cruzava para o lado judeu do abismo; o abismo permanecia”.5

Esse abismo é justamente o que os judaizantes queriam manter. Eles dividiam a

igreja da Galácia por linhas raciais, forçando os cristãos gentios a escolher um lado. Permaneceriam gregos ou se tornariam culturalmente judeus? Há indícios dessa luta em todo o Novo Testamento.

Também há sinais dessa disputa ao longo da história humana. Judeu contra grego. Escravo contra livre. Homem contra mulher. Timothy George escreve:

Raça, dinheiro e sexo são os poderes primitivos da vida humana. Nenhum deles é inerentemente mau; de fato, são a matéria-prima qual a própria vida é feita [...] Todavia, cada uma dessas esferas da criatividade humana se tornou degradada e suja por causa da perversidade do pecado. A nacionalidade e a etnia foram corrompidas pelo orgulho, as bênçãos materiais pela ganância e a sexualidade pela luxúria.6

Muito daquilo que chamamos de História tem seu enredo se desenrolando em torno desses três conflitos. Pense na longa e trágica história da perseguição dos judeus, ou nos efeitos da escravidão que ainda perduram nos Estados Unidos, ou na opressão das mulheres em tantos lugares ao redor do mundo. O departamento de História de qualquer universidade relatará pelo menos parte da verdade sobre esses males. Os multiculturalistas basearão tudo no conflito racial. Os marxistas verão a história como uma perpétua disputa de classes. Os feministas irão olhar para as relações humanas por meio da lente dos gêneros.

Os cristãos geralmente rejeitam essas cosmovisões porque são muito simplistas, mas cada uma delas identificou corretamente parte do problema. As maiores barreiras para a harmonia da humanidade são as diferenças étnicas, econômicas e de gênero. Qual é a cor da sua pele? Que língua você fala? Quanto dinheiro você ganha, e como o ganha? Você tem um cromossomo Y? Essas são as perguntas que sempre nos dividiram.

Os muros estão em toda parte: raça contra raça, classe contra classe, gênero contra gênero. A maioria dos conflitos armados em todo o mundo possui um forte componente étnico. Nos Estados Unidos, a razão pela qual o discurso racial ainda é enfatizado decorre do fato de que o racismo ainda é muito presente. A legislação fez todo o possível para alcançar a integração, mas onde está a reconciliação? Enquanto isso, a batalha dos sexos corre solta: divórcio, estupro, abuso, assédio sexual, feminismo radical.

Os problemas de raça, posição social e sexo também perturbam a paz dentro da igreja. Nos dias de Paulo, os judeus dificultaram a missão apostólica aos gentios. Mas, no decorrer da história eclesiástica, os gentios é que têm desencorajado os judeus de receberem o evangelho. Nosso legado inclui não apenas o antissemitismo, mas também a escravidão. Consideremos apenas um exemplo da história presbiteriana, que registra estas palavras de intolerância, em um sermão do século 19: "Vocês, escravos, irão para o céu se forem bons, mas nunca pensem que estarão perto de seus senhorios. Não! Não! Haverá um muro entre vocês; mas este muro terá buracos que lhes permitirão olhar e ver a sua senhora quando ela passar".7 É difícil dizer o que é pior: o gritante racismo dessas palavras, ou o legalismo mortal. E depois há todas as maneiras pelas quais as mulheres têm sido condescendentes e marginalizadas na vida da igreja. Nós podemos reconhecer e trabalhar contra isso sem ir ao extremo antibíblico de promover a ordenação de mulheres. Com demasiada frequência, os dons das mulheres têm sido subutilizados, e suas contribuições, subestimadas. Todos esses problemas persistem até os dias atuais, quando as tensões raciais, sociais e sexuais fervem logo abaixo da superfície da vida da igreja.

Unidos em Cristo

A Bíblia ensina que as divisões de raça, classe e gênero só podem ser vencidas em Cristo: "não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28). Mais literalmente, "vocês são todos uma pessoa só em Cristo". Mais uma vez, a ênfase aqui recai sobre o "todos". Judeus e gentios, escravos e livres, homens e mulheres – somos todos filhos de Deus. A igreja de Jesus Cristo é nossa primeira família, e nessa família não há filhos de segunda classe.

O que Deus estabeleceu em Cristo é nada menos que uma nova humanidade. Nosso relacionamento um com o outro é inteiramente baseado em nosso relacionamento com ele. Por estarmos unidos a ele, nos tornamos unidos uns aos outros; união com Cristo é a base para nossa comunhão como os santos. De acordo com o teólogo reformado alemão do século 17, Johan Heidegger, a comunhão dos santos é "a união, a sociedade e a assembleia de todos os crentes que têm algo em comum uns com os outros. Esse algo em comum é Cristo, o Cabeça da Igreja, assim como os dons que fluem d'ele como Cabeça do Corpo".8

No que toca à salvação, não há diferenças entre nós. Somos iguais sob a lei e iguais no evangelho. Somos todos igualmente necessitados de salvação e igualmente incapazes de salvar a nós mesmos por causa de nosso pecado. Todos precisamos da mesma cruz e do mesmo túmulo vazio. Todos nós precisamos da mesma morte expiatória e da mesma ressurreição corporal. Em resumo, todos precisamos do mesmo Cristo. Uma vez que viemos a ele pela mesma fé, é Cristo por todos e todos em Cristo.

Essa é uma razão pela qual Paulo se opôs aos judaizantes com tanta força. Eles estavam traçando limites dentro da igreja – judeus de um lado, gentios do outro. Ao impor a circuncisão, que era apenas para os homens, eles também excluíam as mulheres. Aliás, parte da sabedoria do batismo é ser um sacramento para todos. Todos os filhos de Deus são batizados em Cristo.

Independentemente de raça, classe social ou sexo, estamos todos unidos em Cristo. Judeus e gentios estão unidos em Cristo. Cristo destruiu a barreira entre judeus e gentios, reconciliando ambos com Deus por meio da cruz (Ef 2.15-17). Escravos e cidadãos livres também estão unidos em Cristo: “Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo” (1Co 7.22). A pessoa livre se tornou um escravo para Cristo, enquanto em Cristo o escravo encontra a sua liberdade.

Os homens e as mulheres estão unidos em Cristo também. É comum o apóstolo Paulo ser difamado por sua atitude em relação às mulheres, mas ele não era machista. Sob a inspiração do Espírito Santo, reconheceu que as mulheres foram feitas à imagem de Deus e poderiam ser refeitas à imagem de Cristo. Ele as saudou como membros de primeira classe da família de Deus e as elogiou por sua parceria no ministério. O notável sobre Paulo não era quão machista, mas o quão feminista ele era, no sentido de promover o pleno reconhecimento dos dons e da posição das mulheres em Cristo. Seus ensinamentos sobre gênero criaram tanta controvérsia naquela época quanto fazem hoje, mas pelo motivo extremamente oposto. Contrapondo a opinião geral de que as mulheres eram inferiores, Paulo libertou as mulheres dentro da vida da igreja. A vertente radical do ensino apostólico sobre gêneros é a igualdade fundamental de todos os filhos e filhas de Deus.

O tipo de igualdade que Paulo tem em mente não é o tipo que elimina toda distinção racial, social ou sexual. Por vezes, Gálatas 3.28 é usado de forma

errônea contradizendo o que o Novo Testamento diz em outras passagens sobre judeus e gentios, escravos e senhores, ou homens e mulheres. A igreja não é uma sociedade sem raça, sem classe social ou andrógina. Quando nos achegamos a Cristo, não deixamos de ser asiáticos ou africanos, chefes ou empregados, meninas ou meninos. No que tange a nossa identidade física e social, continuamos a ser o que sempre fomos, mas agora somos o que somos em Cristo.

Estar em Cristo estabelece uma unidade fundamental dentro da qual nossa diversidade pode ser valorizada. As distinções étnicas permanecem. Paulo não deixou de ser um judeu quando se tornou cristão, mas continuou a valorizar sua herança étnica. As diferenças econômicas também permanecem. Embora o Novo Testamento proíba a captura de alguém para ser escravo (1Tm 1.10), ele não abole, explicitamente, a escravidão em todas as suas formas. Isso se dá, em parte, porque a escravidão no mundo antigo era, às vezes, voluntária. Mas voluntária ou não, o importante era que os escravos cristãos e os mestres cristãos tratassem uns aos outros como irmãos e irmãs em Cristo (cf. Cl 3.22–4.1). Foi assim que Filemom deu as boas-vindas ao fugitivo Onésimo “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (Fm 1.16).

As diferenças de gênero permanecem também. A gramática de Paulo neste versículo é relevante, pois Gálatas 3.28 literalmente diz: “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher”. Isso pode ser um eco deliberado de Gênesis 1.27: “homem e mulher os criou”, o que nos lembra de que a diferença entre o homem e a mulher remete à própria criação. Nosso gênero dado por Deus implica em responsabilidades espirituais únicas no lar e na igreja, sem ameaçar nossa igualdade fundamental em Cristo. Falando mais especificamente, Deus chama os homens a exercer liderança servidora como maridos e como oficiais na igreja, ao passo que chama as mulheres a se submeterem a essa liderança como esposas e como membros da igreja. Mas é um erro pensar em nosso serviço como homens ou em nossa submissão como mulheres em termos de status, pois em Cristo não há status.

Para resumir: Nossas distinções étnicas, sociais e sexuais continuam a existir. Mas, uma vez que estamos em Cristo, essas distinções não nos dividem. Eles não determinam nossa posição na família de Deus. Portanto, devemos encarar a nossa unidade em Cristo

não como um nivelamento e abolição de todas as diferenças raciais, sociais ou de gênero, mas como uma integração de tais diferenças em uma participação comum “em Cristo”, em que elas melhoram (e não diminuem) a unidade do corpo, e enriquecem a mútua interdependência e assistência de seus membros. Em outras palavras, é uma unidade, pois tais diferenças deixam de ser uma barreira e causa de orgulho, pesar ou embaraço, e tornam-se um meio para mostrar a diversificada riqueza da criação e da graça de Deus, tanto na aceitação de “todo” e nos dons de cada um.9

Nós temos a melhor e a mais verdadeira comunhão quando reconhecemos nossa diversidade, mas a consideramos menos importante do que nossa unidade em Cristo.

A igreja tem um longo caminho a percorrer antes de se tornar a nova humanidade de Deus em Cristo. De modo geral, a igreja permanece segregada racial e socialmente. Igrejas evangélicas, especialmente, se dividem quanto ao papel das mulheres na igreja. Gálatas 3.28 indica qual é o nosso problema: a razão pela qual muitas vezes deixamos de tratar uns ao outros como devemos é que ainda não estamos suficientemente em Cristo. Não há segregação em Cristo. Se ainda existe arrogância, preconceitos e até mesmo ódio em nós, é porque não estamos totalmente em Cristo.

Somente quando estamos em Cristo é que nos tornamos capazes de enxergar as pessoas da maneira como Jesus as enxerga, e de tratá-las da maneira que ele as trata. Um bom exemplo é a forma como Jesus tratou a mulher no poço (João 4). Ela era uma samaritana pobre, então Jesus era diferente dela étnica, social e sexualmente. Mas isso não o impediu de amá-la e de morrer por seus pecados. Agora somos chamados a alcançar aqueles que são diferentes de nós com o amor de Cristo.

Como seria isso? Isso mudaria a maneira como pensamos e conversamos sobre os outros. Nunca poderíamos nos referir a “aquelas pessoas”; sempre teríamos que dizer “nós”. Mudaria, também, a forma como lidamos com os outros. Os judeus amariam os gentios (e vice-versa). Os negros mostrariam hospitalidade aos brancos (e vice-versa). Os deficientes procurariam amizades com os sãos (e vice-versa). Os estrangeiros dariam boas-vindas aos nativos (e vice-versa). Os pobres amariam os ricos (e vice-versa). As mulheres respeitariam os homens (e vice-versa). Assim, em vez de dificultar a nossa unidade, as diferenças de raça,

classe social e gênero se tornariam uma oportunidade de mostrar ao mundo o que significa estar em Cristo.

Herdeiros da promessa

A nova humanidade de Deus em Cristo não é apenas para o aqui e agora; é para toda a eternidade: “[...] se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29). Esse versículo estabelece a identidade do cristão em relação à história. Em relação à divindade de Deus, eu sou um filho ou uma filha. Em relação à humanidade, eu sou um irmão ou uma irmã de todos os filhos de Deus. Em relação à história, eu pertenço à única família que Deus começou neste tempo e preservará por toda a eternidade. John Stott explica que os cristãos “encontram seu lugar na eternidade (primeira e principalmente em relação a Deus, como seus filhos e filhas), na sociedade (em relação a uns com os outros, como irmãos e irmãs na mesma família) e na história (em relação também a sucessão do povo de Deus ao longo dos séculos)”.10

“[...] se sois de Cristo”, diz Paulo. Ser de Cristo é pertencer a ele, a fim de que, uma vez que viemos a ele pela fé, temos o direito de vestir uma camiseta com os dizeres: “Propriedade de Jesus Cristo”.

Pertencer a Cristo é pertencer não somente uns aos outros, mas também a Abraão. Lembre-se de que Deus fez sua promessa tanto para Abraão quanto para sua descendência. A palavra “descendência” refere-se especificamente ao verdadeiro filho de Abraão, Jesus Cristo (Gl 3.16). Se estamos em Cristo, então somos descendência de Deus – filhos de Abraão. Isso é importante porque no mundo antigo somente o filho recebia a herança. Dizer que somos todos filhos de Deus nada tem a ver com ser do sexo masculino. Filiação significa que nós herdaremos tudo aquilo que Deus prometeu dar aos seus filhos – o perdão dos pecados, o céu, a vida eterna, e tudo o mais.

Os judaizantes compreenderam que Deus pretendia estabelecer um povo, na história, que duraria por toda a eternidade, mas estavam errados sobre os requisitos de admissão. Disseram que os gálatas não poderiam tornar-se filhos de Abraão até que se tornassem judeus. A resposta de Paulo foi que eles já eram filhos de Abraão, simplesmente por virem a Cristo. Tudo o que é necessário para se tornar um dos herdeiros de Deus é a fé em Jesus Cristo. A propósito, isso mostra que a igreja é o verdadeiro Israel de Deus. Quando os gentios vêm à fé

em Cristo, eles se tornam parte da única família que Deus já teve.

Você é um membro da família? Caso não tenha certeza de quem você é, deve ser porque ainda não encontrou seu verdadeiro eu em Jesus Cristo. Talvez você nunca tenha vindo a ele com fé, confiando nele para lhe salvar dos seus pecados e fazer de você um filho de Deus. Ou talvez você confie em Cristo, mas ainda está buscando sua identidade em outro lugar.

A única maneira de encontrarmos a nós mesmos é vindo a Deus em Cristo. Aqueles que estão em Cristo sabem exatamente quem são. Sabemos quem é o nosso Pai, porque somos filhos e filhas do Deus Altíssimo. Sabemos quem são nossos irmãos, porque somos irmãos e irmãs de todos os filhos de Deus. Se você é um cristão, isso é quem você é, e quem você será, para sempre.

Notas

1 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 99.

2 Ibid., 100.

3 LAERTIUS, Diogenes. Vitae Philosophorum 1.33, In: WITHERINGTON III, Ben. Grace in Galatia: A Commentary on Paul's Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 270.

4 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 285.

5 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 188.

6 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 284–85.

7 Citado em CADE, John B. "Out of the Mouths of Ex-Slaves," Journal of Negro History 20 (Julho 1935): 329.

8 HEIDEGGER, Johan. Medulla Theologiae Christianae (Zurique, 1696), In: HEPPE, Heinrich. Reformed Dogmatics Set Out and Illustrated from the Sources (Londres: Allen and Unwin, 1950), 659.

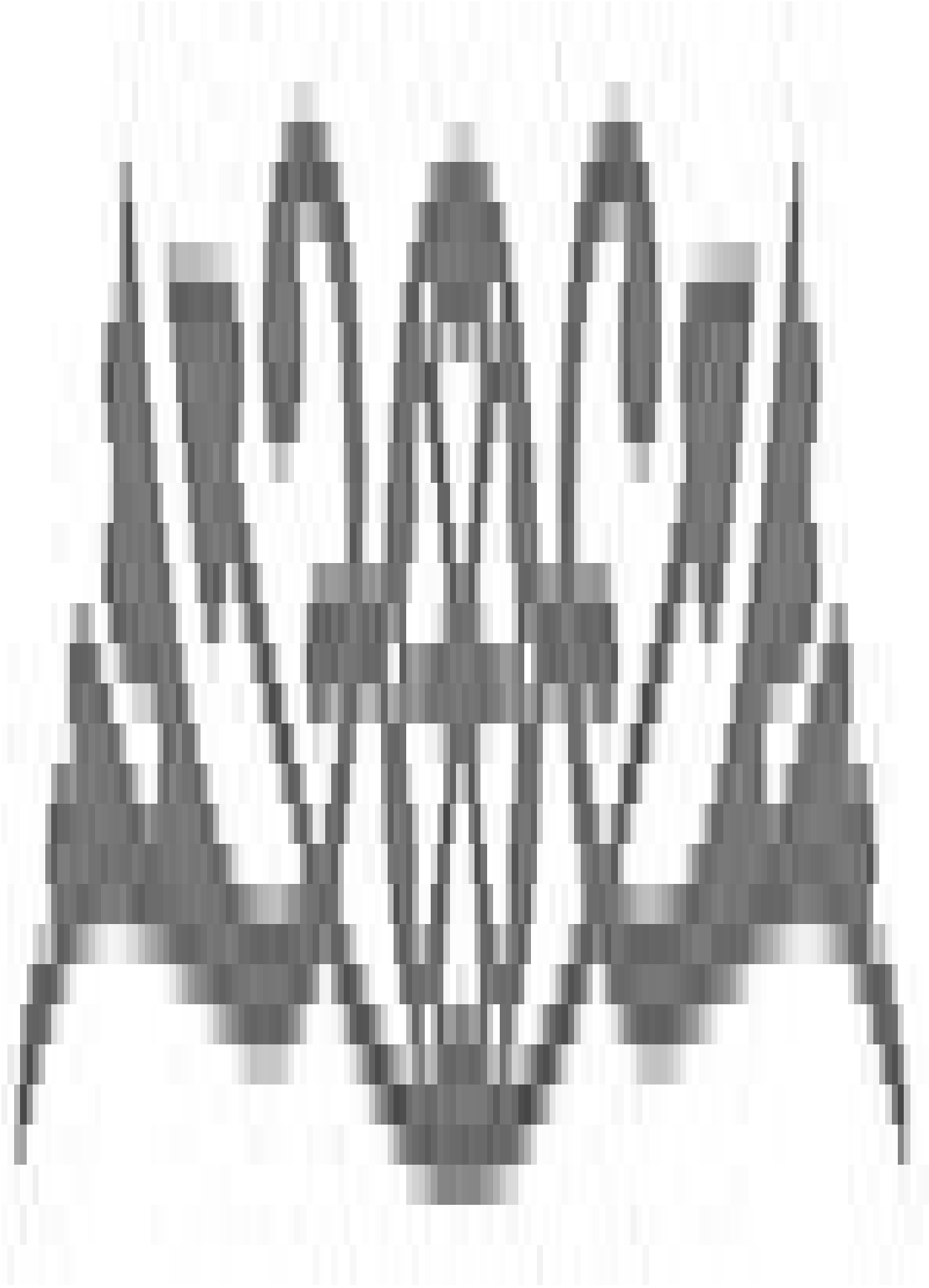
9 DUNN, James D. G. The Epistle to the Galatians, Black's New Testament Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1993), 208.

10 STOTT, John. Message of Galatians, 101.

13

Da escravidão à filiação

Gálatas 4.1-7



[...] também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos (Gl 4.3-5).

Na primavera de 1999, o duque e a duquesa de Northumberland foram a um tribunal de justiça para impedir que seu filho herdasse sua fortuna ao completar 18 anos. O filho, o jovem conde Percy, tinha apenas 14 anos na época, e seus pais buscavam o melhor para ele. Um dia o conde herdaria uma vasta fortuna, incluindo o Castelo de Alnwick, uma herança de um milhão de libras e uma renda anual de quase meio milhão de dólares. Mas seus pais não queriam que isso acontecesse cedo demais. Eles sabiam bem que outros nobres britânicos haviam esbanjado suas fortunas em drogas, vivendo dissolutamente. Sendo assim, criaram um fundo fiduciário para gerenciar a fortuna do jovem conde até o seu vigésimo quinto aniversário.1

Tratado como um escravo, mas ainda um filho

O que aconteceu com o jovem Percy é semelhante à situação paradoxal que o apóstolo Paulo descreve no início de Gálatas 4. Ele vinha traçando um contraste entre a antiga aliança e a nova, entre a era de Moisés e o tempo de Cristo, entre viver sob a lei e viver pela fé. A lei, como explicou no capítulo 3, é semelhante a um guardião da prisão (Gl 3.23) ou um cuidador de crianças (pedagogo, Gl 3.24), para controlar o povo de Deus até que venham a Cristo. Agora, Paulo faz uma comparação ligeiramente diferente: “[...] durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que é ele senhor de tudo” (Gl 4.1).

É bom sabermos algo sobre a lei civil grega, que parece ser o que o apóstolo tem em mente.2 Naquele tempo, era comum um rico entregar seu herdeiro ao cuidado de guardiões. Durante toda a sua infância, o filho mais velho sabia que herdaria o patrimônio de seu pai, mas ainda não o possuía.3 A Nova Versão Internacional é um tanto inexata quando diz que a criança é “dono de tudo” (Gl 4.1 - NVI). A versão Almeida Revista e Atualizada é mais precisa, relatando que o herdeiro é “senhor de tudo”, significando que a terra de seu pai pertence a ele por título, mas que ele ainda não tem a posse efetiva de tais bens.

Neste meio tempo, o herdeiro tinha mais ou menos tanta liberdade quanto a de um escravo comum. Ele não tinha direitos legais ou de propriedade. Seu guardião o mantinha sob disciplina. Controlavam quando ele devia acordar, quando ir para a escola, o que vestir, como se comportar, e quando ir para a cama. Também havia um administrador para gerenciar sua propriedade, especialmente se seu pai já fosse falecido. Até atingir a maioridade, era chamado de “jovem senhor” – “senhor” porque um dia herdaria a propriedade, mas “jovem” para mantê-lo firmemente em seu lugar.

Sob esse sistema, às vezes o jovem senhor sentia-se mais como um escravo do que como um filho. Mas era tudo para o seu próprio bem. O que parecia às vezes como escravidão era necessário para trazê-lo à maturidade plena. Além disso, a menoridade não duraria para sempre. Chegada a hora, ele receberia sua herança, de acordo com a data legalmente estabelecida por seu pai.

A questão da analogia de Paulo é que a lei desempenha um papel semelhante na história da salvação: “[...] também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo” (Gl 4.3). O que dificulta a interpretação desse versículo é a frase “os rudimentos do mundo”. Parece que Paulo fala sobre a lei dada a Moisés, pois empregará a frase “sob a lei” nos próximos dois versos (Gl 4.4-5).

Talvez, então, “rudimentos do mundo” seja outra maneira de descrever a lei. As leis de Deus são de fato os princípios básicos do mundo. Em grego, “princípios básicos” significam “componentes essenciais” ou “coisas elementares”. O termo era às vezes usado para se referir a ensinamentos básicos como o ABC (ou o “alpha, beta, gamma”, como era chamado nessa época). Essa é uma boa maneira de descrever a lei de Deus. Estudar a lei é aprender o alfabeto da vontade de Deus.

Seguindo a analogia, a lei do Antigo Testamento era como o ensino fundamental para o povo de Deus. Os judeus tinham regras específicas para governar sua conduta, o que o escritor aos hebreus chamou de “ordenanças da carne, [...] impostas até ao tempo oportuno de reforma” (Hb 9.10). Quanto à adoração, os judeus tinham de ir a um determinado lugar e oferecer determinados sacrifícios de determinada maneira específica. Cumprir todos esses requisitos era como estarem em uma aula de alfabetização, traçando o ABC que foi escrito pela primeira vez pela mão de Deus.

Chegado o tempo, os alunos crescem e superam sua educação básica. Eles dominam o alfabeto e seguem para a redação. Da mesma forma, Deus educou seu povo na lei a fim de prepará-los para o evangelho. O puritano William Perkins descreveu Israel como "uma pequena escola instalada num canto do mundo; a lei de Moisés era, por assim dizer, um ABC, ou uma cartilha, na qual Cristo foi revelado ao mundo, de maneira nebulosa e obscura, especialmente para os judeus".4

Ao chamar a lei de "rudimento", Paulo estava dando uma lição de recuperação aos mestres da lei de Jerusalém. Esses judaizantes haviam dito aos Gálatas que a lei era uma pós-graduação do evangelho. Mas Paulo insistiu que estar sob a lei era, na verdade, um sinal de imaturidade espiritual. Se os gálatas voltassem para a lei seria como um Ph.D. retornando para o jardim de infância para trabalhar em seu ABC.5 Se quisessem ser adultos espirituais, os gálatas teriam que avançar para além da lei.

Contudo, há outra maneira de interpretar "rudimentos" que também inclui os gentios, os quais "eram tão escravizados por sua idolatria pagã, quanto os judeus haviam sido em sua servidão à lei".6 O termo "rudimentos" aparece de novo em Gálatas 4.9, em que Paulo claramente fala sobre a adoração pagã. Entre os pagãos, "rudimentos" poderia se referir a seres espirituais, tais como os espíritos elementares da terra, ar, fogo e água. Assim, talvez, ao falar de estar "servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo" (Gl 4.3), Paulo se referia a poderes demoníacos. Houve um tempo em que os próprios gálatas estavam servindo a esses exatos deuses e deusas.

Independentemente do termo "rudimentos" referir-se à lei de Deus para os judeus (o que parece mais provável) ou ao controle de Satanás sobre os gentios, a questão é que o povo de Deus precisava crescer. Durante algum tempo, eles não foram melhores do que escravos. De fato, enquanto eram crianças, praticamente tinham de ser tratados como escravos. Mas, na verdade, eles sempre foram filhos, de modo que finalmente chegou o dia de deixar sua infância religiosa para trás e de crescer rumo a uma completa maturidade espiritual.

A vinda do Filho de Deus

O que trouxe o povo de Deus da escravidão para filiação foi a morte e a

ressurreição de Jesus Cristo. Estávamos sob a lei até a vinda do Cristo, a qual Paulo descreve nestas belas e quase poéticas palavras: “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4.4-5).

Ao delinear o plano de salvação, esses versículos salientam seis ensinamentos centrais sobre a vinda de Cristo. O primeiro diz respeito ao momento de sua vinda. A vinda de Jesus ocorre na “plenitude do tempo” (Gl 4.4). De acordo com a lei antiga, o pai tinha o direito de determinar a hora em que seu filho receberia seu patrimônio.7 Da mesma maneira, Deus Pai determinou quando Deus Filho viria para dar sua herança a todos os filhos de Deus.

O próprio Jesus sabia que tinha chegado bem na hora certa: “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.14-15). Jesus veio no ponto exato da história humana quando Deus estava pronto para a sua vinda. Quando era pequeno, meu filho colocava na parede do seu quarto uma linha cronológica, desenhada a mão, de quase dois metros, relatando a história do mundo. Bem no centro, dividindo Antes de Cristo e Depois de Cristo no calendário do conselho eterno de Deus, estava a cruz de Cristo. Jesus veio, escreveu João Calvino, “quando o tempo que havia sido ordenado pela providência de Deus era sazonal e adequado”.8

Cristo veio quando o mundo estava pronto para sua vinda também. Os gregos haviam provido uma linguagem e cultura comuns para compartilhar o evangelho. Por meio do poder dos romanos, havia transporte seguro para difundir o evangelho. Mas, acima de tudo, os pecadores estavam prontos para serem libertados da escravidão. Os gentios estavam cansados de servir os velhos deuses pagãos. Os judeus estavam cansados de serem mantidos cativos pela lei que tentavam (sem conseguir, contudo) guardar por mais de mil anos. Então foi bem no momento certo – nem um instante cedo demais, nem um instante tarde demais – que Cristo veio para nos tornar filhos e filhas de Deus.

O segundo ensinamento diz respeito à origem da vinda de Cristo e testifica sua divindade eterna. A Bíblia diz: “Deus enviou seu Filho” (Gl 4.4), e o fato de que o Filho foi enviado mostra que ele existia antes de ter nascido em Belém. Seu envio do céu declara, assim, a sua natureza divina. Jesus Cristo é Deus Filho, plenamente igual ao Pai em glória e poder. Sua filiação é eterna. Ele é o Filho

unigênito do Pai, a segunda pessoa da Trindade, que viveu com seu Pai em glória desde a eternidade passada. Quando o tempo chegou, o eternamente divino Filho de Deus desceu do céu para o mundo.

O terceiro ensinamento trata do modo da vinda de Cristo. Deus Filho foi "nascido de mulher" (Gl 4.4). Enquanto a palavra "enviado" pressupõe sua eterna divindade, a palavra "nascido" declara sua verdadeira humanidade. Jesus teve um nascimento comum. Dizer que uma mãe humana o deu à luz é dizer que Deus Filho se tornou um ser humano. Esta é a doutrina da encarnação: Deus tornou-se homem. Que melhor maneira de enfatizar a verdadeira humanidade de Jesus Cristo do que dizer que ele nasceu de uma mulher?

Quando a virgem Maria deu à luz Jesus e o colocou em uma manjedoura, Deus Filho assumiu nossa carne e nossa natureza, com todas as suas tentações e complicações. O Cristo que veio para salvar é o homem-Deus; em sua pessoa, há duas naturezas, uma natureza divina e uma natureza humana. Nas palavras do Breve Catecismo de Westminster, "Cristo, o Filho de Deus, fez-se homem tomando um verdadeiro corpo, e uma alma racional, sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da virgem Maria, e nascido dela, mas sem pecado" (Resposta à pergunta 22). E só porque Jesus é um homem verdadeiro que ele pode ser nosso Salvador. De acordo com Lutero, o cristianismo

não começa no topo, como todas as demais religiões; ele começa na parte de baixo [...] Portanto, sempre que estiver preocupado em pensar e agir sobre a sua salvação, você deve descartar todas as especulações sobre a Majestade, todos os pensamentos com respeito a obras, tradições e filosofia – na verdade, até mesmo a própria Lei de Deus. E você deve se dirigir diretamente para a manjedoura e para o ventre materno, abraçar este bebê e filho da virgem em seus braços e olhar para ele – nascido, sendo amamentado, crescendo, andando na sociedade humana, ensinando, morrendo, ressuscitando, ascendendo sobre todos os céus, e tendo autoridade sobre todas as coisas. Dessa forma, você pode livrar-se de todos os temores e erros, assim como o sol dissipa as nuvens.9

O quarto ensinamento importante diz respeito à condição da vinda de Cristo, a qual era a perfeita obediência. Jesus nasceu judeu e, portanto, estava sujeito à obediência da lei de Deus em sua totalidade. Ele foi "nascido sob a lei" (Gl 4.4). Por seu nascimento, foi obrigado a guardar a Torá, o que fez com total perfeição.

Jesus cumpriu toda a lei de seu povo. Ele foi circuncidado no oitavo dia, como a lei exigia. Jamais quebrou nem um sequer dos Dez Mandamentos. Seguiu o padrão bíblico de adoração. Foi a Jerusalém para celebrar as festas. Celebrou a Páscoa. Ele fez tudo que a lei exigia.

Jesus até morreu sob a lei. Para o Filho de Deus, submeter-se à lei incluía aceitar a pena de morte que seu povo merecia por quebrá-la. É o que Paulo explicou no capítulo 3, quando disse: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar" (Gl 3.13). Quando Cristo submeteu-se à lei, ele também se submeteu à sua maldição. Ele não só cumpriu toda a lei de seu povo, como também sofreu o castigo devido pelos seus pecados.

O motivo de sua vinda

O quinto ensinamento diz respeito ao primeiro elemento do duplo propósito da vinda de Cristo, que era "resgatar os que estavam sob a lei" (Gl 4.5). Aqui, Paulo se refere especificamente à expiação que Cristo concedeu na cruz. Ele mencionou a morte de Cristo pela primeira vez logo no início de sua carta, ao dizer que Jesus "se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso" (Gl 1.4). Mas a morte de Cristo foi mais do que um resgate; foi também uma redenção. No mundo antigo, redenção normalmente se referia à libertação de um escravo por meio do pagamento de um preço. Desde que alguém estivesse disposto a fazer o pagamento, a liberdade de um escravo poderia ser comprada. É exatamente isso que Cristo fez pelo seu povo. Embora estivéssemos escravizados aos rudimentos do mundo (Gálatas 4.3), Jesus pagou o preço por nossa liberdade quando morreu na cruz. Ele pagou um preço extremamente elevado. Quando Deus enviou seu filho, ele o enviou para morrer.

A morte de Cristo faz algumas pessoas se sentirem desconfortáveis, incluindo algumas que se autodenominam cristãs. Na primavera de 1999, p. ex., uma pastora luterana na Alemanha ganhou notoriedade ao argumentar que a manjedoura, e não a cruz, deveria ser o símbolo do cristianismo. A cruz, segundo ela, é ameaçadora demais; certamente não é tão convidativa quanto o bebê Jesus adormecido sobre a palha.

Cristo teve que nascer antes que pudesse morrer, naturalmente; não poderia haver Páscoa sem Natal. Mas Deus Filho nasceu da Virgem a fim de morrer na

cruz. O cristianismo não é uma religião de estábulo e palha; é uma religião de espinhos e pregos, madeira e sangue. A encarnação não pode nos salvar sem a crucificação. Cristo não nos redimiu apenas por meio de sua vida; ele nos redimiu através de sua morte.

Foi do poder da lei, com sua maldição mortal, que Cristo nos redimiu. É por isso que foi necessário que ele nascesse sob a lei. O que o qualificou para nos redimir da lei foi o fato de que ele a cumpriu perfeitamente. De fato, tudo o que Paulo disse até agora sobre a vinda de Cristo – sua chegada em tempo oportuno, sua eterna divindade, sua verdadeira humanidade e sua perfeita obediência – o qualificou para ser nosso redentor. John Stott escreve:

A divindade de Cristo, a humanidade de Cristo e a justiça de Cristo o qualificaram singularmente para ser o redentor do homem. Se ele não tivesse sido homem, não poderia ter redimido homens. Se não tivesse sido um homem justo, não poderia ter redimido os injustos. E, se não fosse o Filho de Deus, não poderia ter redimido os homens para Deus, nem os ter feito filhos de Deus.10

Mas Cristo nos redimiu, e o fez como o perfeito Homem-Deus que morreu na cruz para salvar os pecadores.

O sexto ensinamento e o segundo objetivo da vinda de Cristo foi “que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4.5). A vinda de Cristo tinha um propósito de adoção assim como um propósito de expiação. Deus enviou seu Filho para nos fazer todos seus filhos e filhas. Cristo conquistou nossa adoção, bem como nossa redenção. Deus poderia ter se limitado a nos libertar da escravidão, nos resgatar de nosso cativeiro da lei, nos redimindo, assim, da maldição. Mas Deus não parou por aí. Uma vez que Cristo ganhou nossa liberdade, ele nos acolheu dentro de sua família. Além da redenção, Cristo efetivou adoção, transformando escravos em filhos.

Lembre-se de que Paulo não estava sendo sexista quando chamou os gálatas de filhos de Deus. No mundo antigo, a herança de um pai era apenas para seus filhos (do sexo masculino). Mas Deus, chamando-nos de filhos, garantiu que todos os seus filhos e filhas seriam incluídos em seu testamento: “De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus” (Gl 4.7). A promessa de vida eterna com Deus no céu é para todos que se tornam filhos de

Deus por meio da fé em Jesus Cristo.

Quando Jesus morreu e ressuscitou, ele não só pagou por nossa liberdade, mas também providenciou nossos documentos de adoção, tornando-nos filhos e filhas do Deus Altíssimo. Há uma alusão a isso na história da ressurreição. As mulheres saíram correndo do túmulo para dizer aos discípulos que Jesus havia ressuscitado dos mortos. De repente, Jesus estava bem a sua frente, e elas se prostraram para adorá-lo. O Senhor as saudou com estas palavras: “ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá me verão” (Mt 28.10). Jesus chamou os discípulos de “irmãos” porque os trouxera à família de Deus por meio de sua morte e ressurreição.

Agora, todo aquele que crê no Cristo ressuscitado é um querido filho de Deus. Se, contudo, continuarmos servindo a Deus por medo ou dever, mostramos que não compreendemos o que Cristo fez em nosso favor. O cristianismo não é servidão e sim liberdade, pois Cristo nos trouxe da escravidão para a filiação. Nossa participação contínua na família de Deus não depende de nossas obras, como se de alguma forma tivéssemos que conquistar nossa permanência.

Um bom exemplo do que isso significa na prática vem da vida de John Wesley. Antes de vir a Cristo, Wesley era um cristão melhor do que a maioria dos crentes, pelo menos aparentemente. Durante seus dias em Oxford, ajudou a formar um grupo chamado “o Clube Santo”. Os alunos no clube iam à igreja, estudavam suas Bíblias, jejuavam e oravam. Entravam nas prisões e abrigos para evangelizar. Providenciavam alimento, vestimentas e educação para as crianças pobres da cidade. No entanto, em todo esse tempo, eram órfãos espirituais, aprisionados por sua religiosidade. Levou vários anos até que Wesley finalmente viesse a “confiar somente em Cristo para a salvação”. Ao olhar para trás, analisando tudo o que tinha feito para Deus antes de vir a Cristo, escreveu: “Até então, eu possuía a fé de um servo, mas não a de um filho”.11

O espírito de filiação

Um cristão é alguém, como John Wesley, que foi trazido da escravidão para filiação. Todavia, mesmo depois de nos tornarmos filhos e filhas de Deus, às vezes esquecemos o amor de nosso Pai. Começamos a pensar em nós mesmos mais como escravos do que como filhos, o que aflige o coração de nosso Pai.

Ocasionalmente, as crianças testam o amor de seus pais. Mesmo sem perceber o que estão fazendo, às vezes ferem suas mães ou pais para ver se ainda serão amados. Com frequência, filhos adotivos lutam com a questão de sua paternidade. Eles se perguntam se seus pais realmente os amam. E, claro, seus pais os amam, de modo que lhes traz grande angústia quando seus filhos simplesmente recusam descansar em seu afeto.

Assim como qualquer bom pai, Deus quer que seus filhos recebam e descansem em seu amor paternal. Ele quer que seus filhos adotivos saibam com certeza que são amados. Por esta razão, ele enviou seu Espírito para dentro de nosso coração. "[...] porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!" (Gl 4.6).

Os gálatas tinham realmente recebido o Espírito (Gl 3.2); e quando o fizeram, também receberam a certeza de que eram filhos de Deus. Pois Deus enviou seu Espírito, assim como seu Filho. Primeiro, enviou seu Filho para nos fazer seus filhos (Gl 4.4); depois, nos enviou seu Espírito para que saibamos que realmente somos seus filhos (Gl 4.6). A adoção que foi conquistada pelo Filho é aplicada pelo Espírito.

Nesta altura, somos atraídos para o mistério da Trindade. O único Deus verdadeiro existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. A adoção é a obra do Trino Deus. Deus Pai, apenas por ser o Pai, é aquele que nos adota. Ele fez isso enviando o seu Filho para nos redimir da escravidão, para que não fôssemos mais escravos, mas filhos. Então o Pai enviou seu Espírito para nos convencer de que realmente somos filhos e filhas de Deus.

O Espírito que Deus envia é especificamente "o Espírito de seu Filho" (Gl 4.6), o que mostra a intimidade entre o Filho e o Espírito dentro da Divindade. O trabalho do Filho é trazer-nos a um relacionamento com o Pai, enquanto o trabalho do Espírito é selar esse laço familiar. Dessa forma, o Pai, o Filho e o Espírito Santo trabalham juntos para nos tornar verdadeiros filhos e filhas de Deus.

Sabemos que somos, de fato, filhos e filhas de Deus chamando-o de "Pai". E não apenas chamando-o de "Pai", como se pudéssemos ser salvos por uma mera palavra, mas clamando a ele como nosso Pai. A palavra bíblica para "clamar" (krazon) é repleta dos mais intensos sentimentos. Quando, em meio a este mundo perdido e agonizante, um pecador suplica a Deus por salvação, é um

clamor do coração.

Quando clamamos a Deus, usamos a mesma palavra que Jesus usou quando se dirigiu a seu Pai horas antes de sua morte: “Aba, Pai” (Mc 14.36). “Aba” é um termo que exprime tanto respeito quanto afeto. Significa “Querido Papai” ou “Amado Pai”.12 Colocar essa palavra filial em nossos corações e em nossos lábios é a tarefa especial do Espírito Santo de Deus. É ele quem nos assegura de nossa filiação ao nos habilitar a dirigirmo-nos a Deus como “Aba, Pai”. Em outra ocasião, Paulo escreve: “[...] não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Rm 8.15-16). F. F. Bruce descreve “Aba” como “a voz do Espírito de Jesus (nos lábios de seu povo)”.13

Para os gálatas, isso significava que, devido ao fato de já possuírem o Espírito do Filho, já tinham plenos direitos de filhos. James Dunn explica da seguinte forma: “Se Paulo estava correto, os crentes gentios da Galácia não precisariam fazer ou receber nada mais para estarem certos de pertencer à família de Deus; eles já eram filhos, e assim, a parte deles na herança de Abraão estava segura, mesmo que fossem apenas filhos adotivos.”14 A herança é para filhos, não para escravos. Ela não é recebida em virtude da observância da lei, mas pela vida no Espírito.

Por meio de Cristo, podemos receber a mesma herança. E como eu sei que Deus é meu Pai e que eu tenho parte na herança celestial? Não tentando, por meus próprios esforços, entrar na família dele. Certamente não por me circuncidar ou por guardar a lei de Deus. Não por nada que eu faça. Lutero disse: “Não há escravidão em Cristo, apenas filiação”.15 Minha obediência pode provar que eu sou um servo, mas não que sou um filho. Minha filiação se baseia inteiramente na redenção conquistada pelo Filho de Deus. O Espírito de Deus confirma isso ao permitir que eu chame Deus de “Pai”. Os servos só podem dizer “Senhor”, mas os filhos estão aptos a dizer: “Aba! Pai!”

Uma consequência desse novo relacionamento familiar é que nossas orações nos ajudam a saber que somos filhos de Deus. Sem dúvida, essa é uma das razões pelas quais Jesus nos ensinou a começar nossas orações dirigindo-nos a Deus como Pai. John Stott escreveu:

O propósito de Deus não era apenas assegurar nossa filiação por seu Filho, mas nos assegurar disso pelo seu Espírito. Ele enviou seu Filho para que pudéssemos ter o status de filiação, e enviou seu Espírito para que pudéssemos ter a experiência disso. Tal experiência vem por meio da intimidade afetuosa e confidente do nosso acesso a Deus em oração, por meio do qual nos percebemos assumindo a atitude e usando a linguagem não de escravos, mas de filhos.16

Uma ilustração simples pode ajudar a deixar o ponto central dessa passagem bem familiar. Muitas vezes, quando seguro minha filha no meu colo, eu me inclino e sussurro em seu ouvido, “Você sempre será minha menina especial!” Ela geralmente responde a estas palavras se aconchegando mais perto e dizendo: “Você é meu papai especial!”

Esse é um retrato da relação que nosso Pai Deus tem com seus filhos. Primeiro, Deus enviou seu Filho para nos salvar de nossos pecados e fazer de nós todos seus filhos e filhas. O Filho é o irmão mais velho que nos levanta e nos coloca no colo de Deus. Então, Deus enviou seu Santo Espírito – o Divino Sussurro – que nos diz que sempre seremos filhos especiais de Deus. Quando ouvimos o sussurro do Espírito, nosso coração clama a Deus: “Você sempre será meu Pai”.

Notas

1 JOHNSON, Maureen. “Earl won’t have to face temptation very soon,” The Philadelphia Inquirer, 31 de Maio de 1999, A26.

2 WITHERINGTON III, Ben. Grace in Galatia: A Commentary on Paul’s Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 282–83.

3 DUNN, James D. G. The Epistle to the Galatians, Black’s New Testament Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1993), 210.

4 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 243.

5 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 296.

6 Ibid., 295.

7 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 192.

8 CALVINO, João. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin’s New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 73.

9 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN,

Jaroslav. In: Luther’s Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:30.

10 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 106.

11 Ibid., 109.

12 Para uma explicação mais completa do significado deste termo, veja RYKEN, Philip Graham. When You Pray: Making the Lord’s Prayer Your Own (Wheaton, IL: Crossway, 2000), 57–58.

13 BRUCE, F. F. Epistle to the Galatians, 199.

14 DUNN, James. Epistle to the Galatians, 222.

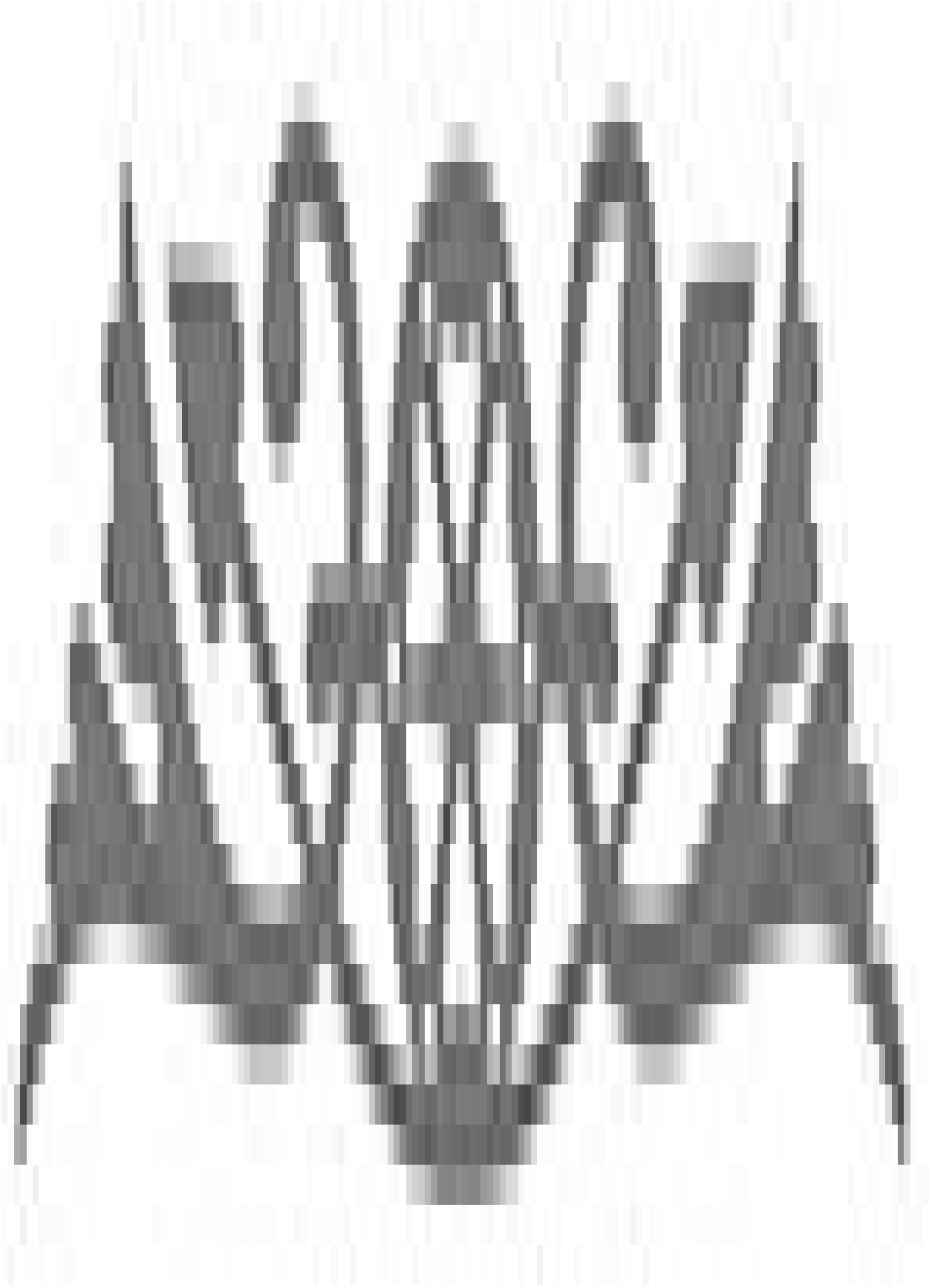
15 LUTERO, Martinho. Galatians, 26:390.

16 STOTT, John. Message of Galatians, 107.

14

Um apelo de um pastor perplexo

Gálatas 4.8-20



Outrora, porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são; mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos? [...] meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós; pudera eu estar presente, agora, convosco e falar-vos em outro tom de voz; porque me vejo perplexo a vosso respeito (Gl 4.8-9,19-20).

Na contramão da crença popular, o cristianismo não é uma forma de escravidão; é um tipo de filiação. Sem Jesus Cristo, os seres humanos estão cativos pelo pecado e escravizados pelas regras da religião primitiva. Mas, quando se achegam a Cristo, são libertos da escravidão para se tornarem filhos e filhas de Deus.

Da escravidão à filiação – essa é a mensagem da Carta aos Gálatas. É também a transição que o povo Tuiuca fez quando se deparou pela primeira vez com tal mensagem. Os Tuiucas vivem nas selvas orientais da Colômbia, ao longo da fronteira com o Brasil. Ao trabalharem com a missionária Janet Barnes na tradução do livro de Gálatas, tiveram dificuldade em entender a salvação pela graça. “Se tudo o que temos de fazer para ser salvos é crer”, um deles perguntou, “mas, e aí? Como vivemos depois disso?”

Os Tuiucas aprenderam a resposta: os cristãos vivem a sua fé obedecendo à vontade de Deus; fazem isso não porque são escravos que devem satisfazer seu Senhor, mas porque são filhos que querem agradar seu Pai. “Eu compreendo agora”, disse um dos Tuiucas, finalmente captando a mensagem evangélica de Gálatas. “Meu avô disse que é melhor um filho obedecer a seu pai por amor do que por medo de ser punido. É assim que Deus deseja que lhe obedeçamos: por amor”.1

Da filiação à escravidão

Por meio do Espírito do Filho de Deus, os gálatas haviam aprendido a chamar Deus de “Pai”. No entanto, corriam um risco iminente de decaírem de sua condição de filiação, para voltar à escravidão. Eles estavam prestes a desperdiçar

sua herança espiritual vendendo seu direito de primogenitura como filhos e filhas de Deus.

Não é de admirar que o apóstolo Paulo estivesse tão alarmado. Por que alguém que havia sido adotado por Deus iria querer voltar e trabalhar para o diabo? Não fazia sentido algum, e é por isso que o apóstolo tentou tudo o que pôde para detê-los. Ele os lembrou de sua própria conversão ao evangelho de Jesus Cristo (Gl 1.11–2.21). Citou a experiência deles com o Espírito Santo (Gl 3.1-5). Discutiu com eles baseado na história e na teologia bíblicas (Gl 3.6-14). Usou exemplos da vida cotidiana (Gl 3.15–4.7). Por fim, no meio do capítulo 4, Paulo argumenta com os Gálatas com base em sua relação pessoal. Com receio de que todo o seu trabalho tenha sido em vão, o apóstolo derramou sua alma para eles. Suas palavras são cheias de p^thos: "Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco" (Gl 4.11); "Irmãos, assim vos suplico" (Gl 4.12). Ele se dirige a eles não só com o coração de um irmão, mas também com o afeto de uma mãe: "meus filhos," suspira, "por quem, de novo, sofro as dores de parto" (Gl 4.19).

Paulo tinha pensado que os gálatas haviam nascido de novo, mas agora se preocupa em ter sido um caso de alarme falso de trabalho de parto. Ao final desta seção, ele está praticamente sem palavras; está desesperado, sem saber como expressar suas emoções em toda sua complexidade: "pudera eu estar presente, agora, convosco e falar-vos em outro tom de voz; porque me vejo perplexo a vosso respeito" (Gl 4.20). "Nós vínhamos ouvindo a Paulo, o apóstolo, a Paulo, o teólogo, a Paulo, o defensor da fé", escreve John Stott, "mas agora estamos ouvindo a Paulo, o homem, Paulo, o pastor, Paulo, o apaixonado amante das almas".2

Conhecendo a graça de Deus

Para evitar que seus amados gálatas voltassem à escravidão, o apóstolo Paulo tentou lembrá-los da forma pela qual se tornaram filhos de Deus lá no começo. De suas observações, aprendemos três coisas que distinguem um filho de um escravo. Um filho de Deus é alguém que conhece a liberdade da graça de Deus (Gl 4.8-11), desfruta do ministério da Palavra de Deus (Gl 4.12-16) e é transformado para ter uma vida como a do Filho de Deus (Gl 4.17-20).

Primeiro, ser filho de Deus é conhecer a liberdade da graça de Deus. Falando de maneira mais simples ainda, um cristão é alguém que conhece a Deus: "Outrora,

porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são; mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?" (Gl 4.8-9).

Houve um tempo em que os gálatas não conheciam nada sobre Deus. Eram, em sua maioria, gentios, e por isso não estavam familiarizados com o Deus da Bíblia. Eles adoravam deusas e deuses pagãos. Alguns deles eram adeptos da astrologia e observavam os signos do zodíaco. Outros adoravam as divindades da Grécia antiga. Em Listra, havia um templo para Zeus. Em Icônio, adoravam a deusa-mãe Cibele. Em todo o território da Galácia, havia seguidores do culto imperial romano. Nenhuma dessas divindades era um deus verdadeiro. Eram meros ídolos. No entanto, por conta da ação de influências demoníacas, curvar-se perante falsos deuses trouxe verdadeira escravidão espiritual. Essa sujeição é a condição natural da humanidade. Nas famosas palavras de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que falou algo mais real do que supunha, "O homem nasce livre, e em toda parte está aprisionado".3 Houve um tempo em que os próprios gálatas estavam presos, e como não conheciam a Deus, não havia, em sua concepção, nada além disso.

Então os gálatas passaram a conhecer a Deus por meio da pregação do evangelho da livre graça de Deus. Em outras palavras, eles se tornaram cristãos, pois um cristão é simplesmente alguém que conhece a Deus – não alguém que sabe sobre Deus, como se o cristianismo fosse algum tipo de filosofia, mas alguém que tem um relacionamento com Deus. Na Bíblia, o conhecimento de Deus é sempre pessoal. Envolve um encontro íntimo com Deus Pai, por meio do Espírito de seu Filho. O cristianismo não é uma questão do que sabemos; é uma questão de quem conhecemos.

Colocando isso em termos ainda mais claros, o cristianismo é uma questão de quem nos conhece. Podemos conhecer a Deus somente porque ele já nos conhece – pessoalmente – e se revelou a nós. Assim, Paulo faz este esclarecimento: "agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus" (Gl 4.9). Conhecer a Deus é ser filho de Deus, mas isso depende da ainda mais fundamental verdade de que somos conhecidos por Deus.

Esta é a liberdade da graça de Deus, que ele nos conheceu muito antes que nós viéssemos a conhecê-lo. A iniciativa de abrir sua família para novos membros foi totalmente do próprio Deus. Imagine uma pequena bebezinha vivendo em um

orfanato. Um homem vem para uma visita. Ao ver a bebê deitada em seu berço, ele a ama tanto que a adota em sua família. Ela cresce chamando o homem de "Pai" porque ele é o único pai que ela já conheceu. Mas ela o conhece como seu pai apenas porque ele a conheceu primeiro como sua filha. Este é o amor que Deus tem por todos os seus filhos e filhas em Cristo.

Qualquer um que recebe tal graça, tal favor imerecido, nunca poderia regressar ao orfanato. Contudo, é exatamente isso que os gálatas estavam tentando fazer. Paulo mal podia acreditar: "mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?" (Gl 4.9). Os gálatas estavam se convertendo de volta ao paganismo prático. Era como um déjà vu. Eles estavam voltando aos primeiros princípios do paganismo, de volta ao seu ABC religioso. Apesar de terem se formado na fé em Jesus Cristo, estavam se matriculando novamente para o jardim de infância espiritual.

Aparentemente, os gálatas faziam isso ao seguir os rituais do judaísmo do Antigo Testamento: "Guardais dias, e meses, e tempos, e anos" (Gl 4.10). Em outras palavras, os gálatas estavam começando a seguir os ritos do calendário judaico como uma questão de obrigação religiosa. Assim como muitos fariseus, cumpriam todo o sistema judaico de feriados especiais, como a festa da lua nova e festivais como os da Páscoa e dos Tabernáculos.

Na opinião de Paulo – e isso deve ter chocado os judaizantes –, esse tipo de religião valia o mesmo que o paganismo. Se os gálatas quisessem praticar as formalidades visíveis e exteriores de religião, eles poderiam também ler seus horóscopos ou praticar qualquer outra forma de paganismo. Em seu legalismo, estavam regredindo ao tipo de religião que haviam rejeitado quando se converteram a Cristo. Eles também tinham seus "dias de sorte" quando eram pagãos. Seguiam sinais astronômicos e comemoravam o aniversário do imperador. Mas recair em tal religiosidade era um sinal de profunda ignorância espiritual.

Qualquer religião que se baseia na observação de dias especiais é primitiva porque reduz um relacionamento a um ritual. Ela torna o seguir a Deus uma questão de cumprimento de deveres, em vez de aceitação da graça de Deus. Esse é o perigo da observação religiosa do calendário litúrgico, como fazem algumas igrejas. É também um sinal de aviso de que muitos ocidentais hoje em dia são, na verdade, pagãos, pois nossa espiritualidade atual se concentra em grandes

feriados em vez de viver para Cristo todos os dias. Ainda existe gente demais achando que tudo o que precisam fazer para Deus é ir à igreja no Natal e na Páscoa.

É claro que não há nada de errado em separar um dia para louvar a Deus pelo nascimento ou pela ressurreição de seu Filho. Em outra passagem, Paulo diz: “Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz” (Rm 14.6); “Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados” (Cl 2.16). Mas existe um abismo de diferença entre a observância facultativa de determinado dia e a imposição dela como meio de justificação. Os gálatas precisavam ser lembrados de que a graça de Deus é gratuita. Uma vez que conhecemos a liberdade dessa graça, nos tornamos os verdadeiros filhos de Deus, e nunca mais poderemos voltar à escravidão espiritual.

Desfrutando da Palavra de Deus

A segunda marca que distingue os filhos de Deus é o amor pela instrução de seu Pai. Ser filho ou filha de Deus é encontrar verdadeiro prazer no ministério da Palavra de Deus. “Prazer” é precisamente a palavra que Paulo usa quando pergunta: “Que aconteceu com a alegria de vocês?” (Gl 4.15 - NVI). Literalmente, os gálatas “consideram-se afortunados” quando ouviram pela primeira vez as boas-novas sobre Jesus Cristo. Eles estavam praticamente parabenizando-se pela sorte de ouvir o evangelho que os tirou da escravidão para a filiação.

A ocasião que deu ensejo a esse regozijo dos gálatas foi a primeira visita missionária de Paulo à Galácia. Essa visita foi uma surpresa, pelo menos para Paulo, que foi inesperadamente detido por algum tipo de problema de saúde: “como sabem, foi por causa de uma doença que lhes preguei o evangelho pela primeira vez” (Gl 4.13 - NVI). Os gálatas sabiam exatamente ao que Paulo se referia aqui, mas nós infelizmente não. A enfermidade de Paulo não é mencionada no livro de Atos. Alguns estudiosos sugerem que ele contraiu malária na costa do Mediterrâneo e subiu até as terras altas da Galácia para se recuperar. Essa doença soa parecido com o famoso “espinho na carne” que atormentou Paulo por mais de uma década, mencionado em 2Coríntios 12. As palavras “na carne” e “fraqueza” (que normalmente significa doença física) aparecem em ambas as passagens; talvez haja uma conexão entre elas.

Outra possibilidade é que Paulo teria uma dificuldade crônica com sua visão. Isso explicaria seu chocante comentário no versículo 15: “[...] vos dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar” (Gl 4.15). Se um médico pudesse realizar um transplante de olhos para Paulo, os gálatas ficariam felizes em oferecer um doador.

Essa declaração, obviamente, foi uma hipérbole – um exagero para fazer frisar uma afirmação. Ela não significa, necessariamente, que Paulo tinha uma deficiência visual. Talvez não tenha nada a ver com a visão dele. No mundo antigo, o olho de um homem era considerado seu bem mais valioso. Ao dizer que teriam lhe dado seus olhos, Paulo quer dizer que os gálatas teriam feito qualquer coisa por ele. Essa declaração de Paulo se assemelha a uma história contada por Luciano de Antioquia (c. 240–312) – o conto de Dândamis e Amízoces. Em um ato de amizade heroica, Dândamis sacrificou seus olhos para resgatar Amízoces do cativeiro. Amízoces não descobriu o que seu amigo tinha feito até ser libertado. Quando soube, cegou-se pois não podia suportar ver seu amigo vagando na escuridão.4

Qual era o motivo da doença de Paulo? É impossível fazer um diagnóstico correto sem examinar o paciente. Mas, seja lá qual fosse a doença, há valiosas lições a serem aprendidas a partir desse relato.

A primeira delas é que Deus usa nossos problemas para alcançar o seu propósito. O apóstolo Paulo não sentiu nenhum prazer em sua doença. Vemos referências em Coríntios de momentos em que o apóstolo implorou a Deus que restaurasse sua saúde e força. Mas, na perfeita providência de Deus, esses apelos nunca foram concedidos. Em vez disso, a enfermidade de Paulo tornou-se oportunidade para Deus. Deus a usou para demonstrar como o seu poder é aperfeiçoado na fraqueza (2Co 12.9). Ele fez com que fosse a ocasião de alcançar os gálatas com o evangelho da livre graça. Por meio da experiência deles, Deus usou tal enfermidade para, também, nos ensinar a diferença entre filiação e escravidão. Assim, havia muito a ganhar com a doença de Paulo, por mais inconveniente que parecesse na época. Deus é o supremo economista. Ele é capaz de extrair o maior bem mesmo do pior revés. Dessa forma, não há lucro em queixar-se das dificuldades da vida. É muito melhor confiar que Deus sabe o que está fazendo e observá-lo glorificar a si mesmo em meio e por meio de nossas provações.

A outra lição a ser aprendida com a condição de Paulo tem a ver com a forma pela qual recebemos a Palavra de Deus. Devemos acolhê-la com a mais calorosa

hospitalidade. Paulo escreve: “E, posto que a minha enfermidade na carne vos foi uma tentação, contudo, não me revelastes desprezo nem desgosto” (Gl 4.14). Isso sugere que qualquer que fosse a doença ou lesão de Paulo, era desagradável, ou até mesmo visualmente repugnante. Consequentemente, não surpreenderia se os gálatas perdessem o interesse em Paulo por conta de sua aparência. Sua deformidade realmente se mostrou como sendo uma tentação para eles. Nesse ponto, é interessante observar que a maioria dos gregos antigos considerava doenças e deficiências como sinais de descontentamento divino ou até mesmo de influência demoníaca. Ao relatar que os gálatas não o desprezaram (Gl 4.14), Paulo literalmente quer dizer que não cuspiram nele, como os pagãos costumavam fazer ao verem alguém que acreditavam ter sido desfigurado por um demônio.

Independentemente de quão desagradável Paulo estivesse, os gálatas não o rejeitaram. Em vez disso, escreve ele, “me recebestes como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus” (Gl 4.14). Em vez de tratá-lo como se tivesse um demônio, eles o acolheram como um anjo. Na verdade, deram-lhe o tipo de boas-vindas que teriam dado ao próprio Cristo. A razão para sua recepção calorosa não era tanto por seu amor a Paulo, mas por seu amor à Palavra de Deus. Eles reconheceram que Paulo era um apóstolo, um mensageiro oficial de Jesus Cristo. Por isso, receberam seu ministério da maneira como os filhos de Deus sempre recebem a Palavra de seu Pai: com alegria verdadeira.

O exemplo dos gálatas nos lembra de que a qualificação primária para qualquer ministro cristão é que ele deve pregar a Palavra de Deus. Muitas igrejas têm expectativas erradas com relação aos seus ministros. Vejamos esta descrição do “Pastor Perfeito” (a qual, felizmente, não vem da minha própria descrição de trabalho):

Ele condena os pecados, mas nunca aborrece ninguém. Trabalha das oito da manhã à meia-noite e é também o zelador. Ele ganha R$ 60 por semana [...] e dá cerca de R$ 50 por semana para os pobres. Tem 28 anos e prega há 30 anos [...]. O Pastor Perfeito sorri o tempo todo com uma cara séria porque tem um senso de humor que o mantém seriamente dedicado ao seu trabalho [...]. Ele dedica todo o seu tempo evangelizando os descrentes e está sempre em seu escritório quando necessário.

Os ministros não deveriam ser julgados por sua capacidade, aparência, personalidade, popularidade ou qualquer outro padrão normalmente usado para julgá-los; antes, devem ser avaliados primeiramente pela sua fidelidade à Palavra de Deus. Se são fiéis, então receber a mensagem deles é receber o próprio Cristo. “Feliz é aquela sociedade cristã”, escreveu o escocês John Brown, “em que o ministro ama o seu povo, e o povo ama seu ministro ‘porque ambos amam a verdade’”.5

Infelizmente, os gálatas começaram a se voltar contra Paulo. Eles não erraram com o apóstolo antes, mas aparentemente cometiam injustiças contra ele agora. A hospitalidade se transformara em hostilidade, provavelmente porque os judaizantes denegriam o apóstolo e negavam seu evangelho.

Paulo escreve aos gálatas, portanto, como alguém ferido por amor. Ele se pergunta: “Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?” (Gl 4.16). Seu evangelho não mudou. Ele insistia em proclamar a boa-nova sobre a cruz e o túmulo vazio. Ele continuava pregando a justificação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo. Contudo, os gálatas passaram a rejeitar o único e verdadeiro evangelho. Indispostos em ouvir a verdade, tratavam Paulo como se fora um inimigo. A mesma mensagem que criou o vínculo de afeto entre os galátas e o apóstolo começava agora a causar um afastamento entre eles.

Quando os gálatas se voltaram contra a mensagem e o mensageiro de Deus, Paulo se perguntou se, no fim das contas, eles realmente eram filhos de Deus. Os ministros que são fiéis à Palavra de Deus muitas vezes dizem às pessoas coisas que elas não querem ouvir (e, verdade seja dita, às vezes pregam coisas que eles próprios também não gostariam de ouvir). Mas, se realmente é a mensagem de Deus, os verdadeiros filhos de Deus se regozijam ao ouvi-la. Eles sabem que, se seu amoroso Pai está a lhes dizer algo que muito embora preferissem não ouvir, é para seu próprio bem.

Formado pelo Filho de Deus

Algo acontece com aqueles que se deleitam no ministério da Palavra de Deus. Quanto mais aprendem a Bíblia, mais começam a se parecer com Jesus Cristo. Começam a pensar nas coisas que ele pensa, amar as coisas que ele ama, fazer as coisas que ele faz, e até sofrer o que ele sofre. Isso nos traz a uma característica

final de um filho de Deus: Ele ou ela é transformado para ter uma vida como a do Filho de Deus. Como Paulo diz: “até que Cristo seja formado em vocês” (Gl 4.19 - NVI).

Os rivais de Paulo também queriam mudar pessoas, mas não para melhor: “Os que fazem tanto esforço para agradá-los, não agem bem, mas querem isolá-los a fim de que vocês também mostrem zelo por eles.” (Gl 4.17 - NVI). Paulo não menciona seus oponentes por nome, mas fala aqui a respeito dos nefastos judaizantes que vieram de Jerusalém para contradizer seu evangelho.

Os judaizantes eram pessoas zelosas de uma forma errada. Em seu zelo equivocado pela lei, disseram aos gálatas que era necessário tornarem-se judeus para serem bons cristãos. Esse ensinamento herético obteve o resultado de dividir judeus e gentios dentro da igreja, onde todos nós devemos ser um em Cristo. Além disso, resultou no afastamento dos gálatas de Paulo e do único e verdadeiro evangelho da livre graça. Os judaizantes parecem ter invejado o sucesso missionário de Paulo. O que realmente queriam era ter seus próprios discípulos, como falsos mestres sempre querem. Por isso, tentaram afastar os gálatas de Paulo e aproximá-los de si, bajulando-os e cortejando suas afeições.

O apóstolo, por sua vez, não tinha interesse em ter seus próprios discípulos. Lembre-se de como ficou angustiado quando descobriu que tinha “fãs” na igreja de Corinto (1Co 1.10-17). Os únicos discípulos que importavam para Paulo eram aqueles que seguiam a Cristo.

Esse desejo está totalmente de acordo com o que o apóstolo diz no versículo 12: “Sede qual eu sou; pois também eu sou como vós. Irmãos, assim vos suplico” (Gl 4.12). Essa é a declaração de missão de Paulo, que tem uma versão mais longa descrita em 1Coríntios 9:

Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei [...]. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns (1Co 9.20-22).

Paulo tornou-se como outros para que eles pudessem conhecer Cristo. Colocando em termos populares, ele sabia contextualizar o evangelho. Ele aprendeu a se integrar de tal forma na vida de uma comunidade que podia explicar o evangelho com palavras que as pessoas realmente podiam entender.

Essa foi a estratégia que Paulo seguiu quando visitou a Galácia pela primeira vez. Ele imergiu de tal maneira na vida deles que praticamente tornou-se um gálata. Em especial, teve o cuidado de não seguir quaisquer práticas culturais judaicas que pudessem impedir seu evangelismo entre os gentios.

É esse o modelo que todo cristão deve seguir ao fazer o trabalho evangelístico. Sem comprometer o evangelho, devemos nos assemelhar ao máximo àqueles a quem tentamos alcançar. Nosso real objetivo é fazer com que as pessoas se tornem como nós (na medida em que somos como Cristo), mas primeiro temos que nos tornar como eles.

Paulo sabia como fazer isso. Ele se tornou como os gálatas a fim de ajudar os gálatas a se tornarem como ele. E não fez isso porque tentava clonar a si mesmo. Paulo simplesmente queria que os gálatas fossem como Cristo, e sabia que a única maneira de aprenderem a fazer isso era tornando-se como ele. A mesma coisa foi dita aos coríntios: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1). O apóstolo queria que os gálatas desfrutassem do tipo de liberdade que ele tinha como um filho de Deus, livre do legalismo da religião sem Deus.

Seu objetivo final era ver Cristo tomar forma na vida de seu povo, ver Cristo “formado” neles. Cristo já estava começando a tomar forma na vida de Paulo. De volta ao final do capítulo 2, ele disse: “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20). Agora, ele queria que o mesmo Cristo vivesse nos gálatas dessa mesma maneira. Este deve ser o objetivo de todo pastor: não o favor dos homens, mas a formação de Cristo. Como Calvino observou:

“Se os ministros desejam ser alguma coisa, deixe-os trabalhar para formar Cristo, e não eles mesmos” em seus ouvintes.6

Esse tipo de formação espiritual não acontece da noite para o dia. Leva tempo para um embrião crescer e transformar-se em um bebê e, então, para uma criança

crescer e transformar-se em um adulto. Células devem ser adicionadas a células, tecidos a tecidos, tendões aos ossos. Da mesma forma, o Espírito gradualmente utiliza a Palavra de Deus para tornar as crianças de Deus semelhantes ao Filho de Deus.

Foi esse processo que Henry Scougal escreveu em seu famoso livro The Life of God in the Soul of Man [A vida de Deus na alma do homem]: “A verdadeira religião é uma união da alma com Deus, uma verdadeira participação da natureza divina, a própria imagem de Deus traçada na alma ou, na frase do apóstolo, ‘é Cristo formado dentro de nós’”.7 Também foi referente a este processo que o famoso evangelista inglês George Whitefield falou de “Cristo formado no coração”.8 É quase como se Cristo se encarnasse na vida do cristão.

Quanto mais nossas vidas forem moldadas à imagem de Cristo, mais consistentes seremos em nosso cristianismo. Paulo toca nesse ponto no versículo 18, quando diz: “É bom ser sempre zeloso pelo bem e não apenas quando estou presente convosco” (Gl 4.18). Aparentemente, o apóstolo tinha descoberto que algumas pessoas se comportam de maneira diferente quando estão na presença de um pastor. Seu vocabulário tende a ser menos colorido. Com frequência, sua conversa é mais espiritual. Às vezes deixam o ministro quase tão desconfortável quanto ele os deixa. Mas, quando Cristo é formado em nós, seremos como Cristo o tempo todo, independentemente de o pastor estar por perto ou não.

Era por essa causa que Paulo se esforçava e lutava. Isso exigia um trabalho tão difícil que praticamente parecia um parto. Paulo pensou que já havia dado à luz anteriormente; porém, desta vez, estava determinado a levar o trabalho de parto dos gálatas a termo. Estava desejoso de vê-los nascidos em segurança, como filhos e filhas de Deus.

Nestes versos, ele descreveu para nós o que significa ser um verdadeiro filho de Deus. É conhecer a liberdade da graça de Deus e a alegria da Palavra de Deus, e assim sermos formados na imagem de Cristo. Uma vez que isso tenha acontecido – isto é, uma vez que tenhamos passado da escravidão para a filiação –, é realmente impensável voltar novamente a ser um escravo.

Um homem que nunca esqueceu que Deus o tinha resgatado da escravidão foi John Newton. Newton sabia muito sobre escravidão, pois fora um traficante de escravos antes de entregar sua vida a Cristo. Todavia, a partir desse momento, ele não era mais um escravo do pecado; ele era um filho de Deus.

Para lembrar a si mesmo que seria para sempre um ex-escravo, Newton fixou as seguintes palavras da Bíblia na parede de seu escritório: “Lembrar-te-ás de que foste servo [i.e., escravo] na terra do Egito, e de que o Senhor, teu Deus, te remiu” (Dt 15.15).9 Assim como John Newton, qualquer pessoa que tenha se tornado um filho querido de Deus precisa se lembrar de nunca mais voltar para a escravidão.

Notas

1 Essa história foi recontada conforme correspondência de Paul Frank, da Sociedade Internacional de Linguística Wycliffe (Março de 1999).

2 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 111.

3 Essa é a frase inicial do Contrato Social de Rousseau (1762).

4 BETZ, Hans Dieter. Galatians, Hermeneia (Filadélfia: Fortress, 1979), 228.

5 BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 218.

6 CALVINO, João. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin's New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 83.

7 SCOUGAL, Henry. The Life of God in the Soul of Man (Fearn, Ross-shire: Christian Focus, 1996), 41–42.

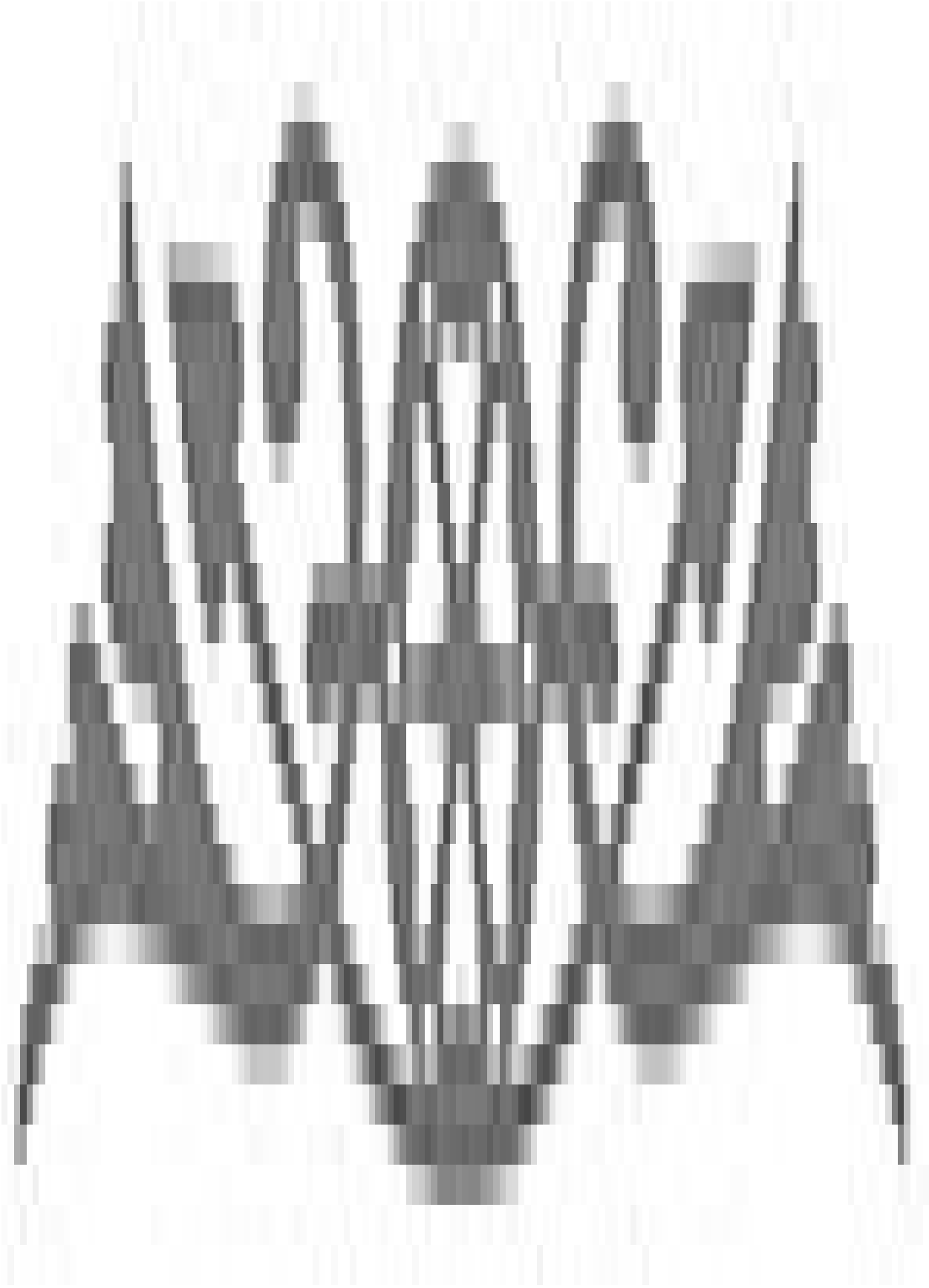
8 Veja BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 213.

9 Esta história foi recontada em STOTT, John. Message of Galatians, 110.

15

Duas mães, dois filhos, duas alianças

Gálatas 4.21-31



Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe (Gl 4.24-26).

Há um ditado que afirma existirem dois tipos de pessoas no mundo: aqueles que dividem o mundo em dois tipos de pessoas, e aqueles que não o fazem. Aparentemente, o apóstolo Paulo estava na primeira categoria, pois dividiu o mundo inteiro em dois grupos: os escravos e os livres. Os escravos estão sob a lei e fora de Cristo, enquanto os livres estão em Cristo e não estão mais sob a lei porque vivem pela fé.

Esse contraste entre lei e fé – entre escravidão religiosa e liberdade espiritual – pode ser observado ao longo de toda a carta de Paulo aos Gálatas. Essa carta foi escrita para ajudar os escravos da religião a encontrar a verdadeira liberdade em Cristo.

Viagem à Galácia

O contraste entre a escravidão e a liberdade é traçado mais acentuadamente no final do capítulo 4, que registra uma das passagens mais difíceis do Novo Testamento.

Para entender esse argumento bíblico bastante complicado, é útil primeiro viajarmos de volta à Galácia. O próprio apóstolo Paulo havia viajado para a Galácia, no sul da Ásia Menor, pregando as boas-novas sobre Jesus Cristo. Lá, proclamou o evangelho da cruz e do túmulo vazio. Convidou os gálatas a receber a vida eterna por meio da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo.

Como resultado dos esforços evangelísticos de Paulo, novas igrejas foram plantadas em toda a região. No entanto, pouco tempo depois, um grupo de missionários judaico-cristão chegou à Galácia para “corrigir” o evangelho de Paulo. Esses homens, que vieram de Jerusalém, costumam ser conhecidos como “judaizantes”. Eles pregavam uma versão legalista de cristianismo. Queriam que

os gentios se tornassem judeus para serem bons cristãos. Dessa forma, eles tentavam acrescentar a lei de Moisés ao evangelho de Jesus Cristo.

Sob a influência desse ensinamento, os gálatas começaram a desperdiçar sua recém-descoberta liberdade em Cristo. Começaram a seguir tradições judaicas que eram desnecessárias para os cristãos. Alguns deles pensavam que precisavam ser circuncidados. Outros diziam que era obrigatório celebrar a Páscoa e outros festivais judaicos. Ao se esforçarem para provar que eram bons cristãos, eles se tornavam escravos de todos os tipos de rituais do Antigo Testamento.

Muitas vezes, nós fazemos a mesma coisa. Esquecemos que o cristianismo é uma forma de liberdade, e não de escravidão. Reduzimos a fé em Cristo a uma lista de regras ou tradições. Avaliamos nossa posição espiritual de acordo com o que fazemos para Deus e não à luz do que Deus fez por nós em Jesus Cristo. Na verdade, todos nós somos fariseus em recuperação, em constante risco de deixar de lado a vida somente pela fé em troca de um retorno ao jugo pesado da lei.

O apóstolo Paulo usou um argumento jurídico a fim de convencer os gálatas de que estavam livres da lei. No mais elaborado estilo rabínico, ele usou a Torá, ou a lei do Antigo Testamento, para defender seu ponto de vista. “Dizei-me vós”, escreveu ele, com uma pitada de sarcasmo, “os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvis a lei?” (Gl 4.21). O que ele disse aqui poderia ser parafraseado da seguinte maneira: “Então vocês querem estar sob a lei, não é mesmo? Bem, vocês têm alguma ideia do que a lei realmente diz? Porque, se tivessem, perceberiam que a própria lei diz para não ficarem sob a lei!”

Para discutir com os legalistas em seus próprios termos, Paulo extraiu um exemplo do livro de Gênesis. Seu exemplo foi Abraão, que é mencionado oito vezes nessa carta. Disso, podemos inferir que os judaizantes conclamaram o pai dos judeus como seu herói. Antes que Paulo pudesse ajudar os gálatas a entender o evangelho da livre graça, ele teve que corrigir a interpretação deles sobre Abraão; assim, fez uso de um argumento judaico para convencê-los a não se tornarem mais judeus.

Os judaizantes, provavelmente, haviam dito aos gálatas algo sobre Abraão: “Quando, no início, Deus fez todas as promessas de sua aliança, ele disse que elas eram apenas para Abraão e seus filhos. Nós somos filhos de Abraão porque somos seus descendentes diretos através de Isaque. Mas vocês também podem

receber a promessa. Tudo o que precisam fazer é tornarem-se filhos de Abraão do jeito judaico, isto é, por meio da circuncisão".

A situação histórica

O apóstolo Paulo enfrentou esse desafio de cabeça. Seu argumento em Gálatas 4 pode ser enunciado da seguinte maneira: a situação histórica (Gl 4.22--23); a interpretação alegórica (Gl 4.24-27); e a aplicação prática (Gl 4.28-31).

A situação histórica era esta: "[...] está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa" (Gl 4.22-23). A história desses eventos é contada no livro de Gênesis. Deus tinha prometido fazer de Abraão uma grande nação, mas ele ainda não tinha filhos. E que tipo de patriarca poderia ser se não tivesse nenhum patriarcado? Sua esposa era estéril, e ele não estava ficando mais jovem. O homem já estava na casa dos 80. Quando olhava para o seu reflexo na água, podia ver seu rosto enrugado e sua velha barba branca.

Por mais difícil que a situação fosse para Abraão, deve ter sido ainda mais penosa para sua esposa Sara. Ano após ano, ela orou pedindo por um bebê, mas permanecia sem filhos. Finalmente, em amargo desespero, disse a seu marido: "Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela" (Gn 16.2). A serva – uma mulher egípcia chamada Hagar – concebeu e deu à luz um filho chamado Ismael (Gn 16.15).

Deus, porém, não havia esquecido sua promessa. Ele voltou a Abraão e disse: "A Sarai, tua mulher, já não lhe chamarás Sarai, porém Sara. Abençoá--la-ei e dela te darei um filho; sim, eu a abençoarei, e ela se tornará nações" (Gn 17.15-16). Por causa da promessa de Deus e contra todas as expectativas, Sara concebeu aos 90 anos e deu à luz um filho chamado Isaque (Gn 21.1-3).

Havia muitas similaridades entre Ismael e Isaque. Ambos eram filhos de Abraão, e assim, tinham o mesmo pai biológico. Ambos foram circuncidados. Ambos cresceram na mesma casa. Contudo, mesmo com todas essas semelhanças, havia também várias diferenças cruciais entre eles.

Uma diferença era a posição deles aos olhos da lei. Embora os garotos tivessem

a mesma paternidade, cada um teve uma maternidade diferente. De suas respectivas mães, herdaram duas posições legais diferentes. A mãe de Ismael era uma escrava, então ele nasceu escravo. Isaque, por outro lado, nasceu livre, pois era herdeiro de uma mulher livre.

Outra diferença crucial entre os dois meios-irmãos foi a forma de seus nascimentos. Cada filho nasceu de uma maneira diferente. Ismael "nasceu segundo a carne" (Gl 4.23). Esta frase, que é repetida no versículo 29, significa que Ismael foi gerado da maneira comum. No entanto, Isaque não nasceu "segundo a carne". O nascimento em si foi bastante comum, mas as circunstâncias em torno de sua concepção foram extraordinárias. Ele nasceu "mediante a promessa" (Gl 4.23), ou "segundo o Espírito" (Gl 4.29). Isto é o que distingue Isaque de Ismael: o nascimento de Isaque foi o resultado da intervenção sobrenatural de Deus.

Quando Deus lhe prometeu um filho, Sara considerou essa a coisa mais engraçada que já tinha ouvido. Afinal, ela já tinha passado pela menopausa. A Escritura diz: "Abraão e Sara eram já velhos, avançados em idade; e a Sara já lhe havia cessado o costume das mulheres. Riu-se, pois, Sara no seu íntimo, dizendo consigo mesma: Depois de velha, e velho também o meu senhor, terei ainda prazer?" (Gn 18.11-12).

A resposta foi: "Sim!" Sara por certo estava na menopausa, e seu marido de fato era um idoso, porém Deus foi fiel à sua promessa. Por meio da obra sobrenatural de seu Espírito, Abraão e Sara geraram uma criança nascida pela promessa de Deus. "Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe, não obstante o avançado de sua idade, pois teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa" (Hb 11.11).

Essa interpretação mostra que a história de Isaque e Ismael aborda questões mais profundas do que rivalidade entre irmãos. Quando engravidou Hagar, Abraão agia sob o princípio de que "Deus ajuda quem ajuda a si mesmo". Ele tentava tomar posse da bênção, em vez de esperar para recebê-la. Como disse bem acertadamente J. I. Packer, Abraão estava "executando a providência amadora".1 Se Isaque, por um lado, foi uma dádiva, Ismael, por outro, foi consequência do fato de Abraão tentar fazer as coisas do seu jeito, e não do jeito de Deus.

Desde o início, houve uma crucial diferença espiritual entre os dois filhos. Um filho nasceu por procuração, outro por promessa. Um veio pelas obras; o outro

veio pela fé. Um era escravo; o outro era livre. Assim, Ismael e Isaque representam duas abordagens completamente diferentes à religião: lei versus graça, carne versus Espírito, autonomia versus dependência divina.

Interpretação alegórica: Hagar

A distinção espiritual entre Isaque e Ismael fazia parte da história pessoal de Abraão, mas o apóstolo Paulo descobriu ali um significado ainda mais profundo, tomou a situação histórica e deu-lhe uma interpretação alegórica: “Estas coisas são alegóricas” (Gl 4.24).

A interpretação alegórica está fora de moda, mas o método era familiar para os gálatas. Na visão deles, ao interpretar a história de Agar e Sara alegoricamente, bem como literalmente, Paulo fez valer seu argumento. Uma alegoria é uma história em que pessoas, lugares e eventos específicos representam verdades espirituais profundas. Talvez a alegoria mais famosa seja O Peregrino, livro escrito por John Bunyan, cujos personagens têm nomes como Cristão, Fiel e Esperançoso e viajam para lugares como o Castelo das Dúvidas e o Monte da Dificuldade. Obviamente, Bunyan não pretendia escrever história ou geografia; construiu um enredo para estabelecer um ponto de vista espiritual.

A história dos filhos de Abraão não é exatamente esse tipo de alegoria, porque os eventos relacionados a eles são de fato históricos. Isaque e Ismael eram filhos reais nascidos de mães reais. Assim, a interpretação alegórica de Paulo baseou-se diretamente nos fatos da situação histórica. Ele reconheceu que a história dos filhos de Abraão tinha algo significativo a dizer sobre o modo pelo qual Deus sempre lida com seu povo. Isaque e Ismael representam algo. Há uma analogia entre o que Deus fez por eles e o que ele nos oferece. Aos olhos de Deus, todos somos ou um Ismael, ou um Isaque. Em última análise, a história deles é sobre o evangelho da livre graça de Deus.

Para entender o que Isaque e Ismael representam, é bom começarmos por suas mães: “estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Hagar. Ora, Hagar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe” (Gl 4.24-26). Essa analogia é complexa. Vamos analisá-la passo a passo: as duas mães (Hagar e Sara), com seus dois filhos (Ismael e Isaque), representam duas alianças (uma

aliança de obras e uma aliança de graça), que correspondem a duas cidades (a Jerusalém atual e a Jerusalém lá de cima).

Hagar representa a antiga aliança, a qual Deus deu por meio de Moisés no Monte Sinai. Ela está associada ao Sinai provavelmente por conta da geografia. Os filhos de Hagar, os ismaelitas, eram os árabes que viviam em torno da Península do Sinai. Associá-la ao pacto que Deus havia dado ali foi natural. A antiga aliança veio do território de Hagar.

Uma aliança é um acordo vinculativo que Deus faz com seu povo. A antiga aliança continha todos os rituais e regras que o povo de Deus deveria guardar a fim de receber a bênção de Deus. Ela declarava: “Farás isso” e “Não farás aquilo”. Portanto era baseada em um princípio de obras, e guardá-la era uma espécie de escravidão, como Paulo já explicou: “estávamos sob a custódia da Lei, nela encerrados, até que a fé que haveria de vir fosse revelada” (Gl 3.23 - NVI).

Hagar era a mulher perfeita para representar a antiga aliança, pois o antigo pacto significava a escravidão da lei, e ela mesma era uma escrava. Além disso, todos os seus filhos eram escravos como Ismael. Assim, qualquer um que ainda está sob a servidão do legalismo é um dos filhos espirituais de Hagar. Qualquer um que reduza o cristianismo a uma lista do tipo “faça isso, não faça aquilo” é um escravo como Ismael.

Até aqui, a linha de raciocínio da alegoria se desenrola da seguinte maneira: Hagar, a escrava – Ismael, seu filho nascido do modo comum – Monte Sinai, local onde a antiga aliança foi dada. O ponto principal vem em seguida: “Ora, Hagar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos” (Gl 4.25). Ao mencionar Jerusalém, Paulo não se referia à cidade apenas geograficamente, mas também espiritualmente. Jerusalém representa o povo de Deus. Neste caso, refere-se especialmente aos judeus e ao judaísmo dos dias de Paulo – a instituição da religião judaica. Paulo também pode ter mencionado Jerusalém por ser de onde vieram os judaizantes. Os legalistas judeus que queriam que os gálatas somassem lei ao evangelho vieram da igreja-mãe em Jerusalém. E, quando afirmou que Jerusalém correspondia a Hagar, Paulo dizia que, embora os judaizantes fossem judeus, eles eram, na verdade, ismaelitas, espiritualmente falando. Isso foi bem chocante, como chamar um judeu de gentio, ou um israelita de árabe.

Os judaizantes se orgulhavam de serem os verdadeiros filhos de Abraão. Paulo admitiu que eles eram filhos de Abraão, mas disse que eram espiritualmente ilegítimos. Seu argumento foi que, por estarem abdicando do evangelho para colocarem-se de novo sob a lei, deveriam ser considerados como filhos de Hagar, e não filhos de Sara. Isso significa que ainda estavam em escravidão espiritual. O mesmo se aplica a todo aquele que procura ser justificado por meio da observância da lei. Charles Spurgeon explicou da seguinte forma:

Hagar nunca foi uma mulher livre, e Sara nunca foi uma escrava. Sendo assim, amados, a aliança das obras nunca foi livre, e nenhum de seus filhos jamais foi. Todos aqueles que confiam nas obras nunca são livres, e nunca podem ser, mesmo que pudessem ser perfeitos em boas obras. Mesmo se não tiverem pecado, ainda são escravos cativos; pois, quando fizermos tudo o que deveríamos ter feito, Deus não deve nada a nós; nós é que ainda devemos a ele, e ainda permanecemos como escravos cativos. Se eu pudesse cumprir toda a lei de Deus, eu não teria direito a nenhum favor; pois não teria feito nada além do meu dever, e ainda seria um escravo. Esta lei é o senhor mais rigoroso do mundo; nenhum homem sábio amaria servi-lo; pois depois de tudo o que você fez, a lei nunca lhe dá um "obrigado", mas diz, "Siga em frente, vá andando!" O pobre pecador tentando ser salvo pela lei é como um cavalo cego rodando e rodando em um moinho, e nunca dando um passo adiante, mas apenas sendo chicoteado continuamente; sim, quanto mais rápido ele vai, mais trabalho ele faz; quanto mais cansado está, pior fica. Quanto mais legalista um homem for, maior a certeza de que será condenado; quanto mais santo um homem for, se confiar em suas obras, mais certo poderá estar da sua própria rejeição final e sua eterna porção com os fariseus. Hagar era uma escrava; Ismael, mesmo sendo ético e bom, não passava de um escravo, e jamais poderia ser mais que isso. Nem mesmo todas as obras que ele prestou a seu pai poderiam torná-lo um filho nascido livre.2

Interpretação alegórica: Sara

Em contrapartida, Sara nunca foi escrava e isso nos leva ao outro lado da alegoria. A esposa de Abraão era a mulher livre Sara. Seu filho nascido da promessa foi Isaque, que também era livre. Sara representa a nova aliança, a qual não é um pacto de lei, mas de promessa. Na nova aliança, Deus não diz "Tu deverás" e "Tu não deverás". Em vez disso, ele diz: "Eu farei"; "Eu serei o teu

Deus”; “Eu vos redimirei dos vossos pecados”; “Eu darei o dom gratuito da vida eterna”. A nova aliança é o evangelho, o qual dá salvação por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A nova aliança não corresponde à atual cidade de Jerusalém, “mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe” (Gl 4.26). Se Jerusalém representa o povo de Deus, então a “Jerusalém lá de cima” é a igreja de Jesus Cristo. Note que Paulo não fala cronologicamente, dizendo “a Jerusalém que virá”, mas refere-se ao espaço, dizendo: “a Jerusalém lá de cima”.

Isso se dá porque a Nova Jerusalém não é apenas algo futuro. Deus já começou a construir sua cidade eterna. A “nova” Jerusalém substituiu a Jerusalém “atual”. A Jerusalém espiritual substituiu a Jerusalém terrena no plano divino. As promessas do Antigo Testamento não eram somente para os judeus, mas são cumpridas na igreja de Jesus Cristo. Qualquer um que recebe Jesus como Salvador e Senhor é filho ou filha de Sara, descendência verdadeira de Abraão. Se pertencemos à família de Deus desta forma, somos livres em Cristo. Nós somos cidadãos da Nova Jerusalém e desfrutamos da liberdade dessa cidade eterna.

Revisando: existem duas mães, dois filhos, duas alianças, duas cidades e duas famílias. Ronald Fung preparou um ótimo diagrama3 para ilustrar a alegoria:

Escravidão	Liberdade
Hagar – uma mulher escrava	Sara – uma mulher livre
Ismael – nascido segundo a carne	Isaque – nascido segundo a promessa de Deus
A aliança da lei feita no Sinai (partindo de um princípio de obras)	A aliança da promessa (baseada na fé)
A Jerusalém atual (= Judaísmo)	A Jerusalém lá de cima (= a Igreja)
Os filhos da Jerusalém atual (= legalistas)	Os filhos da Jerusalém lá de cima (= cristãos)
Justiça pela Lei	Justiça pela Fé

A alegoria mostra a diferença entre escravidão espiritual e liberdade espiritual. Aqueles que tentam se justificar guardando a lei são os escravos descendentes de Hagar, mas aqueles que são justificados pela fé em Cristo são filhos e filhas livres de Deus.

Sempre que Paulo refletia sobre a alegria da liberdade em Cristo, ele explodia numa canção, como faz aqui:

Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz,

exulta e clama, tu que não estás de parto;

porque são mais numerosos os filhos da abandonada

que os da que tem marido (Gl 4.27, cf. Is 54.1).

Essa citação de Isaías é duplamente apropriada porque se relaciona tanto com Sara quanto com Jerusalém. A conexão com Sara é óbvia. Ela era uma mulher estéril a quem Deus abençoou com uma multidão de filhos e filhas. Quando Isaías profetizou sobre a mulher estéril, porém, Sara não era a primeira coisa em sua mente, mas sim a cidade de Jerusalém. A Jerusalém "atual" de seu tempo era estéril porque seus filhos haviam sido levados ao exílio. Mas Isaías prometeu que um dia Deus estabeleceria uma "nova" Jerusalém, a qual seria preenchida com muito mais filhos do que a antiga Jerusalém poderia comportar.

A feliz promessa de Isaías está sendo cumprida neste exato momento, não em uma cidade terrena, mas em uma espiritual, que se espalha por todo o mundo. À medida que homens, mulheres e crianças passam a crer em Jesus Cristo, tornam-se cidadãos da Nova Jerusalém, para louvor e glória de Deus.

A aplicação prática

Chegamos ao ponto da aplicação prática da interpretação alegórica de Paulo. Há duas mães (Hagar e Sara), dois filhos (Ismael e Isaque), duas alianças (antiga e nova) e duas cidades (a "atual" e a "nova" Jerusalém). A pergunta é: a qual

destes dois você pertence?

Isso importa porque ser um verdadeiro filho de Abraão é ser um filho de Deus, e este é o maior privilégio do mundo. Mas não é suficiente afirmar que Abraão é nosso pai, como faziam os judaizantes, porque Abraão tinha dois filhos, e somente um deles era livre. F. F. Bruce diz: “Se você insiste na prioridade da herança dos descendentes de Abraão segundo a carne [...] lembre-se disto: Abraão realmente teve um filho segundo a carne, sobre o qual foi expressamente declarado que não deveria compartilhar a herança”.4 Portanto, a pergunta crucial se torna: “Quem é a sua mãe?”

Paulo queria que os gálatas vissem que, por meio da promessa de Deus, eles eram filhos e filhas de Sara que foram libertos: “Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque” (Gl 4.28). Lembre-se de que promessa foi essa: a que Deus deu, em primeiro lugar, a Abraão, que todas as nações do mundo seriam abençoadas por meio dele (Gl 3.8). Em outras palavras, era a promessa do evangelho, a promessa da vinda de Cristo, a promessa de justificação somente pela graça, somente por meio da fé. De acordo com essa promessa, tudo o que é necessário para ser um filho de Deus é crer que Jesus morreu na cruz por nossos pecados e ressuscitou dos mortos.

Paulo chamou os gálatas de “irmãos” porque eram filhos dessa promessa. A promessa de Deus a Abraão não é simplesmente para os judeus como judeus. Antes, é para todo crente, seja judeu ou gentio: “todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus”, escreveu Paulo no final do capítulo anterior (Gl 3.26). “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29). Aqueles que verdadeiramente pertencem a Abraão são os que pertencem a Cristo. Todo aquele que tem fé em Jesus é um filho verdadeiro de Deus, da linhagem de Isaque, nascido de novo, livre, pela promessa de Deus.

Uma consequência de pertencermos à família de Deus é que provavelmente seremos perseguidos. Mais uma vez, o argumento de Paulo baseia-se na história: “Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora” (Gl 4.29). O filho nascido do modo comum era Ismael, enquanto o nascido pelo Espírito era Isaque. Embora tivessem 14 anos de diferença, os dois irmãos eram rivais. Em Gênesis lemos: “No dia em que Isaque foi desmamado, Abraão deu uma grande festa. Sara, porém, viu que o filho que Hagar, a egípcia, dera a Abraão estava rindo de

Isaque” (Gn 21.8-9 - NVI). Ismael, que estava com 17 anos, não estava apenas provocando seu meio-irmãozinho; ele o tratava com desprezo.

O ponto de Paulo aqui é que os cristãos deveriam esperar exatamente o mesmo tipo de tratamento que Isaque recebeu de seu irmão mais velho. “Assim também agora”, disse (Gl 4.29). Era isso que estava acontecendo na Galácia. Os filhos de Hagar perseguindo os filhos de Sara. Os judeus perseguiam os cristãos, e os gentios que tinham se convertido a fé em Jesus Cristo estavam sendo oprimidos pelos judaizantes, que não os deixavam viver pela livre graça de Deus.

A perseguição é uma forma de distinguir a religião verdadeira da falsa. Perseguição é a oposição que os cristãos enfrentam por falar ou fazer a vontade de Deus. Pode incluir escárnio, dano, violência e até mesmo o martírio. Uma das marcas que caracterizam os verdadeiros cristãos é que eles estão dispostos a sofrer perseguição por sua fé, e até a morrer por ela. Em contrapartida, é a falsa religião que sempre realiza a perseguição. Então sempre que pessoas que afirmam ser religiosas começam a oprimir minorias, odiar judeus ou atacar homossexuais, podemos ter certeza de que elas não representam o verdadeiro cristianismo, mesmo que o façam em nome de Jesus. Mais cedo ou mais tarde, elas começarão a perseguir os cristãos verdadeiros também. Muitas vezes, a perseguição mais grave vem de pessoas que afirmam ser religiosas.

Os cristãos devem estar preparados para isso. Se o que realmente queremos é que gostem de nós, jamais seremos bons cristãos. Na verdade, há quem se pergunte se sequer podemos ser cristãos. Martinho Lutero disse: “Se alguém não quiser suportar a perseguição de Ismael, não o permita dizer que é cristão”.5

Uma razão pela qual os cristãos estão dispostos a serem detestados, e até mesmo perseguidos por sua fé é que sabem o que Deus tem reservado para eles. Somos filhos de Deus, e nosso Pai celestial nos prometeu uma herança eterna de deleite infinito.

Aqueles que não são filhos de Deus não têm essa promessa: “Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho da livre” (Gl 4.30). Ismael jamais recebeu a herança de seu pai, embora Abraão tivesse pedido a Deus que lha desse (Gn 17.18). Deus abençoou Ismael de muitas maneiras, mas nunca lhe deu a promessa da salvação, a qual era apenas para Isaque. Assim, finalmente chegou o dia em que Sara “disse a Abraão: Rejeita essa escrava e seu filho; porque o

filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho" (Gn 21.10). Sara não estava apenas sendo egoísta sobre isso. Era correto que o escravo fosse expulso porque a promessa divina de graça salvadora era apenas para Isaque. Então Deus disse a Abraão: "atende a Sara em tudo o que ela te disser; porque por Isaque será chamada a tua descendência" (Gn 21.12).

Quando Paulo citou as palavras de Sara, foi uma maneira não muito sutil de dizer que os gálatas precisavam expulsar os judaizantes e seu legalismo da igreja. Ao tentarem colocar os gentios sob a lei, provaram que eles próprios eram escravos, espiritualmente falando, e, portanto, não tinham parte na herança de Deus. Se a salvação vem pela graça, então a igreja não pode tolerar qualquer menção à salvação por obras. A liberdade em Cristo só pode ser preservada mediante a abolição da escravidão à lei.

Podemos aplicar isso permanecendo firmes contra o legalismo na igreja e contra qualquer outra falsa doutrina de salvação. Podemos também pedir a Deus que elimine do nosso coração todo e qualquer traço de legalismo. Deus ainda trabalha hoje da forma que trabalhou com Hagar e Sara. A salvação vem pela graça e não pelas obras. A justiça vem pela fé e não pela lei. O cristianismo não é uma "lista do que fazer ou não fazer", mas é a boa-nova sobre a salvação dos pecadores por meio de Jesus Cristo.

É por isso que não podemos ser salvos por meio de nenhuma outra religião, exceto o cristianismo. As outras religiões – como o judaísmo, o hinduísmo, o islamismo, e o mormonismo – são todas religiões de escravidão. Isso também pode ser dito até mesmo sobre as versões do cristianismo – como o catolicismo romano e o protestantismo liberal – que acrescentam obras à fé como base para nossa justificação diante de Deus. Elas implicam servidão a regulamentações humanas porque, no final das contas, dizem respeito ao que nós fazemos para Deus, e não sobre o que Deus fez por nós em Jesus Cristo.

O que Deus fez em Jesus Cristo é oferecer a sua livre salvação a todos que confiam nele. Martinho Lutero explicou assim:

Aqueles que tentam alcançar a posição de filhos e herdeiros por meio da justiça da Lei ou através de sua própria justiça são escravos que jamais receberão a herança, ainda que trabalhem até a morte com grande esforço; porque estão tentando, contrariamente à vontade de Deus, alcançar por suas próprias obras

aquilo que Deus quer conceder aos crentes por pura graça, por amor de Cristo.6

Se estamos trabalhando para conquistar a aceitação divina, precisamos compreender que ainda estamos em escravidão espiritual. Se queremos ser livres, precisamos pedir a Deus pelo dom de sua graça. Então, poderemos nos unir a todos os seus filhos e filhas e declarar em uníssono: “somos filhos não da escrava, e sim da livre” (Gl 4.31).

Notas

1 PACKER, J. I. Knowing God (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1973), 228.

2 SPURGEON, Charles Haddon. The New Park Street Pulpit (1857; reimp. Pasadena, TX: Pilgrim, 1975), 2:126.

3 FUNG, Ronald Y. K. The Epistle to the Galatians, New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 213.

4 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 215.

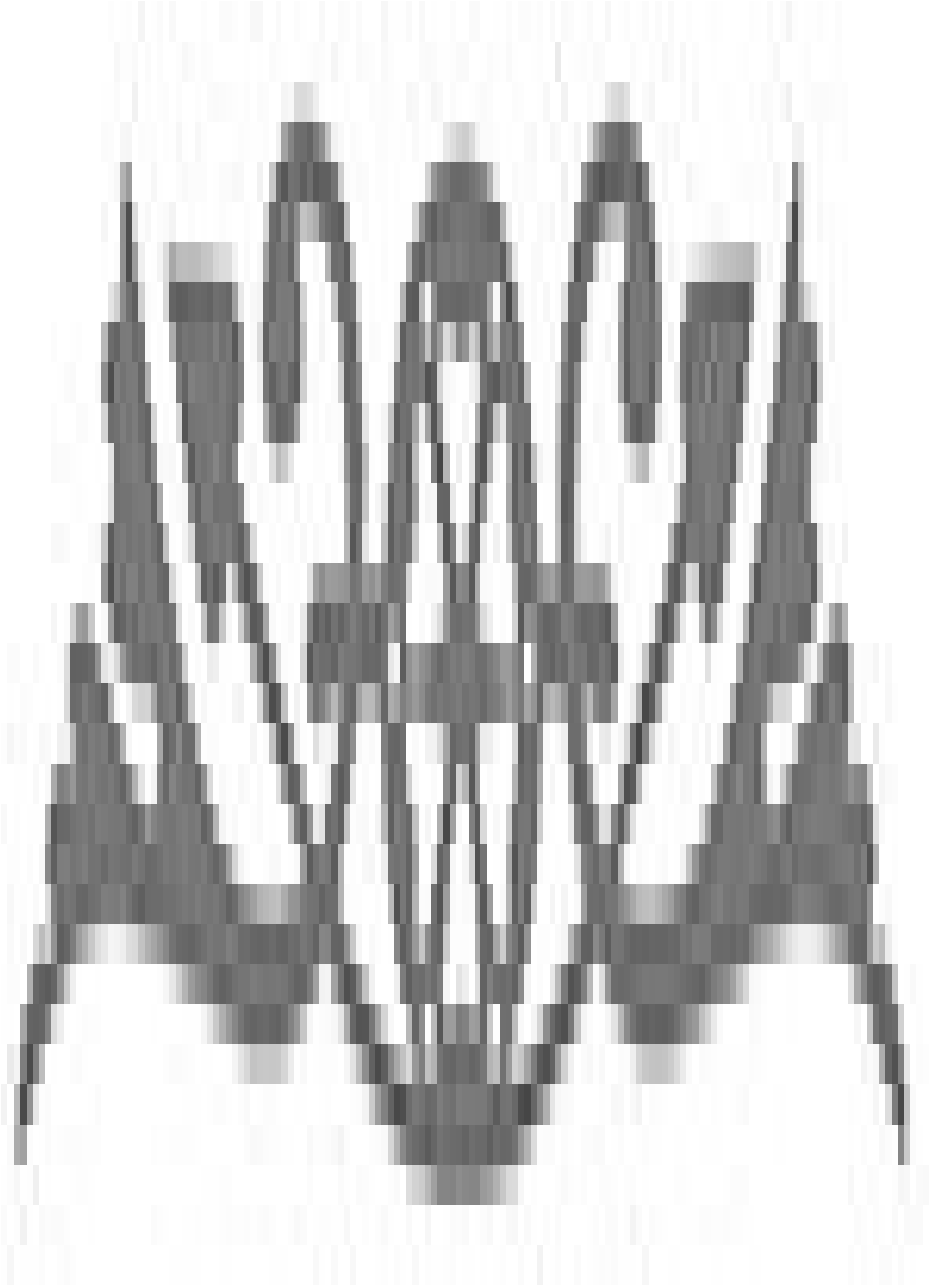
5 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 26:451.

6 Ibid., 26:449.

16

A única coisa que importa

Gálatas 5.1-6



De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes. Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor (Gl 5.4-6).

A Carta aos Gálatas pode ser dividida em três partes: biografia, teologia e ética. Nos capítulos 1 e 2, Paulo relatou sua autobiografia espiritual para provar que era um apóstolo genuíno do único e verdadeiro evangelho. Nos capítulos 3 e 4, ele explicou a teologia desse evangelho nos termos da doutrina da justificação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo. Contudo, o único tipo de teologia que interessava a Paulo era a teologia prática, e assim sua carta termina tratando de ética. Começando com o capítulo 5, o apóstolo toma as boas-novas da cruz e do túmulo vazio e as aplica ao dia a dia.

O tema desses capítulos é anunciado logo no primeiro verso: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gl 5.1). Dito de outra forma, “Cristo libertou você para que seja livre; então seja livre!” Paulo tinha acabado de explicar que os gálatas não eram filhos de Hagar, a escrava, mas, sim, filhos e filhas de Sara, nascidos de novo livres pela promessa de Deus. Agora o que eles precisavam fazer era viver libertos em Cristo pelo poder do Espírito Santo.

Quando a liberdade é, na verdade, escravidão

Não há nada que os americanos prezem mais do que liberdade. O problema é que geralmente anseiam pelo tipo errado de liberdade. Alguns falam de liberdade em termos políticos: liberdade de expressão, liberdade de associação, liberdade de voto. Outros se esforçam em prol de liberdade em relação às estruturas sociais opressivas. No entanto, o que a maioria dos americanos mais quer é a liberdade pessoal. O sociólogo Robert Bellah concluiu que “talvez a liberdade seja o mais ressonante e profundamente defendido princípio americano [...]. Todavia, a liberdade acaba significando ser deixado em paz pelos outros, não se submeter aos valores, ideias ou estilos de vida de outrem, estar livre da autoridade arbitrária no trabalho, na família e na vida política”.1 Em outras palavras, o que os americanos realmente desejam é a liberdade de serem deixados em paz.

A razão pela qual queremos ficar sozinhos é porque somos naturalmente egoístas. Nosso anseio é fazer aquilo que desejamos, no momento, no lugar e com quem nos for mais agradável. Se isso é o que liberdade significa para nós, então acreditar em Deus torna-se extremamente inconveniente. Se há um Deus, ele sem dúvida tem opiniões sobre o que devemos fazer, onde devemos fazê-lo, e com quem.

Portanto, o que muitos americanos querem hoje em dia não é a liberdade de expressão religiosa, e sim liberdade da religião (no sentido de se verem livres dela). Considere estas palavras da Free Inquiry, uma proeminente revista para humanistas seculares: “Algumas ideias podem te escravizar; algumas podem te libertar [...]. Se você anseia ser livre de dogmas sem fundamentos [...] se quer pensar por si mesmo em vez de se submeter à tradição, autoridade ou fé cega [...] Coloque de lado a religião, o desespero, a culpa e o pecado [...] e encontre um novo sentido e regozijo na vida”.2 Em outras palavras, você tem que se libertar de Deus para que possa ser livre de fato.

Liberdade da religião nem sequer é liberdade, claro; é outra forma de escravidão. A liberdade não é necessariamente uma virtude. Sempre precisamos perguntar o que se entende por “liberdade”. Se tê-la vale a pena ou não, vai depender de que tipo é. A melhor e mais verdadeira liberdade é a do tipo descrito por John Stott: “liberdade do meu pequeno e tolo ego, a fim de viver responsavelmente em amor a Deus e aos outros”.3

Livres em Cristo

Quando a Bíblia fala de liberdade, sempre significa liberdade em Jesus Cristo: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou” (Gl 5.1). Citando Stott novamente; “Nossa condição anterior é retratada como uma escravidão, Jesus Cristo como um libertador, a conversão como um ato de emancipação e a vida cristã como uma vida de liberdade”.4

A liberdade que Jesus tem a oferecer é emancipação dos antigos “senhores de escravos” da humanidade: o pecado, a morte e o diabo. Todo ser humano nasce sob essa escravidão tripla. Nascemos no pecado, e assim, somos maus por natureza. Estamos destinados a morrer, pois fomos feitos mortais em função da maldição de Deus contra o pecado de Adão. Por fim, somos atormentados pelo diabo, que nos tenta a pecar e procura nos arrastar até o abismo do inferno.

Dessa forma, a verdadeira liberdade não é autorrealização. Não é mera independência política ou igualdade social. Não é o tipo de liberdade que leva à permissividade, a liberdade de fazer o que quer que desejemos ou de acreditar no que quer que escolhamos. A verdadeira liberdade significa libertação do pecado, da morte e do diabo. E pela graça de Deus, esse é exatamente o tipo de libertação que Cristo veio fornecer.

Primeiro, Jesus nos libertou do pecado, e especialmente da culpa que ele gera. Cristo fez isso por meio da sua crucificação. Nas palavras de um antigo hino: "Ali, a misericórdia era grande, e a graça era livre. / Ali, o perdão foi multiplicado para mim. / Ali, minha alma cansada encontrou liberdade [...] no Calvário". Quando foi crucificado naquele monte fora de Jerusalém, Jesus foi amaldiçoado por nossos pecados. Ele morreu na cruz para expiar nossa culpa. Ele ofereceu sua vida como o preço justo por nossos pecados, de modo que jamais teríamos que enfrentar a ira de Deus por nós mesmos.

Além disso, Cristo nos libertou da morte. Ele fez isso por meio de sua ressurreição. No terceiro dia, Jesus ressuscitou dentre os mortos com um corpo real, vivo, glorioso e imortal. Se estamos em Cristo, então a morte não é o fim para nós. Nós, também, seremos ressuscitados para a vida eterna.

Por fim, Cristo nos libertou do diabo. Por meio de sua crucificação e ressurreição, Jesus rompeu os grilhões com os quais Satanás subjugava a humanidade. Como explicou o escritor da Carta aos Hebreus, Deus nos deu Jesus "para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2.14-15).

Pecado, morte e o diabo – a única maneira de se libertar dos tiranos da humanidade é confiando em Jesus Cristo. A única maneira de um pecador se livrar da culpa do pecado é prostrando-se diante da cruz onde ele morreu pelos pecados. A única maneira de se livrar da morte é crendo no túmulo vazio de onde ele se levantou para dar vida eterna. E a única maneira de se livrar do diabo é confiando na vitória final de Deus por meio de Jesus Cristo.

Outra maneira de dizer tudo isso é que Cristo nos libertou da lei, que é uma das principais preocupações de Paulo ao longo de toda a Carta aos Gálatas. Cristo não nos libertou da lei moral, que é a vontade eterna de Deus para seu povo, mas da lei que conduz ao pecado e à morte. Essa é a lei transgredida por nós quando

pecamos, usada por Satanás para nos acusar de nossa culpa e que nos condena à morte. Mas o evangelho da livre graça diz que a lei já não tem esse poder sobre mim. Jesus Cristo venceu o pecado, a morte e o diabo. Ele me libertou da maldição mortal da lei contra o meu pecado. Ele observou a lei de uma forma que eu não poderia observar, cumpriu a pena que eu não poderia cumprir, e conquistou a vitória que eu não poderia conquistar. Portanto, "a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus" me "livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.2).

Agora eu sou livre para ser quem Deus quer que eu seja e para fazer o que Deus quer que eu faça. Não há nada que eu tenha que fazer para ganhar a aceitação de Deus. Agora que Deus me aceitou por meio de Jesus Cristo, eu sou livre nele. E essa liberdade é a chave para a santidade evangélica. O velho teólogo de Princeton Archibald Alexander (1772-1851) fez uma pergunta que até hoje continua a incomodar os cristãos reflexivos. Sua dúvida era por que "os cristãos geralmente são de uma estatura tão diminuta e de uma força tão débil em sua religião". Há muitas respostas a essa questão, mas a que Alexander enfatizou é a seguinte:

Existe uma falha em nossa crença na liberdade da graça divina. Exercer uma confiança inabalável na doutrina do perdão gratuito é uma das coisas mais difíceis do mundo; e pregar esta doutrina completamente sem aproximar-se do antinomianismo não é uma tarefa fácil, e, portanto, raramente ocorre. Mas os cristãos certamente ficarão magros e fracos quando privados de seu alimento adequado. É pela fé que a vida espiritual deve crescer; e a doutrina da livre graça, sem qualquer mistura de mérito humano, é o único verdadeiro objeto da fé [...] Aqui, estou convencido, está a raiz do mal; e até que os mestres religiosos inculquem clara, prática e plenamente a graça de Deus, como manifesta no evangelho, não teremos um crescimento vigoroso de piedade entre os cristãos professos.5

Escravizados pelas obras

Os gálatas foram libertos em Cristo, mas corriam o risco de voltar à escravidão. Logo, a necessidade da advertência de Paulo: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão" (Gl 5.1). A preocupação do apóstolo era que os gálatas estivessem a ponto de revogar a declaração de emancipação deles. J. B. Phillips propõe esta

útil paráfrase: “Plantai, pois, firmemente os vossos pés na liberdade que Cristo nos conquistou, e não vos deixeis ser novamente trancafiados nos grilhões da escravidão”.

Com “jugo de escravidão”, Paulo se referia à lei do Antigo Testamento, considerada como um meio de justificação. Defensores da Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei sugerem que os judeus desse período não encaravam a lei como um meio legalista de justificação. Todavia, essa perspectiva é refutada pela crítica sobre a religião judaica que Jesus e Paulo fazem no Novo Testamento, bem como por uma leitura mais cuidadosa do judaísmo do primeiro século.6 De modo geral, o judaísmo do primeiro século não era uma religião que acreditava exclusivamente na graça, mas que adicionava à graça a observância da lei. Portanto, os judeus da época de Paulo costumavam se referir à lei de Moisés como um jugo, chamando-a “o jugo dos mandamentos”, ou mesmo “o jugo do reino dos céus”.7

A ironia é que, embora os judeus chamassem a lei de jugo, eles não reconheciam que foram escravizados por ela. Pedro, porém, percebeu isso. No Concílio de Jerusalém, referiu-se à lei como “um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós” (At 15.10). Paulo também percebeu, e reconheceu que seus compatriotas haviam se tornado animais de carga. Os judeus estavam tão sobrecarregados com a lei que nem sequer podiam ficar de pé. De que maneira os gálatas poderiam tomar uma posição firme sobre a liberdade quando também se encontravam prostrados sob o jugo da lei?

Quem colocava tal jugo sobre os ombros das gálatas eram os judaizantes – legalistas judaico-cristãos que queriam acrescentar a lei de Moisés ao evangelho de Jesus Cristo.8 Mais especificamente, os judaizantes insistiam que os cristãos gentios tinham que se submeter à circuncisão. Houve indícios disso durante toda a carta, mas aqui o apóstolo fala com todas as letras: “se vos deixardes circuncidar” (Gl 5.2); “todo homem que se deixa circuncidar” (Gl 5.3).

Desde a época de Abraão, a circuncisão simbolizava pertencer à aliança de Deus. Mesmo depois de terem se tornado cristãos, alguns judeus não queriam abrir mão desse sinal. Na verdade, alguns chegaram a dizer que o rito era absolutamente necessário para a salvação. No livro de Atos, lemos o que alguns deles ensinavam: “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (At 15.1). De acordo com os judaizantes, o único bom cristão era o cristão circuncidado.

Se a circuncisão era apenas uma pequena cirurgia, por que se tornou uma celeuma tão grande? Porque Paulo percebeu o que realmente estava em jogo, a saber, a justificação dos pecadores: O que torna uma pessoa reta diante de Deus? Ser circuncidado era uma maneira de dizer que os pecadores precisavam fazer algo para se acertarem com Deus. Era a isso que Paulo se referia quando falou daqueles que "procuram ser justificados pela Lei" (Gl 5.4 - NVI). Ele falava da circuncisão como algo que representava toda a lei de Deus (e não simplesmente como um sinal de pertencimento ao povo de Deus, que é o ponto de vista da Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei). Os judeus já estavam circuncidados, é claro, e não havia nada de errado com isso. O problema eram os gentios usando a circuncisão como meio de justificação. Se a circuncisão se tornasse obrigatória para todos os cristãos, quer fossem judeus ou não, então a salvação se basearia em uma obra, e não na livre graça de Deus.

Ou as pessoas são parcialmente justificadas diante de Deus por meio daquilo que fazem por si mesmas, ou são justificadas exclusivamente pelo que Jesus Cristo fez por elas. Quando os gálatas pensavam em ser circuncidados, eles estavam, na verdade, pensando em ser justificados. De acordo com F. F. Bruce, "Eles podiam buscar a justificação por meio da fé em Cristo (e obtê-la) ou poderiam buscá-la por meio de obras da lei (e perdê-la). Buscá-la por meio da fé em Cristo era buscá-la com base da graça de Deus; Buscá-la por meio de obras da lei era buscá-la com base em seus próprios méritos".9 A circuncisão era uma forma de dizer que Jesus Cristo não era suficiente para os gálatas, que eles precisavam de algo mais. O inglês J. B. Lightfoot, grande estudioso da Bíblia, explicou assim: "A circuncisão é o selo da lei. Aquele que voluntária e deliberadamente se submete a circuncisão, entra em um pacto para cumprir a lei. Logo, para cumpri-la, ele está vinculado e delimitado, e não pode invocar a graça de Cristo; pois entrou em outro método de justificação".10

Qual é o seu método de justificação? Ser circuncidado é uma alternativa à fé em Cristo, mas há muitas outras. Algumas pessoas baseiam sua situação perante Deus no trabalho que fazem na igreja, ou na qualidade ou frequência de suas devoções pessoais. Outros confiam na decisão que tomaram ao aceitar a Cristo, quando caminharam pelo corredor ou levantaram a mão em um culto evangelístico, como se fossem salvos por esse gesto. Outros ainda procuram se justificar pelo fato de serem batizados e membros professos de uma igreja cristã.

Se tentarmos ser justificados diante de Deus por qualquer coisa que façamos, não importa quão pequena seja, não somos livres. É por isso que a justificação

deve vir somente pela fé. O que Jesus fez por meio da cruz e do túmulo vazio justifica os pecadores por si só. Portanto, se eu sou um cristão, minha condição diante de Deus depende inteiramente do que Cristo fez, não de qualquer coisa que eu tenha feito. Doutra sorte, sou escravo das minhas próprias obras.

Por que as obras são fatais

A preocupação do apóstolo Paulo era que os gálatas decaíssem à condição de escravidão. Antes que isso acontecesse, ele queria que soubessem que qualquer um que volta a tomar sobre si o jugo da lei, seja pela circuncisão ou por qualquer outra obra, enfrenta três consequências fatais.

A primeira é que, se esse é o caso, Jesus Cristo não nos proporcionará nenhum bem. Já não temos nada a ganhar de seus benefícios. Seria impossível para o apóstolo ser mais enfático: “Ouçam bem o que eu, Paulo, lhes digo: Caso se deixem circuncidar, Cristo de nada lhes servirá” (Gl 5.2 - NVI). Algo semelhante já havia sido dito no capítulo 2: “se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão” (Gl 2.21). Tentar se acertar com Deus se circuncidando – ou fazendo qualquer outra coisa – torna Cristo totalmente inútil.

Por que isso é assim? Porque é uma declaração de que não precisamos mais dele. Ao aceitarmos a circuncisão, estamos dizendo que podemos guardar a lei sozinhos. Mas, se esse é o caso, para que precisamos de um Salvador? Ele se torna completamente desnecessário. Por que precisamos que ele faça por nós o que nós mesmos podemos fazer, ou seja, cumprir a lei?

As duas coisas não podem coexistir. A justificação é ou pela lei, ou pela graça; ou por obras, ou por fé. Ou nós nos fiamos na observância da lei, ou confiamos somente em Cristo para carregar a maldição em nosso favor. Mas não podemos fazer as duas coisas. Com Cristo é tudo ou nada. Recebê-lo pela fé é admitir que não podemos salvar a nós mesmos. Como disse o puritano William Perkins: “Ele deve ser um Salvador perfeito, ou não será Salvador de modo nenhum”.11 Se não permitirmos que Cristo faça tudo por nós, ele não pode fazer nada por nós, pelo menos no que diz respeito à nossa justificação. Se tentarmos ajudar a nós mesmos, Cristo não poderá nos ajudar em nada.

Ao dizer aos gálatas que a circuncisão era necessária para serem bons cristãos, os judaizantes acrescentavam a lei ao evangelho. Eles estavam dizendo que

Moisés precisava terminar aquilo que Cristo poderia apenas começar.

Para ilustrar o problema com esse tipo de teologia, imagine um homem que possuía uma antiga camisa da seleção brasileira autografada pelo Pelé. Ao saber que tal camisa poderia ser muito valiosa, decidiu vendê-la. Ao tomá-la nas mãos, porém, ficou apreensivo, porque podia ver que a assinatura estava muito desbotada. Na intenção de deixá-la mais nítida, ele esticou a camisa e cuidadosamente refez o contorno das letras com uma caneta permanente: “P-E-L-É”. Tal ação acabou tapando e destruindo o verdadeiro autógrafo, de modo que, ao terminar, ele havia transformado um item inestimável em algo sem valor.

A mesma coisa acontece com Jesus Cristo. Sua obra completa não pode ser retocada, só pode ser destruída. O que Cristo fez ao morrer na cruz e ao deixar vazia aquela tumba, deve ser recebido somente pela fé. Se tentarmos adicionar nossas obras à obra dele, então seu trabalho não nos proporcionará mais nenhum benefício.

Basear a salvação em nossas próprias obras traz uma segunda consequência fatal: tornamo-nos devedores da lei de Deus. Paulo escreveu: “De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei” (Gl 5.3). Outra maneira de dizer isso é: se tentarmos justificar a nós mesmos, poderemos estar nos comprometendo com mais do que pensávamos. Não apenas somos incapazes de lucrar com Cristo, mas a lei de Deus nos deixa mergulhados em dívidas.

Ser circuncidado era a forma de pertencer à antiga aliança. Mas tal aliança exigia perfeita obediência a toda a lei de Deus. Portanto, se os gálatas quisessem circuncidar-se, teriam que manter a aliança integralmente, do princípio ao fim. Martinho Lutero descreveu este dilema assim: “O mesmo princípio que o obriga a receber a circuncisão, o obriga a aceitar toda a Lei [...]. Você deve abandonar ou a Cristo ou a justiça da Lei. Se mantiver Cristo, você é justo aos olhos de Deus. Se guardar a Lei, Cristo não lhe servirá de nada; e então você é obrigado a guardar toda a Lei”.12

O problema, claro, é que ninguém (exceto Jesus Cristo) consegue guardar toda a lei de Deus. Portanto, se a circuncisão exige perfeita obediência, quem se circuncidar está condenado. Como Paulo disse anteriormente, “Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para

praticá-las” (Gl 3.10). O jugo da lei é insuportável. Como a lei não pode ser satisfeita, mantém pecadores em dívida infinita.

Este princípio pode ser ilustrado por uma pequena história a respeito de um velho rabino judeu, Gamaliel II. O rabino vinha lendo Ezequiel, que descreve a vida de um homem “justo que faz o que é certo e direito” (Ez 18.5 - NVI). Ao terminar a leitura, Gamaliel começou a chorar, dizendo: “Somente aquele que guardar todos os requisitos viverá, não aquele que guardar apenas um deles”.13 O rabino se lamentava porque sabia que jamais seria capaz de cumprir o padrão perfeito da lei de Deus. Os gálatas também não conseguiriam cumpri-la, e é por isso que Paulo os advertiu para que não fossem circuncidados.

A terceira consequência fatal de usar as obras para a nossa salvação é que somos desligados da graça de Jesus Cristo. Paulo disse: “De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes” (Gl 5.4). Literalmente, aqueles que tentam ser justificados pelas obras são dissociados de Cristo. Mais uma vez Paulo mostra que sua preocupação não é simplesmente a relação entre judeus e gentios na igreja (como afirma a Nova Perspectiva sobre Paulo e a lei), mas o relacionamento do pecador com Deus. Sua escolha de palavras é significativa. A circuncisão envolvia decepar a pele do prepúcio. Na antiga aliança, essa era uma maneira de dizer que o judeu fora separado do mundo. Mas também era uma forma de dizer que, se algum dia rejeitasse a Deus, ele próprio seria cortado do povo de Deus. Neste trecho, Paulo estava dizendo aos gálatas exatamente o contrário. Eles pertenciam à nova aliança, não à antiga, e, caso se circuncidassem agora, estariam se desligando de Cristo. Em vez de se separarem do pecado, estariam rompendo seu relacionamento com o Salvador. O princípio subjacente é que, se tentarmos nos justificar diante de Deus com base em nossas próprias obras, Jesus Cristo se torna um estranho para nós; perdemos o acesso à graça dele.

Ao dizer aos gálatas que eles “caíram da graça” (Gl 5.4 - NVI), Paulo não comentava aqui sobre a questão da segurança eterna. Ninguém que esteja verdadeiramente unido a Cristo pode perder sua salvação, como a Bíblia claramente ensina em outras passagens (Jo 10.28, Rm 8.28-30). O que Paulo quer dizer aqui é que é possível que alguém abandone a comunidade da graça de Deus. Uma pessoa que rejeita a única forma de salvação que Cristo proporciona não tem razões para pertencer mais à igreja. Aqueles que se submetem novamente ao jugo da lei – provavelmente porque jamais confiaram plenamente somente em Cristo para sua salvação – estão fora do reino da graça.

Este é um assunto sério. Martinho Lutero aplicou a advertência de Paulo como segue:

[...] assim como alguém se afoga ao cair no mar, independentemente de qual parte da embarcação ocupava antes de ser lançado às ondas, assim alguém que se afasta da graça não pode evitar perecer. O desejo de ser justificado pela lei, portanto, é naufrágio; é exposição ao mais certo perigo de morte eterna. O que pode ser mais louco e perverso do que querer perder a graça e o favor de Deus e manter a lei de Moisés, cuja retenção torna necessário acumular ira e todos os outros males para si mesmo? Agora, se aqueles que buscam ser justificados com base na lei moral caírem da graça, onde, pergunto eu, cairão aqueles que, por sua própria justiça, procuram ser justificados com base em suas tradições e votos? No mais profundo abismo do inferno!14

Aqueles que tentam justificar a si mesmos vão para o inferno. Escravizados por uma lei que não podem satisfazer, estão em dívida infinita com Deus. Uma vez que confiam em si mesmos, Cristo não pode mais fazer-lhes bem algum. Eles caíram da graça.

Fé que funciona

Se não podemos ser salvos por nossas próprias obras, como podemos ser salvos? A resposta é simples: “[...] nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé” (Gl 5.5). A fé surge novamente no versículo seguinte, no qual é descrita como a única coisa que realmente importa (Gl 5.6). A forma pela qual nos tornamos justos aos olhos de Deus (isto é, a forma pela qual somos justificados) é pela fé somente.

Perceba que a justificação não é algo pelo qual trabalhamos; é algo pelo qual esperamos. Deus dá a sua justiça aos que esperam por ela em fé. Ao falar sobre tal espera pela justiça, Paulo tem em mente o dia do julgamento, quando Deus finalmente dará seu veredicto sobre cada pessoa que já viveu. O cristão espera esse dia com ansiosa expectativa, quase como uma menininha almeja a chegada do dia de sua festa de aniversário. O cristão tem esperança por um veredicto favorável, confiando que, no dia da justiça de Deus, ouvirá a declaração: “Inocente!”.

Você aguarda o dia do julgamento com confiança? Um bom exemplo do que significa ansiar pela justiça de Deus vem da vida de um santo homem chamado Arsênio:

Embora tivesse vivido por um longo período em intensa santidade e abnegação, ainda assim Arsênio começou a temer e lamentar profundamente quando sentiu que a morte não estava longe. Quando lhe perguntaram por que temia a morte, uma vez que passara toda a sua vida em santidade e servira a Deus continuamente, ele respondeu que, de fato, havia vivido de modo irrepreensível à luz do julgamento dos homens; porém, sabia que o juízo de Deus era diferente do juízo dos homens. Com sua santidade e ascetismo, este homem não alcançou nada, exceto medo e horror da morte.

Por intermédio da graça de Deus, a certa altura, Arsênio foi libertado de todo o seu pecado e medo. Ele percebeu que, para que fosse salvo, "seria necessário deixar de lado toda a sua justiça e confiar apenas na misericórdia de Deus, dizendo: 'Creio em Jesus Cristo, o Filho de Deus, nosso Senhor, que sofreu, foi crucificado, e morreu pelos meus pecados'".15

Esse tipo de fé vem somente do Espírito Santo, e é por isso que Paulo fala em esperar "pelo Espírito" (Gl 5.5). Desse ponto em diante, vida no Espírito se torna um dos principais temas da carta de Paulo. O Espírito Santo é mencionado aqui porque é ele quem dá o dom da fé. A fé que ele dá é do tipo que se expressa por meio do amor: "[...] em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor" (Gl 5.6).

Essa foi uma coisa chocante para se dizer, mesmo para alguém tão radical quanto Paulo. Mas o apóstolo realmente quis dizer isso, pois faz uma declaração semelhante ao final de sua carta: "Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura" (Gl 6.15). Como é que Paulo pôde dizer que a circuncisão não importa? O motivo todo para escrever aos gálatas, em primeiro lugar, era justamente porque cogitavam se circuncidar. Mas observe o contexto. É "em Cristo" (Gl 5.6) que a circuncisão se torna irrelevante. Tanto os circuncisos (judeus) quanto os incircuncisos (gentios) são um em Cristo. Uma vez que estamos em Cristo, temos tudo o que precisamos. Nada pode melhorar nossa posição diante de Deus. No que diz respeito à salvação, a única coisa que importa é se confiamos em Cristo.

A circuncisão só se torna um problema na medida em que usada é considerada como meio de se acertar com Deus. Isso explica por que Paulo tratou os casos de Timóteo e Tito de formas tão distintas. Ambos eram missionários, e ambos eram gregos, mas apenas um deles foi circuncidado. Paulo permitiu que Timóteo fosse circuncidado para ajudá-lo em seu trabalho entre os judeus (At 16.3), mas se recusou a permitir que Tito fizesse o mesmo. Isso ocorreu porque alguns cristãos judeus insistiam que Tito tinha que ser circuncidado para ser salvo (Gl 2.1-5). Mas isso era completamente desnecessário, insistiu Paulo, porque Tito já estava justificado por sua fé. Para Paulo, circuncidar alguém como um pré-requisito para a salvação revoga a doutrina divina da justificação.

A última coisa que Paulo diz sobre a fé justificadora é que tal fé realmente produz obras. O único tipo de fé que vale alguma coisa é o tipo de fé que se expressa por meio do amor. Isso não significa que somos justificados pelo amor. A Escritura nunca diz que somos justificados pela fé e pelo amor. Ela nem sequer diz, como sugerem os católicos romanos, que a fé é formada pelo amor, de modo que o amor se torna parte da fé. Fé é fé, e amor é amor. Quando trata de justificação, a Bíblia sempre afirma que somos justificados pela fé, o que é outra maneira de dizer que a justificação vem somente pela fé.

Contudo, a fé que justifica por si só, nunca está só. A verdadeira fé é sempre uma fé operosa, uma fé que "trabalha". É uma fé expressiva, uma fé que se expressa em amor a Deus e aos outros. Como disse Lutero: "Aquele que quer ser um verdadeiro cristão ou pertencer ao reino de Cristo deve crer verdadeiramente. Mas ele não crê verdadeiramente se obras de amor não acompanharem a sua fé".16 O amor é a decorrência da fé genuína.

A relação entre fé e amor é o tema de um livro maravilhoso do puritano John Preston chamado The Breast-plate of Faith and Love. A primeira metade do livro trata da justificação somente pela fé. No entanto, Preston não quis deixar a impressão de que a fé poderia ser desprovida de amor. Assim, escreveu: "Agora, para que não fiquemos equivocados quanto a isso, como se [Deus] não exigisse nada [...] a não ser uma fé vazia e ociosa, [Paulo] acrescentou que tal fé deve ser tão eficaz quanto atuante: e isso não é suficiente, mas deve ser uma fé que opera por amor".17

Era isso que preocupava o apóstolo Tiago. Às vezes sugere-se que Paulo e Tiago discordaram sobre a doutrina da justificação. Embora seja verdade que eles usaram o termo "justificação" com sentidos diferentes, ambos criam no mesmo

evangelho da livre graça. Se Paulo falou de fé que se expressa por meio do amor, Tiago, por sua vez, disse: “Mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé” (Tg 2.18). Os dois apóstolos entendiam que a fé verdadeira é a fé que opera. E somente uma fé operosa pode trazer verdadeira liberdade. Alcançamos a mais completa liberdade quando confiamos em Deus, confiamos que estamos cheios do amor dele e, assim, somos capazes de amar os outros com sacrifício altruísta. E, quanto à justificação, a fé que pode produzir tal amor é a única coisa que realmente importa.

Notas

1 BELLAH, Robert, et al. Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life (Nova York: Harper & Row, 1985), 23.

2 De uma mala direta do Free Inquiry, 1999.

3 STOTT, John R. W. The Contemporary Christian (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1992), 55

4 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 132.

5 ALEXANDER, Archibald. Thoughts on Religious Experience (1844; reimp. Londres: Banner of Truth, 1967), 165–66.

6 Veja principalmente DAS, A. Andrew. Paul, the Law, and the Covenant (Peabody, MA: Hendrickson, 2001), e CARSON, D. A., O'BRIEN, Peter T., e SIEFRID Mark A. org., Justification and Variegated Nomism, 2 vols. (Grand Rapids: Baker, 2001, 2004).

7 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 226.

8 Os judaizantes eram legalistas no sentido de que queriam fazer da lei parte da base da salvação. Para um útil diagrama das várias formas de legalismo, veja DORIANI, Daniel. Putting the Truth to Work (Phillipsburg, NJ: P&R, 2001).

9 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text,

New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 231.

10 LIGHTFOOT, J. B. St. Paul's Epistle to the Galatians (1865; reimp. Lynn, MA: Hendrickson, 1981), 203.

11 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 329.

12 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 27:15,17.

13 GAMALIEL II, Babylonian Talmud, Sanhedrin 81a, In: BRUCE, Epistle to the Galatians, 230. Esta citação é mais um exemplo do tipo de legalismo que prevaleceu no judaísmo do Segundo Templo. Gamaliel II claramente considerava a lei como um meio de justificação, e não apenas como um sinal de sua identidade judaica.

14 LUTERO, Martinho, Galatians, 27:18.

15 Ibid., 27:14-15.

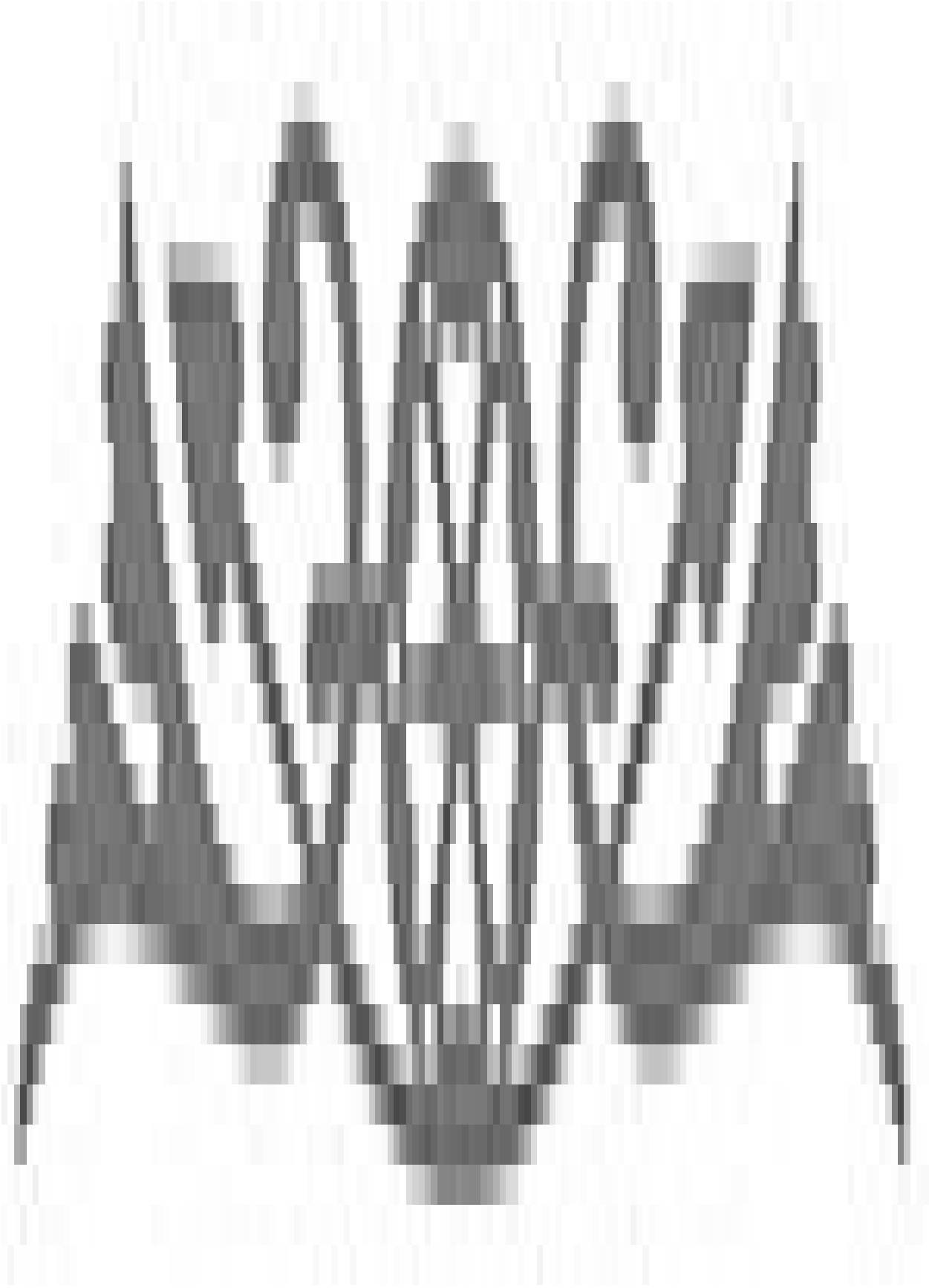
16 Ibid., 27:30.

17 PRESTON, John. "Of Love," In: The Breast-plate of Faith and Love, 5ª ed. (Londres, 1634; reimp. Edimburgo: Banner of Truth, 1979), 2.

17

Por que o cristianismo escandaliza tanto

Gálatas 5.7-12



Confio de vós, no Senhor, que não alimentareis nenhum outro sentimento; mas aquele que vos perturba, seja ele quem for, sofrerá a condenação. Eu, porém, irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que continuo sendo perseguido? Logo, está desfeito o escândalo da cruz (Gl 5.10-11).

O apóstolo Paulo deve ter sido um grande fã de esportes, porque utilizou com frequência ilustrações tiradas do mundo atlético. Em suas cartas, ele menciona jogos antigos como boxe, luta livre, e principalmente atletismo.

Por várias vezes, Paulo pensou na vida cristã como uma corrida, cujo percurso ele próprio estava determinado a completar: “não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo” disse ele certa vez, “se tão-somente puder terminar a corrida” (At 20.24 - NVI). Mais tarde, com grande satisfação, o apóstolo pôde declarar: “terminei a corrida” (2Tm 4.7 - NVI).

Continue correndo

A vida cristã pode ser uma corrida, mas com certeza não se trata de uma competição de tiro rápido. Assemelha-se mais a uma maratona do que com uma prova de 100 metros rasos; e, quanto mais longa a corrida, maior o número de coisas que podem dar errado. Alguns corredores se lesionam. Outros tropeçam e são derrubados. Outros ainda desidratam e desmoronam bem antes de alcançar a linha de chegada.

Paulo experimentou dificuldades semelhantes. Mais cedo, ele mencionou um momento no qual temia que sua corrida tivesse terminado. Alguns cristãos começaram a adicionar a lei ao evangelho, e isso o fez se preocupar se estava correndo em vão (Gl 2.2). Agora o apóstolo tinha o mesmo receio pelos gálatas. Eles começaram bem. Logo que receberam as boas-novas da cruz e do túmulo vazio, deslancharam na vida cristã. Podemos nos lembrar da famosa cena do filme Carruagens de Fogo, em que Eric Liddell, o grande atleta e missionário escocês, diz: “Quando corro, sinto o prazer de Deus”. Os gálatas também conheciam o prazer de correr livres em Cristo. Desde que ouviram o tiro da pistola sinalizando a partida, eles vinham correndo bem.

Mas então, de forma igualmente repentina, corriam agora o risco de serem desqualificados: “Vós corríeis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?” (Gl 5.7). À medida que competiam por posições, alguém lhes deu uma fechada. Eles foram jogados para fora da pista e caíram fora da corrida.

O termo que Paulo usa para “impedir [lit. cortar]” (enekopsen) era usado frequentemente nos antigos jogos gregos. Naquela época, as corridas não eram realizadas em pistas ovais, mas os corredores deveriam ir “até o poste e voltar”. Havia regras contra causar tropeços, é claro, mas, às vezes, era possível sair impune de uma boa dose de interferência, especialmente perto do poste, onde os corredores mudavam de direção.1 Uma estratégia antidesportiva para vencer era impedir o progresso dos oponentes, “fechando-os”.

Isso aconteceu em uma Olimpíada moderna em uma das corridas femininas de longa distância. A favorita era a estrela americana Mary Decker Slaney. A adversária era a jovem sul-africana Zola Budd. No início da corrida, a Srta. Budd acidentalmente fez com que a Sra. Slaney tropeçasse, enquanto corriam no pelotão. Slaney caiu desajeitadamente no campo, não conseguiu terminar a corrida e seu sonho de ganhar a medalha de ouro terminou em lágrimas.

Os gálatas não corriam simplesmente em direção ao ouro; eles estavam correndo para a vida eterna. A Escritura diz que eles foram impedidos de “obedecer à verdade” (Gl 5.7). O que Paulo quis dizer com “a verdade” era a verdade – aquilo que ele havia chamado de “a verdade do evangelho” (Gl 2.5,14). A verdade é a boa-nova da salvação do pecado e da morte por meio da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo.

Observe que essa verdade deve ser obedecida. Correr uma boa corrida na vida cristã significa mais do que apenas conhecer a verdade; significa praticá-la. No que diz respeito ao nosso status perante Deus, tudo o que precisamos fazer é crer em Jesus Cristo. Somos justificados somente pela fé. No entanto, uma vez que fomos justificados, precisamos ser santificados. Tratando-se de viver para Cristo, devemos obedecer a verdade do evangelho. Aquilo que acreditamos e como nos comportamos não são realidades que podem ser separadas. Há um vínculo inquebrável entre integridade teológica e vitalidade espiritual.2 Como diz John Stott, nosso credo é expresso em nossa conduta, e nossa conduta é derivada de nosso credo.3 O cristianismo não é simplesmente algo que sabemos; é algo que fazemos. Não é um mero sistema de crenças ou um código moral; é uma teologia

que ganha vida.

O problema com agitadores

Quando perguntou quem tinha atrapalhado os gálatas, Paulo já sabia a resposta. Os mestres culpados dessa falta de fair-play eram os judaizantes que queriam acrescentar a lei de Moisés ao evangelho de Jesus Cristo. Nos versículos que se seguem, Paulo tenta ajudar os gálatas a enxergar qual a procedência desse legalismo (Gl 5.8), o que ele causa na igreja deles (Gl 5.9) e para onde ele conduziria qualquer um que viesse a abraçá-lo (Gl 5.10,12).

De onde veio esse legalismo? Qual foi a sua origem? Uma coisa é certa: Paulo sabia de onde não vinha. Por mais que os judaizantes tenham sido persuasivos, suas palavras não vieram de Deus. “Esta persuasão”, escreveu ele, “não vem daquele que vos chama” (Gl 5.8).

Aquele que chamou os gálatas foi o próprio Deus, e vale lembrar como ele o fez. Lá no início dessa carta, Paulo se referiu a Deus como “aquele que vos chamou na graça de Cristo” (Gl 1.6). Os gálatas foram chamados pela graça de Deus. Graça é algo que não merecemos. É favor imerecido. Mais especificamente, é o dom do perdão de Deus para aqueles que confiam em Jesus Cristo. Uma vez que envolve perdão, o dom gratuito da graça divina é somente para pecadores. Pense nas palavras do velho hino de Will Thompson: “Manso e suave, Jesus nos chamando / Chama por ti e por mim [...] / Manso e suave, Jesus convidando / Chama: ‘Ó pecador, vem!’” Aquele que chama é Deus; aqueles a quem ele chama são pecadores; e o modo pelo qual os chama é por sua graça.

Se a salvação que Deus oferece vem pela graça, então o que os gálatas estavam ouvindo daqueles que tentavam derrubá-los obviamente não vinha de Deus. A mensagem dos judaizantes era sobre guardar a lei em vez de crer e obedecer ao evangelho. Eles alegavam que a circuncisão era necessária para salvar; nesse caso, a salvação seria por obras humanas, e não pela graça divina.

Obviamente, tal mensagem não poderia vir do Deus que chama os pecadores pela sua graça. Portanto, a mensagem do legalismo só pode de fato proceder do pai da mentira, o próprio diabo, pois, se alguém quer que confiemos em nós mesmos, esse alguém é Satanás. Ele sabe que não importa quão duro trabalhemos, nunca seremos capazes de pavimentar nosso caminho para o céu.

Assim, sempre que somos persuadidos a confiar em nós mesmos em vez de confiar em Jesus, a persuasão não é divina, mas demoníaca.

Que efeito essa persuasão causava na igreja? Quais seriam as consequências de tal ensino? Paulo citou um provérbio bem conhecido para mostrar que o legalismo é sempre letal: “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gl 5.9). Esse provérbio é extraído da arte da panificação. O pão não cresce a menos que a massa contenha uma cultura ativa de levedura. Mas uma pitada é o suficiente. Semelhantemente, uma pitada de lei contamina o evangelho inteiro.

Aqui, Paulo se baseou no Antigo Testamento. Como um dos preparativos para a Páscoa, o povo de Deus deveria fazer pães asmos. Deus disse: “Sete dias comereis pães asmos. Logo ao primeiro dia, tirareis o fermento das vossas casas, pois qualquer que comer coisa levedada, desde o primeiro dia até ao sétimo dia, essa pessoa será eliminada de Israel” (Êx 12.15, cf. Dt 16.2-4). Nesse caso, o fermento representava a propagação do pecado; ao eliminá-lo de suas casas, o povo de Deus deveria ser lembrado de eliminar o pecado de suas vidas.

Ao mencionar a levedura aos gálatas, Paulo pensava especificamente no ensinamento dos judaizantes. O “fermento” deles consistia em adicionar obras à fé como base para justificação. Mais especificamente, eles queriam que os gálatas fossem circuncidados. Paulo detectou que todo o problema que a igreja enfrentava era proveniente desse único erro. Se os judaizantes pudessem persuadir os gálatas a serem circuncidados, então lhes seria necessário cumprir toda a lei; nesse caso, o evangelho inteiro seria anulado.

Isso nos diz algo sobre o erro teológico. Como fermento em um pedaço de pão, a heresia tem uma maneira de se espalhar até que abra espaço através de toda a igreja. Cada doutrina fundamental da fé cristã está relacionada com todas as outras. Compreender apenas uma delas de forma errônea ameaça todo o sistema doutrinário. Essa ligação levou Martinho Lutero a observar que “em teologia, um pequeno erro derruba o ensinamento inteiro”.4

A partir disso, aprendemos a necessidade de resistir a todo e qualquer erro que ataque os fundamentos do evangelho. Uma falsa doutrina geralmente não soa tão falsa assim à primeira vista. “‘Justificados pela fé’ ou ‘justificados somente pela fé’”, as pessoas dizem: “Quem se importa?” ou dizem: “Que diferença faz se Jesus é o caminho ou simplesmente um caminho até Deus?”

Faz toda a diferença do mundo. Certamente fez toda a diferença na Galácia. A circuncisão pode não parecer grande coisa, mas, se os gálatas se deixassem circuncidar, acabariam negando duas doutrinas centrais da fé cristã: a doutrina da expiação e a doutrina da justificação. Eles teriam dito, com tal atitude, que a morte de Cristo na cruz não fora suficiente, que eles precisavam de algo a mais para expiar seus pecados. Desta forma, negariam a suficiência da expiação de Cristo. E teriam dito também que não poderiam ser justificados pela fé somente, mas apenas por fé mais obras, negando, assim, a doutrina bíblica da justificação.

Aonde tudo isso levaria no final? Paulo estava confiante de que, no final das contas, os gálatas passariam a enxergar as coisas à sua maneira. Ele estava certo de que cairiam em si e rejeitariam o legalismo dos judaizantes. Sendo assim, Paulo afirma: “Estou convencido no Senhor de que vocês não pensarão de nenhum outro modo” (Gl 5.10 - NVI). A confiança do apóstolo não era tanto nos gálatas, mas em seu Senhor, que os traria de volta ao único e verdadeiro evangelho da livre graça.

Paulo estava igualmente confiante de que aquele que pregava um falso evangelho chegaria a um final infeliz: “Aquele que os perturba, seja quem for, sofrerá a condenação” (Gl 5.10). Essa declaração passa a impressão de que os judaizantes tinham um chefe. Paulo não deu nomes, de modo que talvez soubesse — talvez não — quem era o homem. Mas a única coisa que Paulo certamente sabia é que – seja lá quem ele fosse – um dia esse homem teria de responder a Deus por causar problemas na igreja.

A palavra “condenação” (krima) é, na verdade, a palavra “julgamento”, significando julgamento divino. Paulo chama “o julgamento” porque está com o juízo final em mente. Chegará o dia em que todo erro será exposto, e a verdade de Deus reinará suprema. Não devemos desanimar diante da descrença da teologia liberal, ficarmos desencorajados pela difusão de novos cultos ou desalentados pelo lento declínio da ortodoxia evangélica. Chegará o dia em que todo falso mestre será julgado por cada palavra falsa.

Enquanto isso, se os judaizantes queriam que as pessoas fossem circuncidadas, Paulo chega a desejar que a faca escorregasse e que acabassem castrando-se. Suas sarcásticas palavras soam selvagens para o ouvido pós-moderno: “Quanto a esses que os perturbam, quem dera que se castrassem!” (Gl 5.12 - NVI). Que comentário forte, não?! A palavra para “perturbam” (anastatountes) é usada para descrever subversivos políticos, o tipo de agitador que provoca rebelião ao

causar motins urbanos (At 17.6; 21,38). Obviamente, o próprio Paulo estava ficando um pouco agitado. Nas palavras de um comentarista, esta é a expressão “mais brutal e rude” em todos os seus escritos.5

O apóstolo não estava literalmente ameaçando os judaizantes com violência. Embora tenha mencionado a mutilação física, ele se referia a isso em um sentido espiritual, obviamente. Nesse contexto, é bom sabermos que algumas religiões pagãs exigiam a castração ritualística. Os sacerdotes de Cibele, p. ex., que viviam ao norte da Galácia, tornavam-se eunucos em um festival anual. Então talvez Paulo tenha dito algo como: “Olha, se você insiste em ser circuncidado, está tentando ser salvo por um ritual. Mas isso é apenas mais uma forma de paganismo; vá com isso até o fim, então, torne-se um dos sacerdotes deles!”

Contudo, há outra possível interpretação proveniente do Antigo Testamento. De acordo com a lei bíblica, não era permitido que os eunucos entrassem no templo: “Aquele a quem forem trilhados os testículos ou cortado o membro viril não entrará na assembleia do Senhor” (Dt 23.1). Logo, ao sugerir a esses agitadores judaizantes que se castrassem, a implicação de Paulo é que eles deveriam ser excluídos da igreja.

A pregação que leva à perseguição

Gálatas 5.12 é o tipo de versículo que algumas pessoas acham ofensivo. Mas o que realmente incomoda nesta passagem não é tanto o vocabulário de Paulo — que, convenhamos, é mesmo um tanto vulgar —, mas, sim, sua teologia, a qual ensina que Deus não ajuda aqueles que ajudam a si mesmos.

Os cristãos são ofensivos por muitas razões. Afinal, somos pecadores; e pecadores tendem a ser egoístas, insensíveis, rudes e até violentos. Os cristãos são tudo isso e muito mais. Porém, mesmo se não ofendêssemos tanto assim com nossa conduta, nossa teologia ainda o faria. O cristianismo ofende porque insiste que a salvação vem apenas pela graça de Deus em Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo poderia ilustrar isso a partir de sua própria experiência como pregador, o que pareceu resultar em uma boa parcela de perseguição. Em diversas épocas e em vários lugares – incluindo a Galácia –, Paulo foi surrado, preso, encarcerado, apedrejado e deixado para morrer. Por que isso continuava se repetindo a ele? Era sua aparência? Sua personalidade? Sua origem étnica? Não,

Paulo foi perseguido por pregar a salvação somente em Cristo.

Aparentemente, os judaizantes começaram a espalhar rumores afirmando o contrário. Eles disseram aos gálatas que Paulo ainda pregava a circuncisão, o que até mesmo soa plausível. Afinal de contas, Paulo era o homem que disse "Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus" (1Co 9.20 - NVI). Ao levar o evangelho à sinagoga, ele sempre teve o cuidado de se adaptar às tradições judaicas o máximo que pôde. Para dar apenas um exemplo, quando Timóteo se juntou à equipe missionária de Paulo na Galácia, o apóstolo permitiu que circuncidassem o rapaz (At 16.3).

Paulo deixou que Timóteo fosse circuncidado a fim de que este pudesse ajudá-lo a realizar trabalhos evangelísticos na comunidade judaica; tal fato, porém, pode ter parecido inconsistente para algumas pessoas. Como poderia Paulo se opor à circuncisão se fez com que o jovem fosse circuncidado? Mas lembre-se de que a mãe de Timóteo era judia, então ele não era um gentio. E lembre-se, também, de que Paulo não se opunha à circuncisão em si. Ele não considerava que a circuncisão tivesse valor algum (Gl 5.6, cf. 1Co 7.18-19). O que ele combatia era o ensino que considerava a circuncisão um meio de justificação, uma forma de obter a aprovação de Deus.

Sendo assim, se há uma coisa que Paulo com certeza não fez foi pregar a circuncisão. Pregar a circuncisão era torná-la uma questão de salvação. Paulo pode ter feito isso quando ainda era fariseu, mas certamente não desde que recebeu o evangelho "livre de lei" na estrada de Damasco.

Para provar que já não pregava a circuncisão, Paulo levantou a seguinte questão: "Eu, porém, irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que continuo sendo perseguido?" (Gl 5.11). Foi uma boa pergunta. Enquanto Paulo pregava a circuncisão, estava seguro. Enquanto mantivesse a barreira étnica e religiosa entre judeus e gentios, os judeus não teriam razão alguma para persegui-lo. Contudo, ele foi perseguido por toda a Ásia Menor, pois os judeus odiavam seu evangelho "livre de lei". A perseguição era a prova que Paulo não pregava a circuncisão.

Circuncisão ou a cruz

Se não era a circuncisão, então o que é que Paulo pregava? Ele pregava a cruz

onde Cristo foi crucificado pelos pecadores.

Como já vimos, pregar a circuncisão é pregar a salvação por mérito humano. A circuncisão salienta que eu posso ser salvo por algum ritual a qual me submeter, ou por alguma obra que eu executar. Independentemente de essa ação envolver a remoção de um prepúcio, a observância de um mandamento, uma penitência ou um ato de devoção, a teologia subjacente é a mesma. Pregar a circuncisão é afirmar que a minha contribuição é essencial para a minha salvação.

Em clara oposição à pregação da circuncisão, está a pregação da cruz. Foi isso que Paulo pregou aos gálatas desde o princípio. Ele claramente expôs a eles "Jesus Cristo [...] como crucificado" (Gl 3.1). Nas palavras do grande teólogo escocês James Denney (1856-1917), "O objetivo da Carta aos Gálatas é mostrar que todo o cristianismo está contido na Cruz".6

Pregar a cruz é pregar a salvação somente em Cristo. É pregar que somente sua morte sacrificial é suficiente para expiar o pecado. É pregar a salvação do valor infinito da obra de Cristo, e não de nossas próprias conquistas indignas. Não há nada que possamos fazer para corrigir as coisas com Deus, mas Deus acertou as contas conosco por meio da morte e do sangue de seu Filho.

Pode-se pregar a circuncisão, ou pode-se pregar a cruz, mas não ambas. Como Paulo disse anteriormente, "se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará" (Gl 5.2). Aqueles que pregam a circuncisão acabam com um cristianismo sem cruz. John Stott explica assim:

"Circuncisão" representa uma religião de realizações humanas, que exalta o que o homem pode fazer por suas próprias boas obras; "Cristo" representa uma religião de realização divina, diz respeito àquilo que Deus fez por meio da obra consumada de Cristo. "Circuncisão" significa lei, obras e escravidão; "Cristo" significa graça, fé e liberdade. Todo homem deve escolher. A única impossibilidade é aquilo que os gálatas tentaram fazer, isto é, acrescentar circuncisão a Cristo e ter ambos. Não. "Circuncisão" e "Cristo" são mutuamente exclusivos.7

Todo pregador deve escolher, assim como todo cristão. Qual será: a circuncisão ou a cruz? A lei ou a graça? As obras ou a fé? Muitas vezes, a escolha se resume

a isto: Você quer ser popular ou você quer ser fiel?

O problema com a pregação da cruz é que se trata de uma mensagem que de uma forma peculiar ofende as pessoas. Como me disse, certa feita, uma senhora que estava encontrando dificuldades para aceitar as reivindicações de Cristo: “Se eu começar a dizer isto para as pessoas, eu não terei mais amigo nenhum!” De certa forma, ela tinha razão. Pregar Cristo crucificado é convidar escárnio, oposição, dificuldade, perseguição e até mesmo a morte. Paulo chamou esse fenômeno de “o escândalo da cruz” (Gl 5.11). Era algo que ele vivia quase todas as vezes que saia para pregar o evangelho. As pessoas ficaram escandalizadas com o que ele dizia sobre a crucificação.

Quando chamou a cruz de “escândalo”, Paulo usou uma palavra grega que literalmente significa “pedra de tropeço”, que foi o mesmo termo usado quando escreveu aos coríntios: “nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Co 1.23-24). Voltando à ilustração da corrida por um momento, a cruz era um obstáculo, algo que repetidamente fazia as pessoas tropeçarem. Para os povos de todo o mundo antigo, a cruz era o principal obstáculo para aceitar o cristianismo.

A cruz escandalizava os romanos. Para eles, a cruz era uma abominação, o mais assombroso meio de execução imaginável, chamada por Cícero de “castigo cruel e repugnante”.8 Na verdade, os romanos não permitiam que seus cidadãos fossem crucificados, e, com o tempo, a palavra latina crux tornou-se um xingamento.9

A cruz escandalizava também aos judeus, para quem ela era maldita. Eles conheciam aquela lei do Antigo Testamento citada por Paulo no capítulo 3, que afirma: “Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro” (Gl 3.13, cf. Dt 21.23). Sendo assim, o evangelho cristão ofendia os judeus porque seu fato mais básico parecia ser a suprema contradição: “Messias Crucificado”.

A atitude judaica em relação à cruz é ilustrada por um diálogo antigo entre Justino, o cristão e Trifão, o judeu. Trifão recusava-se a crer que o Cristo de Deus poderia ter sido crucificado, e disse: “Mas se Cristo deveria ser tão vergonhosamente crucificado, temos dúvida quanto a isso. Pois todo aquele que é crucificado é, de acordo com a lei, maldito, e por isso sou extremamente incrédulo sobre este ponto”.10 A cruz escandalizou os judeus tanto quanto

ofendeu aos romanos.

Até hoje, a cruz permanece sendo uma pedra de tropeço para todo indivíduo moral. Ela escandaliza porque não adula as pessoas que, por sua vez, odeiam ouvir que precisam ir à cruz. O que elas enxergam quando chegam lá é Jesus de Nazaré pendurado como um sacrifício nu e sangrento. O que isso diz sobre elas é que são pecadores que necessitam de um Salvador.

A cruz ofende porque as pessoas não querem admitir que precisam ser salvas por outrem. “Como assim, ‘eu sou um pecador?’”, protestam. “Por que precisaria que alguém morresse por meus pecados?” Conta-se que uma fina senhora inglesa ofendeu-se quando o pregador tentou convencê-la de que precisava ser salva. Após ouvir a mensagem, disse: “Eu sou uma dama; como se atreve a me chamar de pecadora!” Fosse tal senhora uma dama ou não, ela certamente era uma pecadora, e precisava se achegar à cruz para que seus pecados fossem perdoados.

O que torna o cristianismo tão escandaloso é a cruz. A maioria das pessoas preferiria pensar que podem fazer algo para salvar a si mesmas do que admitir que precisam que Cristo as salve. Mas a cruz, escreve F. F. Bruce, “lança por terra toda ideia de realização ou mérito pessoal no que tange a salvação de Deus. Calar-se para receber salvação daquele que foi crucificado, se é este o caso, é uma afronta a todos os conceitos decentes de orgulho próprio e autoajuda – e para muitas pessoas isso permanece sendo a grande pedra de tropeço para o evangelho do Cristo crucificado”.11

Cristo crucificado – mais do que qualquer outra coisa, é por esse motivo que o cristianismo é tão ofensivo para uma cultura pós-moderna. A maioria das pessoas faz um bom juízo de Jesus Cristo, pelo menos como um professor de ética. E elas também não se importam muito com os cristãos, desde que nos ocupemos com nossa própria vida. Não, o que aborrece as pessoas no cristianismo é a afirmação exclusiva sobre o Cristo crucificado. O único cristianismo que elas aceitarão é baseado em um Cristo sem uma cruz.

Perceber isso nos ajuda a entender nossa missão ao mundo. O problema com a maioria dos cristãos é que não sabemos quando ser contundentes. Queremos nos ajustar à nossa cultura. Queremos que as pessoas gostem de nós. No mínimo, não queremos ofender ninguém. E, como resultado, acabamos abandonando exatamente aquilo que deveria chocar as pessoas: Jesus Cristo crucificado. Não

que nós mesmos devêssemos ser mais agressivos do que temos que ser, é claro. Nunca devemos acrescentar nosso próprio escândalo pessoal ao escândalo da cruz, o qual é incisivo o suficiente. Mas, se o cristianismo deve de fato ofender as pessoas, que seja a cruz que as ofenda.Pois de que outro modo as pessoas podem enxergar que são pecadoras? E onde mais elas podem encontrar o Salvador?

Notas

1 MCKNIGHT, Scot. Galatians, The NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 251.

2 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 364.

3 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 135.

4 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther's Works (St. Louis: Concordia, 1963), 27:37.

5 LONGENECKER, Richard N. Galatians, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 1990), 234.

6 DENNEY, James. The Death of Christ (Nova York: Armstrong, 1903), 152.

7 STOTT, John. Message of Galatians, 138.

8 CICERO, In Verrem, In: STOTT, John. The Cross of Christ (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986), 24.

9 BOICE, James Montgomery e RYKEN, Philip Graham. The Heart of the Cross (Wheaton, IL: Crossway, 1999), 137–38.

10 JUSTINO, Flávio. Dialogue with Trypho, a Jew, In: Ante-Nicene Fathers, org. ROBERTS, Alexander e DONALDSON, James. 10 vols. (Nova York, 1885;

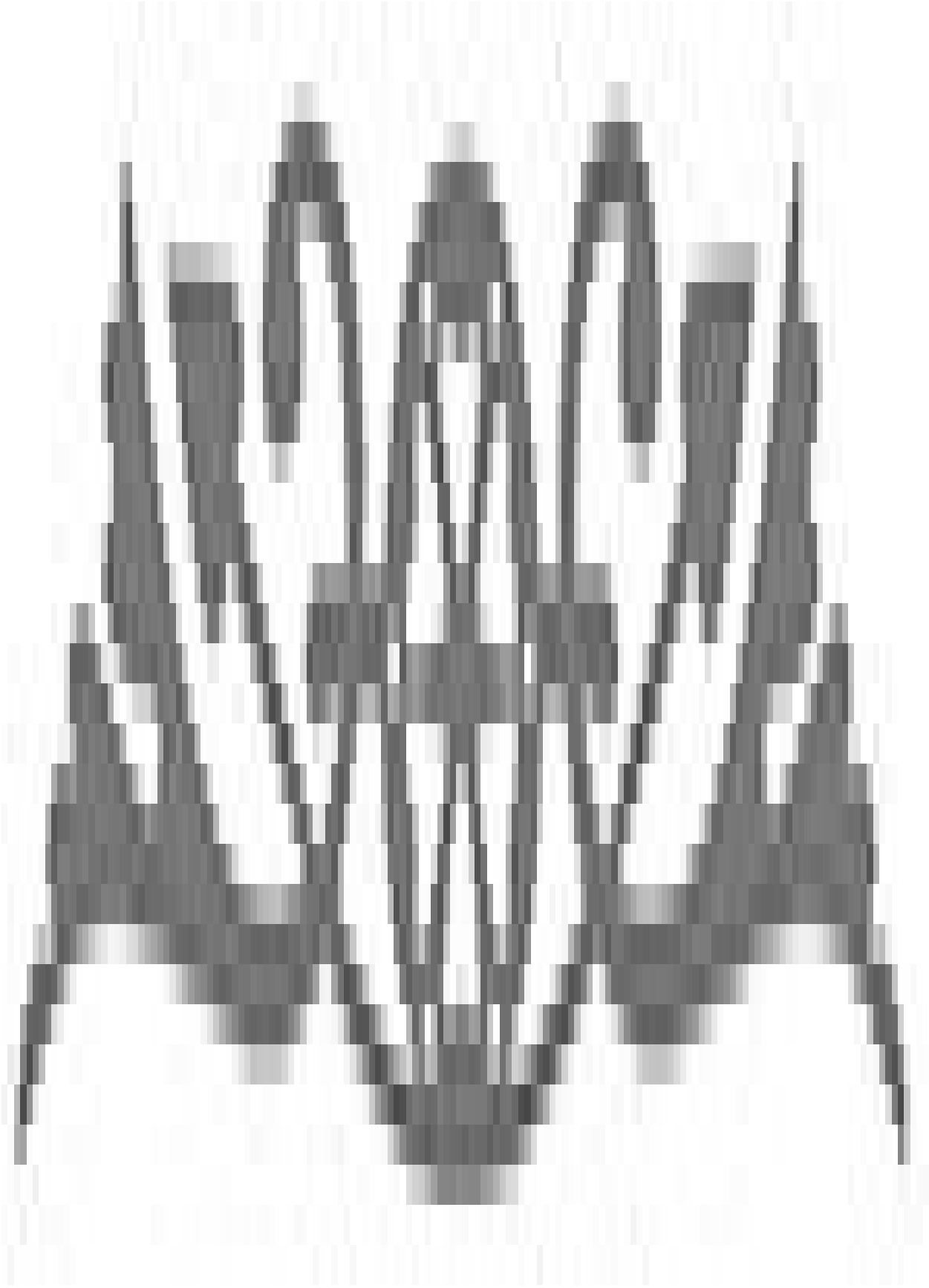
reimp. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 1:244

11 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 238.

18

Liberdade sem licença

Gálatas 5.13-18



[...] vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor [...]. Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne (Gl 5.13,16).

A Carta aos Gálatas é a Carta Magna da liberdade cristã. A liberdade deve sempre ser defendida de seus dois grandes inimigos – legalismo e licença*. Até este ponto, o apóstolo Paulo vem lutando contra o legalismo, que era sua preocupação no início do capítulo 5: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão" (Gl 5.1).

Paulo temia que os gálatas voltassem a cair na escravidão da lei. Alguns mestres tentavam persuadi-los a guardar a lei em vez de crerem no evangelho. Então Paulo desafiou os gálatas a continuar livres em Cristo: livres do pecado, da culpa e da maldição da lei. Ele os advertiu a estar atentos a qualquer pessoa que tentasse tirar sua liberdade.

Licença para matar

Todavia, existe outra ameaça à liberdade, que é a licença. Licença é viver desregradamente. É a liberdade levada ao seu extremo imoral. Uma das definições dadas pelo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa denota o verbete "licença" como: "Vida ou procedimento dissoluto; desregramento moral". O Dicio, Dicionário Online de Português, traz a seguinte descrição: "Liberdade excessiva, contrária ao respeito, à decência, à conveniência; desregramento de costumes, licenciosidade". Enquanto o legalismo exige responsabilidade sem liberdade, a licença concede liberdade sem responsabilidade.

Todo mundo quer ser livre. Os americanos, p. ex., gostam de dizer: "Este é um país livre!" Em nossa economia de livre mercado, desfrutamos do livre comércio e da livre iniciativa. As pessoas querem ter carta branca, rédea solta e um almoço grátis. Afinal, temos as quatro famosas liberdades enunciadas pelo presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt: liberdade de expressão,

liberdade de culto, liberdade da penúria e a liberdade do medo.

O problema acontece quando e onde quer que haja liberdade sem responsabilidade. Infelizmente, é exatamente isso que a maioria das pessoas quer. Considere o antigo provérbio grego que diz “o homem livre é aquele que vive como quer”.1 Ou considere um exemplo mais recente: “amor livre”. Durante a década de 1960, essa frase significava a liberdade de ter relações sexuais indiscriminadas. Tinha pouco a ver com o amor, claro, porque o amor verdadeiro requer compromisso; e também não oferecia verdadeira liberdade, porque o pecado sexual sempre traz uma intensa escravidão espiritual. O “amor livre” significava liberdade sem responsabilidade, o que nem sequer é liberdade, mas apenas licença.

O apóstolo Paulo compreendeu que a licenciosidade representa uma grande ameaça à liberdade, assim como o legalismo, o que originou sua fraternal advertência: “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gl 5.13). Os gálatas haviam sido libertados do legalismo, mas não deveriam usar sua liberdade como uma oportunidade para a licenciosidade.

Quando o texto fala da “carne”, o termo grego usado é sarx. Espiritualmente falando, “a carne” representa mais do que simplesmente o corpo. É a parte de mim que não quer o que Deus quer, a natureza humana corrupta em toda a sua fraqueza e depravação. O corpo é parte dessa condição caída, mas apenas uma parte. “A carne” refere-se à vida não espiritual da pessoa em sua totalidade, que está inclinada ao pecado.

O cristão, porém, precisa resistir a essa inclinação: “não useis da liberdade para dar ocasião à carne”, ou como a Nova Tradução na Linguagem de Hoje diz, “não deixem que essa liberdade se torne uma desculpa para permitir que a natureza humana domine” (Gl 5.13). A palavra grega para “ocasião” (aphormēn) vem do termo militar que descreve a base de operações. A ideia é que não devemos permitir que o pecado use nossa liberdade em Cristo como uma posição fortificada para lançar um ataque espiritual contra nós. O fato de termos sido libertados do legalismo não deve se tornar uma desculpa para satisfazer os nossos desejos.

Quando ouvem falar da livre graça de Deus, algumas pessoas esperam que isso signifique que elas possam pecar o que quiserem. Até mesmo alguns que se

consideram cristãos têm essa atitude. Se Deus já me aceitou em Jesus Cristo, eles se perguntam, então quem se importa com o quanto eu peco?

João Calvino se deparou com essa atitude licenciosa durante a Reforma em Genebra, e alertou sobre o tipo de homem que quer "esticar a liberdade cristã para incluir tudo [...] sem exceções [...] de modo que nada o impeça ou o iniba de se divertir [...]. Estas pessoas frenéticas abolem toda a lei sem qualquer distinção, dizendo que não é mais necessário guardá-la, uma vez que já fomos libertados dela".2

A verdade é que qualquer um que usa a liberdade para satisfazer a carne absolutamente não é livre. Jesus disse: "Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado" (Jo 8.34). Em outras palavras, licença é o completo oposto de liberdade. É, na verdade, uma forma de escravidão. A liberdade real vem quando Cristo nos liberta do pecado, não para o pecado.

A licenciosidade não é apenas autoescravizante, mas também é autodestrutiva, como acrescenta Paulo: "Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos" (Gl 5.15). Esse versículo dá uma ideia do tipo de pecado a que os gálatas se entregaram: vinham travando uma guerra civil, uns contra os outros, só que não era tão civilizada assim. Houve discussões e conflitos, disputas e dissensões. Algumas de suas divergências podem ter sido doutrinárias. Scot McKnight imagina os judaizantes gabando-se, em virtude de sua circuncisão, de que estavam "uma marca acima do restante! "3 Sem dúvida, algumas de suas divergências também eram sociais, na medida em que o ensinamento legalista dos judaizantes agravava as tensões étnicas dentro da comunidade cristã. Mas seja lá qual fosse o conteúdo das discussões dos gálatas, Paulo estava preocupado com que todas essas contendas acabassem dividindo a igreja.

Paulo também se preocupava com que os gálatas acabassem "comendo uns aos outros vivos". As palavras "morder" e "devorar" sugerem que agiam como um bando de animais selvagens. O comportamento deles era bestial. Ben Witherington comenta que aqui Paulo "descreve uma clara progressão – primeiro o animal morde a presa, depois rasga a carne da vítima, e finalmente a consome".4 Quando os gálatas trocaram liberdade por licença, tal troca acabou se tornando uma licença para matar. Conflito na igreja é uma espécie de suicídio espiritual. O pecado é sempre autodestrutivo, e o pecado da divisão inevitavelmente leva à destruição da igreja, o que significa a morte do

testemunho e companheirismo cristão.

Lamentavelmente, a história do cristianismo inclui diversos episódios trágicos de rompimentos e divisões, rupturas e cismas. Em seu comentário sobre esses versículos, João Calvino pede que nos lembremos de que “quando o diabo nos tenta a disputas, o desacordo dos membros dentro da Igreja não leva a nada senão à ruína e à consumação de todo o corpo. Quão infeliz e louco é que nós que somos membros de um mesmo corpo devamos voluntariamente conspirar juntos para a destruição mútua”.5

Um Espírito livre

A única maneira de se libertar do desejo carnal é ser santificado pelo Espírito de Deus. A influência dele sozinha é capaz de impedir que a liberdade se degenere, transformando-se em licenciosidade, pois “onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2Co 3.17). A terceira pessoa da Trindade, poderíamos dizer, é um Espírito “livre”. Ele nos ajuda a manter nossa liberdade sem torná-la nem legalista nem licenciosa.

Paulo emprega diversas expressões diferentes para descrever essa obra libertadora do Espírito Santo. No versículo 16, ele diz: “andai no Espírito”. Uma palavra portuguesa proveniente desse verbo grego para andar (peripateō) é “peripatético”, que significa “ir de um lugar para outro”. Os estudantes de filosofia de Aristóteles eram chamados de “Escola Peripatética”, porque seu professor normalmente os ensinava enquanto caminhava pelos jardins. Semelhantemente, a maneira de aprender a vida cristã é andando com o Espírito Santo todos os dias “para ordenar nossas vidas de acordo com a direção e o movimento do Espírito”.6

No versículo 18, esse estilo de vida é descrito como sendo “guiado pelo Espírito”. O verbo para ser guiado está relacionado com a palavra “aio”, que encontramos pela primeira vez no capítulo 3, onde se diz que a lei era o aio. Era como um agente de liberdade condicional – “nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo” (Gl 3.24). Contudo, agora que viemos a Cristo, precisamos de um tipo diferente de aio. Cristo nos libertou do pecado, da culpa, da morte e do julgamento eterno. Agora precisamos da obra interior do Espírito Santo para nos ensinar como lidar com nossa recém-adquirida liberdade. Ele se torna nosso aio e guia, conduzindo-nos a viver livremente em Cristo.

O Espírito Santo proporciona pelo menos três tipos de liberdade. A primeira é a liberdade do pecado. Paulo já nos alertou para não satisfazermos a carne. A forma de fazer isso – a forma de usarmos nossa liberdade sem abusar dela – é caminhando com o Espírito Santo: "[...] andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne" (Gl 5.16). Esse versículo contém tanto um comando quanto uma promessa. O comando é andar com o Espírito Santo; isto é, viver na atmosfera de sua graça. A promessa é que, quando vivermos uma vida controlada pelo Espírito, não mais nos deixaremos levar por nossos desejos pecaminosos. A promessa é enfática: você não pecará.

Isso explica de que maneira somos santificados. A santificação tem a ver com santidade. É o processo pelo qual o cristão se torna como Cristo: santo em pensamentos, palavras e ações. Muitas vezes, quando querem tornar-se mais santas, as pessoas tentam fazê-lo de forma legalista, cumprindo uma lista de regras. Mas perceba que Deus é o único que nos santifica. E observe como ele o faz: não pela lei, mas pelo seu Espírito. É por esse motivo que Deus é capaz de garantir a nossa santificação, dizendo "jamais satisfareis à concupiscência da carne" (Gl 5.16). À medida que vivemos sob o controle do Espírito de Deus, ele gradativamente nos liberta da nossa servidão ao pecado.

Em segundo lugar, o Espírito Santo traz a liberdade para servir: "porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor" (Gl 5.13). Paulo se refere ao amor do tipo altruísta, proveniente de apaixonar-se por Jesus Cristo. É o tipo de amor que me permite amar meu próximo tão espontaneamente e tão instintivamente quanto eu amo a mim mesmo. Amar dessa maneira é desfrutar da verdadeira liberdade. Enquanto eu servir a mim mesmo, sou um escravo do ego; mas, quando o Espírito me habilita a oferecer amoroso serviço aos outros, então sou livre. A mais livre das pessoas é aquela a quem o Espírito Santo capacitou para amar e servir aos outros.

O que significa, em termos práticos, servir uns aos outros em amor? Significa, escreveu Martinho Lutero,

realizar obras sem importância, como as seguintes: ensinar os perdidos; consolar os aflitos; encorajar os fracos; ajudar o próximo de todas as maneiras possíveis; tolerar as grosserias e indelicadezas deles; suportar os aborrecimentos, as labutas, e a ingratidão e desprezo dos homens tanto na igreja quanto no estado; obedecer os magistrados; tratar os pais com respeito; ser paciente em casa com

uma esposa mal-humorada e uma família incontrolável, e assim por diante.

Em outras palavras, servir os outros em amor requer dispendioso serviço nas tarefas comuns da vida cotidiana. “Mas acredite em mim”, continuou Lutero, “essas obras são tão extraordinárias e brilhantes que o mundo inteiro não pode compreender a sua serventia e valor”.7

O curioso de ter a liberdade para servir os outros de todas essas maneiras é que tal serviço é, na verdade, uma nova forma de escravidão. A palavra “servir” (douleuete, Gl 5.13) é a palavra grega para “ser um escravo” – o tipo de pessoa que lava os pratos e tira o lixo. Então, aqui está o paradoxo: Ao nos deixar livres para servir, o Espírito Santo nos escraviza uns aos outros em amor.

Isso não deve nos surpreender porque é o mesmo paradoxo da vida e da morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Embora seja Senhor de tudo, tornou-se servo de pecadores. Como Paulo explicou aos filipenses, embora Cristo fosse, em sua essência, Deus, ele “não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Fp 2.6-7). A palavra “servo” é a mesma que encontramos em Gálatas; significa “escravo”. Jesus tornou-se nosso escravo, sofrendo e morrendo pelos nossos pecados na cruz.

Agora somos chamados ao mesmo tipo de escravidão voluntária. Martinho Lutero identificou o paradoxo: “Um cristão é um senhor de todos perfeitamente livre, sujeito a ninguém. Um cristão é um servo de todos perfeitamente obediente, sujeito a todos”.8 Lutero quis dizer que a liberdade que temos em Cristo nos obriga a servir uns aos outros em amor. “Nesta liberdade”, prosseguiu Lutero, o cristão deve “esvaziar-se, tomar sobre si a forma de servo, [...] servir, ajudar, e em todos os sentidos lidar com o seu próximo como [...] Deus, através de Cristo, lidou com ele”.9 Nossa liberdade não é egoísta, mas altruísta.

O sensacional é que esse tipo de “escravidão” realmente é liberdade. Agora que Cristo me livrou do pecado e da morte, já não sou escravizado pelo desejo egoísta. Em vez disso, estou liberto para servir aos outros com seu amor. Essa verdade é lindamente expressa no último verso de um hino composto por Anna Waring, em 1850:

No serviço a que tua vontade designa

não há laços para mim;

a meu coração secreto é ensinada a verdade

que torna seus filhos livres;

uma vida de amor altruísta

é uma vida de liberdade.

A lei do amor

O Espírito Santo nos dá verdadeira liberdade em Cristo. A verdadeira liberdade cristã não é para pecar, e sim para servir. Não é licença para satisfazer a nossa natureza pecaminosa, mas liberdade para servir uns aos outros em amor altruísta.

Quando nos amamos uns aos outros no Espírito, também desfrutamos de um terceiro tipo de liberdade: a liberdade para cumprir a lei. Aqui chegamos a um dos mais surpreendentes versos em Gálatas. Depois de sermos ordenados a ser "servos uns dos outros, pelo amor" (Gl 5.13), somos informados de que "toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5.14; cf. Rm 13.9-10). O Espírito nos torna livres para guardar a lei do amor.

Esta lei do amor é familiar. Vem da lei de Moisés: "amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor" (Lv 19.18). Jesus ensinou a mesma coisa. Quando alguém lhe pediu que nomeasse o maior mandamento, disse: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.37-39).

Alguns têm se perguntado por que Paulo menciona apenas o segundo maior mandamento, e não o primeiro. Porém que melhor maneira há de provar que nós amamos a Deus do que amando o nosso próximo? De fato, amar o próximo está bem no cerne do mandamento de Deus; o amor cumpre a sua lei. Mas como Paulo pode dizer isso? Cumprir a lei não é apenas outra forma de legalismo? Não foi Paulo mesmo quem disse todo aquele monte de coisas depreciativas sobre a lei, como "Todos quantos são das obras da lei estão debaixo de maldição" (Gl 3.10), e "De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-

vos na lei; da graça decaístes" (Gl 5.4)? Como pode Paulo nos mandar cumprir a própria lei que ele condena?

A resposta é que a lei deve ser mantida em seu lugar. Como já vimos antes, os reformadores protestantes falaram de vários usos diferentes da lei. O primeiro é nos conduzir a Cristo, o que faz mostrando que não podemos nos justificar a nós mesmos diante de Deus. A lei não é o meio de nossa salvação. Ela não pode nos tornar retos diante de Deus. O máximo que pode fazer por nós, antes que venhamos a Cristo, é nos mostrar o nosso pecado.

Todavia, uma vez conduzidos a Cristo pela lei, ela faz algo mais por nós: mostra-nos como viver para Deus, dizendo-nos para amar o próximo, entre outras coisas. Ela não nos diz que essa é uma maneira de nos acertarmos com Deus – no que diz respeito à justificação, não estamos "sob a lei" (Gl 5.18, cf. 4.21) –, mas é uma forma de vivermos livres no Espírito. Nossa liberdade não é sem lei. Nós não estamos sob a lei; entretanto, cumprimos a lei. Charles Spurgeon (1834-1892) explicou isso de maneira pitoresca:

Qual é a lei de Deus agora? Ela não está acima de um cristão – está sob um cristão. Alguns homens sustentam a lei de Deus como uma vara, em terror, sobre os cristãos, e dizem: "Se você pecar, você será punido com isso". Não é assim. A lei está sob um cristão; serve para ele andar sobre ela, para ser seu guia, seu regulamento, seu padrão: "não estamos sob a lei, mas sob a graça". A lei é o caminho que nos guia, não a vara que nos impulsiona, nem o espírito que nos aciona. A lei é boa e excelente, contanto que permaneça em seu lugar.10

É vital entender que Deus nunca eliminou sua lei. Seus comandos básicos não mudaram. Sua vontade para nossas vidas, como expressa em sua lei moral, é eterna. Jesus disse: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15). Deus ainda quer que nós amemos nosso próximo como a nós mesmos e, fazendo isso, que cumpramos sua lei.

A maneira de manter a lei no lugar dela é sempre pensar nas categorias teológicas adequadas. Embora a lei não possa justificar, ela pode ajudar a santificar. A justificação está relacionada com Deus declarando-nos justos; a santificação está relacionada com Deus tornando-nos santos. A lei não pode nos justificar, pois declara que nós não somos justos. Mas uma vez que Deus tenha

nos declarado justos em Cristo, a lei ajuda a nos santificar mostrando como ser santo. John Stott escreve: “Embora não possamos ganhar a aceitação por guardar a lei, uma vez que tenhamos sido aceitos, devemos guardar a lei por amor àquele que nos aceitou e nos deu seu Espírito para nos capacitar a guardá-la”.11

Uma forma de ilustrar os diferentes usos da lei é comparando a lei de Deus com um par de patins para patinação no gelo. O valor dos patins como um meio de transporte depende totalmente de onde estão sendo usados. Eles são bem desajeitados, p. ex., em asfalto quente ou em um campo gramado. O único lugar em que os patins de gelo são úteis é na pista de patinação, ou talvez em uma lagoa congelada. Semelhantemente, antes de nos achegarmos a Cristo, a lei não pode nos ajudar a agradar a Deus. Na verdade, quanto mais tentamos usá-la para nos tornar bons o suficiente para Deus, mais tropeçamos e caímos. Porém vir à fé em Cristo é como ir à pista de gelo. Uma vez que recebemos seu Espírito, os patins de gelo da lei de Deus nos ajudam a deslizar pela vida cristã.

Estamos libertos da lei; agora o Espírito usa a lei para nos ajudar a exercer nossa liberdade. O que nos permite viver uma vida santa não é apenas a restrição externa da lei, mas a compulsão interior do Espírito. É isso o que os profetas disseram ao prometerem que a lei de Deus seria inscrita em nossos corações (Jr 31.33), ou o que o apóstolo Tiago afirmou quando disse “lei da liberdade” (Tg 1.25). É também o que Paulo explicou aos romanos:

[...] a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8.2-4).

Nós jamais poderíamos ser salvos pela lei porque somos violadores da lei. Em vez disso, somos salvos por Jesus, que guardou a lei em nosso favor. E agora a lei é cumprida em nós ao vivermos pelo Espírito. Donald Hagner escreve:

Aqui está, mais uma vez, o paradoxo em sua totalidade: estamos libertos da lei a fim de produzir uma justiça que corresponde à justiça que a lei exigiu. Isto se dá

porque o ensinamento que serve como nosso guia para a justiça – o ensinamento de Cristo e seus apóstolos – é, na verdade, uma exposição do significado máximo da lei mosaica [...]. O conteúdo da lei, então, não mudou fundamentalmente. Somente a dinâmica – o meio pelo qual podemos chegar à justiça – que difere drasticamente. Viver a justiça da lei não resulta em um relacionamento correto com Deus; antes, estar em uma relação correta com Deus por meio da fé em Cristo resulta em viver a justiça da lei. O cristão – por meio do poder do Espírito Santo que nele vive, e não por meio da dinâmica de seus próprios esforços para ser justo pela guarda da lei – manifesta uma vida de contínuo crescimento em justiça.12

A guerra interior

Com toda essa conversa sobre liberdade, seria fácil presumir que a vida cristã é uma grande sucessão de triunfos espirituais. Afinal de contas, estamos livres do pecado: se vivemos pelo Espírito, não satisfaremos os desejos da natureza pecaminosa. E estamos livres para servir: ao sermos guiados pelo Espírito, cumprimos a lei do amor. Contudo, a realidade é que os cristãos frequentemente sofrem amargas derrotas espirituais. Nós ainda pecamos. Nem sempre nós queremos servir. Assim, deixamos de cumprir a lei do amor de Deus. Como podemos explicar a suposta contradição entre nossa liberdade e nossas falhas?

Martinho Lutero enfrentou o mesmo dilema. Apesar de todas as suas tentativas de viver uma vida santa, houve momentos em que ficou tentado a pecar. E não apenas tentado. Houve momentos em que Lutero cometeu pecados muito carnais, o que o deixou preocupado de não ser realmente um cristão. Talvez você tenha tido suas próprias dúvidas. Alguma vez, seus pecados já o fizeram questionar sua salvação?

Um dos versículos que mais ajudaram Lutero em sua luta espiritual veio de Gálatas 5: “Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam” (Gl 5.17 - NVI). Lutero usou este versículo para pregar para si mesmo: “Martinho, você nunca estará completamente sem pecado, porque você ainda tem a carne. Portanto, você sempre estará ciente deste conflito, de acordo com a declaração de Paulo: ‘a carne deseja o que é contrário ao Espírito’. Sendo assim, não se desespere, mas reaja e lute, e não satisfaça os desejos da carne.”13

Este versículo descreve a guerra interior, o constante conflito que toma conta do coração humano. Um desejo se agarra ao outro, como dois gigantescos lutadores de sumô tentando empurrar o rival para fora do ringue – carne contra espírito, natureza pecaminosa contra natureza regenerada. O resultado desse conflito é que nem sempre fazemos o que queremos fazer. Com frequência, fazemos exatamente o oposto, porque a carne batalha contra o Espírito. Paulo expandiu esta ideia em sua Carta aos Romanos: “Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto [...]. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7.15,18-19).

Ao mesmo tempo, o Espírito luta para impedir que a carne satisfaça seus desejos pecaminosos. Eis como um comentarista descreve a batalha que se segue: “A carne opõe-se ao Espírito para que os homens não façam o que querem de acordo com a mente do Espírito, e o Espírito se opõe à carne para que não façam o que querem segundo a carne. Se o homem escolhe o mal, o Espírito o contraria; se escolhe o bem, a carne o impede”.14

Note que esta é a condição espiritual do crente. Quando Paulo diz: “não façais o que seja do vosso querer”, ele está falando com os cristãos da Galácia que já haviam recebido o Espírito Santo (cf. Gl 3.3) e que eram membros da igreja de Jesus Cristo. A luta espiritual entre a carne e o Espírito ocorre no interior do cristão.

É a isso que Martinho Lutero se referiu quando disse que o cristão é “parcialmente justo e parcialmente pecador” (simul justus et peccator). O cristão é praticamente uma autocontradição, puxado pela carne e pelo Espírito em duas direções diferentes ao mesmo tempo. O que ocorre dentro do coração, da mente, da alma e do corpo do crente não é nada menos que uma guerra civil, um confronto violento entre forças opostas, de um “antagonismo irreconciliável”.15

Isso nos ajuda a reconhecer que a vida espiritual sempre será uma luta. Pode ser diferente, quando a nossa carne deseja o que é contrário ao Espírito de Deus? Não devemos nos surpreender com o pecado, como se esperássemos que Deus nos tornasse perfeitos nesta vida. Nem deve o pecado fazer-nos duvidar da nossa salvação. Pelo contrário, o momento em que somos mais conscientes do nosso pecado é quando o Espírito está mais ativo na batalha contra o nosso velho adversário: o desejo pecaminoso.

Perceba, também, que a guerra não durará para sempre. Não estamos lutando uma batalha perdida; nem a luta entre a carne e o Espírito terminará em um impasse. Um dia, o Espírito ganhará a vitória total e a carne não nos atormentará mais. Então seremos livres em todos os sentidos que o Espírito quer tornar livres: livre do pecado, livre para servir e livre para cumprir a lei de Deus. Nós estaremos livres para fazer o que mais queremos fazer, que é aquilo que Deus quer que façamos.

Mesmo agora, podemos começar a experimentar essa vitória seguindo as ordens de marcha de Deus: "Viva pelo Espírito. Caminhe no Espírito. Seja guiado pelo Espírito". O grande pregador escocês do século 18, Ralph Erskine (1685-1752) escreveu sobre isso em um de seus "Cânticos do Evangelho":

Quando certa vez a impetuosa lei de Deus

Me perseguiu até a estrada do evangelho;

E de volta para a lei sagrada

A mais amável graça do evangelho extrairá

A lei mais perfeita ainda permanece,

E todo o dever contém:

O evangelho de sua perfeição fala,

E, assim, provê tudo o que busca.

Um rígido mestre era a lei,

Exigindo tijolo, negando palha,

Mas quando, com a língua do evangelho, ela canta,

Me faz voar e me dá asas.16

Notas

* Esclareço que, assim como acontece no original em inglês, a aplicação da palavra portuguesa “licença” não é a mais comum. Por esse motivo, no próximo parágrafo, o próprio autor apresenta a definição a que se refere, citando o texto de dicionários. (N. da T.)

1 DUNN, James D. G. The Epistle to the Galatians, Black’s New Testament Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1993), 287.

2 CALVINO, João. Treatises against the Anabaptists and against the Libertines, org. FARLEY, B. W. (Grand Rapids: Baker, 1982), 271.

3 MCKNIGHT, Scot. Galatians, NIV Application Commentary (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 267.

4 WITHERINGTON III, Ben. Grace in Galatia: A Commentary on Paul’s Letter to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1998), 384.

5 CALVINO, JOÃO. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin’s New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 102.

6 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 365.

7 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther’s Works (St. Louis: Concordia, 1963), 27:56.

8 LUTERO, Martinho. Christian Liberty, org. GRIMM, Harold J. (Filadélfia: Fortress, 1957), 7.

9 Ibid.

10 SPURGEON, Charles Haddon. The New Park Street Pulpit (1857; reimpr. Pasadena, TX: Pilgrim, 1975), 2:124.

11 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 143.

12 HAGNER, Donald. “The Law in Paul’s Letter to the Galatians,” Modern Reformation 12.5 (Setembro/Outubro 2003): 36.

13 LUTERO, Martinho. Galatians, 27:73.

14 BURTON, E. De Witt. A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians (Edimburgo: T & T Clark, 1921), 302.

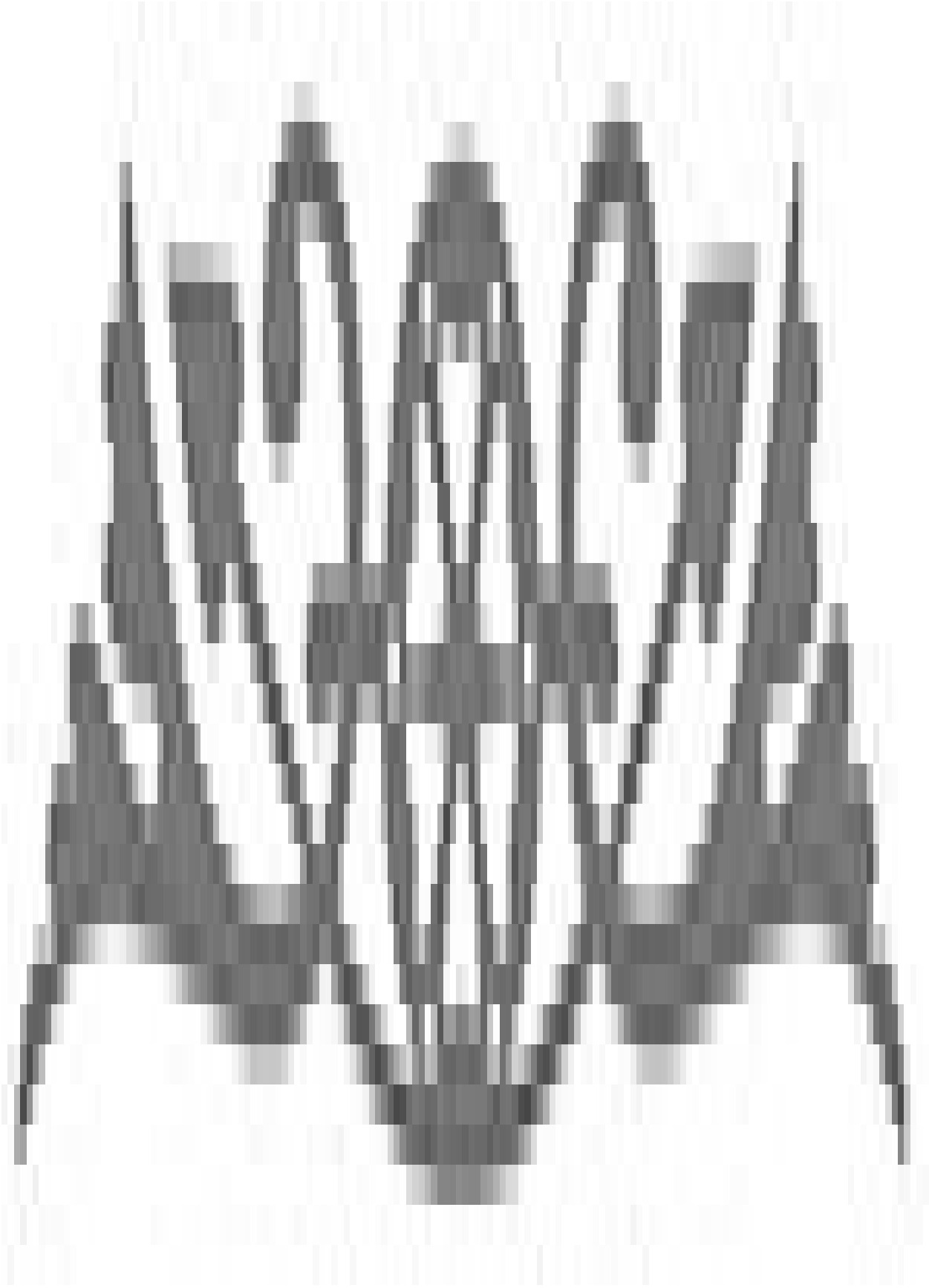
15 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 146.

16 ERSKINE, Ralph. In: GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 384.

19

Como produzir bom fruto espiritual

Gálatas 5.19-26



[...] os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito (Gl 5.24-25).

Em uma bela noite de verão, eu caminhava por uma tranquila rua residencial no centro da cidade. Olhei para cima e vi uma frondosa árvore iluminada pelo poste de luz. As folhas na árvore estavam dançando e cintilando na brisa. Enquanto me detive por um momento para admirar sua beleza, percebi que a árvore ao seu lado estava morta – totalmente estéril, sem quaisquer folhas, flores ou frutos. Gálatas 5 traça um contraste semelhante. Os versículos 19 a 21 descrevem a infrutífera existência da carne, ou da natureza pecaminosa. Os versículos que se seguem descrevem a obra frutífera e produtiva do Espírito Santo na vida do cristão.

O contraste é tão absoluto quanto a diferença entre a vida e a morte. O apóstolo Paulo já explicou que a carne e o Espírito são inimigos fatais, engajados em combate mortal. As paixões da natureza pecaminosa estão em guerra com os desejos da natureza regenerada (Gl 5.17). Essa batalha acontece dentro do coração, mente, alma e corpo do crente. Nesse conflito, espera-se que o cristão viva pelo Espírito, em vez de satisfazer a carne.

As obras da carne

A fim de seguir essa ordem, o cristão precisa conhecer a diferença entre a carne e o Espírito, entre a natureza pecaminosa e a natureza regenerada. Felizmente, tal diferença não é difícil de distinguir: “Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas” (Gl 5.19-21).

Catálogos de vícios eram comuns no mundo antigo, e muito provavelmente os gálatas já tinham se deparado com listas como essa. Existem outros exemplos no Novo Testamento (veja Rm 1.29-31; 2Tm 3.2-5), e também nos escritos de diversos autores clássicos. Não há duas listas iguais, nem na Bíblia, nem na literatura pagã.

Os pecados dessa lista são tão familiares que requerem pouca explicação. O inventário começa com a "prostituição", que, às vezes, é chamada de "fornicação", termo que foi usado para se referir a qualquer tipo de pecado sexual, mas especialmente para relações sexuais entre pessoas que não são casadas entre si. O pecado sexual era comum no mundo pagão, assim como a "impureza", que se refere não apenas ao pecado sexual, mas também a qualquer tipo de imundícia. "Lascívia" é indecência, uma falta de respeito pelo que é correto e bom. Abrange não apenas o envolvimento em comportamento imoral, mas também o exibicionismo público.

"Idolatria", claro, significa a adoração de outros deuses. É a busca para encontrar nossa identidade e segurança em qualquer coisa ou em qualquer ser além do verdadeiro Deus. "Feitiçaria", ou bruxaria, é a adoração do que é mau. Isto obviamente incluiria formas contemporâneas de ocultismo, tais como a magia negra e a adoração a Satanás. No entanto, a palavra grega que é usada aqui para "feitiçaria" (pharmakeia) fornece a origem para a palavra portuguesa "farmácia". Este é um lembrete de que no mundo antigo as bruxas costumavam preparar e administrar venenos letais. Assim, os paralelos pós-modernos à bruxaria antiga deveriam incluir o aborto e a eutanásia – formas de provocar morte que, em nossa cultura, são geralmente realizadas por médicos. De acordo com a Bíblia, tais atividades estão entre as conhecidas obras perversas da carne.

Muitas das demais práticas da lista de Paulo estão relacionadas com o colapso da comunidade cristã. Dessa forma, confirmam o que já suspeitamos, isto é, que as divisões eram um grande problema para a igreja da Galácia. A palavra grega para "inimizade" (echthra) está intimamente relacionada com a palavra grega para "inimigo" (echthros). Essa forma de ódio inclui qualquer tipo de hostilidade política, racial ou religiosa, seja pública ou privada. A "porfia" é rivalidade ou discórdia, proveniente de um espírito conflituoso. "Ciúme" é o tipo errado de zelo, tal qual Paulo tinha antes de se tornar um cristão (cf. Fp 3.6). Com frequência, ele leva à "ira", as explosões cheias de raiva que resultam de um mau temperamento. Aristóteles comparou este termo a cães que "ladram a qualquer batida à porta, antes de olhar para ver se é um amigo".1

A lista continua, pois a natureza pecaminosa produz uma variedade aparentemente infinita de pecados. Algumas pessoas querem avançar à custa dos outros, e se tornam responsáveis por "discórdias". Outras tomam partido, causando "dissensões" e "facções". A palavra portuguesa "heresia" vem do termo grego para "divisões" (haireseis). De fato, o erro teológico sempre divide

a igreja, ao passo que uma clara separação deve ser feita entre a doutrina verdadeira e a falsa.

Quais são algumas outras obras da carne? Pessoas tendem a ficar infelizes quando outras alcançam sucesso, e o termo apropriado para tal sentimento rancoroso é “inveja”. “Os invejosos”, disse Sócrates, “se doem pelos sucessos de seus amigos”.2 Para dar um exemplo mais contemporâneo, a inveja é o vício retratado numa charge que figura um cachorro sentado em um bar e dizendo: “Não basta que os cães vençam; os gatos também têm que perder”. Sempre que nos regozijamos com as desgraças dos outros, incluindo nossos amigos, somos culpados de inveja.

Finalizando, há mais dois pecados do corpo, beber demais e comer demais: “bebedices” e “glutonarias”. A Bíblia não proíbe o álcool, assim como não proíbe a comida, mas sempre condena a embriaguez. O termo usado aqui descreve rodadas e rodadas de bebedeira – como o que hoje em dia chamam de “tomar todas”. Outras traduções da Bíblia empregam o termo “orgias”, e ressalto que Paulo se refere não apenas a comportamento de cunho sexual, mas a festanças desenfreadas de todos os tipos, incluindo as celebrações realizadas em templos pagãos.

Mais à frente neste capítulo, o apóstolo acrescenta mais alguns pecados à sua lista: “Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros” (Gl 5.26). Esse versículo trata sobre o orgulho espiritual, a obra da carne que destrói a comunhão. Por pensarem que são superiores, os orgulhosos humilham os demais, e assim os provocam. Aqueles que se sentem inferiores, por outro lado, invejam os outros e ficam ressentidos com o sucesso deles. De ambos os modos, relacionamentos são destruídos.

Resumindo, é uma lista e tanto. Ela inclui pecados sociais e pecados sexuais, pecados do corpo e da alma, pecados comuns entre os cristãos assim como entre os pagãos. Paulo termina seu inventário com “coisas semelhantes a estas” para mostrar que dava para continuar. Mas seu assunto principal é todo o estilo de vida que esses atos da carne representam, e não determinado pecado em particular. A única coisa que a natureza pecaminosa pode produzir é uma vida profana, impura, cruel e indisciplinada. Isso ninguém pode contestar. A pecaminosidade da natureza pecaminosa é óbvia a ponto de ser autoevidente, em parte porque nós mesmos temos cometido tantos desses atos mortais. O puritano William Perkins disse que essa lista de vícios é um espelho para revelar a

corrupção de nossos próprios corações.3

O que Paulo diz em seguida é extremamente preocupante. Depois de ter enumerado os feitos da carne, ele continua seu texto alertando para onde tais ações naturalmente levam (ou melhor, para onde não levam): “eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gl 5.21). Isso soa como um eco do ensinamento de Jesus, que com muita autoridade falou sobre a vinda do reino de Deus. O que Paulo quer dizer com “reino” é o reino final de Deus – o lugar de seu reinado eterno, ou seja, o céu. Herdar o reino de Deus é adentrar em sua posse legítima, por meio do recebimento do dom gratuito da vida eterna.

Aparentemente, Paulo já tinha advertido os gálatas sobre isso. Ele havia dito que, embora as boas obras não possam levar alguém para o céu, as ações malignas certamente podem manter alguém fora dele. As pessoas que executam os atos da natureza pecaminosa não herdarão a vida eterna. Talvez seja significativo que Paulo se refira aos atos da natureza pecaminosa como as “obras da carne”. Esse é um lembrete de que as obras não podem salvar. Independentemente de serem obras da lei, obras da carne ou qualquer outro tipo de obras, elas não conduzem ao céu.

Então significa que qualquer pessoa que seja culpada de qualquer um dos vícios que Paulo descreve em Gálatas 5.19-21 vai para o inferno? Certamente, quem comete esses pecados merece ir para lá, e por essa razão devemos levar esses e quaisquer outros pecados a sério. Mas lembre-se de que o cristão, mesmo o “cristão cheio do Espírito”, ainda possui uma natureza pecaminosa. Logo, de tempos em tempos, mesmo os crentes cometem esses mesmos pecados. Com isso em mente, é importante saber que, quando Paulo se refere a “aqueles que praticam essas coisas” (Gl 5.21 - NVI), o verbo grego (prassontes) indica ação habitual, não um lapso ocasional. O apóstolo não se refere a cristãos que de vez em quando cometem um desses pecados numa falha de bom senso; o cristão sabe em todo o tempo que está entristecendo o Espírito Santo e anseia por conseguir parar. Em vez disso, Paulo fala aqui a respeito de pessoas cujas vidas são dominadas pelo pecado, que estão entregues de alma e coração à imoralidade, idolatria, feitiçaria e inveja.

Esse não é o tipo de vida que leva ao céu. Muito pelo contrário. Por que alguém que ama quebrar as regras de Deus desejaria estar em um lugar onde as regras de Deus são sempre cumpridas? Aqueles que praticam seus vícios regularmente

precisam se arrepender de seus pecados e deixar seu velho estilo de vida para trás, antes que caiam no julgamento eterno.

Mas, e os cristãos que sentem – talvez com certa razão – ser dominados por um pecado viciante como a pornografia ou anorexia? Eles devem acatar a advertência de Paulo de que aqueles que vivem dessa maneira não herdarão o reino de Deus. Mas não devem se desesperar. O próprio fato de que estão preocupados sobre sua condição espiritual demonstra que o Espírito está trabalhando, e que ele os capacitará a viver uma vida que agrada a Deus cada vez mais.

O fruto do Espírito

Existe uma razão pela qual a carne produz tamanho mal comportamento. É simplesmente "fazer o que vem naturalmente". Jesus disse: "Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore" (Mt 12.33). A natureza pecaminosa produz pecado porque sempre foi uma árvore má desde o começo. Por outro lado, o Espírito é uma boa árvore produzindo rica e abundante virtude: "[...] o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5.22-23).

O maior destes é o "amor" (cf. 1Co 13.13), que é a mais elevada de todas as virtudes e o fundamento de toda piedade: "O amor não é uma virtude entre uma lista de virtudes, mas a soma e substância do que significa ser um cristão".4 A palavra grega usada aqui para "amor" – agapē – parece ter sido patenteada pelos escritores do Novo Testamento. É o tipo de afeição altruísta e sacrificial que nos capacita a servir uns aos outros em amor (Gl 5.22). Amor também é o que devemos devolver a Deus, que nos amou primeiro por meio do sofrimento e da morte de seu Filho, e que então derramou seu amor "em nosso coração pelo Espírito Santo" (Rm 5.5).

Então vem "alegria", cujo significado se aproxima mais da ideia de contentamento do que de felicidade. Alegria é a capacidade de extrair bom ânimo a partir do evangelho. Desse modo, não é uma resposta espontânea a algum prazer temporário. Ela absolutamente não depende das circunstâncias. Antes, baseia-se em regozijar-se com sua identidade eterna em Jesus Cristo. Com a alegria vem a "paz", uma sensação de plenitude e bem-estar. John

MacArthur escreve: “Se a alegria fala da euforia do coração proveniente de estar acertado com Deus, então a paz se refere à tranquilidade de mente proveniente dos relacionamentos salvadores”.5 Tal tranquilidade pode ser desfrutada tanto com Deus quanto com os outros. “Temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1), e, se temos paz com Deus, somos capazes de fazer as pazes com os outros.

Assim como a paz, as próximas virtudes trazem harmonia às relações humanas. A “longanimidade” é ser paciente diante das dificuldades – a habilidade de resistir a adversidades. Uma pessoa longânime tem um pavio comprido. É firme e persistente, disposta a sofrer provocações ou mesmo perseguições sem se queixar. “Benignidade” é mais do que um ato aleatório de consideração. É uma disposição constante de ajudar, a extensão da graça de Deus para aqueles que nos rodeiam por meio de ações concretas de cuidado. Estreitamente relacionada com ela está a “bondade”, um termo geral comum para a virtude entre os pagãos, já que conota completa excelência moral. Aqui ela é santificada pelo Espírito Santo, e indica uma disposição para ser generoso.

A seguir vem a “fidelidade”, a confiabilidade proveniente de confiar no Deus da Bíblia. A pessoa fiel é confiável para tarefas importantes, leal a amigos e responsável em emergências. Acompanhando a fidelidade, vai a “mansidão”, uma graça interior que, às vezes, é chamada de “gentileza” ou “meiguice” e é frequentemente descrita como “poder sob controle”. A pessoa gentil tem um doce temperamento de espírito em relação a Deus, aos outros e às frustrações diárias da vida. Ela não é propensa à raiva, mas é humilde, doce e suave.

Por fim, há o “domínio próprio”, que significa temperança ou moderação, especialmente em assuntos sensuais como comida, bebida e sexo. Essa sóbria virtude impede que a liberdade se torne licença (ou libertinagem) na vida cristã. Uma pessoa com domínio próprio possui o controle e a autodisciplina para não ser governada pela paixão e, portanto, é capaz de resistir à tentação.

Este catálogo de virtudes espirituais não é fechado. Paulo deixa indício disso quando se refere ao fruto do Espírito como “estas coisas” (Gl 5.23). Algumas graças que não estão nessa lista – como a esperança, ou a piedade – aparecem em outras passagens do Novo Testamento. Mais uma vez, a intenção não é tanto explanar os traços específicos de caráter, mas sim todo o estilo de vida que eles representam.

Todas as graças do Espírito estão interligadas, o que talvez explique por que a palavra “fruto” ocorre no singular. O fruto do Espírito é uma vida espiritual inteira que está enraizada no único Espírito de Deus. Para mudar o quadro por um momento, essas virtudes não são nove pedras preciosas diferentes, mas nove facetas diferentes da mesma deslumbrante joia. Fruto espiritual é diferente de dons espirituais neste aspecto, uma vez que a maioria dos cristãos tem apenas um punhado de dons. Mas não é possível optar e escolher dentre o fruto espiritual da mesma forma que selecionamos frutas e legumes no supermercado. Há apenas um fruto, o qual todo cristão produz, mesmo que em quantidades variadas e com diferentes graus de doçura.

O contraste entre o fruto especial do Espírito e o pomo amargo da natureza pecaminosa não poderia ser mais nítido. O fruto do Espírito é o completo oposto das obras da carne. Quando se trata de santidade, o Espírito produz mesmo. Ele provê bons frutos de uma boa árvore, o produto de toda uma nova natureza espiritual em Cristo.

Um bom meio de estudar esta passagem é contrastar o fruto do Espírito com o que poderia ser chamado de “ervas daninhas do diabo”. Cada fruto tem seu oposto, uma erva daninha que tenta sufocá-lo. De fato, muitas dessas ervas crescem na lista de vícios de Paulo (Gl 5.19-21). A erva daninha que tenta sufocar o amor é a inimizade. Dissenções atrofiam o crescimento da paz. A longanimidade é afligida pela ira. A erva daninha que cresce em torno do domínio próprio é a lascívia, e assim por diante.6

Outra maneira de estudar o fruto do Espírito é comparando-o com o caráter de Deus. Amor, paz, bondade, fidelidade – tudo isso são atributos divinos. Nós os vemos revelados na obra de Deus Filho, que foi paciente no sofrimento, fiel a seus discípulos, gentil com as crianças e amoroso em sua bondade para com os pecadores. James Dunn acertadamente chama Gálatas 5.22-23 de um “esboço do caráter” de Cristo.7 Visto que o Espírito é o Espírito de Cristo, é natural que ele reproduza as virtudes de Cristo na vida do cristão. Jesus é a videira; nós somos os ramos (Jo 15.5). O Espírito Santo nos conecta à videira e, assim, produz em nós o fruto do próprio Cristo.

Não cultivamos esse fruto sozinho. É por isso que é chamado o fruto do Espírito, em vez de as obras do Espírito. S. H. Hooke comenta: “Uma videira não produz as uvas por um Ato Parlamentar; elas são o fruto da própria vida da videira; de modo que a realização que corresponde ao padrão do Reino não é produzida por

qualquer ordem, nem mesmo de Deus, mas é o fruto dessa divina natureza que Deus dá como resultado do que ele fez em e por Cristo".8 O fruto do Espírito é o produto natural de sua graciosa influência interior, o resultado espontâneo e inevitável da união que causa entre nós e Jesus Cristo. Levará tempo para crescer, mas vai crescer, porque Deus o fará crescer. Nossa tarefa nesse meio tempo é cultivar esse fruto espiritual.

Observe que esse é um catálogo de virtudes e não uma lista de regras. Talvez seja por isso que Paulo termina dizendo: "Contra estas coisas não há lei" (Gl 5.23). Este é um eufemismo deliberado. A razão pela qual não há lei contra essas virtudes é porque são, elas mesmas, compostas de lei e, assim sendo, aqueles que as praticam cumprem a lei.

Isso não significa que o Espírito emite um comando para cada situação. Realmente, se pensarmos nesta lista como um guia de procedimentos para a vida cristã, corremos o risco de voltar à justiça pelas obras. Lembre-se, não estamos sujeitos à lei. No entanto, o Espírito não é sem lei. Sua liberdade não leva à licença (ou libertinagem). Ao contrário, ele insere em nós aquelas predisposições que levam à santidade. Seu fruto é composto de hábitos do coração que produzem uma rica colheita de amorosa obediência. E, paradoxalmente, a vida que o Espírito produz em nós se conforma à mesma lei que não pode nos justificar. Para repetir uma citação de Donald Hagner:

Estamos libertos da lei a fim de produzir uma justiça que corresponde à justiça que a lei exige [...] O conteúdo da lei não mudou fundamentalmente. Somente a dinâmica – o meio pelo qual podemos chegar à justiça – que difere drasticamente. Viver a justiça da lei não resulta em um relacionamento correto com Deus; antes, estar em uma relação correta com Deus por meio da fé em Cristo resulta em viver a justiça da lei.9

Com o passar do tempo, torna-se quase natural viver no Espírito, exceto por ser, na verdade, sobrenatural. J. I. Packer escreve: "A santidade é a naturalidade do homem espiritualmente ressuscitado, assim como o pecado é a naturalidade do homem espiritualmente morto e, ao buscar a santidade por meio da obediência a Deus, o cristão realmente segue o mais profundo impulso do seu próprio renovado ser".10 Nós não temos que viver como legalistas para cumprir a lei. O que precisamos é do Espírito Santo.

Mortifique a carne

O Espírito Santo não produz fruto na vida cristã sem a nossa cooperação. Há duas coisas que todo cristão deve fazer para permanecer frutífero. A primeira é mortificar a carne: “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). A mortificação é uma das doutrinas mais negligenciadas da fé cristã, mas também uma das mais importantes. Na verdade, o crescimento espiritual é quase impossível sem ela. É à mortificação que Paulo se refere quando afirma aos romanos: “Considerai-vos mortos para o pecado” (Rm 6.11). Isso significa simplesmente entregar o pecado à morte, o que o puritano William Ames (1576–1633) chamou de “o despojamento do pecado”.11

Como já vimos, o Espírito está ativamente envolvido em um combate mortal com a carne. Os desejos da natureza regenerada travam guerra contra as paixões da natureza pecaminosa. Nessa guerra não haverá trégua. A natureza espiritual não pode entrar em negociações de paz com a natureza pecaminosa. Nem pode se render. O Espírito deve combater o pecado até a morte. Destarte, quando o Espírito captura a carne, ele não apenas a mantém prisioneira; ele comete o máximo ato de guerra. O Espírito submete a natureza pecaminosa à morte. E não qualquer morte. O meio de execução é a crucificação. É assim que John Stott explica:

“Levar a cruz” foi a vívida figura de linguagem do nosso Senhor para a abnegação. Todo seguidor de Cristo deve comportar-se como um criminoso condenado e levar sua cruz ao local de execução. Agora Paulo leva a metáfora à sua conclusão lógica. Não devemos apenas pegar a nossa cruz e andar com ela, mas sim, realmente assegurar que a execução aconteça. Na verdade, nós devemos tomar a carne, o nosso ego teimoso e rebelde, e cravar à cruz.12

Pense quão apropriado é que a natureza pecaminosa seja crucificada. A crucificação era uma maneira vergonhosa de morrer. Estava reservada para criminosos insensíveis, para traidores e assassinos, a escória da sociedade. Mas o que é mais vergonhoso do que a natureza pecaminosa, a qual se rebela contra Deus e assassina a alma humana?

A crucificação era uma maneira dolorosa de morrer, o mais doloroso meio de execução já desenvolvido pelos seres humanos. Era excruciante, no pleno e perfeito sentido da palavra. Da mesma forma, a mortificação do pecado é dolorosa. Não é dolorosa para o corpo (como se tivéssemos que torturar a nós mesmos a fim de agradar a Deus), mas para a alma. A razão pela qual a santificação é um processo tão doloroso é que sempre há algo excruciante sobre condenar nossos pecados à morte. Nossa natureza pecaminosa os ama tanto que secretamente esperamos que eles vivam.

A crucificação era uma maneira gradativa de morrer, pois as vítimas frequentemente ficavam penduradas na cruz por dias antes que expirassem o último suspiro. John Brown escreveu:

A crucificação era uma punição apropriada aos piores crimes da classe mais sórdida de criminosos, e produzia a morte, não de súbito, mas gradualmente". Semelhantemente, "verdadeiros cristãos [...] não obtêm sucesso em destruir completamente [a carne] enquanto aqui embaixo; mas a fixaram na Cruz e estão determinados a mantê-la ali até expirar.13

Tratando-se de eliminar o pecado, não há atalhos, apenas uma morte longa, lenta e dolorosa.

A última coisa a ser dita sobre a crucificação é que ela sempre era definitiva. Aqueles que eram crucificados podem ter morrido lentamente, mas sempre morriam ao final, porque os soldados garantiram que as vítimas não fossem retiradas de suas cruzes até que estivessem real e verdadeiramente mortas. O mesmo acontece na guerra do Espírito contra a carne. Deus não está lutando uma batalha perdida. A natureza pecaminosa já recebeu seu golpe mortal, e o Espírito certificará que ela permaneça na cruz até que expire. A questão não é se morrerá, mas apenas quando.

O pecado recebeu esse golpe fatal na cruz de Cristo. Encontramos a morte de nossa própria natureza pecaminosa na morte de Cristo, por meio do que J. I. Packer chama de "cocrucificação com Jesus Cristo".14 Há uma ligação entre Gálatas 5.24 e Gálatas 2.20 ("Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim"). Mas observe uma diferença muito importante. No capítulo 2, nós somos crucificados; no capítulo 5, somos nós que

crucificamos: “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne” (Gl 5.24). Este versículo descreve uma crucificação realizada por aqueles que são literalmente “de Cristo”. Em outras palavras, o próprio povo de Deus é o carrasco. Visto que o verbo é expresso no pretérito perfeito, sabemos que esse evento já ocorreu. Mas quando? A primeira vez que crucificamos a natureza pecaminosa foi em nossa conversão, quando nos achegamos à fé em Jesus Cristo. Naquela altura, fomos para o Calvário, onde Cristo foi crucificado. Ali, nos unimos a ele em sua morte. Quando colocamos a nossa confiança nele, não foi apenas para morrer por nossos pecados, mas também para submeter nossos pecados à morte. A cruz de Cristo significa morte para a nossa carne.

O problema é que nossa natureza pecaminosa dá um jeito de descer de volta dessa cruz. Quando isso acontece, ela é capaz de uma recuperação extraordinariamente rápida, em parte porque acabamos dando aquela ajudinha. Às vezes somos tentados a remover os pregos, ajudar a nossa velha natureza pecaminosa a descer da cruz e trazê-la de volta à saúde. É por isso que lutamos com os chamados pecados de longo prazo – pecados que cometemos com tanta frequência que se tornam maus hábitos.

Isso tem que parar. Não administre primeiros socorros à sua carne. Em vez disso, trate-a da maneira como Jesus foi tratado no Calvário. Mortifique sua natureza pecaminosa. Submeta-a à morte. De vez em quando, sempre que ela mostrar sinais de vida, diga: “Ah, não senhora! Não tente descer daí. Volte já para cima daquela cruz onde é o seu lugar!” Em seguida, martele os pregos prendendo-os um pouco mais profundamente. Se você pertence a Cristo, você crucificou sua natureza pecaminosa, com todo o desejo egoísta dela. Não a reanime. Não lhe dê RCP. Não fique mantendo-a viva com o auxílio de aparelhos. Apenas a abandone na cruz e deixe-a morrer.

Fique em sintonia com o Espírito

A santificação na vida cristã tem dois lados. Um é a mortificação, a morte da natureza pecaminosa. O outro é a vivificação, o nascimento da natureza regenerada. Ao mesmo tempo em que matamos a nossa carne, somos vivificados pelo Espírito Santo. Esses dois aspectos da santificação – mortificação e vivificação – andam juntos. Como disse Calvino: “A morte da carne é a vida do Espírito”.15

Isso nos leva à segunda coisa que o cristão deve fazer para permanecer frutífero, que é caminhar com o Espírito: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gl 5.25). A Nova Bíblia Inglesa sugere uma boa paráfrase: “Se o Espírito é a fonte da nossa vida, deixe o Espírito também direcionar o nosso curso”.

Nesse versículo, como lhe é costumeiro, o apóstolo Paulo emprega um verbo no indicativo seguido de um no imperativo; ele nos fala para nos tornarmos o que somos. É fato: aqueles que pertencem a Jesus vivem no Espírito. No renascimento, o Espírito Santo entra no coração de cada cristão. Ainda assim, devemos continuar vivendo no Espírito, coisa que os gálatas não estavam fazendo. Paulo já havia lhes perguntado: “Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?” (Gl 3.3).

Ao começarem e então pararem assim, os gálatas haviam perdido o passo com o Espírito de Deus. Quando fala de “andar no espírito”, o apóstolo está realmente falando sobre seguir ordens. O termo grego usado aqui (stoichōmen) é militar, e significa ficar em formação. Primeiro, os soldados se organizavam em fileiras e colunas. Depois, com o intuito de manter uma boa disciplina militar, deveriam permanecer enfileirados enquanto marchavam.

Os soldados não apenas marcham em formação, mas também correm em formação. Ao fazerem isso, há somente uma coisa com a qual devem se preocupar: manter o ritmo. Eles não precisam se preocupar sobre qual será o seu destino, ou sobre como chegarão lá. Não precisam estimar por mais quanto tempo continuarão seguindo. Seu oficial de comando lhes transmitirá as ordens conforme necessário. A única coisa que os soldados precisam saber fazer é seguir o ritmo da passada.16 O mesmo ocorre na vida cristã. O Espírito Santo é o sargento de Deus e seu trabalho é nos manter na linha. Ao passo que ele brada a cadência, tudo que temos a fazer é manter o nosso lugar na formação, correndo em sintonia com seus comandos.

Essa analogia nos mostra onde devemos estar em relação a outros cristãos. Nós não corremos sozinhos. Nossos irmãos e irmãs estão bem ao nosso lado. Idealmente, estamos equiparados a cada passada. Enquanto mantivermos uma boa disciplina, não haverá empurrões nem tropeços nas fileiras, o tipo de “provocações” e “invejas” de que Paulo adverte em Gálatas 5.26. Em vez disso, ficando em formação, manteremos nossa unidade no Espírito. Uma boa unidade nunca deixa um dos seus homens para trás. Se um soldado para de correr por

causa de uma lesão, desânimo ou fadiga, seus parceiros darão uma volta ao seu redor e irão agregá-lo de volta à unidade. Da mesma forma, somos chamados a manter a unidade da igreja, voltando para ajudar aqueles que caíram.

Manter-se em sintonia requer disciplina, e o crescimento espiritual também. Raramente o Espírito Santo opera de maneiras extraordinárias, mas costuma empregar os recursos comuns da graça para trazer crescimento espiritual: a leitura e a pregação da Palavra de Deus, os sacramentos do batismo e da comunhão e a vida de oração. Contrariando o que tantos cristãos parecem acreditar, o verdadeiro crescimento espiritual não provém de alguma experiência especial do Espírito Santo. Em vez disso, é proveniente de andar com o Espírito todos os dias até que, finalmente, manter-se em sintonia com ele torna-se um hábito sagrado.

Vale a pena citar a explicação de Packer sobre o trabalhar do Espírito:

O Espírito opera através de meios – através dos meios objetivos da graça, isto é, da verdade bíblica, da oração, da comunhão, da adoração e da Ceia do Senhor. E opera através desses meios objetivos por meio dos meios subjetivos de graça, pelos quais nos abrimos para a mudança, ou seja, pensar, ouvir, questionar a si mesmo, examinar a si mesmo, admoestar-se, compartilhar o que está no coração com os outros e ponderar sobre qualquer reação que tenhamos. O Espírito mostra seu poder em nós, não interrompendo constantemente o uso desses meios com visões, sensações ou profecias [...] (tais comunicações somente se dão raramente, e jamais acontecem para alguns crentes), mas, sim, fazendo esses meios comuns eficazes para nos mudar para melhor e para nos tornar mais sábios, à medida que o tempo passa [...] A maneira habitual de o Espírito nos conduzir em santidade é por meio da formação de hábitos [...] Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio são todos habituais [...] maneiras de pensar, de sentir e de se comportar.17

Packer continua seu texto e ressalta que “a santidade por formação de hábito não é autossantificação por esforço próprio, mas é simplesmente uma questão de compreender o método do Espírito e depois se manter em sintonia com ele”.18 É assim que Deus cultiva um bom fruto espiritual. Quanto mais sintonia temos com o Espírito Santo por meio da Palavra, dos sacramentos e da oração, mais

frutíferos nos tornamos.

Notas

1 ARISTÓTELES, Nicomachean Ethics, In: The Basic Works of Aristotle, org. MCKEON, Richard, trad. ROSS, W. D. (Nova York: Random House, 1941), 1046 (7.6.1).

2 XENOFONTE, Memoirs of Socrates 3.9.8.

3 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 373.

4 COUSAR, C. B. Galatians, Interpretation (Atlanta: John Knox, 1982), 131.

5 MACARTHUR, John. Galatians, The MacArthur New Testament Commentary (Chicago: Moody, 1987), 166.

6 Esta ideia está integralmente desenvolvida em SANDERSON, John W. The Fruit of the Spirit (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1985); veja especialmente o quadro na página 43.

7 DUNN, James D. G. The Epistle to the Galatians (Londres: A & C Black, 1993), 310.

8 HOOKE, S. H. The Siege Perilous (Londres: SCM Press, 1956), 264.

9 HAGNER, Donald. “The Law in Paul’s Letter to the Galatians,” Modern Reformation 12.5 (Setembro/Outubro 2003): 36.

10 PACKER, J. I. Keep in Step with the Spirit (Tarrytown, NY: Revell, 1984), 107.

11 AMES, William. The Marrow of Theology, trad. e org. EUSDEN, John Dykstra. (Durham, NC: Labyrinth, 1983), 170.

12 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 150.

13 BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 309.

14 PACKER, J. I. Keep in Step with the Spirit (Tarrytown, NY: Revell, 1984), 106.

15 CALVINO, JOÃO. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin's New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 106.

16 Quanto a esta observação, estou em débito para com o Reverendo Richard D. Phillips da Primeira Igreja Presbiteriana em Margate, na Flórida, que foi um comandante de tanques no Exército dos Estados Unidos e um membro da Academia Militar dos Estados Unidos (West Point).

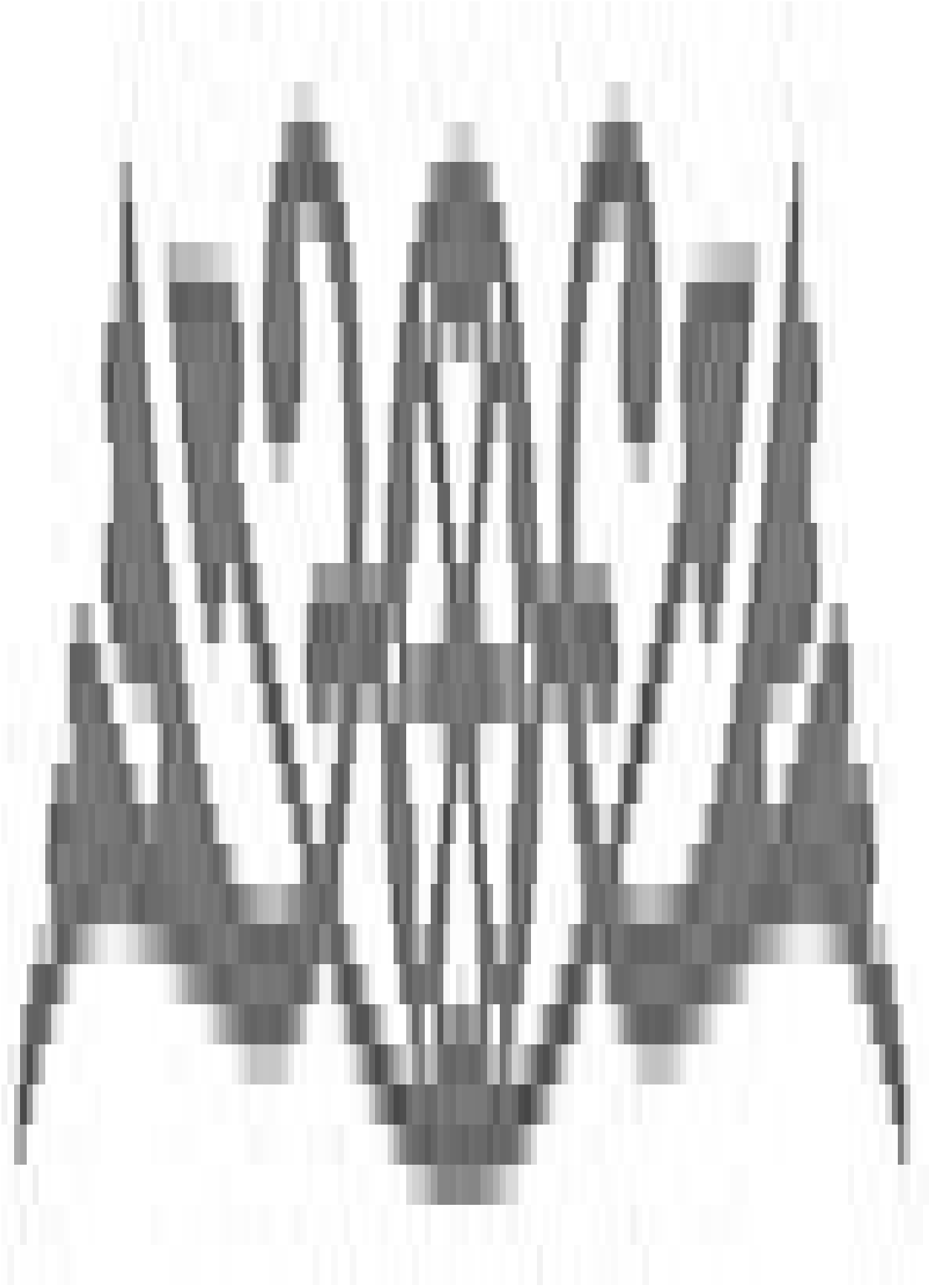
17 PACKER, J. I. Keep in Step with the Spirit (Tarrytown, NY: Revell, 1984), 109.

18 Ibid., 110.

20

A vida espiritual

Gálatas 6.1-6



Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo (Gl 6.1-2).

Uma das figuras mais incomuns da história da igreja foi um homem chamado Simeão Estilita. Ele foi o primeiro dos chamados Pais do Deserto. Por volta do ano 423, ele construiu um pilar curto na borda do deserto sírio, subiu ao topo e viveu nele pelos próximos seis anos. Simeão recebeu muitos visitantes em seu poleiro no deserto. Sem dúvida, muitos deles vieram ver se ele estava fora de si. Mas o eremita explicava que simplesmente era um cristão que desejava comunhão com Deus na solidão, livre das distrações mundanas. Viver no alto de um poste no deserto foi o seu modo de separar-se do pecado e consagrar-se a Deus.

Por mais estranha que possa parecer, a vida de Simeão Estilita levanta uma questão importante: O que significa ser espiritual? Segundo Simeão, alguém poderia ser mais espiritual no deserto do que na cidade, e mais espiritual fora do solo do que sobre ele (quanto mais alto, melhor). Mas estava o eremita certo sobre o que significa ser espiritual? Ao refletir sobre a espiritualidade de Simeão, um escritor atual perguntou: “Tem escolinha para as crianças no deserto?”1 O escritor era casado, com filhos, e seu argumento era que nem todo mundo pode viver sozinho no deserto. Não existe alguma outra maneira de ser espiritual?

Espiritualidade verdadeira

Todo mundo parece estar interessado em espiritualidade nos dias de hoje, mas ninguém parece concordar sobre o seu significado. No mercado contemporâneo de ideias, a espiritualidade está em alta. As livrarias estão carregadas de títulos sobre anjos, experiências de quase-morte, e antigas religiões pagãs. A Internet está cheia de páginas criadas por gurus da Nova Era e dirigidas por estranhas seitas. Irmandades e lojas maçônicas proliferam.

Uma das coisas curiosas sobre esse novo fascínio com a vida espiritual é que

muitas pessoas querem se tornar espirituais sem se tornarem religiosas. Para elas, a espiritualidade é algo privado e espontâneo, enquanto a religião é pública e rígida. A razão pela qual a espiritualidade está em alta é porque as pessoas podem fazer dela o que quiserem. De acordo com o sociólogo Robert Wuthnow, “um número cada vez maior de americanos compõem a sua fé como uma manta de retalhos. A espiritualidade tornou-se uma busca amplamente complexa, à qual cada pessoa se lança a seu próprio modo”.2

Infelizmente, o mesmo pode ser dito da igreja, onde há confusão generalizada sobre o significado da espiritualidade verdadeira. Alguns cristãos encontram sua espiritualidade em atos de devoção privada. Ter um tempo de silêncio, jejuar e ir ao templo são os atos básicos da vida espiritual. O caminho para se tornar mais espiritual é encontrar um dirigente espiritual e começar a praticar as disciplinas espirituais.

Para outros, a vida espiritual começa na igreja, no contexto do culto público. A espiritualidade verdadeira resulta de recitar uma liturgia antiga, acender velas e balançar o incenso. Ou é resultado de tocar a música certa no instrumento correto, ou de não usar instrumento algum.

Há ainda outros cristãos que anseiam por uma experiência espiritual emocionante. Eles querem ser miraculosamente curados ou libertos por meio de um “encontro de poder” com o Espírito Santo. Eles dividem a igreja entre aqueles que tiveram determinada experiência e aqueles que não tiveram, ou entre aqueles que exercem um dom especial e aqueles que não exercem.

A Carta aos Gálatas traz uma maneira totalmente diferente de pensar sobre a vida espiritual. Indo de encontro ao pluralismo desta era, a espiritualidade cristã é baseada em um relacionamento com um Deus pessoal que falou uma palavra eterna. Assim, a vida espiritual não é algo definido pela própria pessoa, mas é uma vida definida pela existência e caráter do único Deus verdadeiro.

Ao contrário do que alguns cristãos parecem pensar, essa vida espiritual não é algo que produzimos em nós por meio de algum ritual ou método. Falando bem resumidamente, a vida do Espírito Santo pode ser cultivada pelo uso dos recursos da graça – leitura das Escrituras, participação no culto público, e assim por diante –, mas a vida em si vem de Deus. Somente seu Espírito pode produzir o fruto do amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

O Espírito Santo não produz esse fruto para nosso deleite particular. A espiritualidade verdadeira não é uma busca individualista por realização pessoal – o tipo de coisa que requer escalar até o topo de um pilar para descobrir. A vida do Espírito floresce pelo bem dos outros. Não é experimentada de forma particular, mas exercida em público. Portanto, não cresce isoladamente, mas dentro da comunidade de fé. A vida espiritual deve ser compartilhada. É menos parecida com uma árvore frutífera escondida em algum lugar de um jardim secreto e mais semelhante a uma que cresce em um parque público.

Restaurar uns aos outros do pecado

No início do capítulo 6 da Carta aos Gálatas, o apóstolo Paulo colhe uma parte desse fruto espiritual e começa a compartilhá-lo, ensinando nesses versículos que o caminho para ser verdadeiramente espiritual é cada um agir “um para com o outro” em relação aos outros. As pessoas espirituais se restauram mutualmente do pecado (Gl 6.1 - NVI), carregam as cargas umas das outras (Gl 6.2), consideram os outros mais importantes (Gl 6.3-5) e compartilham umas com as outras (Gl 6.6).

Ser espiritual significa, antes de tudo, restaurar uns aos outros do pecado: “Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado” (Gl 6.1 - NVI). Cada palavra neste versículo é significativa. A palavra “irmãos” é um lembrete de que a igreja é a família de Deus. Somos filhos e filhas do Deus Altíssimo, adotados por meio da fé em seu Filho.

Todavia, o fato de sermos irmãos e irmãs em Cristo não nos impede de pecar. Como vimos, a carne luta contra o Espírito. Assim, há momentos em que a natureza pecaminosa nos tira do ritmo, em que um passo em falso nos impede de andar com o Espírito. Há momentos em que, por conta da fraqueza, um cristão acaba “surpreendido em transgressão”. Esta frase pode se referir a uma pessoa que é pega no ato, como a mulher que “foi surpreendida em ato de adultério” (Jo 8.4 - NVI). Ou talvez o pecador flagre a si mesmo no ato. A tentação tem seu modo peculiar de se aproximar sorrateiramente, nos pegando desprevenidos. A triste realidade é que, às vezes, os cristãos são surpreendidos pelo pecado; na verdade, há tantos pecadores na igreja como em qualquer outro lugar.

A frase “surpreendido em alguma transgressão” não se refere ao pecado deliberado e habitual, mas sim a um pecado inesperado, algo que um cristão faz quase contra seu bom senso. Pode até envolver um dos pecados que Paulo já condenou como “obras da carne” (Gl 5.19-21). Um cristão que cai nesse tipo de pecado precisa de cuidados espirituais apropriados. Por isso, Paulo explica o que fazer, quem deve fazê-lo e como.

O que deve ser feito? É muito simples: “restaurá-lo” (Gl 6.1 - NVI). O verbo que Paulo usa aqui (katartizete) é um termo para cura que significa “retornar à sua condição anterior”. Era usado na medicina, p. ex., para descrever a estabilização de um osso quebrado ou articulação deslocada. Semelhantemente, um pecador precisa ser reestabelecido.

Infelizmente, os cristãos nem sempre oferecem aos pecadores um bom tratamento. Às vezes nós ignoramos o pecado. Sem a coragem para enfrentá-lo, simplesmente fingimos que ele não está lá. Agimos como tímidos estudantes de medicina que veem um paciente com um fragmento de osso saindo do braço, mas têm medo de tocá-lo. O osso jamais é corrigido e a ferida nunca cura. Às vezes, os cristãos percebem o osso quebrado do pecado, mas nunca vão além do diagnóstico. Eles simplesmente ficam de pé no quarto, comentando sobre quão ruim é a situação desse pecador. “Uau”, as pessoas dizem, “olha só para esse osso quebrado! Quero dizer, veja só como ele saiu para fora! Rapaz, estou feliz por não ter uma fratura como essa!” Enquanto isso, o irmão ou irmã continua com as dores do pecado. Este tipo de tratamento é mais conhecido como fofoca. Infelizmente, chega a haver momentos em que os cristãos condenam os pecadores, culpando-os (ou mesmo punindo-os) só por precisarem ir ao pronto-socorro espiritual; tratam essas pessoas como exilados, repreendendo-os duramente por estarem espiritualmente desestabilizados e aparentemente esquecendo que eles próprios são pecadores necessitados da graça.

Quando flagrados em pecado, os cristãos não precisam de isolamento ou expulsão; precisam de restauração. A coisa correta a fazer é ajudá-los a confessar seus pecados e encontrar o perdão em Cristo, e então recebê-los de volta à comunhão da igreja.

Quem deve fazer isso? “Vós, que sois espirituais” (Gl 6.1). A reabilitação dos pecadores é uma tarefa para as pessoas espirituais que, de certa forma, incluiria todos os cristãos. No momento em que alguém recebe Jesus Cristo como Salvador e Senhor, o Espírito Santo entra em seu coração (cf. Gl 3.2) e, a partir

daí, ele ou ela é uma pessoa espiritual.

Contudo, em certo sentido, alguns cristãos são mais espirituais do que outros: alguns são mais maduros na vida cristã. Eles fazem tão bem aquilo que Paulo tratou no capítulo 5 – andar no Espírito, ser guiado pelo Espírito, manter-se em sintonia com o Espírito –, que o fruto da obra do Espírito dentro deles é óbvio. Restaurar e levantar os pecadores que caíram é um trabalho para os cristãos que têm o fruto do Espírito em oferta abundante.

Apenas as pessoas espirituais devem restaurar os pecadores e a razão disso é que somente elas são capazes de fazê-lo. De que maneira os pecadores devem ser restaurados? “Com mansidão” (Gl 6.1 - NVI). Mas lembre-se de que a mansidão (ou brandura, cf. ARA) é parte do fruto do Espírito (cf. Gl 5.23). Portanto, se os pecadores devem ser restaurados gentilmente, será necessário que uma pessoa espiritual o faça, porque apenas uma pessoa espiritual tem verdadeira mansidão espiritual.

Isso prova que julgar ou ser ríspido é um sinal de imaturidade espiritual. Alguns cristãos pensam que palavras furiosas são necessárias para defender a justa causa de Deus. Mas a única maneira de restaurar um crente que caiu em pecado é com delicada sensibilidade. “Um teste de verdadeira espiritualidade”, escreve F. F. Bruce, “é uma predisposição de colocar aqueles que tropeçam nas beiradas do caminho de volta na vereda certa com um espírito [...] compassivo”.3 Se não conseguirmos fazer isso de maneira dócil, é melhor não fazermos absolutamente nada. Devemos deixar que outra pessoa o faça, alguém espiritual o suficiente para executar essa tarefa tão delicada.

Em outro trecho, a Bíblia enuncia um processo passo a passo para a restauração dos pecadores caídos. Talvez Paulo estivesse familiarizado com o ensinamento de Jesus:

Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano (Mt 18.15-17).

Esse processo cuidadoso, que se move gradualmente partindo do confronto privado até a condenação pública é chamado, às vezes, de disciplina na igreja. Os Reformadores a consideraram tão importante que a identificaram como um dos sinais da verdadeira igreja cristã.

O apóstolo Paulo reconheceu que todo o processo exige delicadeza. O objetivo em cada passo da disciplina na igreja é curar a igreja por meio da restauração do pecador, trazendo-o de volta à comunhão de sua família espiritual. É provável que isso aconteça somente se o pecador for acolhido com um espírito gentil. Observe a maneira como Martinho Lutero instruiu um pastor a ajudar um irmão caído: “Corra até ele e, estendendo sua mão, levante-o novamente, conforte-o com palavras doces, e abrace-o com braços maternos”.4

De certa forma, restaurar um pecador não é tão diferente de consertar um osso quebrado. O processo certamente será doloroso, não importa quem o execute. Mas quanto mais habilmente o osso for reajustado, mais cedo a cura pode começar. Semelhantemente, alguém que trata das feridas de um pecador deve fazê-lo com amável bondade.

Tal restauração requer humildade. A Escritura deixa um aviso aos que praticam a cirurgia espiritual: “guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6.1). Até mesmo as pessoas espirituais podem tropeçar. A tentação que Paulo parece ter em mente é o orgulho espiritual. É difícil não se sentir pelo menos um pouco presunçoso quando estamos corrigindo o pecado de alguém. Quanto mais aprendemos sobre a depravação de outra pessoa, mais fácil é menosprezá-la. Esta tentação deve ser resistida, e a maneira de resisti-la é examinando nossos próprios corações. Nós somos tão propensos a cair em pecado quanto qualquer outro irmão, talvez até mais. Como Paulo advertiu em outra ocasião: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12).

Levar as cargas uns dos outros

Existe um segundo tipo de trabalho espiritual que exige menos mansidão do que restaurar um pecador, mas demanda mais esforço. Martinho Lutero disse que esse trabalho requer “ombros fortes e ossos poderosos”.5 Não é consertar o osso quebrado, mas, sim, carregar a maca. É o trabalho de carregar a carga de outra pessoa: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2).

Está implícito nesse versículo que os cristãos terão fardos e que estes serão pesados. Ser surpreendido no pecado de vez em quando é um fardo, mas há muitos outros também: tristeza, preocupação, dúvida, fracasso, pobreza, solidão, doença, divórcio, invalidez e depressão. Não apenas enfrentamos essas dificuldades, mas somos incapazes de lidar com elas sozinhos. Às vezes nossas cargas são tão pesadas que precisam ser compartilhadas, de modo que só assim poderão ser carregadas.

É claro que, em certo sentido, Deus carrega nossos fardos para nós. Nossa maior e mais pesada carga – o fardo infinito de nosso pecado e culpa – somente Deus consegue suportar. Ele o fez quando Jesus carregou sua cruz para o Calvário e morreu sobre ela por nossos pecados. Se Deus já carregou o nosso maior fardo na cruz, então ele certamente dá conta de nossas cargas mais leves também: "Confia os teus cuidados ao Senhor", escreveu Davi, "e ele te susterá; jamais permitirá que o justo seja abalado" (Sl 55.22). Talvez o apóstolo Pedro tivesse esse salmo em mente ao falar "lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós" (1Pe 5.7). Os ombros de Deus são suficientemente largos para carregar todos os nossos fardos.

Contudo, o fato de que Deus carrega nossas cargas não significa que ele é o único com quem devemos compartilhá-las. Com frequência, Deus alivia nosso fardo ao fazer com que outros cristãos carreguem um pouco. Se estamos desanimados na vida cristã, pode ser porque estamos tentando carregar muito peso sozinhos. Deus nos deu uns aos outros. Todo crente é chamado para ser um dos carregadores de malas de Deus, sempre pronto para carregar a bagagem de alguém. Isso significa que não precisamos guardar todos os nossos problemas para nós mesmos; na verdade, isso significa que não devemos fazer isso.

Muitas vezes, pessoas da igreja sofrem pesadas perdas, pesadas demais para suportarem sozinhas. Quando isso acontece, elas costumam compartilhar sua carga com um de seus pastores e alguns amigos próximos. Juntos, todos ajudam a carregar a carga. Alguns o fazem por meio da oração. Outros oferecem abraços afetuosos e falam palavras doces de conforto e condolência. Ainda há os que ajudam de maneira prática, limpando a casa, trazendo uma refeição, ou compartilhando um oportuno livro cristão. Tudo isso deve acontecer sempre que um membro da igreja estiver em dificuldade, seja física, emocional ou espiritual. Se temos uma carga pesada, precisamos deixar que outra pessoa nos ajude a carregá-la. E se virmos alguém penando sob o peso do problema, precisamos disponibilizar nosso próprio ombro para a tarefa. Os cristãos sempre se reúnem

para ajudar.

Sempre que carregam os fardos uns dos outros, os cristãos estão cumprindo a lei. Paulo escreveu: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2). Esse seria um versículo surpreendente se Paulo já não tivesse nos surpreendido. Depois de passar dois terços de sua carta explicando que a justificação vem pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei, ele nos deixou boquiabertos ao orientar que guardássemos a lei: “Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5.14). Somos chamados a guardar a lei do amor, ainda que nossa salvação não dependa dela. Embora não estejamos sob a lei, mesmo assim, cumprimos a lei.

O que o apóstolo quer dizer com “a lei de Cristo” é a lei moral. É chamada de “a lei de Cristo” porque o próprio Jesus a ensinou durante todo o seu ministério, interpretando, esclarecendo e aplicando as exigências morais da lei eterna de Deus. E de todas as instruções éticas que Jesus deu – e ele repetiu todos os pontos principais da lei do Antigo Testamento, incluindo os Dez Mandamentos – sua instrução mais básica foi amar nosso próximo como a nós mesmos. Jesus disse, “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (Jo 13.34). E mais uma vez, “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15.12). A lei de Cristo é a lei de amar uns aos outros.

Uma forma de cumprir a lei do amor é carregando os fardos uns dos outros. Ao cuidarmos uns dos outros, tornamo-nos cristãos que cumprem a lei. Claro, nós não somos salvos por manter a lei. No entanto, a vontade de Deus para nossas vidas, como expressa em sua lei moral, não mudou. Agora que fomos salvos, devemos observar a lei de Cristo. Devemos continuar amando o nosso próximo como a nós mesmos, carregando os fardos uns dos outros, assim como Cristo mostrou seu amor por nós quando carregou o peso de nossos pecados na cruz.

Considere os outros mais importantes

A única maneira de amar nosso próximo como a nós mesmos é reconhecendo que ele é, aos olhos de Deus, pelo menos tão valioso quanto nós. Isso nos traz uma terceira coisa que as pessoas espirituais fazem: consideram os outros mais importantes do que elas mesmas.

A forma como tratamos os outros depende em grande parte do que pensamos sobre nós mesmos. Aqueles que têm um alto conceito sobre si mesmos geralmente não estão dispostos a carregar a bagagem de ninguém; são egocêntricos demais para se doarem. Acreditam que servir os outros está abaixo de sua dignidade. Por que é que eles deveriam se inclinar para arcar com o fardo de outra pessoa? Essa atitude era especialmente comum no mundo antigo, onde ajudar os demais era considerado degradante.

Com frequência, a única maneira de lidar com a carga de outra pessoa é soltando nossos próprios fardos por um tempo. Pessoas carentes acabam conseguindo ocupar nosso tempo, mudar nossos planos e reorganizar nossos horários. Ajudá-los exige os tipos de sacrifícios que faremos apenas se os considerarmos mais importantes do que nós mesmos. De fato, ajudar os outros somente é possível para aqueles que têm a mente de Cristo, "que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo" (Fp 2.6-7 - NVI).

Certa vez, conheci uma mulher que tinha aprendido a honrar a Cristo valorizando os outros mais do que ela mesma. Pude vislumbrar um pouco de sua atitude em um dia que ela estava esperando na fila para usar a máquina de fotocópias. Ao perceber que o homem à sua frente carregava uma pilha de papéis para copiar, tomou-os das mãos dele e disse, "Deixe-me cuidar disso; seu tempo é mais importante do que o meu".

O que a Escritura diz às pessoas que pensam que são algo de especial é que, na verdade, elas não são nada: "Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana" (Gl 6.3). As pessoas que são fascinadas por suas próprias habilidades e atributos estão apenas se enganando. Certa vez, uma aeromoça disse ao campeão de boxe Muhammad Ali que se preparasse para a decolagem. "Super-homem não precisa de cinto de segurança!" contestou ele, ao que ela respondeu, "Super-homem não precisa de avião". Mais cedo ou mais tarde, as pessoas que pensam ser algo que não são acabam caindo do seu pedestal, de volta à terra firme.

O apóstolo Paulo estava certo ao chamar as pessoas de "nada"? Alguns comentaristas sugerem que ele estava exagerando para construir seu argumento, o que pode ser verdade. No entanto, nós realmente não somos nada, em nós mesmos e de nós mesmos. Calvino disse, "Nós não temos nada próprio para nos gabar; somos destituídos de toda coisa boa".6 Tudo o que temos vem de Deus.

Se somos qualquer coisa, é somente porque fomos criados e redimidos em Cristo.

A forma de não pensarmos ser algo que não somos é enxergando a nós mesmos da maneira que Deus nos enxerga. É isso que a Escritura quer dizer ao afirmar: "[...] prove cada um o seu labor e, então, terá motivo de gloriar-se unicamente em si e não em outro" (Gl 6.4). A Nova Versão Internacional traduz o versículo assim: "Cada um examine os próprios atos, e então poderá orgulhar-se de si mesmo, sem se comparar com ninguém". É possível se preocupar com os outros sem nos compararmos a eles. Tais comparações geralmente são odiosas. Ou nos desanimamos por sermos menos espirituais do que nosso irmão, ou ficamos orgulhosos por sermos mais espirituais (especialmente se comparados a alguém pego em pecado). Mas, de qualquer forma, estamos fazendo a comparação errada.

Em vez de nos compararmos com os outros, devemos nos colocar à prova do padrão de Deus, que é o único que importa. Esse tipo de prova – ou autoanálise, como os puritanos chamavam – é uma parte necessária da vida espiritual. Há o risco de sermos excessivamente introspectivos, é claro. Algumas pessoas passam tanto tempo examinando e reexaminando suas vidas que mal sabem como viver. Mas precisamos provar nossos pensamentos, palavras e ações, da maneira que o metal precioso é provado pelo fogo.

Não é fácil fazer uma avaliação exata dos nossos dons e fraquezas. Para fazê-lo, costuma ser necessária a ajuda de amigos cristãos. Normalmente, não queremos saber o que eles realmente pensam sobre nós, mas, às vezes, isso nos seria bem útil. Autoanálise também requer bom senso. Como Paulo escreveu aos romanos, "digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu" (Rm 12.3 - NVI).

Saber como está a nossa avaliação segundo o padrão de Deus nos ajudará a suportar os fardos de outra pessoa. Aqueles que praticam o "um ao outro" com maior eficácia são os que conhecem seus próprios pontos fortes e fracos. Testar a nós mesmos também permite que fiquemos orgulhosos do que fazemos, no bom sentido da palavra. Quando fala sobre se gloriar, Paulo obviamente não quer dizer que Deus deseja que andemos por aí nos gabando, anunciando que somos melhores que alguém. O que ele sugere é que devemos estar confiantes de quem somos em Cristo. Quando nossas ações estão de acordo com a avaliação de Deus

– como acontece sempre que são verdadeiramente feitas de acordo com a sua Palavra, a serviço de Cristo, para o avanço de sua glória –, podemos ficar devidamente satisfeitos em seu louvor.

Em seguida, o apóstolo acrescenta um comentário curioso: “Porque cada um levará o seu próprio fardo” (Gl 6.5). À primeira vista, isso parece uma contradição. O versículo 2 nos mandou suportarmos os fardos uns dos outros, enquanto o versículo 5 nos ordena carregar nossa própria carga. Então, para que lado vamos? Devemos compartilhar nossos fardos ou guardá-los para nós mesmos?

Esses dois versículos não são contraditórios, mas complementares. O que eles significam é que a responsabilidade mútua deve ser equilibrada por um senso de responsabilidade pessoal. Para enxergar isso, é bom sabermos a diferença entre dois termos gregos: baros e phortion. A palavra baros refere-se a uma carga pesada, como um carregamento de um cargueiro. Obviamente, baros é a palavra empregada no verso 2 para descrever um peso que deve ser compartilhado porque é pesado demais para uma pessoa só carregar. A palavra phortion, por outro lado, refere-se a uma mala de viagem de um homem, quase como uma mochila. Quando diz que todos devem carregar seu próprio peso, é a esse peso que a Escritura se refere. Há um peso que cada pessoa deve carregar – o peso da sua própria responsabilidade pessoal diante de Deus.

Deus tem lhe dado um conjunto único de dons para a sua situação na vida. Você não terá que responder pelo que poderia ter feito com os dons de outra pessoa. Mas você, e somente você, terá que responder pelo modo como executa as responsabilidades que Deus lhe confiou. Martinho Lutero escreveu: “Um sacristão fiel não agrada menos a Deus com seu dom do que um pregador da Palavra, pois serve a Deus na mesma fé e espírito”.7 Isso é verdadeiro porque Deus não julgará os sacristãos com base na capacidade de pregação deles (ou os pregadores com base na capacidade deles de zelar pela igreja). Deus julgará a todos nós com base em nosso chamado, dons e obediência. Portanto, exerça o seu próprio trabalho. Faça-o sem comparar-se a ninguém. E faça-o bem, pois um dia você terá de responder a Deus, tanto pelo que fez quanto pelo que deixou de fazer.

Compartilhem um com o outro

Mais uma coisa que as pessoas espirituais fazem é compartilhar umas com as outras. O tipo de compartilhamento que Paulo menciona é principalmente o tipo que se dá entre um pastor e sua congregação: “[...] aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui” (Gl 6.6). Tanto o ministro quanto a igreja têm algo para compartilhar. O ministro compartilha bons e sólidos ensinamentos com a Bíblia. A palavra que Paulo usa para “instruir” é katēcheō (que origina a palavra “catecismo” em português). Essa palavra se refere a qualquer tipo de instrução oral sobre a verdade bíblica.

Ensinar a Palavra – esta é a mais simples e clara descrição de trabalho do ministério evangélico. Hoje em dia, os pastores são tentados a realizar muitos outros serviços, e estão se tornando vendedores, empresários, músicos, artistas, comediantes, zeladores [...] toda e qualquer coisa exceto pregadores. Mas um verdadeiro ministro não é nada mais, nada menos, do que um ministro da Palavra. O foco de qualquer ministério evangélico deve ser a exposição da Sagrada Escritura.

Esse é um cargo de tempo integral, o que nos leva ao que a igreja deve compartilhar com seu ministro: “todas as coisas boas” (Gl 6.6). Isso se refere a todos os tipos de bens, mas especialmente ao apoio material que alguém precisa para sobreviver e progredir. Ensinar a Bíblia é o meio de vida do ministro, portanto ele deve ser pago generosamente pelo que faz. Deus insiste nisso. Diz a Escritura: “Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9.14; cf. Lc 10.7).

Quase ficamos tentados a dizer que os pastores são profissionais, mas isso deixaria a impressão errada. A Escritura não fala sobre contratos e pacotes salariais, mas sobre compartilhar. Ao contrário das religiões pagãs, nas quais os sacerdotes cobravam honorários pelos seus serviços, os pastores deviam ser sustentados pelas ofertas voluntárias do povo de Deus.

A necessidade deste tipo de partilha tem uma razão muito simples. Como explicou Martinho Lutero: “É impossível que um homem se dedique dia e noite ao sustento de suas obrigações domésticas e familiares e, ao mesmo tempo, aplique-se no estudo da Sagrada Escritura, como o ministério de ensino requer”.8 Preparar-se para pregar – se for para ser benfeito – é um trabalho dispendioso. Portanto, o ministro deve estar livre para passar o seu tempo preparando-se para ensinar a Palavra de Deus. É muito mais fácil para ele

mergulhar nesse trabalho se não estiver distraído por preocupações financeiras. A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos escolheu boas palavras ao instruir suas congregações para que deixassem seus ministros “livres de preocupações mundanas”.

Deve ser fácil para os ministros abusarem desse privilégio, já que isso acontece com tanta frequência. Alguns homens abusam do privilégio do pastorado, procurando enriquecer. Eles estão no ministério pelo dinheiro (assim como suas esposas, em alguns casos), e assim, “tosquiam” seus rebanhos. Outros abusam do pastorado tornando-se preguiçosos e, consequentemente, deixam de dar às suas congregações um bom retorno sobre o investimento que fazem. Ganância e preguiça são duas das mais mortais fraquezas para os pastores.

Quando o assunto são as finanças, também é fácil para as igrejas abusarem de seus ministros. Existem pessoas que usam o manejo do caixa para controlar o pastor e a igreja. Outras tentam santificar seu ministro mantendo-o em um estado de relativa pobreza. Há ainda os que não reconhecem a importância da preparação de um ministro. Talvez isso estivesse se passando na Galácia. Paulo tinha acabado de explicar que todos deveriam carregar seu próprio fardo (Gl 6.5). “Tudo bem, então!” alguém poderia dizer. “Vamos ver o pastor conseguir um emprego de verdade para variar um pouco, em vez de ficar nessa mamata o tempo todo!”

No entanto, uma pessoa espiritual não pensa desta forma. Um indivíduo espiritual sabe como compartilhar, inclusive com seu ministro. João Calvino atingiu o equilíbrio:

Ele [Deus] não quer que eles [ministros] tenham uma abundância imoderada e supérflua, mas apenas que não lhes falte nenhum dos sustentos necessários da vida. Os ministros devem ficar satisfeitos com um valor parcimonioso, e o perigo do luxo e da pompa deve ser evitado. Portanto, na medida em que as necessidades do pastor exigirem, os crentes devem considerar todos os seus bens como à disposição de consagrados e espirituais professores. Que retorno terão pelo inestimável tesouro da vida eterna que recebem por meio da pregação deles?9

Compartilhar uns com os outros faz parte do que significa ser espiritual. Mas é

difícil de compartilhar lá do alto de uma coluna no deserto. Lembra-se de Simeão Estilita? A certa altura, Simeão decidiu que queria se tornar mais espiritual. Afinal, seu pilar apenas beirava os dois metros de altura. Então, com a ajuda de amigos, o eremita construiu uma coluna de 18 metros de altura e um metro de diâmetro, com uma barra que o segurava para não cair enquanto dormia. Lá permaneceu até sua morte, 30 anos depois. Deus abençoou Simeão de diversas maneiras. Ainda assim, suspeita-se que ele teria sido ainda mais frutífero se tivesse descido do seu pilar e vivido a vida espiritual de maneira bíblica: restaurando pecadores, carregando fardos e compartilhando todas as coisas boas. Não é fácil praticar muitas ações “um ao outro” lá do alto de um poste, a 18 metros do chão.

Um exemplo melhor para seguirmos vem de uma pequena Igreja Batista em Buckinghamshire na Inglaterra. Em 1790, a assembleia da igreja selou um pacto para todos tratarem uns aos outros de acordo com os princípios de Gálatas 6. Eles prometeram

andar em amor em relação àqueles com quem estamos conectados pelos laços da comunhão cristã. Como efeito disso, oraremos muito uns pelos outros. À medida que tivermos oportunidade, nos aliaremos para fins religiosos. Aqueles de nós que estão em situações mais confortáveis na vida do que alguns de nossos irmãos, no tocante às coisas boas da Providência, darão às necessidades deles, conforme nossas capacidades e havendo ocasião. Suportaremos as cargas uns dos outros, simpatizando com os aflitos no corpo e na mente, à medida que conhecermos sua situação, conforme suas provações; e, abrindo-se a oportunidade, aconselhar, advertir e encorajar uns aos outros. Vamos cuidar uns dos outros de verdade. Evitaremos cuidadosamente ofender ou ficarmos ofendidos. Assim, faremos disso o nosso empenho para cumprir a lei de Cristo.10

Esse foi um bom pacto para se fazer, e um ainda melhor para se cumprir. Qualquer um que for capaz de fazer e manter tais compromissos sabe o que significa viver a vida espiritual.

Notas

1 Veja BOYER Jr, Ernest. Finding God at Home: Family Life as a Spiritual Discipline (São Francisco: Harper & Row, 1984).

2 WUTHNOW, Robert. “Spirituality in America since the 1950s,” Theology, News and Notes (Março 1999), 4; veja também WUTHNOW, Robert. After Heaven: Spirituality in America since the 1950s (Berkeley: University of California Press, 1998).

3 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 260.

4 LUTERO, Martinho. Lectures on Galatians, 1535, trad. e org. PELIKAN, Jaroslav. In: Luther’s Works (St. Louis: Concordia, 1963), 27:111.

5 LUTERO, Martinho. A Commentary on St. Paul’s Epistle to the Galatians (Londres: James Clark, 1972), 540.

6 CALVINO, João. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin’s New Testament Commentaries, trad. Parker, T. H. L., org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 110.

7 LUTERO, Martinho. Galatians, 27:103.

8 Ibid., 27:126.

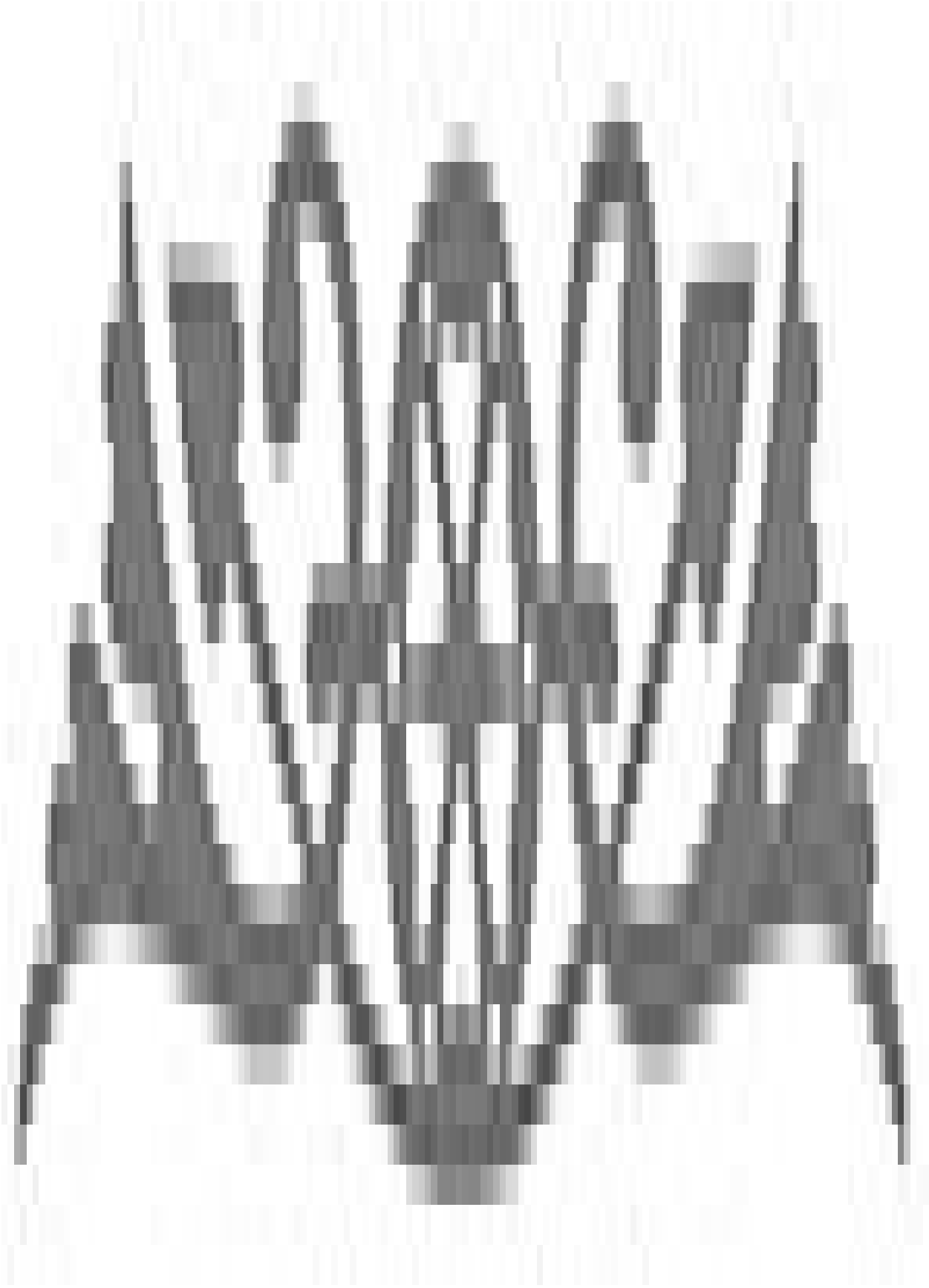
9 CALVINO, João. Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, 112.

10 “The Church Covenant of the Particular Baptist Church, reunião em Horse Fair, Stony Stratford, Buck,” In: GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 415.

21

Você colhe o que planta

Gálatas 6.7-10



Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna (Gl 6.7-8).

Todos os anos minha família planta tulipas, embora nem sempre com êxito. No primeiro ano, as plantamos em uma pequena jardineira de janela. A primavera veio, e com ela as nossas tulipas; floresceram, porém, pequenas e rugosas. Mais tarde, acabamos descobrindo o porquê: nós plantamos bulbos de tulipas-anãs. Não querendo cometer o erro duas vezes, no ano seguinte nós plantamos tulipas de tamanho normal. A maioria delas nunca brotou, e as que nasceram jamais floriram. O problema desta vez foi que a jardineira na janela não era funda o suficiente para que tulipas grandes crescessem adequadamente. Por fim, descobrimos que o melhor lugar para plantar nossos bulbos de tulipa seria embaixo da árvore no jardim da frente de casa. Agora, na primavera, as tulipas crescem formosamente, e nosso pequeno canteiro de flores fica coberto de cores radiantes: vermelho, branco, amarelo, laranja e rosa.

Isso mostra que um homem colhe o que semeia. É uma das leis fixas da natureza. Se alguém plantar bulbos de tulipas-anãs, tulipas-anãs é o que obterá, não importa o quanto sejam regadas. E, se os bulbos forem plantados no tipo errado de solo, nada crescerá. Mas, quando as sementes certas são plantadas no lugar certo, a primavera é repleta de alegria. Sempre foi assim. Quando criou o mundo, Deus decretou que a colheita seguiria a semeadura. E sempre será assim, pois Deus prometeu a Noé: “Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite” (Gn 8.22).

As sementes da destruição

Você colhe o que planta. Esse princípio é verdadeiro tanto no âmbito espiritual quanto no setor agrícola. Jó observou que “os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles segam” (Jó 4.8). O apóstolo Paulo aplicou esta regra aos gálatas: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito

colherá vida eterna” (Gl 6.7-8).

O contraste nesses versículos se dá entre a semeadura para a carne e a semeadura para o Espírito. A primeira vez que Paulo elaborou o contraste entre carne e Espírito foi no capítulo 5. A carne é a natureza pecaminosa que herdamos de Adão; o Espírito é nossa natureza regenerada em Cristo. Essas duas naturezas estão constantemente em guerra. As obras da carne se opõem ao fruto do Espírito, de modo que a impureza, a ira e a discórdia batalham contra a paz, o amor e o domínio próprio.

No capítulo 6, Paulo muda a ilustração, deixa de lado a esfera da luta e emprega figuras do mundo da agricultura: Um homem colhe aquilo que semeia. William Perkins explicou: “Há dois tipos de sementes que os homens semeiam nesta vida, sementes boas e sementes más. Dois tipos de semeadores, homens espirituais e homens carnais. Dois tipos de terra, sobre a qual essa semente é lançada; a carne e o Espírito. Dois tipos de colheitas, as quais os homens devem colher de acordo com a semente; corrupção, e vida”.1

Ações têm consequências. Nossa conduta presente determina nossa condição futura. No final das contas, temos que assumir a responsabilidade pelo nosso próprio comportamento. Se cedermos à carne, colheremos juízo, mas, se buscarmos o Espírito, conquistaremos a vida eterna. Assim, o velho ditado é verdadeiro: “Semeie um pensamento, colha uma ação; semeie uma ação, colha um hábito; semeie um hábito, colha um caráter; semeie um caráter, colha um destino”.

Algumas pessoas plantam as sementes de sua própria destruição, ao semearem para a sua carne (Gl 6.8). A carne, ou a natureza pecaminosa, ainda não foi submetida ao controle do Espírito de Deus. O incrédulo – que não tem o Espírito – é dominado pela carne, com todos os seus desejos pecaminosos. No entanto, até mesmo o cristão peleja com a carne, lutando contra a sua natureza caída.

O que o cristão precisa fazer com a carne é mortificá-la; isto é, condená-la à morte. Todavia, em vez de crucificar a natureza pecaminosa (Gl 5.24), os gálatas a mimavam. Alguns deles estavam se circuncidando e, dessa forma, tentando ser salvos por suas próprias obras. Quando advertiu os gálatas que eles colheriam o que quer que semeassem, Paulo pensava principalmente nos judaizantes. Outros membros da igreja se entregavam às paixões da carne, cometendo os mesmos pecados contra os quais o apóstolo já havia advertido: a imoralidade sexual, a

impureza, a idolatria, o ciúme, a inveja, a embriaguez e assim por diante (Gl 5.19-21).

Tentar satisfazer a carne é muito egoísta, e talvez seja por isso que Paulo se refere a alguém que “semeia para a sua própria carne” (Gl 6.8). É também extremamente autodestrutivo. O problema de “atirar para todo lado”, como costumam dizer por aí, é que sempre colhemos o que plantamos: “Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção” (Gl 6.8). A palavra “corrupção” sugere uma decadência gradativa, quase como a decomposição de um cadáver. Uma vez que o pecado é prejudicial tanto para o corpo quanto para a alma, essa degradação é física e espiritual. No final, viver para satisfazer prazeres egoístas produz a miserável colheita da morte eterna. Entretanto, ainda nesta vida, o pecado prova-se autodestrutivo. Vejamos alguns exemplos frequentes:

Um jovem casal apaixonado se deixa envolver nas paixões do momento e se entrega a atividades sexuais fora do casamento. Eles experimentam certo prazer, é claro, mas também estão semeando as sementes da destruição. Após terminarem o relacionamento, descobrem que prejudicaram sua capacidade de verdadeira intimidade.

Um homem fica imaginando assumir o controle da sua empresa, e passa a enxergar seus colegas como rivais, tramando esquemas para derrubá-los. Mas sua ambição egoísta está semeando as sementes da destruição, não apenas para os outros, mas também em sua própria alma.

Uma mulher secretamente detesta outra mulher em sua igreja. De vez em quando, elas têm suas desavenças mesquinhas, mas é realmente uma questão de personalidade, nada mais do que isso. Com cada pensamento desdenhoso, ela está plantando sementes destrutivas para sua própria saúde espiritual e para a comunhão da igreja.

Marido e mulher permitem que um ressentimento cresça em seu casamento sem nunca resolver suas diferenças. Eles também estão semeando as sementes da destruição. Ano após ano, à medida que se afastam cada vez mais, eles colhem solidão, amargura e incredulidade.

Nós sempre, sempre colhemos aquilo que plantamos. Isso é verdadeiro em todas as áreas da vida. John Stott escreve:

Toda vez que permitimos que nossa mente abrigue rancor, fomente uma reclamação, estimule uma fantasia impura, ou mergulhe em autopiedade, estamos semeando para a carne. Toda vez que nos demoramos em má companhia, cuja insidiosa influência sabemos que não podemos resistir, toda vez que ficamos deitados na cama quando deveríamos estar de pé e orando, toda vez que lemos literatura pornográfica, toda vez que assumimos um risco que exige demais do nosso domínio próprio, estamos semeando, semeando, semeando para a carne. Alguns cristãos semeiam para a carne todos os dias e se perguntam por que não ceifam santidade. A santidade é uma colheita; se a colhemos ou não, depende quase inteiramente do que e de onde nós semeamos.2

De Deus não se zomba

Tratando-se de semear e colher, a Escritura adverte: “Não vos enganeis” (Gl 6.7). O engano a que a Bíblia se refere é uma das mais populares inverdades da nossa época. É a mentira de que posso fazer tudo o que eu quiser sem jamais ser responsabilizado por aquilo que fiz. É a mentira de que eu posso pecar com impunidade; não importa o que eu faça agora, eu sempre posso me tornar uma pessoa espiritual mais tarde. É a mentira, escreveu o escocês John Brown, “de que um homem pode alcançar a suprema felicidade sem viver uma vida espiritual”.3

Não se engane, “de Deus não se zomba” (Gl 6.7). Colocando em termos coloquiais, não podemos “mostrar a língua para Deus”. Não podemos desprezá-lo ao agradar nossa natureza pecaminosa e zombar dele sempre que temos a oportunidade. No mínimo, não podemos fazer essas coisas e sair impunes. Aqueles que acreditam que podem brincar com Deus estão apenas enganando a si mesmos. Ninguém pode ignorar a autoridade dele para sempre. A Escritura diz, “Deus retribuirá a cada um conforme o seu procedimento. Ele dará vida eterna aos que, persistindo em fazer o bem, buscam glória, honra e imortalidade. Mas haverá ira e indignação para os que são egoístas, que rejeitam a verdade e seguem a injustiça” (Rm 2.6-8 - NVI). Um dia nós colheremos o que semeamos e, se quisermos semear para agradar à natureza pecaminosa, colheremos destruição.

Muitas pessoas tentaram zombar de Deus, mas ninguém jamais conseguiu sair impune disso. Golias zombou do reino de Deus quando os filisteus lutaram contra os judeus no vale de Elá (1Sm 17). Ele sacudiu seu punho contra os exércitos do Deus vivo. Mas Deus não pode ser escarnecido, então Golias acabou com uma pedra em sua testa e uma espada em seu pescoço. O rei Herodes zombou da glória de Deus quando o povo proclamou que ele era um deus (At 12.21-23). Herodes sentou-se em seu trono com brilhantes vestes reais, deliciando-se no brilho da adoração de seu povo. Mas de Deus não se zomba. Por ter se recusado a dar glória a Deus, Herodes foi comido por vermes e morreu.

As pessoas continuarão a zombar de Deus e de seu julgamento até o dia do retorno de Cristo. Mas haverá uma colheita. Jesus falou sobre isso muitas vezes, dizendo:

a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos. Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 13.39-42).

Você está plantando as sementes da destruição? Se você acha que pode sair ileso do que está fazendo, está enganado. De Deus não se zomba.

Semeando para o Espírito

Há mais de uma maneira de semear e, felizmente, as sementes de destruição não são as únicas sementes que podemos lançar. A semente boa está disponível e, quando cultivada em um campo fértil, produz uma rica colheita: “o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6.8). O que significa semear para o Espírito?

A ideia de semear e colher pode se referir ao versículo 6, que aborda a questão de compartilhar as coisas boas com o pastor. Uma forma de semear para o Espírito é apoiando o ministério da Palavra de Deus. Até a época dos Reformadores, essa passagem era normalmente interpretada nesse sentido. Mas

semear para o Espírito significa muito mais do que prover o sustento do seu pastor. É, na verdade, outra maneira de descrever o que Paulo falou mais cedo, quando mencionou andar no Espírito (Gl 5.16), ser guiado pelo Espírito (Gl 5.18) e manter-se em sintonia com o Espírito (Gl 5.25). Semear para o Espírito significa seguir a orientação do Espírito, obedecendo às suas instruções para um viver santo.

Mais especificamente, semear para o Espírito significa plantar o tipo de semente que vem do fruto do Espírito: amor, alegria, bondade, fidelidade e afins. Significa cultivar bom fruto espiritual usando os recursos da graça: estudo da Bíblia, oração, adoração e sacramentos.

Semear para o Espírito significa viver para o agrado Deus em vez do nosso próprio prazer. Por exemplo, um jovem casal semeia para o Espírito quando preserva a pureza do seu leito de matrimônio. Um homem semeia para o Espírito quando rejeita sua própria ambição a fim de servir aos outros. Uma mulher semeia para o Espírito quando se reconcilia com sua irmã em Cristo. Marido e mulher semeiam para o Espírito quando se arrependem de seu egoísmo e começam a trabalhar juntos em verdadeira parceria espiritual. Em suma, semear para o Espírito significa viver para Cristo em todas as áreas da vida. Todas as vezes que pensamos um pensamento, pronunciamos uma palavra, ou executamos uma ação, nós plantamos uma semente. Todas as vezes que pensamos, dizemos ou fazemos qualquer coisa para a glória de Deus, estamos semeando para o seu Espírito.

Se é verdade que colhemos o que plantamos, então, quanto mais semearmos, mais colheremos. Lembro-me disso a cada primavera, quando passo em frente a um terreno baldio perto de casa. Alguns anos atrás, um homem pegou uma tina de sementes de flores silvestres e as espalhou sobre o lote vazio no centro da cidade. Na primavera, o espaço torna-se um tumulto de cores. Há centenas de papoulas vermelhas, misturadas com flores silvestres alaranjadas, amarelas e azuis.

A semente que semeamos para o Espírito também deve ser amplamente espalhada: “aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará” (2Co 9.6). Aquele que semeia para o Espírito colhe a mais rica colheita de todas: a vida eterna. Claro que não significa que a salvação venha pelas obras. A vida eterna é um dom que se baseia em crer, não em fazer. Todavia, os crentes praticam ações, e, embora ninguém

seja salvo por obras, ninguém é salvo sem elas também. Portanto, tendo sido salvo pela graça, o crente sai e semeia para agradar ao Espírito. Deus, em sua graça, dará a recompensa da vida eterna a todos os que semeiam a boa semente espiritual.

A Escritura ensina que aquele que tem o poder de transmitir vida eterna é o Espírito Santo. É "do Espírito" que o crente "colherá a vida eterna" (Gl 6.8 - NVI). Vida eterna é dom de Deus para todos aqueles que creem no Deus Filho, Jesus Cristo, "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Mas aquele que concede o dom da vida sem fim é o Espírito Santo. Enquanto semear para a carne não traz nada além de morte e destruição, semear para o Espírito produz vida eterna. A vida gloriosa do corpo imortal ressurreto vem do Espírito de Deus. O mesmo Espírito que ressuscitou Jesus Cristo também levantará o cristão dentre os mortos.

De certa forma, a vida eterna já começou. Aqueles que semeiam para agradar ao Espírito começam a colher suas recompensas já nesta vida. Nesse contexto, a colheita espiritual é como colher morangos. Quando uma família sai para coletar as frutinhas, eles recolhem o suficiente para durar até a próxima colheita. Mas nem todos os morangos chegam a se tornar geleias e tortas. De vez em quando, um dos ceifeiros colhe um suculento morango, joga-o em sua boca, e come imediatamente.

Semelhantemente, nós começamos a saborear a vida eterna assim que nos achegamos a Cristo. Todo aquele que nasce de novo pelo Espírito de Deus tem a vida do Deus eterno dentro de si. O teólogo batista Timothy George explica que a vida eterna "não é apenas vida que dura eternamente, mas é, na verdade, a própria vida de Deus, a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, graciosamente concedida aos filhos de Deus pela fé no Redentor. A vida eterna é o estado atual de todos os que verdadeiramente confiam em Cristo como Salvador e Senhor".4 Sendo assim, nem todos os benefícios da vida eterna são protelados. O Espírito Santo nos dá a certeza da nossa fé, a alegria da nossa salvação e a esperança da nossa ressurreição, aqui e agora.

O Espírito também nos faz ansiar por algo futuro. Estamos esperando pela colheita prometida da vida vindoura. Ao longo desta vida, semeamos nossas sementes para agradar ao Espírito, sabendo que um dia nós colheremos uma abundante safra de bênçãos de Deus. William Perkins escreveu:

Se os homens pudessem ser convencidos disto, de que o tempo desta vida é o tempo da semente; que o juízo final é a colheita; e que tão certo quanto o lavrador que semeia sua semente espera por crescimento, também nós, por nossas boas obras, esperamos uma recompensa completa; oh, quão frutíferos seríamos, quão abundantes, quão cheios de boas obras?5

Continue com o bom trabalho

Como qualquer agricultor pode afirmar, semear é trabalho duro, especialmente quando é feito manualmente. Plantar sementes requer longas horas de trabalho persistente. Semear para o Espírito também é trabalho árduo, e é por isso que precisamos desta exortação: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gl 6.9). “Desfalecer” significa “cansar” ou “desanimar”. Originalmente, o termo era usado para descrever algo que tinha ficado frouxo, como um arco não tensionado.

O apóstolo Paulo sabia como é fácil descuidar-se da vida cristã. Os seres humanos são fracos e por isso é tão difícil que os ministérios mantenham sua vitalidade espiritual e tantos cristãos que estão ativos no ministério se exaurem. As pessoas se cansam. Ficam tentadas a pecar. Enfrentam resistência, às vezes vinda daqueles mesmos a quem estão tentando ajudar. E ficam desencorajadas quando não veem resultados. Em uma cultura acelerada, os indivíduos se acostumam à gratificação instantânea; é difícil esperar até as coisas crescerem. Além disso, há a enorme imensidão da necessidade humana. Como aprendemos no livro de Gálatas, existem próximos para amarmos, pecadores para restaurarmos, fardos para carregarmos, e pastores para apoiarmos. E esse é apenas o começo. Há sempre alguém que precisa de mais ajuda. Mas quem tem o tempo ou a energia para ajudar a todos? Às vezes é tentador simplesmente desistir.

Existem muitas coisas que os cristãos podem fazer quando se cansam de fazer o bem. Uma delas é descansar um pouco. O fracasso espiritual costuma ser causado pela fadiga física. Outra coisa a se fazer é parar de se esforçar para servir por nossa própria força e começar a descansar no Senhor. Somos chamados a viver de acordo com a maravilhosa promessa de Isaías:

Faz forte ao cansado

e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.

Os jovens se cansam e se fatigam,

e os moços de exaustos caem,

mas os que esperam no

Senhor

renovam as suas forças,

sobem com asas como águias,

correm e não se cansam,

caminham e não se fatigam (Is 40.29-31).

Enquanto esperamos no Senhor, podemos pedir que outros cristãos orem por nós e talvez até nos ajudem. Mas, seja lá o que façamos, não podemos desistir. E de todas as razões para não desistir, precisamos lembrar especialmente desta: Um dia haverá uma colheita.

A ordem de Deus para “continuar continuando” vem com um incentivo: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gl 6.9). Não há dúvida: se você trabalha para Cristo, você receberá sua recompensa. “Todo ato de dever cristão”, escreveu John Brown, “todos os sacrifícios feitos, todas as privações às quais nos submetemos, todos os sofrimentos enfrentados, provenientes de um respeito à autoridade de Cristo, com vista à honra de Cristo, serão devidamente recompensados”.6 Se a recompensa não for concedida nesta vida, certamente será concedida na vida futura. Com frequência, a Bíblia fala sobre recompensas eternas, não para nos deixar ansiosos sobre se temos feito o suficiente para Deus, mas para nos encorajar a fazer o máximo possível.

Repare que a colheita vindoura é para aqueles que não desistem. Isso é parte da doutrina bíblica da perseverança. Se quisermos reivindicar nossa recompensa,

devemos perseverar até o fim, não nos cansando de fazer o bem. Pela graça de Deus, perseveraremos. O antigo ditado é verdadeiro: “Uma vez salvo, salvo para sempre”. Contudo, às vezes, os cristãos esquecem que, uma vez salvos, devem sempre servir. Devemos continuar fazendo o bem, não porque estamos nos esforçando para conquistar a nossa salvação – a qual é um dom da graça de Deus –, mas porque somos gratos pela salvação que temos em Cristo.

Há momentos em que é muito tentador desistir, ou pelo menos descansar nossos remos por um tempinho. Quando um remador tira seus remos da água, seu barco continua deslizando rio acima. Mas não por muito tempo. Logo que pausa o seu ritmo, ele começa a perder velocidade. Aos poucos, a corrente o desacelera, e logo ele parará completamente. Algo semelhante acontece na vida espiritual, e é por isso que a Escritura nos adverte para não desistirmos quando nos cansarmos. Os cristãos que deslizam só no embalo perdem o seu impulso espiritual. Nós ceifaremos uma colheita somente se perseverarmos em fazer o bem.

A colheita virá. Virá no tempo apropriado, um tempo determinado não pelas estações ou pelo clima, mas pela vontade de Deus. Independentemente de vir durante esta vida ou quando Cristo voltar (cf. 1Tm 6.15), a colheita virá no tempo certo de Deus. Na época devida, aqueles que fizerem o bem receberão sua recompensa. Jesus diz, “E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras” (Ap 22.12).

Até que venha a colheita, devemos continuar semeando. Um bom exemplo do que significa plantar e depois esperar pela colheita vem da vida de William Carey, o primeiro missionário na Índia da história das missões modernas. Desde que colocou os pés no subcontinente em 1793, Carey começou a ensinar a Bíblia a qualquer pessoa que o ouvisse. E continuou fazendo isso durante os próximos sete anos, sem ganhar sequer um único convertido para Cristo.

Como é de se esperar, por vezes, Carey ficava desanimado. Em certa ocasião, ele escreveu para sua família na Inglaterra dizendo o seguinte:

Eu me sinto como um fazendeiro se sente sobre sua colheita: às vezes acho que a semente está brotando, e fico esperançoso; e então o tempo sopra tudo, e minhas esperanças se vão como uma nuvem. Eram apenas ervas daninhas que apareciam; ou se um pouco de milho brotou, morreu rapidamente, sendo sufocado por ervas daninhas, ou ressequido pelo sol da perseguição. Contudo,

ainda espero em Deus e prosseguirei em sua força.7

Embora às vezes se cansasse de fazer o bem, Carey se recusou a desistir. Em 1800, ele finalmente começou a colher o que tinha plantado, batizando seu primeiro convertido hindu no rio Ganges: as primícias de uma grande colheita entre o povo indiano.

Ou considere outro exemplo, este proveniente da colônia da Virgínia, que envolve a conversão de um homem chamado Luke Short na idade madura de 103 anos. Short estava sentado no jardim quando subitamente se lembrou de um sermão que tinha ouvido certa vez, pregado pelo famoso puritano John Flavel (1691). Ao recordar do sermão, Luke pediu a Deus, bem ali, naquele exato momento, que lhe perdoasse os pecados por meio de Jesus Cristo. Short viveu por mais três anos e, quando morreu, a inscrição colocada em sua lápide foi: "Aqui jaz um bebê na graça, de três anos de idade, que morreu, de acordo com a natureza, com 106 anos".

Mas aqui está a parte impressionante da história: O sermão de que Short se recordou havia sido pregado por Flavel lá na Inglaterra, 85 anos antes. Quase um século se passara entre o sermão e a conversão, entre a semeadura e a colheita. Mas um homem colhe o que planta [...] e, no tempo oportuno, Flavel segou sua colheita.8

Isso é um lembrete de que não devemos avaliar o ministério com base em resultados imediatos. Igrejas demais, especialmente nos Estados Unidos, querem saborear os frutos de seus trabalhos no dia em que são plantados. No entanto, a maioria dos frutos espirituais leva tempo para crescer. Muito tempo. Não raramente, leva-se anos até que pais, professores ou ministros sejam capazes de ver o efeito do seu trabalho. "Sede, pois, irmãos, pacientes" escreveu o apóstolo Tiago, "até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas. Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima" (Tg 5.7-8).

Faça o bem para todos

Enquanto esperamos pacientemente pela colheita, nossas instruções são bastante

específicas: “[...] enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10). De acordo com esse versículo, um cristão é alguém que faz todos os tipos de bem a todos os tipos de pessoas. Fazer o bem significa atender às necessidades dos indivíduos realizando os seis atos da caridade: alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, mostrar hospitalidade a estranhos, vestir os nus, cuidar dos doentes e visitar os prisioneiros (Mt 25.34-36). Fazer o bem significa ensinar o ignorante e apanhar o lixo. Significa velar por nossos vizinhos e ajudar a nossa comunidade. Também significa fazer algum bem espiritual: orar pelas pessoas e entregar-lhes as boas-novas sobre Jesus Cristo. Fazer o bem significa fazer todas as coisas boas que forem possíveis.

Essas coisas boas devem ser feitas tanto dentro quanto fora da igreja. A Escritura estabelece o equilíbrio apropriado: “façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6.10). Tenha cuidado para não pular a primeira frase rápido demais. Os cristãos devem fazer algo bom para todos. A caridade apenas começa em casa; depois, ela também sai se espalhando pela vizinhança. Isto é o que os antigos pagãos consideravam tão incomum sobre os primeiros cristãos – e tão atraente. Eles não só cuidavam de suas próprias necessidades, mas também serviam as necessidades de todas as demais pessoas. Uma das razões pelas quais a igreja atual tem uma reputação tão comprometida é que os cristãos não fazem tanto bem quanto deveriam fazer.

Os cristãos devem fazer o bem a todos; todavia, temos uma responsabilidade especial quanto a cuidar de outros cristãos. Somos todos filhos de Deus por adoção. Somos todos membros do mesmo lar, da mesma família espiritual. Portanto, nossos irmãos e irmãs em Cristo têm um direito especial sobre nós:

Assim, os cristãos são particularmente obrigados a fazer o bem uns aos outros. Todo homem pobre e angustiado pode requerer de mim piedade, e, se eu puder arcar, esforço ativo e alívio pecuniário. Mas um cristão pobre tem uma prerrogativa muito mais forte em meus sentimentos, em meus trabalhos, e em minha propriedade. Ele é meu irmão, igualmente interessado em mim no sangue e no amor do Redentor. Eu espero passar uma eternidade com ele no céu. Ele é o representante do meu Salvador invisível, o qual considera tudo feito a seu pobre irmão aflito como para si mesmo. Um cristão ser rude com um cristão, não é apenas errado, é monstruoso.9

É absolutamente necessário que os cristãos sejam bons uns com os outros. Essa não é uma questão de egoísmo; é uma questão de testemunho. Como podemos cumprir nossa missão de mostrar o amor de Deus ao mundo sem demonstrar amor uns aos outros? Cuidar dos nossos faz parte de nosso testemunho ao mundo que nos observa.

A última coisa a observar é que devemos fazer o bem uns aos outros e a todos os demais, “enquanto tivermos oportunidade” (Gl 6.10). Isso não significa que o bem é algo que fazemos apenas de vez em quando, isto é, quando temos tempo, ou se vier a calhar. Pelo contrário, a palavra grega para “oportunidade” é a palavra para “tempo” ou “estação”. Assim, ela transmite a urgência da colheita vindoura: Esta é uma oportunidade limitada, por isso não a perca. Há um tempo para semear, assim como haverá também um tempo para colher. Em breve, o tempo da semente cessará e o dia da colheita virá. Colher é para a vida futura; este tempo de vida é para semear. Devemos aproveitar a oportunidade para semear boas obras, enquanto ainda temos chance.

Então, que tipo de sementes você tem plantado? Você tem lançado ao solo as sementes da destruição, ou tem semeado boas ações no Espírito? De um jeito ou de outro, uma coisa é certa: você colherá aquilo que planta.

Notas

1 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 496.

2 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 170.

3 BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 336.

4 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 424.

5 PERKINS, William. A Commentary on Galatians, Pilgrim Classic Commentaries, org. SHEPPARD, Gerald T. (Londres, 1617; reimp. Nova York: Pilgrim, 1989), 489.

6 BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 344.

7 CAREY, William. In: GEORGE, Timothy. Faithful Witness: The Life and Mission of William Carey (Birmingham, AL: New Hope, 1991), 116.

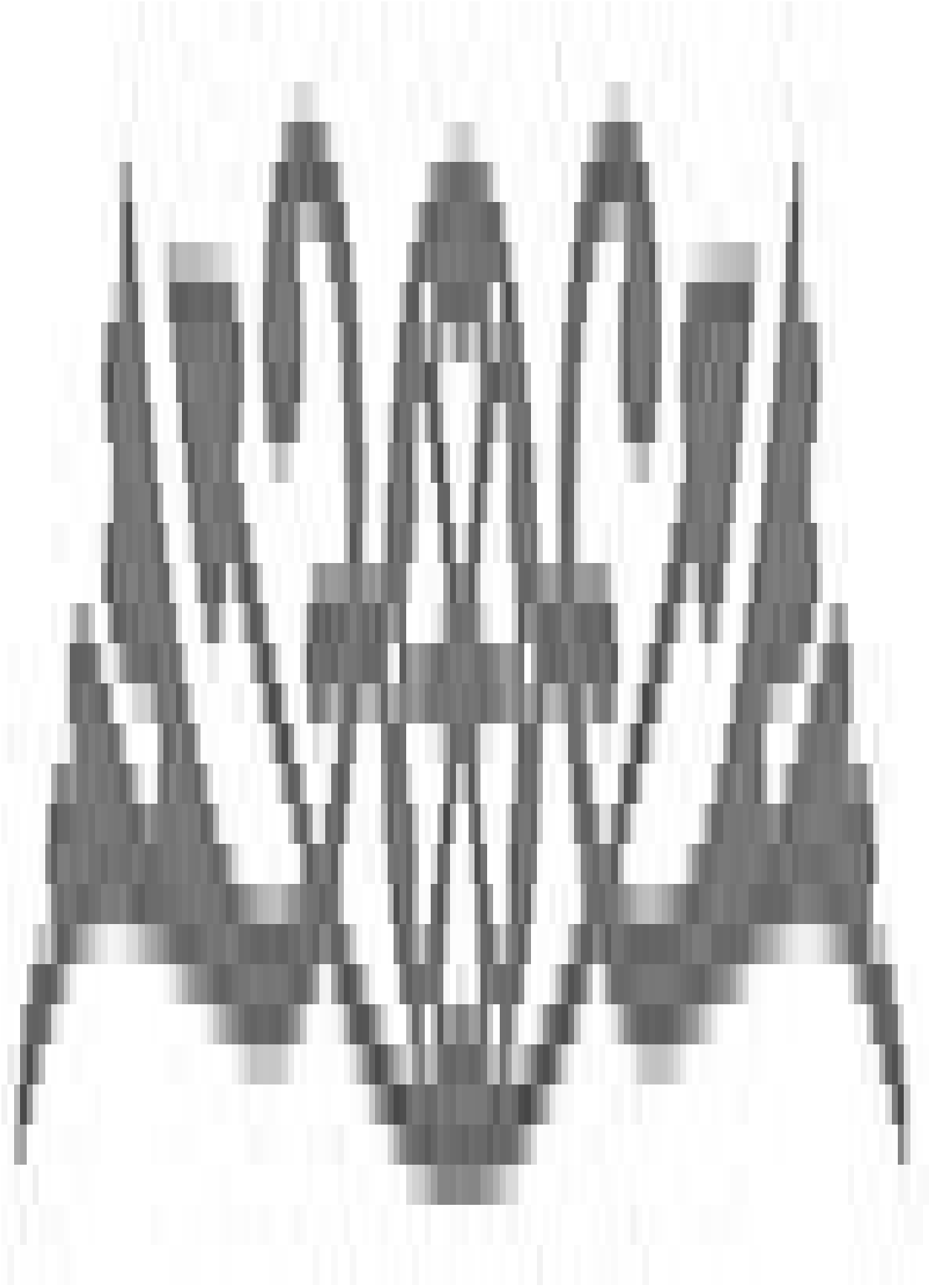
8 Veja FLAVEL, John. The Mystery of Providence (Edimburgo: Banner of Truth, 1963), 11.

9 BROWN, John. An Exposition of the Epistle of Paul the Apostle to the Galatians (Edimburgo, 1853; reimp. Evansville, IN: Sovereign Grace, 1957), 348.

22

Glória na cruz

Gálatas 6.11-18



[...] longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo. Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura (Gl 6.14-15).

Deve ter sido um momento dramático – a estreia mundial de uma carta. A igreja da Galácia tinha se reunido para a leitura pública de uma carta vinda de ninguém menos que o apóstolo Paulo. Quando a carta chegava ao fim, eles ouviram as seguintes palavras: “Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho” (Gl 6.11). Talvez, para ênfase, o leitor ergueu o papiro para mostrar a todos o trecho em letras garrafais da carta de Paulo.

O que provavelmente aconteceu foi o seguinte: Como lhe era de costume (cf. Rm 16.22), Paulo havia ditado a maior parte dessa carta ao seu amanuense, ou secretário. Porém, terminou o documento de próprio punho, pessoalmente adicionando seu autógrafo para dar à sua Carta aos Gálatas o selo de sua autoridade apostólica. E ele escreveu sua assinatura em letras grandes para ressaltar sua conclusão.

Portanto, o último trecho de Gálatas é mais do que um posfácio apressadamente escrito, o pensamento tardio de um apóstolo. Em vez disso, esses versículos compreendem um resumo de toda a carta: colocam a circuncisão em contraposição à cruz, mostrando que a justificação somente pela graça, somente por meio da fé, somente em Cristo significa se gloriar somente na cruz. Entender isso é entender Gálatas. Mais do que isso, é entender o evangelho.

Constrangido a ser circuncidado

O resumo no final de Gálatas começa com a declaração de um problema: “Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constrangem a vos circuncidardes” (Gl 6.12). Esse verso apresenta a primeira razão que levou Paulo a escrever para os Gálatas. Alguns missionários judaico-cristãos vieram checar como andava o trabalho evangelístico de Paulo. Esses missionários, a quem nomeamos de judaizantes e que provavelmente vieram de Jerusalém, alegavam crer nas boas-novas sobre Jesus Cristo. Eles ensinavam sobre a cruz e o túmulo vazio – a

crucificação e a ressurreição de Jesus Cristo.

Porém, havia algo que esses professores queriam acrescentar ao evangelho de Paulo, e esse algo era o rito judaico da circuncisão. No Antigo Testamento, Deus ordenara ao seu povo que removesse o prepúcio de todos os homens como um sinal de pertencimento à sua aliança (Gn 17). Os judaizantes disseram que a circuncisão era ainda um pré-requisito para a salvação. Eles condensavam seu prospecto missionário com o seguinte slogan: “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (At 15.1). Essa era uma forma de dizer que um convertido precisava se tornar judeu a fim de se tornar um cristão. Para os judaizantes, a salvação significava a cruz somada à circuncisão.

Transformar o evangelho em “a cruz mais alguma coisa” é uma tentação contínua para a igreja. Não importa se essa “outra coisa” for uma ação ou um dever, um sacramento ou uma causa social, o problema é sempre o “mais”. Para que o evangelho seja o evangelho, a cruz tem que estar sozinha.

Naturalmente, por acreditarem que a circuncisão era necessária para a salvação, os judaizantes queriam circuncidar o maior número possível de pessoas. Quando vieram à Galácia, pressionaram os cristãos gentios dali para que fossem circuncidados. O problema não era tanto a circuncisão, mas sim a coerção que exerciam para tal fim. Os judaizantes estavam exigindo que os gálatas fossem circuncidados para serem salvos.

Por que eles estavam fazendo isso? Os judaizantes pensavam que estavam fazendo a obra de Deus, mas o apóstolo Paulo, sob a inspiração do Espírito Santo, discerniu o motivo real: “somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo” (Gl 6.12). Eles tentavam evitar a perseguição.

Quando pensamos nos sofrimentos da igreja primitiva, com frequência lembramos de toda a perseguição que veio dos romanos. Todavia, os primeiros ataques vieram dos judeus. Pense em Estêvão, que foi apedrejado pelo Sinédrio (At 7), ou em Paulo antes de sua conversão, arrastando os cristãos para fora de suas casas (At 9.1-2). Algumas das perseguições mais severas que os cristãos enfrentaram vieram do povo judeu.

À medida que a igreja se espalhou pela Ásia Menor, a perseguição judaica se espalhou com ela. Mas havia um modo fácil de evitá-la: circuncidando-se. O que

irritava os judeus devotos eram as pessoas que não conseguiam respeitar os limites apropriados entre judeus e gentios. Mas até os gentios eram bem-vindos caso concordassem em se unir à aliança divina pela circuncisão. Então o que deve ter acontecido foi algo mais ou menos assim: alguns missionários judaico-cristãos seguiram Paulo até a Galácia; descobriram, para seu horror, que os cristãos judeus estavam se misturando e socializando com gentios incircuncisos. Estavam até mesmo sentando-se à mesa com eles. Os visitantes sabiam que se isso continuasse por muito mais tempo, haveria problemas vindos das autoridades da sinagoga local. Por essa razão, instaram os gentios da igreja da Galácia que fossem circuncidados o mais rápido possível. Esse foi um caso claro de contextualização exagerada do evangelho. Em vez de simplesmente formatar o evangelho nos termos que os gálatas pudessem entender e explicar aos seus vizinhos judeus, os judaizantes estavam mudando os termos da própria salvação.

Os judaizantes diziam que a circuncisão era necessária para pertencer à aliança de Deus, mas sua real motivação era o medo. Eles tinham medo do que os outros iriam dizer e fazer caso descobrissem que eles cultuavam com os gentios. Seria muito mais fácil defender seu envolvimento com o cristianismo se pudessem dizer que os gentios de sua igreja guardavam a lei de Moisés. Se tão somente os gentios concordassem em ser circuncidados como judeus, tudo se resolveria. No fundo, eles não estavam dispostos a serem perseguidos pela causa de Cristo.

Os cristãos inevitavelmente enfrentam essa tentação porque a cruz tem sua própria maneira peculiar de atrair a perseguição. Ela suscita oposição, pois diz que somos pecadores sob a maldição de Deus. Assevera-nos sobre a nossa necessidade de que outra pessoa morra por nossos pecados, que não há nada que possamos fazer para nos salvar, apenas confiar em Jesus.

Certa vez, tive uma conversa com uma mulher que encontrava dificuldades em aceitar as reivindicações de Cristo. Ela tinha começado a perceber que se render à vontade de Deus para sua salvação exigiria mudanças radicais. “Se eu acreditasse que meus amigos na piscina estavam realmente indo para o inferno” disse, “então eu teria que falar a eles sobre Jesus, não é mesmo? Mas então eu não teria mais amigos!” Talvez não. As pessoas geralmente não gostam que lhes digam que são pecadores que precisam de um Salvador. Mas isso é o que significa ser um cristão: significa defender a Cristo e sua cruz.

Uma glória vazia

Houve outra razão pela qual os judaizantes exortaram os gálatas a serem circuncidados. Eles não só buscavam evitar a perseguição, mas também queriam parecer bem-sucedidos; esperavam “ostentar-se na carne” (Gl 6.12). Mais especificamente, “querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne” (Gl 6.13).

Essa era uma estranha ostentação a se fazer, e demonstra quão importante a circuncisão se tornou para os judeus. Aparentemente, quanto mais prepúcios coletassem, mais fascinados seus conhecidos de Jerusalém ficariam. Os judaizantes não estavam realmente preocupados se os gálatas cumpririam ou não a lei de Deus; eles só queriam se gabar de quantos convertidos tinham conseguido. Podemos quase imaginá-los enviando um boletim da “Missão na Galácia” para seus apoiadores em Jerusalém. “UMA CENTENA DE CIRCUNCIDADOS!” diria a manchete. Mas eles apenas estavam mantendo as aparências. Seu ministério era só uma fachada.

O exibicionismo é uma das diferenças entre religião verdadeira e falsa. A religião falsa se emaranha com coisas superficiais, como quantidade de participantes e rituais de adoração. A religião externa é o que os líderes de cultos buscam quando pressionam os membros a recrutar novos “convertidos”. É isso que as igrejas almejam quando buscam divertir mais do que edificar, ou quando baseiam a salvação no que as pessoas fazem por Deus e não no que Deus fez por elas.

A religião verdadeira é interior. Embora sempre extravase, ela começa do lado de dentro, onde o Espírito Santo regenera o coração de um pecador. O problema de fazer algo como a circuncisão é que se trata apenas de um sinal superficial. É meramente externo, um ato feito ao corpo, à carne da autossuficiência pecaminosa. A verdadeira religião não se baseia em obras exteriores, mas é baseada na fé interior.

A circuncisão não era apenas um motivo estranho para os judaizantes se gabarem, mas era também um orgulho vazio. Supunha-se que fosse um sinal de total comprometimento com a lei de Deus. Os judaizantes disseram dos gentios: “É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés” (At 15.5). A ironia era que nem os próprios judaizantes conseguiam guardar a lei. “Pois nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei; antes, querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne” (Gl 6.13).

Foi um exemplo clássico de hipocrisia: legalistas sem lei. Eles se gabavam da circuncisão porque pensavam que ela os tornava mais justos; ser circuncidado, porém, também significava que deviam guardar toda a lei de Deus (cf. Gl 5.3). O problema com isso, naturalmente, é que ninguém pode cumprir a lei de Deus perfeitamente: "Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las" (Gl 3.10). O problema com a lei não é a lei; o problema com a lei é o pecado. A lei salva apenas aqueles que a cumprem, o que ninguém faz.

A circuncisão equivalia à justificação por obras. Era uma maneira de dizer: "Eu posso ser salvo por meus próprios esforços, pela minha própria observância da lei". Mas aqueles que insistem em salvar a si mesmos não podem alcançar a altura de seu próprio padrão, muito menos estarem à altura do padrão divino. No final, eles não têm nada para se gabar: "Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Rm 3.27-28).

Não é de admirar que o apóstolo Paulo se opusesse aos judaizantes a cada passo. Eles eram o pior tipo de pregadores. Não estavam dispostos a suportar a perseguição pela causa de Cristo. Buscavam a glória de seu próprio sucesso. Jamais praticavam o que pregavam. Pior de tudo, ao confiarem na circuncisão em vez da cruz, negavam a livre graça do evangelho.

Algo para ostentar

Se a jactância dos judaizantes era estranha, o orgulho de Paulo soou ainda mais inusitado: "[...] longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6.14). É difícil capturar o significado da palavra grega para "gloriar-se" (kauchasthai) porque não há equivalente preciso em português. Significa mais do que se gabar. "Significa gabar-se em, gloriar-se em, confiar em, regozijar-se em, deleitar-se em, viver para. O objeto da nossa ostentação ou 'glória' preenche os nossos horizontes, atrai a nossa atenção e absorve o nosso tempo e energia. Em uma só palavra, nossa 'glória' é nossa obsessão", escreveu John Stott.1

A obsessão de Paulo com a cruz era estranha por duas razões. Primeiro, ele se

recusava a viver para qualquer uma das coisas que as pessoas geralmente vivem. Ele não se vangloriava em sua popularidade, intelecto, influência, aparência, renda ou desempenho profissional. Nem se gabava por sua circuncisão (ou por qualquer outra coisa em seu histórico espiritual, como mostra Filipenses 3.3-9). Paulo absolutamente se recusou a se orgulhar de qualquer uma das suas habilidades ou conquistas, o que era estranho, pois essas são exatamente as coisas das quais as pessoas costumam, sim, se orgulhar.

Em segundo lugar, aquilo sobre o qual Paulo estava disposto a se gabar era algo ainda mais estranho: a cruz de Cristo. Os cristãos estão acostumados a pensar na cruz como algo nobre, ou mesmo belo; para os antigos, porém, era quase a coisa mais horrível que se podia imaginar – a humilhação máxima. Os romanos consideravam a cruz como sendo degradante, nojenta, desprezível, detestável e vergonhosa. Em seu comentário sobre esses versículos, F. F. Bruce observa que

o objeto do orgulho que Paulo agora ostentava era, de acordo com todos os padrões comuns de sua época, o mais ignóbil de todos os objetos – uma questão de vergonha não aliviada, e não de jactância. É difícil, depois de mais de dezesseis séculos, durante os quais a cruz tem sido um símbolo sagrado, perceber o horror e a repugnância inenarráveis que a mera menção ou pensamento da cruz provocava nos dias de Paulo. A palavra crux era impronunciável na bem-educada sociedade romana; mesmo quando alguém estava sendo condenado à morte por crucificação, a sentença usava uma fórmula arcaica que servia como uma espécie de eufemismo: “pendurá-lo no desafortunado madeiro”.2

É difícil pensar em um equivalente cultural contemporâneo para a cruz. Um que talvez chegue perto é sugerido pela paráfrase da Cotton Patch Bible*: “Deus proibiu que eu me orgulhasse de qualquer coisa, exceto do linchamento de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Que coisa estranha para se gabar. A cruz deveria ter sido uma vergonha para a igreja primitiva. O que as pessoas pensariam quando descobrissem que o fundador do cristianismo fora executado como um criminoso de quinta categoria? Mas, em vez de negar, ou de encobri-lo, os cristãos anunciavam esse evento. Exatamente aquilo que a maioria dos indivíduos considerava obsceno demais para sussurrar em companhia educada, os cristãos estavam divulgando

nas ruas.

Paulo se gabou sobre a cruz em sua Carta aos Gálatas. “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2.19), escreveu; “Jesus Cristo exposto como crucificado” (Gl 3.1). Ele continuou se gabando no restante de suas cartas: “pregamos a Cristo crucificado” (1Co 1.23); “Decidi não saber nada entre vós, senão Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2.2). Ele falou da mensagem da cruz (1Co 1.18 - NVI), do escândalo da cruz (Gl 5.11), do triunfo da cruz (Cl 2.15), e da maravilha da cruz (Fp 2.8).

Paulo estava sempre se gabando sobre a cruz [...] e Deus o livre de que se vangloriasse de qualquer outra coisa. Cristo crucificado significava tudo para ele, assim como deve significar para nós. A cruz não é apenas algo para nos gabar; é a única coisa de que devemos nos gabar. A cruz é a única coisa de que devemos nos gabar porque significa que Deus nos ama o suficiente para morrer por nós, que ele nos salvou por meio da morte de seu próprio Filho amado. Significa que fomos redimidos, que Cristo pagou o preço total por nossa salvação. A cruz significa que temos o perdão pelos nossos pecados, que Cristo ofereceu a si mesmo como um sacrifício expiatório para levar nossa culpa. Significa que somos justificados, que Deus agora nos aceita como justos perante seus olhos. Sua ira foi desviada e agora somos inocentes diante dele.

Contudo, somente podemos nos gloriar do Cristo crucificado se renunciarmos a toda e qualquer coisa que pudermos fazer para salvar a nós mesmos. No final das contas, embora existam diversas religiões, há apenas duas opções religiosas: gloriar-se em si mesmo e gloriar-se na cruz. Gloriar-se na cruz é parar de confiar em nossos próprios méritos – nossa frequência à igreja, estilo de adoração, hábitos devocionais, envolvimento social, ortodoxia teológica ou número de convertidos – e começar a confiar nos méritos de Jesus Cristo somente. A cruz rejeita qualquer mera tentativa humana de agradar a Deus. Ela declara que “os pecadores podem ser justificados diante de Deus e por Deus, não por causa de quaisquer obras próprias, mas por causa da obra expiatória de Cristo; não por causa de qualquer coisa que tenham feito ou que possam fazer, mas por causa do que Cristo fez uma vez, quando morreu”3.

Os gálatas precisavam escolher entre a cruz e a circuncisão. Era um ou outro, não poderia ser ambos. A circuncisão era uma maneira de reivindicar participação em sua própria salvação, mas a cruz diz que Jesus pagou tudo: seu sacrifício é a base completa para a nossa salvação. Dessa forma, não há lugar

para se vangloriar sobre o que fazemos e sobre o que Cristo fez ao mesmo tempo. John Stott escreve:

A verdade é que não podemos nos gloriar em nós mesmos e na cruz simultaneamente. Se nos gloriarmos em nós mesmos e em nossa capacidade de nos salvar, jamais nos gloriaremos na cruz e na habilidade do Cristo crucificado para nos salvar. Temos que escolher. Somente se tivermos humilhado a nós mesmos como pecadores merecedores do inferno, deixaremos de nos gloriar em nós mesmos, voaremos para a cruz em busca de salvação e passaremos o resto dos nossos dias nos gloriando na cruz.4

A cruz de Cristo é o fundamento suficiente para a salvação de pecadores. Reivindica ser forte o bastante para suportar todo o peso da nossa culpa sozinha. Portanto, se gloriar na cruz de maneira correta é se gloriar somente na cruz.

Um mundo completamente novo

Se gloriar na cruz significa mais do que simplesmente crer que Jesus morreu pelos seus pecados; significa também viver uma vida crucificada. É isso que Paulo quis dizer quando escreveu: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6.14).

Esse versículo descreve não uma crucificação, mas três. Há apenas uma cruz, claro, mas pelo menos três crucificações. Primeiro, a cruz foi o lugar onde Cristo morreu por nossos pecados. Mas, quando colocamos nossa fé em Jesus Cristo, estamos pessoalmente unidos a ele e a tudo o que ele já fez por nossa salvação. Esta é a doutrina da união com Cristo: Cristo está no cristão e o cristão está em Cristo. Estar unido a Cristo dessa maneira inclui estar unido a ele em sua morte. Fomos de fato crucificados com Jesus, de modo que, quando Cristo morreu na cruz, nós fomos crucificados para o mundo, e o mundo foi crucificado para nós. “Na verdade”, portanto, “há uma crucificação tripla a ser considerada neste texto: o Cristo crucificado, o mundo crucificado e o cristão crucificado”.5

O “mundo” refere-se a todos os valores ímpios e prazeres desesperados da época presente. É a humanidade não redimida dominada pelo pecado. É o mundo

separado de Deus, a mentalidade do ego que busca seu próprio desejo. Mas a cruz deflagra um golpe fatal em todo esse mundanismo. Como cristãos, não pensamos mais do modo como o mundo pensa, não falamos do modo como o mundo fala e não nos comportamos mal como o mundo se comporta mal. Já não encontramos conforto nos alívios que o mundo tem para oferecer. Já não valorizamos o que o mundo valoriza. Já não nos importamos com nada que o mundo pensa, porque fomos crucificados para o mundo, o que significa que o mundo para nós agora é a cruz. Quanto a nós, podem nos tirar o mundo inteiro, desde que deixem Jesus.

Ser crucificado para o mundo é simplesmente outra maneira de descrever o que o apóstolo falou no final do capítulo anterior: “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). Paulo já nos disse para crucificarmos a carne, para mortificá-la, condená-la à morte. Agora ele nos diz que o mundo precisa juntar-se à nossa carne na cruz. Independentemente de a natureza pecaminosa ser chamada “a carne” ou “o mundo”, o fato é o mesmo: nosso pecado precisa ser pregado na cruz e deixado ali para morrer.

Em ambos os versículos (Gl 5.24 e 6.14), o verbo “crucificar” ocorre em conjugações que conotam um evento passado com uma consequência presente, precisamente o que a cruz é: um evento passado com uma consequência atual. Nossa natureza pecaminosa foi crucificada quando Cristo morreu na cruz. A consequência atual desse evento passado é que o mundo está gradualmente perdendo seu domínio sobre nós. Agora nós estamos mortos para o mundo e suas tentações, mas vivos para Deus por meio da sua graça.

A cruz realmente mudou o mundo. Foi revolucionária, no bom sentido da palavra. Virou as coisas de cabeça para baixo. Agora vivemos em um mundo completamente novo, um mundo em que “nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura” (Gl 6.15). Uma vez que viemos à cruz para a salvação, a circuncisão torna-se irrelevante, pois não tem absolutamente nada a ver com a nossa salvação.

É surpreendente ouvir Paulo dizer que a circuncisão não importava. Ele já havia dito isso uma vez: “em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum” (Gl 5.6). Mesmo assim, é surpreendente ouvi-lo dizer essas palavras porque o único motivo que o levou a escrever aos gálatas era que a circuncisão importava, sim. No entanto, a circuncisão era do interesse de Paulo

somente porque importava aos judaizantes, que estavam tratando-a como uma questão de salvação. Porém, por si só, a circuncisão não significa nada. Se estamos em Cristo, a circuncisão nada pode fazer para melhorar nossa situação diante de Deus; e, se não estamos em Cristo, a circuncisão nada pode fazer para nos salvar. Ela não tem absolutamente nada a ver com o cristianismo.

O que vale é o novo nascimento, a transformação interior por meio da qual o Espírito Santo transforma um pecador em uma pessoa completamente nova. “Se alguém está em Cristo,” disse Paulo mais tarde aos coríntios, “é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). Qualquer um que nasce de novo pelo Espírito de Deus recebe uma nova vida. Ele ou ela se torna uma criação totalmente nova. O sinal e selo externo dessa transformação existencial é o batismo, mas o que realmente importa é a própria transformação.

O termo teológico para essa transformação interior é regeneração. Na regeneração, o Espírito Santo faz do crente uma nova criatura em Cristo. Mas a regeneração é apenas o começo. Como diz Timothy George, a nova criação

envolve todo o processo da conversão: a obra regeneradora do Espírito Santo que leva ao arrependimento e à fé, o processo diário de mortificação e vivificação, o crescimento contínuo em santidade que gera uma gradual conformidade com a imagem de Cristo. A nova criação infere uma nova natureza com um novo sistema de desejos, afeições e hábitos, tudo operado por meio do ministério sobrenatural do Espírito Santo na vida do crente.6

No tocante à salvação, a única coisa que importa é se essa mudança aconteceu (e está acontecendo). Não importa se o indivíduo é um judeu circuncidado ou um gentio incircunciso; o que importa é se ele é, ou não, um cristão regenerado, uma nova criatura em Cristo. Qualquer pessoa que ainda não tenha experimentado essa transformação espiritual deve pedir a Deus que a transforme de dentro para fora.

Todo aquele que é uma nova criação recebe a seguinte bênção: “E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus” (Gl 6.16). Tal bênção concede paz e misericórdia – paz entre judeus e gentios e misericórdia de Deus para os pecadores. Mas observe que a bênção é condicional. A paz e a misericórdia são

apenas para aqueles que “andarem de conformidade com esta regra”. Uma regra é uma norma ou um princípio. Neste caso, o que Paulo quer dizer com “regra” é salvação somente pela cruz. Para os judaizantes, a circuncisão era a norma. Era o padrão que determinava se as pessoas estavam dentro ou fora da família de Deus. Mas a circuncisão não significa nada para aqueles que fazem parte da nova criação. O padrão do cristão é a cruz de Cristo. O princípio que determina se alguém está dentro ou fora da família de Deus é a fé no Cristo crucificado.

A frase “sobre o Israel de Deus” (Gl 6.16) tem repercussões significativas para a teologia bíblica. A bênção de paz e misericórdia é proveniente de uma tradicional fórmula judaica. Todavia, Paulo a emprega aqui se referindo não apenas aos judeus, mas a todos os verdadeiros filhos de Abraão, sejam judeus ou gentios. É uma maneira de dizer que a igreja é o novo Israel. Há uma continuidade entre a antiga aliança e a nova, entre o povo de Deus do Antigo Testamento e a igreja do Novo Testamento. As promessas que Deus fez a Israel são cumpridas no verdadeiro Israel espiritual, que é a igreja de Jesus Cristo. Deus tem um povo em Cristo, e o que os une é a cruz. Nós compartilhamos uma glória em comum na cruz, e na cruz somente.

A marca de um cristão

O apóstolo Paulo era um membro do verdadeiro Israel de Deus, e carregava as cicatrizes de batalha para provar isso. A última coisa que ele disse aos Gálatas – quase como uma reflexão tardia – foi: “Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus” (Gl 6.17). Essa declaração era em parte uma advertência aos antigos inimigos de Paulo, os judaizantes. Eles o haviam seguido desde Jerusalém para interferirem em seu evangelho de justificação somente pela graça, somente pela fé, somente em Cristo. Por fim, o apóstolo chegou ao seu limite e pediu a seus oponentes para que não lhe causassem mais problemas.

No entanto, essa declaração também é uma advertência para cada cristão, pois demonstra o tipo de tratamento que podemos esperar por nos gloriarmos na cruz. Mais cedo ou mais tarde, todo cristão que se gloriar na cruz enfrentará oposição. Alguns até carregarão em seus corpos “as marcas de Jesus”. A palavra grega para essas marcas é stigmata. Isso não significa, como algumas pessoas erroneamente supõem, que os cristãos podem receber exatamente as mesmas feridas que Cristo recebeu na cruz. Por exemplo, às vezes, afirma-se que sangue

escorria das mãos, dos pés e do lado de Francisco de Assis durante os últimos anos de sua vida. Chegam até a dizer que havia pregos brotando de sua carne.

Essa não é apenas uma maneira historicamente imprecisa de interpretar “as marcas de Jesus”, mas também biblicamente incorreta (para não dizer incrivelmente mórbida). Ao mencionar stigmata, Paulo se referia às várias feridas que havia recebido pela causa de Cristo. A essa altura em seu ministério, o apóstolo realmente já havia tomado uma surra. Entre outras coisas, havia sido apedrejado e deixado para morrer em Listra (cf. At 14.8-20), uma das cidades da Galácia. E os sofrimentos de Paulo haviam deixado sua marca nele.

Se perguntarmos por que Paulo era um homem tão marcado, a resposta é porque o povo ficava ofendido por sua pregação da cruz. Como já havia mencionado (Gl 5.11), ele foi perseguido por se gloriar na cruz, em vez de ostentar a circuncisão. Para os judaizantes, o brasão da religião verdadeira era a marca feita pela circuncisão. Mas o apóstolo Paulo tinha outra insígnia, forjada do fato de se gloriar na cruz, e não em si mesmo. Ele foi machucado e espancado por se gloriar na cruz. Suas cicatrizes eram um emblema de sua fé em Jesus Cristo.

No mundo grego, a palavra stigmata era, às vezes, usada para se referir à marca de um escravo. Tal uso poderia ser apropriado no caso de Paulo porque suas cicatrizes o marcaram como um servo de Deus. Mas João Calvino fez uma comparação diferente. Depois de descrever todas as “prisões, correntes, açoites, golpes, apedrejamentos e todo tipo de maus tratos que ele [Paulo] sofreu pelo testemunho do evangelho”, Calvino disse:

[...] assim como a guerra terrena tem suas condecorações com as quais os generais honram a bravura de um soldado, Cristo, o nosso líder, tem suas próprias marcas, das quais faz bom uso em condecorar e honrar alguns de seus seguidores. Essas marcas, no entanto, são muito diferentes daquelas outras; pois têm a natureza da cruz, e à vista do mundo, são vergonhosas.7

As marcas de Jesus podem parecer vergonhosas para o mundo, mas são preciosas à vista de Deus. E, na verdade, são tão preciosas que, de vez em quando, Paulo pedia em oração pelo privilégio de se tornar de tal forma unido a Cristo, a ponto de compartilhar de seus sofrimentos: “Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos, tornando-me

como ele em sua morte” (Fp 3.10 - NVI, cf. Rm 8.17, 2Co 1.5; 4.8-10; Cl 1.24).

Essa deve ser a oração de todo cristão. Compartilhar dos sofrimentos de Cristo, porém, é especialmente importante para os ministros. Como escreve G. Campbell Morgan (1863-1945):

É o homem crucificado que pode pregar a cruz. Tomé disse ‘Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos [...] de modo algum acreditarei’ [...] O que Tomé falou sobre Cristo, o mundo está falando sobre a igreja. E o mundo também está dizendo a todos os pregadores: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, de modo algum acreditarei. Isto é verdade. É o homem [...] que morreu com Cristo [...] que pode pregar a cruz de Cristo.8

Porém, gloriar-se na cruz não é algo exclusivo para os pregadores, e, assim, o sofrimento também não é apenas para esses. Todo cristão que morreu com Cristo deve viver para a sua cruz. Em nenhum outro lugar, a vida crucificada é mais eloquentemente expressa do que nas palavras do grande hino de Isaac Watts (1674-1748), que se baseia nos versículos finais de Gálatas 6:

Quando vejo a maravilhosa cruz

Onde o jovem Rei da Glória pereceu,

O que me era mais precioso se perdeu

E encheu de desprezo o meu orgulho.

Não permita, Senhor, que eu me vanglorie

Salvo na morte de Jesus, meu Deus;

Todas as vaidades que mais me atraem,

Sacrifico em seu sangue.

Vemos de sua cabeça, mãos e pés

Fluir sofrimento e amor;

Já alguma vez tamanho amor e dor se encontraram

Ou espinhos já teceram coroa com tal esplendor?

O carmesim de seu sangrar, como um manto

Se espalha sobre o seu corpo no madeiro

E então estou morto para o mundo,

E todo o mundo está morto para mim.

Fosse todo o domínio da natureza meu,

Seria um presente pequeno demais;

Amor tão maravilhoso, tão divino,

Requer minha alma, minha vida, meu tudo.

A essa grande declaração do evangelho e chamado a uma vida crucificada, só nos resta adicionar a bênção do apóstolo para os gálatas. É, na verdade, uma oração pedindo a bênção de Deus para todos aqueles que confiam no evangelho da livre graça e que buscam ser justificados somente pela fé somente em Cristo: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito. Amém!” (Gl 6.18).

Notas

* A Cotton Patch Bible é uma versão de passagens bíblicas, escrita por Clarence Jordan, que reconta as histórias como se fossem vividas nos dias atuais, na área rural do Estado da Georgia, nos Estados Unidos. (N. da T.)

1 STOTT, John R. W. The Cross of Christ (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986), 349.

2 BRUCE, F. F. The Epistle to the Galatians: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982),271.

3 STOTT, John R. W. The Message of Galatians: Only One Way, The Bible Speaks Today (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968), 70.

4 Ibid., 180.

5 GEORGE, Timothy. Galatians, New American Commentary 30 (Nashville: Broadman & Holman, 1994), 437.

6 Ibid., 438.

7 CALVINO, João. The Epistles of Paul the Apostle to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians, Calvin's New Testament Commentaries, trad. PARKER, T. H. L. org. W, David e TORRANCE, Thomas F. (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), 119.

8 MORGAN, G. Campbell. Evangelism (Londres: Henry E. Walter, 1964), 59–60.

Table of Contents

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
1. Querido fariseu em recuperação (1.1-5)
2. Nenhum outro evangelho (1.6-10)
3. A origem da religião de Paulo (1.11-24)
4. Defensor do evangelho da liberdade (2.1-10)
5. A batalha pelo evangelho (2.11-16)
6. Morrer para viver (2.17-21)
7. Somente pela fé (3.1-5)
8. Pai Abraão tem muitos filhos (3.6-9)
9. A velha e maldita cruz (3.10-14)
10. A promessa antes da lei (3.15-18)
11. A lei que conduz a Cristo (3.19-25)
12. Todos filhos de Deus (3.26-29)
13. Da escravidão à filiação (4.1-7)
14. Um apelo de um pastor perplexo (4.8-20)
15. Duas mães, dois filhos, duas alianças (4.21-31)
16. A única coisa que importa (5.1-6)
17. Por que o cristianismo escandaliza tanto (5.7-12)
18. Liberdade sem licença (5.13-18)
19. Como produzir bom fruto espiritual (5.19-26)
20. A vida espiritual (6.1-6)
21. Você colhe o que planta (6.7-10)
22. Glória na cruz (6.11-18)